



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO
HUMANO**

Cristiano Neves da Rosa

**INFRAESTRUTURAS VIVAS: uma etnografia das práticas das pessoas na Praça
da Juventude, no Guajuviras, Canoas-RS**

**Porto Alegre
Novembro de 2019**

Cristiano Neves da Rosa

INFRAESTRUTURAS VIVAS: uma etnografia das práticas das pessoas na Praça da Juventude, no Guajuviras, Canoas-RS

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de título de Doutor em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

**Porto Alegre
Novembro de 2019**

CIP - Catalogação na Publicação

Rosa, Cristiano Neves Da

Infraestruturas vivas: uma etnografia das práticas das
pessoas na Praça da Juventude, no Guajuviras, Canoas-RS
/ Cristiano Neves Da Rosa. -- 2019.

408 f.

Orientador: Marco Paulo Stigger.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de
Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto
Alegre, BR-RS, 2019.

1. Esporte e Lazer. 2. Praça da Juventude. 3. Cidadania.
4. Práticas cotidianas. 5. Infraestruturas vivas. I. Stigger,
Marco Paulo, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CRISTIANO NEVES DA ROSA

INFRAESTRUTURAS VIVAS: uma etnografia das práticas das pessoas na Praça da Juventude, no Guajuviras, Canoas-RS

Conceito Final:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Alfredo Gadea Castro
PPGCS/UNISINOS

Prof. Dr. Leandro Rogério Pinheiro
PPGEDU/UFRGS

Prof. Dr. Mauro Myskiw
PPGCMH/UFRGS

Prof. Dr. Antônio Jorge Gonçalves Soares
PPGEDU/UFRJ
Suplente

Prof. Dra. Raquel da Silveira
PPGCMH/UFRGS
Suplente

Prof. Dr. Marco Paulo Stigger
PPGCMH/UFRGS
Orientador

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, ao professor Marco Paulo Stigger, orientador desta tese, pela maneira como conduziu o processo de orientação: carregado de sensibilidade, mesmo nos momentos de cobranças mais ‘duras’ não me deixou desamparado, especialmente no período de mais dificuldade que enfrentei diante tanto de minhas limitações intelectuais quanto das demandas da vida pessoal e profissional que competiram com a atividade acadêmica. Obrigado por ter me acolhido, acreditado e incentivado quando eu afirmei que ‘não declinaria’. Não cansou de me propiciar situações com as quais eu poderia contribuir para a constituição de um acadêmico/profissional que sabe pensar uma pesquisa e compreender a sua área de atuação nas esferas teóricas e de engajamento com a academia. Profundo respeito e gratidão por acreditar e resistir junto comigo a este trabalho acadêmico.

Agradeço aos professores — hoje grandes amigos — Antônio Luís Carvalho de Freitas (Da Costa), José Geraldo Soares Damico, Osvaldo Donizete Siqueira, Cláudio Marques Mandarino, Luiz Antônio Barcelos Crescente e Ednaldo da Silva Pereira Filho. Se hoje posso dizer que cheguei a algum lugar, mesmo ainda estando no começo de uma trajetória, e se estou vivenciando a atividade profissional e acadêmica por opção política, foi graças à sensibilidade, acolhida e oportunidades que vocês me dispensaram ainda no curso de graduação. Se hoje tenho o entendimento do real valor que a generosidade, as oportunidades e as políticas públicas têm para a vida individual e coletiva foi significativamente fruto da convivência e ensinamentos de todos vocês. Meu profundo respeito e admiração, meus mestres.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em especial ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) que me acolheu e ofereceu um processo de formação ímpar, intenso, provocador e qualificado.

Minha profunda gratidão ao professor Mauro Myskiw, pois, sua sensibilidade, incentivo, confiança e oportunidades contribuíram significativamente para o meu doutoramento. Obrigado por tudo, aprendi muito com você!

Agradeço aos membros do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) pelo modo que me receberam desde meu ingresso no PPGCMH da UFRGS. A maneira como fui recebido e, posteriormente, tratado foi fundamental para este que chegou sentindo-se um “outsider” e tão logo se compreendeu como mais um do grupo. Obrigado pelas contribuições alusivas às leituras e reflexões, inclusive durante as interações e conversas nos encontros não formais. Aprendi muito ao ingressar no grupo e conviver com cada um de vocês. É certo que minha formação está diretamente relacionada às vivências e experiências no interior deste grupo de pesquisa.

Agradeço aos editores e demais membros da editoria da Revista Movimento da ESEFID/UFRGS pela oportunidade e confiança em meio ao curso de doutorado em participar do corpo de avaliadores/pareceristas deste relevante periódico da área da Educação Física. Não há dúvida de que essa vivência contribuiu significativamente para minha formação enquanto professor e pesquisador.

Agradeço ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), em especial ao Grupo de Trabalho Temático (GTT) Políticas Públicas (gestão 2017-2019 e gestão 2019-2021 em curso) pela oportunidade de compor o Comitê Científico do GTT e, conseqüentemente, das aprendizagens por intermédio das práticas de organização, coordenação e mediação de mesas temáticas nos seguintes eventos: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), os eventos regionais, no caso em especial o SULBRASILEIRO de Ciências do Esporte. Todos estes espaços e vivências foram e são significativamente favoráveis aos densos e qualificados debates e reflexões acadêmicas, o que nos renova as esperanças de que amanhã há de ser um dia melhor, com mais justiça e equidade social do que está sendo hoje.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da UFRGS por ter me acolhido em diversos momentos. As disciplinas cursadas, as trocas de ideias com as professoras e os professores ministrantes das disciplinas e colegas do PPGAS foram de grande valia diante dos aprendizados que tive o que, conseqüentemente, contribuiu substancialmente para a feitura da presente tese.

Igualmente, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da UFRGS pelo acolhimento e disciplinas que pude cursar, o que também foi fundamental para a feitura da presente tese. Destaco meus agradecimentos ao professor Leandro Rogério Pinheiro, com o qual pude trocar experiências e, especialmente, aprender muito durante a disciplina SA: Periferias e processos de individuação: aproximações a práticas e itinerários juvenis, cursada em 2018/2, e, após, pelo aceite em compor a banca examinadora final da tese, o carinho, leitura atenta e contribuições durante o processo de defesa do trabalho.

Agradeço ao professor Carlos Alfredo Gadea pela importância que teve em minha formação acadêmica desde o curso de Mestrado Acadêmico: foi meu orientador no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), passando pela leitura atenta e pelas contribuições ao projeto desta tese no processo de qualificação que, sem dúvida, conferiram maior solidez nos passos seguintes da pesquisa e escrita da tese; às suas considerações e avaliação durante o processo de defesa final da tese. Sua contribuição foi fundamental para a finalização desta etapa para a conclusão do curso.

Agradeço à professora Lou pelo seu minucioso e dedicado trabalho na revisão e correção deste texto, e as 'dicas' dadas ao longo do processo de escrita foram significativamente relevantes e me fizeram aprofundar ou rever algumas de minhas análises e interpretações.

Aos médicos Antônio Augusto Villarinho e Antônio Azambuja Neto pelo carinho que tiveram comigo e atenção no momento de fragilidade que tive em relação aos meus níveis de saúde.

Aos profissionais do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II-NNOVOS TEMPOS) de Canoas/RS, em especial à psicóloga Elizandra de Mendonça Marques. Em tempos de desvalorização e desqualificação dos servidores públicos e do serviço público, o trabalho que vocês realizam só reforça a minha certeza de que vale a luta e a defesa do serviço público e de seus servidores.

À Alba Valéria Brito do Rego, Marco Viana, Marcelo de Souza Militão, Mariana Abreu dos Santos, Mario Henrique Abreu Ballejo, Jorge João Vasconcelos, Márcio da Rosa Mendes, e às Mulheres do Grupo de Crochê, e a todos os jovens do futsal e do futebol. Vocês são a alegria e a vida que pulsa na Praça da Juventude, no Guajuviras. Esse trabalho é de vocês!

À minha mãe Maria de Lurdes Neves da Rosa. Obrigado por todo o seu amparo, amor e carinho. Te amo!

Ao meu pai Solimar Farias da Rosa que, ao seu modo, contribuiu para minha formação pessoal.

À minha amiga, namorada e companheira Patrícia Gonçalves Severo e aos meus filhos Christian Severo da Rosa e Nicollas Severo da Rosa. Desde que vocês ingressaram em minha vida, tudo o que faço é por vocês também. São minha fonte de inspiração! Amo vocês!

Dedico esta tese aos habitantes do bairro Guajuviras, que para além do conjunto de representações sociais que os envolve, assim como tantos outros habitantes pobres e negros das chamadas “favelas” e “periferias” Brasil afora, trazem à tona uma potência de vida que ainda tem sido timidamente evidenciada no cenário social e político em que estão posicionados.

LISTA DE SIGLAS

PRONASCI – Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania

PELC – Programa Esporte e Lazer da Cidade

CAIC- Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente.

PROTEJO – Programa Proteção de Jovens em Território Vulnerável

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

ONGs – Organizações Não Governamentais

ME – Ministério do Esporte

PSL – Partido Social Liberal

SNEAR – Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento

SNFUT - Secretaria Nacional de Futebol e Direitos do Torcedor

ABCD - Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem

PST – Programa Segundo Tempo

CEU – Centro de Artes e Esportes Unificados

CIE – Centro de Iniciação ao Esporte

PEE – Programa Esporte na Escola

PROFESP – Programa Forças no Esporte

MJ – Ministério da Justiça

SINELIS – Secretaria Nacional de Esporte, Lazer e Inclusão Social

MinC – Ministério da Cultura

CRAS – Centro de Referência em Assistência Social

MC – Ministério da Cidadania

MD – Ministério da Defesa

MDSA – Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário

EC – Estação Cidadania

SEE – Secretaria Especial do Esporte

UNB – Universidade de Brasília

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

BH – Belo Horizonte

CNE – Conferência Nacional do Esporte

SNE – Sistema Nacional do Esporte e do Lazer

UFPR – Universidade Federal do Paraná

PLOA – Projeto de Lei Orçamentária Anual

PJ – Praça da Juventude

SICONV – Sistema de Convênios

OGU – Orçamento Geral da União

PMC – Prefeitura Municipal de Canoas

PT – Partido dos Trabalhadores

SMCT – Secretaria Municipal de Cultura e Turismo

GESEF – Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física

ESEFID/UFRGS – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ECCE – Em Cada Campo uma Escolinha

SME – Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer de Porto Alegre/RS

TIA – Teatro, Ideia e Ação

TDC – Time de Cristo

PRAÇA F.C – Praça Futsal/Futebol Clube

BNH – Banco Nacional de habitação

PDM – Plano de Desenvolvimento Metropolitano

COHAB – Companhia de Habitação

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil

PECAN – Penitenciária Estadual de Canoas

SUSEPE – Superintendência de Serviços Penitenciários

EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

SMEL – Secretaria Municipal de Esporte e Lazer de Canoas/RS

ACF – Atleta Cidadão do Futuro

CONAB- Companhia Nacional de Abastecimento

UFRN- Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RBS TV- Rede Brasil Sul de Televisão

SMDUH- Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação

SC- Santa Catarina

PIC- Programa de Incentivo à Cultura

FESTIA- Festival Internacional de Teatro de Canoas

FJU – Força Jovem Universal

SMSU – Secretaria Municipal de Serviços Urbanos

SMJ – Secretaria Municipal da Juventude

SMSPC – Secretaria Municipal de Segurança Pública e Cidadania

JA – Jornal do Almoço

RESUMO

Nesta Tese, discorre-se sobre as práticas das pessoas no contexto da infraestrutura urbana. As infraestruturas têm sido consideradas sistemas de provisionamento, às vezes como emblemas de futuro, outras, como projeção de um ideal de cidadão, ocasionando diversos debates positivos ou negativos na esfera governamental e no âmbito acadêmico sobre o modo com que o humano é imaginado e projetado socialmente. A partir de uma etnografia na Praça da Juventude Nelson Mandela, localizada no Loteamento Pôr-do-Sol, bairro Guajuviras, na cidade de Canoas/RS, problematiza-se como os espaços físicos, com seus equipamentos, acessórios e materiais são vivenciados pelos frequentadores/usuários, observando-se humanos e não-humanos, práticas das pessoas em ação e associações. Na tese, argumenta-se que infraestruturas – humanas e não humanas – estão profundamente implicadas não apenas na produção do espaço público de atividades culturais e esportivas de lazer projetado para determinado objetivo, mas também na experiências e nas práticas das pessoas que lá habitam e/ou trabalham e frequentam, suas relações de sociabilidades e lutas pela garantia, manutenção e qualificação de um espaço para suas vivências e experiências, fazendo dessas pessoas a infraestrutura. As pessoas, como infraestrutura, é proposta no contexto do paradigma da intervenção urbana como uma força aglutinadora e mediadora da política pública calcada na Constituição Cidadã de 1988, significativa na definição dos direitos das pessoas à cidade e sua capacidade de reinventar e transformar o espaço em que vivem. Para concluir, sugere-se que a política pública Praça da Juventude (PJ) é indicativa da problemática da cidadania no contexto do discurso do direito à segurança posterior à redemocratização. A inclusão do esporte e do lazer na agenda do Estado passa a depender da exploração e condução dos sentimentos e paixões que mesclam o direito e a necessidade. Simultaneamente, no âmbito de um poder indicativo, emerge a capacidade de as pessoas constituírem uma infraestrutura social a partir de suas maneiras de fazer.

Palavras-chave: Esporte; Lazer; Praça da juventude; Cidadania; Práticas cotidianas; Infraestruturas vivas.

ABSTRACT

On this thesis, people's practices on the context of urban infrastructure will be described. These infrastructures have been considered provisioning systems, either as future symbols or as the projection of a citizen's ideal, which causes several positive or negative debates on the governmental sphere as well as on the academic scope about the way the human being is idealized and projected socially. From an ethnography on the youth public square Nelson Mandela, located on Pôr-do-sol allotment, Guajuviras neighbourhood, in the city of Canoas/RS, the way how spaces with its equipment, accessories and materials are lived by its attendees/users observing themselves as humans or non-humans, the practice of people in actions or associations is analysed. On this thesis it is argued that infrastructures – human or non-human – are deeply implied not only on the production of a public space developed for leisure cultural and sports activities but also on the experience and actions of people who live and/or work and attend these places, their sociability relations and fights for the guarantee, maintenance and qualification of a space for their livingness and experiences, turning them into the infrastructure itself. The idea of people as infrastructure is proposed on the context of urban intervention paradigm as a unifying and mediating force of the public politics based on the Citizen Constitution of 1988, which was meaningful on the definition of people's rights to the city and their ability to re-invent and transform the space where they live. Finally, it is suggested that the youth public square's politics (PJ) indicates the citizenship problem on the context of rights to security speech following the re-democratization. The inclusion of sports and leisure on the State agenda depends on the exploration and conduction of feelings and passions which merge the rights and the necessity. Simultaneously, on an indicative power scope, the ability of people to build a social infrastructure based on their own ways to make things emerges.

Keywords: sport, leisure, youth public square, citizenship, everyday practices, living infrastructures.

RESUMEN

En esta tesis, se demuestran las prácticas de las personas en el contexto de la infraestructura urbana. Las infraestructuras han sido consideradas sistemas de aprovisionamiento, a veces como emblemas de futuro, otras, como proyección de un ideal de ciudadano, ocasionando diversos debates, positivos o negativos, en la esfera gubernamental y en el ámbito académico sobre el modo como el humano es imaginado y proyectado socialmente. A partir de una etnografía en la “Praça da Juventude Nelson Mandela”, localizada en el loteo Pôr-do-Sol, barrio Guajuviras, en la ciudad de Canoas/RS, se problematiza como los espacios físicos, con sus equipos, accesorios y materiales son vivenciados por los frecuentadores/usuarios, observándose humanos y no humanos, prácticas de las personas en acción y asociaciones. En la tesis, se argumenta que infraestructuras – humanas y no humanas – están profundamente implicadas, no apenas en la producción del espacio público de actividades culturales y deportivas de ocio proyectado para determinado objetivo, sino también, en las experiencias y en las prácticas de las personas que allí habitan y/o trabajan y frecuentan, sus relaciones de sociabilidades y luchas por la garantía, mantenimiento y calificación de un espacio para sus vivencias y experiencias, haciendo de esas personas la infraestructura. Las personas, como infraestructura, es la propuesta en el contexto del paradigma de la intervención urbana como una fuerza aglutinadora y mediadora de la política pública calcada en la Constitución Ciudadana de 1988, significativa en la definición de los derechos de las personas a la ciudad y su capacidad de reinventar y transformar el espacio en el que viven. Para concluir, se sugiere que la política pública Praça da Juventude (PJ) es indicativa de la problemática de la ciudadanía en el contexto del discurso del derecho a la seguridad posterior a la redemocratización. La inclusión del deporte y del ocio en la agenda del Estado pasa a depender de la exploración y conducción de los sentimientos y pasiones que mezclan el derecho y la necesidad. Simultáneamente, en el ámbito de un poder indicativo, emerge la capacidad que las personas poseen para constituir una infraestructura social a partir de sus maneras de hacer.

Palabras-clave: Deporte; Ocio; Praça da Juventude; Ciudadanía; Prácticas cotidianas; Infraestructuras vivas.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	16
Cena de Recordação: Reavivar é não apagar a história	16
CAPÍTULO 1	27
PROJETOS E PROGRAMAS DE ESPORTES E DE LAZER E OS ESTUDOS ACADÊMICOS QUE TEMATIZAM AS POLÍTICAS PÚBLICAS	27
CAPÍTULO 2	57
A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	57
CAPÍTULO 3	61
A METODOLOGIA, A EXPERIÊNCIA SOCIOANTROPOLÓGICA E A BASE TEÓRICA	61
3.1 A etnografia como metodologia e a experiência socioantropológica.....	61
3.2 Bases teóricas para esse novo olhar	66
CAPÍTULO 4	79
CENAS DO RETORNO AO GUAJUVIRAS: AQUI ESTOU OUTRA VEZ.....	79
4.1 O bairro Guajuviras.....	79
4.2 Ainda sobre o bairro: investimentos urbanísticos, precariedades e declínios — a urbanização e as precariedades são uma coisa só e a mesma coisa.....	80
4.3 A primeira visita à Praça da Juventude	90
4.4 O primeiro dia — vivendo o espaço: o Complexo Esportivo e Cultural Nelson Mandela ...	92
4.5 O Complexo Esportivo e Cultural Nelson Mandela em ruínas: da produção dos discursos para concepção do espaço aos desinvestimentos	98
CAPÍTULO 5	112
INFRAESTRUTURAS VIVAS: AS ASSOCIAÇÕES NA PRAÇA DAS JUVENTUDES	112
5.1 O Guarda Subversio	112
5.2 A gestora, a professora, a serviços gerais, a organizadora de eventos	132
5.3 A “Persistência e Pé na Tábua” do Grupo Teatro, Ideia e Ação (TIA).....	146
5.4 As mulheres e a Casa, o Refúgio, o Resgate e o Divã do Prédio Administrativo	171
CAPÍTULO 6	187
AINDA SOBRE AS INFRAESTRUTURAS VIVAS: A BOLA, AS JUVENTUDES, SUAS PRÁTICAS E OS PROJETOS LOCAIS.....	187
6.1 Juventudes	187

6.2 O Praça Futsal/Futebol Clube	201
6.3 “Aqui é TDC”	216
CAPÍTULO 7	259
DESINVESTIMENTOS E EXIGUIDADES: AS PRÁTICAS DE UM PODER INDICATIVO	259
7.1 “Fecha a Praça!”	259
7.2 As crianças, os jovens e suas “bexigas véias”	271
7.3 Ano Novo, tempo de recomeçar e inovar: retomada de oficinas interrompidas e oferta de novas atividades culturais e esportivas sob a gestão do governo municipal?	282
7.4 Enquanto isso na Praça da Juventude.....	290
7.5 “Isso aqui está um breu!”	300
CAPÍTULO 8	313
“VOLTAMOS COM TUDO!”: ESTABILIZANDO AS CONTROVÉRSIAS NA PRAÇA?	313
CONSIDERAÇÕES FINAIS OU SERIAM ‘INICIAIS’?	358
REFERÊNCIAS.....	365
ANEXOS	373
APÊNDICES	396

PRÓLOGO

Cena de Recordação: Reavivar é não apagar a história

Dia 16 de maio de 2012. Após o convite de uma ex-estagiária, que trabalhou comigo quando eu exercia a função de coordenador de núcleo do Pronasci/PELC¹, comunicando-me, dias antes, sobre o evento de inauguração do Complexo Esportivo Pôr-do-Sol, no dia marcado cheguei ao bairro Guajuviras por volta de 9h50. Dia com sol forte e temperatura agradável. Para quem não conhece, foi fácil localizar a principal entrada do bairro, pois o enorme letreiro fixado na rótula era o cartão de boas-vindas ao local, contendo a frase: *Guajuviras Território de Paz*. Na rótula, dois guardas municipais já se encontravam a postos, com seus olhares vigilantes a tudo e a todos que entravam, saíam do bairro e circulavam nas proximidades. Cruzei a rótula e segui ao longo da avenida Principal até chegar à rua 3 do Setor 3 que cruza a avenida, onde me desloquei à direita e segui até o final desta, pois ela desemboca na estrada do Nazário, que era o meu destino, mais precisamente no Loteamento Pôr-do-Sol, no qual seria inaugurado um complexo esportivo.

Quando entrei na estrada do Nazário, cruzou por mim um camburão, seguido de uma viatura da polícia. Continuei andando pela estrada. Logo, outra viatura passou no sentido contrário ao meu, depois duas viaturas da Guarda Municipal, então pensei: “Bah! O tempo passa e os fatos se repetem”. Esses episódios foram se repetindo ao longo da estrada, até chegar ao local de inauguração do complexo esportivo, localizado no Loteamento Pôr-do-Sol. Até então, eu não tinha certeza de onde exatamente estava localizado o complexo esportivo a ser inaugurado, porém, a intensa movimentação de viaturas da Brigada Militar e da Guarda Municipal já me dava indícios.

Depois de andar ao longo da estrada do Nazário, visualizando toda a paisagem policial, avistei uma estrutura com uma imensa concentração de policiais, guardas municipais e alguns fiscais de trânsito no seu entorno, o que confirmou minhas suspeitas sobre a localização correta. Na rua de chão batido que dava acesso ao complexo esportivo, o modo como estavam posicionados policiais e guardas municipais lembrava uma espécie de corredor policial. Fortemente equipados, com suas viaturas, motocicletas, fuzis a tiracolo, pistolas e coletes à prova de balas, vigiavam atentamente as movimentações no local. Após passar pelo “corredor policial” parei em frente à lateral do ginásio, onde estava fixado um letreiro que identificava a estrutura: *Complexo Esportivo Pôr-do-Sol – Centro de Convivência RS na Paz*. Do lado de fora, consegui visualizar muitas pessoas no interior. Fui andando em torno do ginásio para acessar a

¹Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) no âmbito do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI).

entrada. Quando a identifiquei, antes de acessá-la, esbarrei em mais dois policiais que estavam próximos à porta que dava acesso ao complexo esportivo.

Quando ingressei no ginásio, a concentração de pessoas era significativa, mas logo vi que parcela dos presentes era de membros do Pronasci/PELC (gerente, fiscal, coordenadores e estagiários), pois todos vestiam o uniforme do programa, destinado aos que ocupam esses cargos. Junto aos coordenadores e estagiários estavam 10 jovens, também uniformizados, que atuavam no grupo de *street dance* do programa no bairro Mathias Velho. Membros da Casa das Juventudes também se faziam presentes, representados por coordenadores, estagiários e 19 jovens que atuavam no grupo de *street dance* do Protejo². Ocupando parte das arquibancadas e das cadeiras posicionadas em frente ao palco, junto aos seus professores também devidamente vestidos com o uniforme destinado às escolas municipais da cidade de Canoas, faziam-se presentes alunos das escolas do bairro: Carlos Drummond de Andrade, Nancy Pansera e Erna Würth.

A polícia e a guarda municipal colaboraram para o grande fluxo de pessoas no interior do ginásio. As autoridades também se faziam presentes. Ainda havia enfermeiros e técnicos da SAMU, em caso de necessidade de atendimentos. Coberto, com palco para shows, quadra poliesportiva, com arquibancadas de concreto ao longo de suas laterais, e banheiros masculino e feminino, o complexo esportivo mostrava-se muito bem estruturado. Diversas placas e banners estavam fixados nas paredes internas, todas mencionando o esporte e o lazer como ferramenta para a promoção da segurança pública, com os *slogans* dos governos municipal, estadual e federal: *RS na Paz – Programa Estadual de Segurança Pública com Cidadania, Esporte e Lazer pela Cultura de Paz e Território de Paz – Programa Esporte e Lazer da Cidade*, são exemplos.

Fui muito bem recebido por alguns agentes do Pronasci/PELC que ainda permanecem atuando pelo programa, entre os quais a ex-estagiária e atual coordenadora de núcleo, Paola, e a gerente do programa, Marta. Trocamos fortes e calorosos abraços e protagonizamos momentos de brincadeiras e gargalhadas. Após, Marta apresentou-me aos novos estagiários. Com exceção de uma estagiária que atua em atividades no bairro Mathias Velho, todos os demais eram novos no programa, em relação ao primeiro grupo formado em setembro de 2009 do qual fiz parte. Marta chamou a atenção para um dos estagiários presentes no grupo: “Recorda dele, Cristiano? Ele era um de nossos jovens atendidos em 2010. Agora é nosso estagiário no PELC”. Fiquei olhando para ele, na tentativa de buscar recordações, ele estendeu sua mão para me cumprimentar e disse: “Oi, professor, eu lembro de ti, como vai? Meu nome é Tavares, eu participava do

²Projeto Proteção de Jovens em Território Vulnerável no âmbito do PRONASCI.

basquete e do vôlei lá na praça da Brigada [Núcleo CAIC³], agora estou dando aula de basquete e vôlei lá na praça Ildo Meneguetti [subnúcleo do núcleo Carlos Drummond de Andrade]”. Tavares está com 24 anos e cursa o 1º semestre do curso superior de formação de professores de Educação Física. Outra situação muito interessante foi a formação do novo grupo de coordenadores, que naquele momento contava com três ex-estagiários que concluíram o curso de Educação Física.

Por volta das 10h35 o evento iniciou oficialmente. No palco, uma bancada foi formada pelo prefeito, pelos secretários de Esportes e de Segurança Pública, por vereadores e pelo presidente da Associação Comunitária do Loteamento Pôr-do-Sol. Os longos discursos das autoridades, que ocuparam parcela significativa do tempo do evento, davam muita ênfase ao novo modelo de segurança pública desenvolvido por meio do Pronasci, e, por sua vez, quanto positivos eram o esporte e o lazer para a consolidação de “uma política de combate à violência e promoção da segurança dos moradores do bairro”. O prefeito municipal finalizou a sequência de discursos ao público presente dizendo:

Estamos entregando este espaço para a comunidade que traz consigo uma nova visão de segurança pública. Segurança feita, sim, com polícia, mas também com esporte e cidadania, aumentando a autoestima das comunidades. Estamos junto com vocês mudando a realidade, a Guajuviras não é mais a Bagdá⁴ gaúcha, e sim exemplo para outras cidades do país de como enfrentar seus problemas⁵.

Após os discursos, o complexo esportivo foi oficialmente entregue aos habitantes do Loteamento Pôr-do-Sol, e uma placa foi fixada na parede do ginásio, com os dizeres: Complexo Esportivo Pôr-do-Sol – Centro de Convivência RS na Paz. Inaugurado em 16 de maio de 2012. Fixada a placa, a solenidade de inauguração prosseguiu. As autoridades, de posse de uma bola de basquete, dirigiram-se até a cesta, e um por um (prefeito, secretário municipal de Esportes, secretário estadual de Segurança Pública e vereadores) realizou arremessos, rodeado dos demais presentes no local, que o aplaudiam e incentivavam. O prefeito fez o primeiro arremesso, em uma espécie de *pontapé inicial* das atividades esportivas no complexo esportivo.

Encerrada a encenação, todos os presentes foram convidados a ocupar as cadeiras posicionadas em frente ao palco para prestigiar as apresentações de *street*

³Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente, localizado na Avenida 17 de Abril, nº 430, no bairro Guajuviras, Canoas/RS.

⁴ Bagdá é a capital do Iraque, país localizado no Continente Asiático, no Oriente Médio. A cidade tem tido visibilidade mundial desde os anos 1980 e, de lá para cá, sua população vivenciou diversos conflitos violentos e ataques a bombas, seja nas guerras com o Irã e com os Estados Unidos, seja entre os próprios iraquianos, ou mesmo com as forças internacionais que ocupam a região desde 2003.

⁵ Discurso de Jairo Jorge, prefeito municipal de Canoas, proferido no dia 16/5/2012, durante o evento de inauguração do Complexo Esportivo Pôr-do-Sol, localizado no Loteamento Pôr-do-Sol, bairro Guajuviras. Disponível em: <http://www.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/idDep/19/id/5114>. Acesso em: 17 de maio de 2012.

dance dos jovens dos grupos de dança do Pronasci/PELC e do Protejo. Boas apresentações, com coreografias bem ensaiadas, arrancaram calorosos aplausos do público que as assistia. As atividades prosseguiram com apresentação de capoeira de um grupo local do bairro e foram finalizadas com um dos coordenadores do Protejo que é *MC*, e desenvolve atividades relacionadas aos elementos da cultura *hip hop*. Ele solicitou ao público quatro palavras e disse que, a partir delas, faria um improviso. As palavras salientadas pelas crianças e pelos jovens que estavam posicionados em frente ao palco foram “capoeira”, “esporte”, “cultura” e “segurança”. O *MC* então improvisou uma canção contendo essas palavras. A rima empolgou os jovens presentes que dançavam, batiam palmas e levantavam as mãos para cima. Às 12h04, ao término do improviso do *MC*, a locutora do evento agradeceu a presença de todos e o evento foi encerrado.

No prelúdio **Cena de Recordação**: reavivar é não apagar a história, apresentei o exemplo de um investimento governamental na área da segurança pública, tendo, entre as suas ações, atividades culturais e esportivas de lazer, ocorridas no bairro Guajuviras, na cidade de Canoas-RS. A intenção de iniciar a apresentação desta tese de doutorado com esse exemplo – recordação de campo, presente nas considerações finais de minha pesquisa de Mestrado defendida em 2012, disponível em livro publicado posteriormente (ROSA; GADEA, 2016)⁶ – é sinalizar as motivações que levaram à feitura do presente estudo. O supracitado acontecimento parece definir bem certa compreensão dos supostos benefícios das atividades culturais e esportivas naquela instituição, com seus específicos padrões de comportamento, a consequente contenção das relações de violência e o exercício da cidadania. O Complexo Esportivo Pôr-do-Sol – Centro de Convivência RS na Paz, foi inaugurado no apogeu do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI), época de uma “superoferta”⁷ (THOMASSIM, 2010) de projetos e programas⁸ baseada na “segurança dos direitos” (PAZINATO DA

⁶Recordações do diário de campo de 16/05/2012, produzido por mim, durante o curso de Mestrado defendida em 2012, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), disponível no Livro intitulado **Esportes, Lazer e Vigilância: Entre Discursos e Segurança Pública**, publicado pela Editora Appris, em 2016.

⁷Neste texto utilizarei aspas duplas (“) para citações diretas e falas dos sujeitos da pesquisa e aspas simples (‘) para destacar termos que considero relevantes para a presente pesquisa.

⁸O PRONASCI, criado no âmbito do Ministério da Justiça (MJ), em 2007, foi um programa estruturado em **ações estruturais** e **ações locais**. As chamadas **ações estruturais**, mais ligadas às diretrizes gerais da política de segurança, possuíam metas mais abrangentes, como a modernização das instituições de segurança pública, do sistema prisional e o investimento nos profissionais do setor. Já as **ações locais**, priorizavam àquelas implementadas em cidades e bairros selecionados, focalizando aqueles que eram

CUNHA, 2011) para atenuar a violência, dado que a vida individual e coletiva tem sido significativamente afetada pelo sentimento de medo, desconfiança e a sensação de insegurança. Sob essa perspectiva, no sentido dos predicados atribuídos a determinadas pessoas ou populações, a ideia que se apresenta é de uma convivência distante dos riscos sociais, conseguida mediante um pacto social, em um espaço projetado institucionalmente.

Tanto o medo quanto o repúdio à violência que se manifesta na população é basilar do processo civilizador (ELIAS, 1992; 1993). Assim, a sociedade em que vivemos, por mais contraditório que possa parecer em um primeiro momento, apresenta uma tolerância à violência bem menor do que em tempos passados. Apesar de termos a sensação de um mundo com relações de violência a cada dia mais acentuada, tais episódios violentos despertam mais atenção. Isto porque a aceitação que temos desse fenômeno é cada vez menor diante do conjunto de práticas de gestão da vida que construiu ações por intermédio das formas de controlar as pulsões humanas e conduzir as condutas de todos, aliado às mudanças nas formas de governar os Estados ocidentais no início do século XVIII. Ou seja, passamos dos problemas do território para os problemas da população⁹ ao longo do processo civilizador (FOUCAULT, 2008; ELIAS, 1992, 1993). A nova arte de governar, visa, segundo Foucault (2008), assegurar as funções de higiene para a garantia da saúde pública; o comércio interior da cidade; a circulação de mercadorias através da articulação de redes de ruas com estradas externas, de modo que tais mercadorias pudessem chegar ou ser enviadas e; possibilitar a vigilância e o controle para eliminar o que era perigoso nela, ou seja, tratava-se de

avaliados como sendo “territórios vulneráveis”, sendo alvos potenciais do conjunto de ações sociais. Nestas cidades e seus respectivos bairros selecionados, chamados de “Territórios de Paz”, eram articuladas ações de recuperação urbanística, aumento do policiamento ostensivo e atividades culturais, educacionais, e esportivas de lazer (IPEA, 2009). Entre as **ações estruturais** houve investimento e instalação de câmeras de videomonitoramento e um Sistema de Detecção de Disparos de Arma de Fogo e das **ações sociais** que aconteciam no Programa, o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Mulheres da Paz; Proteção de Jovens em Território Vulnerável (PROTEJO) e Projeto Pacificar.

⁹Na obra “Segurança, Território, População”, Michel Foucault (2008) estuda o processo entre os séculos XVII e XIX da passagem de uma sociedade de soberania que se exercia nos limites de um território, passando por uma sociedade disciplinar que atua sobre o sujeito individual por intermédio de uma gigantesca rede de instituições como a escola, o hospital, as instituições militares, a prisão de viés punitivo e correccional dos comportamentos considerados danosos para a sociedade à sociedade de segurança que passa a ser exercida sobre o conjunto de uma população a partir da disposição dos espaço minimizando o que é risco inconveniente como a criminalidade e as doenças. Em outras palavras, “é a gestão dessas séries abertas, que, por conseguinte, só podem ser controladas por uma estimativa de probabilidades [...] que caracteriza essencialmente o mecanismo de segurança” (FOUCAULT, 2008, p. 27).

planejar os acessos à cidade, pois, “a cidade se percebe como estando em desenvolvimento. Certo número de coisas, de acontecimentos, de elementos vai vir ou se produzir” (FOUCAULT, 2008, p. 25). Em outras palavras, sinaliza Foucault (2008, p.23), tratava-se de capitalizar um território, ou seja, “vai se tratar de arquitetar um espaço” para o tratamento das multiplicidades no espaço, objetivando os efeitos funcionais específicos dessa organização espacial.

Esse suposto crescimento e expansão das relações de violência nas sociedades contemporâneas aponta, como sugere Tavares dos Santos (2009), para uma crise do contrato ou pacto social. Ou seja, um processo em curso de “uma mundialização das conflitualidades sociais”, ou, afirma Tavares dos Santos (2009, p.25), inclusive com o olhar para o Brasil, pois vivemos tempos em que “a sociedade parece aceitar a violência, ou resignar-se, incorporando-a como prática social e política normal e coletiva, como demonstram os rotineiros exemplos de violência nas cidades, nos campos e florestas brasileiros”.

Diante do exposto, destaco que esta Tese de doutorado é a continuidade dos estudos realizados no curso de mestrado, cujo epicentro foi a análise de como os discursos sobre sujeitos e grupos acabaram por posicioná-los em lugares sociais e políticos específicos, o que embasou e justificou a elaboração e implementação de um conjunto de ações vinculadas às políticas de segurança pública, como as culturais e esportivas de lazer, e também os significados atribuídos pelos jovens, “público-alvo” (THOMASSIM, 2010) dessas diversas ações vinculadas a esses dispositivos¹⁰ de segurança.

Em outras palavras, minhas inquietações e dúvidas adquiridas durante os anos de trabalho e pesquisa, desde o curso de graduação, passando pelo mestrado, instigaram-me a ampliar a proposta no presente estudo, com base nos métodos e pensamentos científicos que contribuem para compreender os fenômenos sob outra perspectiva. O que procuro empreender, nesse momento, é olhar para as práticas

¹⁰Dispositivo consiste em um conceito forjado por Michel Foucault, que diz respeito a “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. [...] O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. [...] em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes [...], entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (FOUCAULT, 2008, p. 244).

cotidianas, agora distante da perspectiva do governo das sociabilidades para a redução ou combate das problemáticas sociais e a garantia do exercício da cidadania, com suas diretrizes, justificativas e objetivos, sem deixar de considerar as implicações e os impactos de uma política com esse viés, e que, substancialmente, não são capazes de explicar as particularidades de forma densa. É sobre isso que discorro neste estudo.

Para tanto, no Capítulo 1, “Projetos e programas de esportes e de lazer e os estudos acadêmicos que tematizam as políticas públicas”, realizo as considerações iniciais ao tema, ao apresentar as inquietações que norteiam a feitura do estudo: a palavra ‘cidadania’, significativamente presente nas justificativas e nos objetivos tanto de projetos e programas governamentais quanto dos não governamentais que têm sustentado e conduzido as políticas públicas neste campo. Para tanto, apresento diversos projetos e programas de esportes e de lazer e projetos e programas de outras áreas que têm no esporte e nas atividades de lazer suas ações governamentais que são propostas como alternativas para reduzir e/ou combater a condição de vulnerabilidade social a que, supostamente, os habitantes das nomeadas favelas e periferias, em especial os jovens, estão expostos, em nome da cidadania. Apresentados os projetos/programas, coloca-se em relevo produções de estudiosos da Constituição Federal, igualmente da literatura acadêmica da área da Educação Física brasileira que corroboram a ideia de que as políticas públicas de esporte e lazer, providas pelo Estado, são indispensáveis para a garantia dos direitos de cidadania. Igualmente, inquietações com questões de infraestrutura esportiva que também estão presentes nos projetos e programas governamentais e na produção acadêmica da Educação Física brasileira são colocadas em relevo. Compreendida como um sistema de possibilidades de ampliação do acesso e melhoria das condições para as práticas, tais estudos sugerem que o investimento em infraestrutura enquanto ação no âmbito da política pública contribuirá de modo importante para o exercício da cidadania. As preocupações com as questões alusivas ora à cidadania, ora à infraestrutura física, em que a infraestrutura, igualmente, é considerada pressuposto para o exercício da cidadania, quando o que está na pauta são as políticas públicas de esporte e de lazer, transitam nos objetivos dos projetos e programas governamentais e nos estudos que reivindicam sua qualificação, revitalização ou construção. Para tal, debruicei-me sobre a política pública Praça da Juventude (PJ), programa do Governo Federal implementado em várias cidades do país, que igualmente é proposto a partir da ideia da combinação desses dois elementos para a garantia de

direitos. A partir dessa política pública desafiei-me a problematizar e a pensar sobre esses conceitos (cidadania e infraestrutura) que se apresentam implicados em tais projetos, programas e estudos como emblemas do futuro para a projeção de um tipo de cidadão desde sua projeção em nível federal à implementação na cidade de Canoas/RS com seu evento de inauguração, suas ações, projetos e atividades previstas para acontecer destinadas à população do bairro Guajuviras.

No Capítulo 2, “A construção do problema de pesquisa”, apresento a relação do presente estudo com a pesquisa anterior de mestrado realizada ao discorrer em que condições se deu a passagem de um enfoque mais direcionado às diretrizes, objetivos e estratégias de uma política pública de segurança que tinha no esporte e no lazer entre a suas ações para um estudo mais atento às práticas das pessoas por dentro da política pública ou “na” política pública. Sob esse ângulo, no presente capítulo apresento as indagações que passaram a guiar os afazeres da pesquisa e sinalizo, de modo introdutório, os principais aportes teóricos que dialogarão com o que foi observado e vivenciado no cotidiano ao longo do estudo para responder aos problemas formulados.

No Capítulo 3 “A metodologia, a experiência socioantropológica e a base teórica”, o mais teórico do estudo, apresento a opção metodológica para a realização da pesquisa e suas técnicas básicas para a formação do conhecimento antropológico. Posteriormente, há referência a uma série de pesquisas no campo das ciências do esporte e da Educação Física do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS). Essas pesquisas se destacam por direcionar sua atenção para o modo como as pessoas e/ou grupos organizam e vivenciam suas maneiras de experienciar os esportes e demais práticas corporais na dimensão do seu cotidiano, de modo especial, aqueles que estudam as práticas de grupos no âmbito das políticas públicas de esporte e de lazer.

Em seguida, relato como ocorreu o desenvolvimento da presente pesquisa de campo a partir da expectativa reticente ao retornar ao bairro, carregado das experiências e sólidos vínculos criados nas passagens anteriores; a consolidação de novos vínculos e como as observações e interações com as pessoas e grupos de usuários e trabalhadores da Praça da Juventude alteraram meu foco de análise diante de tudo o que pude observar e vivenciar com as pessoas, desde o Estado que se apresenta provedor da cidadania a partir da projeção, discursos políticos e implementação do espaço público, com ampla

estrutura física destinada às diversas práticas; também relato os desinvestimentos, as descontinuidades de ações e projetos, o abandono no tocante à manutenção, consertos e revitalização da estrutura física. Encerro o capítulo apresentando e justificando as outras “regras metodológicas” que passaram a agregar minha forma de fazer a presente etnografia e o detalhamento dos principais conceitos e ideias do arcabouço teórico que orientam a presente Tese de doutorado.

No quarto Capítulo “Cenas do retorno ao Guajuviras: aqui estou outra vez”, apresento brevemente a história do bairro, constituída de resistências e lutas dos habitantes desde sua ocupação, em 1987, e como, a partir de seu processo de ocupação, o bairro foi sendo posicionado como um espaço de pessoas e grupos vulneráveis socialmente, o quanto é imperativa (tanto no imaginário social quanto das autoridades governamentais) sua gestão por intermédio de um conjunto de ações em diversas áreas, em nome da segurança e da paz social. Em seguida, apresento, de forma descritiva, e ilustrada em imagens, uma série de investimentos urbanísticos no Loteamento Pôr-do-Sol e seu entorno, ocorrida nos últimos anos (centro cultural, escolas de educação infantil e ensino fundamental, complexo prisional, ginásio de esportes, conjuntos habitacionais, complexo esportivo e cultural); e, paradoxalmente, um cenário de desinvestimentos e abandonos manifestados de diversos modos (nos espaços destinados às práticas culturais, de esportes e de lazer; de ações sociais prometidas e não efetivadas; de ausência de conservação nas vias públicas, etc.), da minha primeira visita à Praça da Juventude, meu primeiro dia vivendo o espaço público, minhas impressões em relação às primeiras pessoas com quem tive contato na praça.

Já no Capítulo 5 destaco as pessoas e grupos que atuam na Praça da Juventude Nelson Mandela. As práticas dessas pessoas que trabalham na praça, como o Guarda Subversio, a gestora Alba Valéria, o grupo de teatro TIA, e as mulheres do Grupo de Crochê que estão entre as primeiras usuárias do espaço público desde a sua inauguração, são narradas. Nesse relato são evidenciadas suas ações táticas, ações que, não raras vezes, escapam à própria atribuição funcional dos trabalhadores, entre outras práticas que se manifestam num contexto de desinvestimentos e abandono praticados pelo poder público. É neste cenário que se evidencia a emergência do que denomino “infraestruturas vivas” (sujeitos em ação) que conectam elementos heterogêneos (humanos e não humanos), que são visíveis pelas e nas controvérsias.

O Capítulo 6, “Ainda sobre as infraestruturas vivas: a bola, as juventudes, suas práticas e os projetos locais”, é a continuidade das narrativas do capítulo anterior. Recorro às descrições etnográficas ao colocar em relevo — fazendo referência às culturas juvenis — as práticas auto-organizadas dos jovens usuários da praça e, não menos importante, os projetos locais destinados a crianças e jovens, de iniciativa tanto do guarda Subversio e da gestora Alba quanto dos habitantes da comunidade local, sustentados pelas associações feitas entre os diversos atores capazes de incorporar a praça na tessitura social da comunidade local.

No sétimo capítulo, “Desinvestimentos e exiguidades: as práticas de um poder indicativo”, atendo-me, especificamente, ao conjunto de práticas que alternam promessas, desinvestimentos e abandono por parte do poder público, materializado na não resolução de consertos, reparos, reformas e higienização das dependências da praça; a exiguidade, a falta e o conseqüente não fornecimento de materiais para as práticas esportivas; a descontinuidade ou até mesmo o início de projetos governamentais previstos, projetados e prometidos em propagandas oficiais para acontecer; as condições precárias de trabalho dos servidores do Estado que atuam na praça e as iniciativas e improvisos praticados por estes servidores e usuários diante desses acontecimentos.

O Capítulo 8, “‘Voltamos como tudo’: estabilizando as controvérsias na Praça?”, é dedicado à narrativa da emergência de uma presença mais significativa do Estado compostas de uma articulação tensa entre o governo representado pelos agentes das secretarias municipais, vereadores, seus assessores, funcionários de empresas terceirizadas que prestam serviços à Prefeitura Municipal, e as ações comunitárias *in loco*. Tais práticas estatais, ainda que pareçam atender aos reclames, reivindicações, e o que até então fazem a gestora, o guarda, os jovens, a Igreja, representada por Jorge e Márcio, as mulheres do crochê, o grupo TIA, entre outros habitantes do bairro, nos momentos de abandono e desinvestimentos, acaba por se instaurar de modo teatralizado, pois é imperativo, no campo político partidário, fazer de todas as ações cerimônias e eventos para se produzir discursos para dizer que algo está sendo feito, porém, sem garantias do efetivo cumprimento de suas responsabilidades com o espaço público. O capítulo se encerra questionando a espontaneidade do Estado nas ações de reparos, limpezas e revitalização realizados em algumas das dependências da praça, ancorados

em acontecimentos posteriores que evidenciam justamente essas não garantias de suas responsabilidades institucionais.

O Capítulo nomeado “Considerações finais ou seriam ‘iniciais’?” representa um esforço de articulação dos capítulos constituintes do trabalho, resgatando as principais ideias e noções dos dados produzidos no campo de estudos com a experiência etnográfica, e, amarrado aos eixos teóricos e analíticos, formou o conhecimento socioantropológico que esta Tese tem a oferecer. ‘Considerações finais ou ‘iniciais’ expressam tanto as possíveis limitações de análises mais precisas e densas que o estudo possa ter quanto o entusiasmo de compartilhar o que foi obtido e produzido para submetê-lo a outros olhares para reflexões, debates e contribuições.

CAPÍTULO 1

PROJETOS E PROGRAMAS DE ESPORTES E DE LAZER E OS ESTUDOS ACADÊMICOS QUE TEMATIZAM AS POLÍTICAS PÚBLICAS

Atentar para as práticas das pessoas no âmbito de uma política pública de esportes e de lazer é o tema desta pesquisa etnográfica, desenvolvida na cidade de Canoas/RS, entre março de 2016 a outubro de 2019, considerando os projetos e programas de esporte e de lazer como paradigma de intervenção urbana. O estudo realizou-se a partir das inquietações acerca das justificativas e objetivos correntes em diversos projetos e programas de esportes e de lazer: ‘formação da cidadania’, ‘ampliação da cidadania’, ‘exercício pleno da cidadania e/ou ‘contribuir para o exercício de uma cidadania ativa’ em áreas’ ou ‘territórios’ em ‘situação de vulnerabilidade social’. As destacadas justificativas e objetivos presentes na agenda governamental evidenciam como essas ideias e discursos sustentam e conduzem as políticas públicas nesta área.

Com a redemocratização do Brasil¹¹, instituições democráticas foram reabertas, o país reconquistou o direito ao voto, elaborou, aprovou e promulgou uma nova Constituição Federal em 1988, a qual se convencionou nomear de ‘constituição cidadã’ (FERREIRA, 2013) e prevê uma série de avanços em termos de garantias e direitos políticos e sociais. A partir desse acontecimento histórico, a palavra cidadania foi ganhando cada vez mais relevância, sendo proclamada em diferentes esferas da vida. Cidadania tornou-se palavra de ordem nos discursos políticos partidários, na agenda e nos documentos governamentais, nas propostas do Terceiro Setor, no discurso da grande mídia e na academia. Nesse cenário, cada vez mais, seja por intermédio de documentos e políticas governamentais de âmbito federal, estadual ou municipal, de instituições privadas e/ou Organizações Não Governamentais (ONGs), todos e cada um têm sido convocados a cumprir o papel de garantidor da formação cidadã de pessoas e grupos. Cabe, então, destacar a passagem, no primeiro artigo da vigente Constituição, no Título I, “Dos Princípios Fundamentais”:

¹¹ Refiro-me ao golpe midiático-civil-militar que resultou na instauração de uma ditadura militar de 1964 a 1985 (VIEIRA, 2014; SILVA, 2017).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado democrático de direito e tem como fundamentos: I – a soberania; II – a cidadania; III – a dignidade da pessoa humana; IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; V – o pluralismo político (BRASIL, 1988, p. 11 grifo meu).

Relacionados aos aspectos supracitados, há dois fenômenos que estão na pauta das discussões contemporâneas acerca dos direitos sociais e sua interface com a noção de cidadania: o ‘esporte’ e o ‘lazer’, que passaram a ser contemplados como direitos sociais. O direito ao esporte está contemplado no artigo 217 da Seção III do Capítulo III – “Da Educação, da Cultura e do Desporto”:

Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um, observados:

- I- a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento;
- II- a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional, e em casos específicos, para o desporto de alto rendimento;
- III- o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não profissional;
- IV- a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional (BRASIL, 1988, p. 125).

Já o direito ao lazer passou a ser contemplado, especificamente, nos artigo 6º, *caput*, e artigo 7º, IV do Capítulo II Dos Direitos Sociais, e artigo 217, § 3º, e artigo 227, registrados no Capítulo II Dos Direitos Sociais, e este, por sua vez, inserido no Título dos Direitos Fundamentais:

Art. 6 São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta constituição (BRASIL, 1988, p. 338).

Nessa conjuntura, à luz da Constituição de 1988, ocorreu uma ampla reestruturação na área do esporte e do lazer. O primeiro importante marco foi a criação do Ministério do Esporte (ME)¹², por intermédio da Medida Provisória nº 103, de 1º de

¹²Após a posse no dia 1º de janeiro de 2019 do Presidente eleito Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL), por meio do Decreto nº 9.674, de 2 de janeiro de 2019, o Ministério do Esporte (ME) é extinto e transformado em Secretaria Especial do Esporte (SEE), composta pela Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (SNELIS), Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento (SNEAR), Secretaria Nacional de Futebol e Direitos do Torcedor (SNFUT) e a Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem (ABCD) no âmbito da estrutura organizacional do novo Ministério da Cidadania (MC).

janeiro de 2003¹³, convertida na Lei nº 10.683 de 28 de maio de 2003¹⁴. Foi a primeira vez que o esporte ganhou uma pasta própria, com espaço físico próprio e um corpo de servidores, no qual o esporte e o lazer consolidaram seu status de política pública, cabendo ao Estado a responsabilidade de fomentar, organizar e promover o esporte e o lazer por meio de leis, resoluções, projetos e programas. É importante ressaltar que o esporte e o lazer, na perspectiva do Direito, até então não haviam sido contemplados em nenhuma Constituição brasileira anterior¹⁵, desde a primeira, promulgada em 1824, seja como liberdade individual ou como direito social.

Mas, se no atual Estado democrático brasileiro, o esporte e o lazer são direitos do cidadão, por que ainda são fenômenos que merecem ser objeto de estudos e ponderações? O referido questionamento faz-se necessário, se considerarmos que vivemos tempos, desde os anos 1980, de um conjunto de investimentos e ações governamentais pautadas, justificadas e embasadas para a garantia dos direitos de cidadania, em especial aos jovens, em que os projetos e programas de esporte e de lazer são propostos como alternativas para reduzir e/ou combater a condição de vulnerabilidade social a que, supostamente, eles estão expostos. Essa afirmativa pode ser ratificada em diversos projetos e programas de esportes e de lazer governamentais. O Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Programa Segundo Tempo (PST); Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU); Centro de Iniciação ao Esporte (CIE); Programa Esporte na Escola (PEE); Programa Forças no Esporte (PROFESP) e Projeto Estação Cidadania (EC) são exemplos. Nesses projetos e programas evidencia-se a relação direta do esporte e lazer com a ampliação e o exercício da cidadania.

Criado em 2003 pelo extinto ME, o PELC proporciona vivência em diversas práticas corporais esportivas, atividades de lazer e culturais, que envolvem todas as faixas etárias e as pessoas com deficiência. Com o *slogan* “o lazer vai tomar conta da cidade e a cidade vai tomar conta do lazer”, o programa iniciou tendo como público de

¹³Informação disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/antigas_2003/103.htm. Acesso em: 26/05/2017.

¹⁴ Informação disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.683.htm. Acesso em: 26/05/2017.

¹⁵ Refiro-me à Constituição de 1824 e às Constituições Republicanas de 1891, 1934, 1937, 1946, 1967. As referidas Constituições, incluindo a de 1988, são estruturadas no sistema presidencialista de governo, ou seja, baseadas na divisão tripartidária dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, exceto a Constituição de 1824, na qual havia também o poder Moderador, que permitia a interferência do Imperador em todos os outros poderes.

suas ações a população em geral, propondo: “estimular a convivência social, a formação de gestores e lideranças comunitárias, favorecer a pesquisa e a socialização do conhecimento, contribuindo para que o esporte e lazer sejam tratados como políticas e direitos de todos” (BRASIL, ME, 2016). Entre as ações ofertadas pelo PELC estão contempladas modalidades esportivas, ginástica, atividades rítmicas [oficinas de diferentes ritmos musicais], e oficinas de artes, salas de leitura, projeção e debates de filmes, oficinas de teatro, entre outras, definidas a partir dos interesses e necessidades locais. A partir de 2005, após uma revisão do programa, o PELC delimitou seus objetivos, passando a “promover o atendimento da demanda por lazer da população em situação de vulnerabilidade social na perspectiva da melhoria da sua qualidade de vida” (BRASIL, ME, 2006, p. 26). No ano de 2008, o PELC passou a fazer parte do conjunto de ações do PRONASCI, programa vinculado ao Ministério da Justiça (MJ), tendo como público de suas intervenções os jovens com idades de 15 a 29 anos, habitantes de locais com índices elevados de relações de violência e homicídios. Com uma proposta mais focalizada, o PELC, no âmbito do PRONASCI, passou a ter núcleos somente nos denominados “Territórios de Paz”, nomeados pelo MJ, onde eram articuladas ações sociais, urbanísticas e de justiça e segurança.

O PST, também criado em 2003, “tem por objetivo democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, como fator de ‘formação da cidadania’ e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social” (BRASIL, ME, 2016, grifo nosso). Entre seus objetivos específicos, o PST propôs-se a “oferecer práticas esportivas educacionais, estimulando crianças e adolescentes a manter uma interação efetiva que contribua para o seu desenvolvimento integral; oferecer condições adequadas para a prática esportiva educacional de qualidade; desenvolver valores sociais; contribuir para a melhoria das capacidades físicas e habilidades motoras; contribuir para a melhoria da qualidade de vida (autoestima, convívio, integração social e saúde); contribuir para a diminuição da exposição aos riscos sociais (drogas, prostituição, gravidez precoce, criminalidade, trabalho infantil e a conscientização da prática esportiva, ‘assegurando o exercício da cidadania’)” (BRASIL, ME, 2013, grifo nosso), pautados nos princípios “da reversão do quadro atual de injustiça, exclusão e vulnerabilidade social; do esporte e do lazer como direito de cada um e dever do Estado; da universalização e inclusão social; da democratização da gestão e da participação”

(BRASIL, ME, 2013), tendo “como público-alvo crianças, adolescentes e jovens expostos aos riscos sociais” (BRASIL, ME, 2016). Em sua última atualização, já vinculado à SNELIS da SEE do MC, o PST foi apresentado como um programa “o qual visa oferecer atividades de múltiplas vivências esportivas para estudantes de diversas faixas etárias, no contraturno escolar”, em que “o programa é dividido em três vertentes: Padrão – crianças e adolescentes de 6 a 17 anos; Paradesporto – pessoas com deficiência a partir de 6 anos de idade; e Universitário – discente de universidades” (BRASIL, SNELIS/MC, 2019)¹⁶, mantendo o objetivo definido pelo governo anterior de “democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, como fator de ‘formação da cidadania’ e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social” (BRASIL, SNELIS/MC, 2019, grifo nosso).

O PEE (ou PST Mais Educação), criado em 2009, resultou da parceria entre o ME e o Ministério da Educação (MEC). Seu “potencial público-alvo” são crianças e jovens escolares da rede pública de ensino, tendo como objetivo geral “democratizar o acesso à prática e à cultura do Esporte de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, como fator de ‘formação da cidadania’ e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social” (BRASIL, ME, 2014, grifo nosso). O PEE visa, assim, “estabelecer as condições mínimas necessárias para viabilizar a oferta do esporte na escola integrada ao seu projeto pedagógico, na perspectiva da educação em tempo integral” (BRASIL, ME, 2014). A proposta, segundo o site do ME,

se materializa pela inserção do Programa Segundo Tempo nas escolas do Programa Mais Educação. O Mais Educação já prevê o Esporte e Lazer como um Macrocampo, no entanto, a inserção do Esporte na Escola qualifica o desenvolvimento de ações de esporte e lazer em função da sua proposta pedagógica, do processo de capacitação e acompanhamento agregados ao Programa. Coordenado pelo MEC, em parceria com outros Ministérios, o Mais Educação busca ampliar tempos e espaços educativos dos estudantes por meio da integração de atividades nas diversas áreas do conhecimento. Além de incentivar a prática, oferecendo atividades esportivas educacionais para crianças e adolescentes, esse é um passo significativo para implantar uma política esportiva nas escolas brasileiras (BRASIL, ME, 2014).

¹⁶Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/esporte-educacao-lazer-e-inclusao-social/segundo-tempo>. Acesso em: 02/10/2019.

O CEU (Centro de Artes e Esportes Unificados), programa criado no extinto Ministério da Cultura (MinC)¹⁷, “integra num mesmo espaço programas e ações culturais, práticas esportivas e de lazer, formação e qualificação para o mercado de trabalho, serviços socioassistenciais, políticas de prevenção à violência e de inclusão digital, para ‘promover a cidadania em territórios de alta vulnerabilidade social’ das cidades brasileiras” (BRASIL, MinC, 2017, grifo nosso). Os CEUs contam com “biblioteca, cineteatro (48, 60 ou 125 lugares), laboratório multimídia, salas de oficinas, espaços multiuso, Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), além de pista de skate. Os CEUs maiores (3.000 e 7.000 mil m²) também contam com quadra de eventos coberta, playground, pista de caminhada” (BRASIL, Minc, 2017). A gestão do CEU se desenvolve de forma compartilhada entre as prefeituras e a comunidade local, a partir da formação de um grupo gestor, encarregado de criar um plano de gestão que contemple as formas de uso e programação dos equipamentos.

Criado em 2013, no extinto ME, o CIE (Centro de Iniciação ao Esporte) é apresentado como o “‘maior legado de infraestrutura esportiva’ dos Jogos Rio 2016”, o qual, segundo consta no próprio site oficial do governo, “o objetivo dos Centros de Iniciação ao Esporte é ‘ampliar a oferta de infraestrutura’ de equipamento público esportivo qualificado, incentivando a iniciação esportiva em territórios de alta vulnerabilidade social das grandes cidades brasileiras. O projeto integra, num só espaço físico atividades e a prática de esportes voltados ao esporte de alto rendimento, estimulando a formação de atletas entre crianças e adolescentes”¹⁸ (BRASIL, SNELIS/MC, 2019, grifo nosso). A implementação dos CIE acontece por meio do envio de propostas dos municípios interessados por alguns dos modelos ofertados, com posterior análise do corpo técnico do Governo Federal e divulgação dos municípios selecionados.

O PROFESP, desenvolvido pelo Ministério da Defesa (MD), é uma vertente do PST que conta com o apoio da Marinha, Exército e Aeronáutica. Realizado, inicialmente, em parceria com os extintos ME e o Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (MDSA), “o Ministério do Esporte é responsável pelo material

¹⁷Extinto também a partir do decreto 9.674, de 02 de janeiro de 2019, no governo do Presidente Jair Messias Bolsonaro, o MinC foi transformado em Secretaria Nacional da Cultura e inserido na estrutura organizacional do Ministério da Cidadania (MC).

¹⁸Informação disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/cie>. Acesso em 02/10/2019.

esportivo e pelo pagamento de professores e estagiários” (BRASIL, MD, 2014), e “o Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (MDSA) responde pela alimentação. Além de disponibilizarem as unidades militares, as Forças Armadas também oferecem serviço médico, odontológico e de assistência social, coordenadores, transporte e monitores” (BRASIL, MD, 2014). O PROFESP é apresentado como um programa que “democratiza o acesso à prática e à cultura do esporte e promove o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, oferecendo atividades esportivas educacionais, lazer e atividades complementares. Além disso, também oferece uma alimentação saudável e de qualidade, reforço escolar, ações cívico-sociais, palestras e campanhas educativas, ‘orientações de civismo, de cidadania’ e desenvolvimento de habilidades profissionais” (BRASIL, MD, 2014, grifo nosso). Segundo o site oficial do MD, “o projeto está presente em 92 cidades de todos os estados e do Distrito Federal, em instituições vinculadas à Marinha, ao Exército e à Aeronáutica. No total são atendidos mais de 20.000 jovens, crianças e adolescentes, de 6 a 18 anos, em situação de vulnerabilidade social” (BRASIL, MD, 2014).

A partir da nova composição do Executivo Federal, em 1º de janeiro de 2019, o MD apresentou o PROFESP como um programa que “tem por finalidade promover a valorização da pessoa, reduzir riscos sociais e ‘fortalecer a cidadania’, a inclusão e a integração social dos beneficiados, por meio do acesso à prática de atividades esportivas e físicas saudáveis e de atividades socialmente inclusivas, realizadas no contraturno escolar, dentro de organizações militares”¹⁹ (BRASIL, MD, 2019, grifo nosso).

Criado no Ministério da Cidadania (MC)²⁰, o Projeto ‘Estação Cidadania’ (EC), executado a partir de convênios entre o Governo Federal e os municípios interessados, une, em um mesmo espaço, ações oferecidas pela Assistência Social e as que já são ofertadas pelo CEU e os Centros de Iniciação ao Esporte (CIE). Segundo a fala do Ministro da Cidadania, o objetivo do projeto EC é “‘fazer parques de cidadania’ para colocar nos municípios. Isso aí vai ser a maneira da gente integrar todas estas

¹⁹Objetivo do governo disponível em: <https://www.defesa.gov.br/programas-sociais/programa-forcas-no-esporte>. Acesso em: 29/09/2019.

²⁰Criado a partir do Decreto 9.674, de 02 de janeiro de 2019, no governo do Presidente Jair Messias Bolsonaro (PSL), eleito e empossado em 1º de janeiro de 2019, o Ministério da Cidadania (MC) é composto em sua estrutura organizacional pela Secretaria Especial do Desenvolvimento Social, Secretaria Especial da Cultura e Secretaria Especial do Esporte, secretarias estas que possuíam pastas próprias com status de Ministérios desde o primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), mantidas nos governos Dilma Rousseff (PT) e Michel Temer (MDB).

atividades”. O Ministro ainda salienta que por meio do EC “nós vamos procurar levar todo o recurso que a gente puder para os municípios porque cidadania se exerce lá e o Ministério da Cidadania tem que ajudar isso acontecer”.²¹

Por fim, cabe destacar a forma com que a atual SNELIS, setor da Secretaria Especial do Esporte (SEE) do MC, se apresenta para o público em sua página oficial, na qual afirma que sua “missão” consiste em “fomentar o desporto educacional, de participação e de lazer, a fim de ‘contribuir para o exercício de uma cidadania ativa’, promovendo a inclusão social” (BRASIL, SNELIS/MC, 2019, grifo nosso), e que seu “valor público” está em “promover a prática esportiva, assim como a capacitação profissional com a intenção de garantir qualidade de vida, inclusão social e lazer” (BRASIL, SNELIS/MC, 2019)²².

Como foi possível identificar, no até aqui exposto, a ‘formação’, ‘ampliação’ e o ‘exercício’ da cidadania são termos centrais que embasam as justificativas para a oferta, implementação e execução dos projetos e programas de esporte e lazer, em especial quando destinados a ‘territórios’, ‘áreas’ e grupos sociais considerados ‘vulneráveis’, numa espécie de panaceia a que as pessoas, especialmente crianças e jovens, estão supostamente sujeitas. Essa atenção para a cidadania presente na carta magna, em que a responsabilidade é atribuída ao Estado, não só está evidenciada em tais projetos e programas esportivos e de lazer, como também tem sido significativamente tematizada na literatura. A ideia de cidadania se apresenta basilar nas ações governamentais de esporte e lazer, mas com o intuito de melhor compreender seus significados e essa relação com o Estado, apresentamos alguns autores que se ocuparam/ocupam do tema. Não é propósito apreendê-lo – o termo cidadania - em sua constituição histórica, pois há competentes estudos que já o realizaram. O que se busca é apresentar algumas referências brasileiras para que, subsequentemente, possamos pensar como tem acontecido essa relação a partir da observação de algumas práticas cotidianas no âmbito do esporte e do lazer.

²¹Fala de Osmar Terra, Ministro da Cidadania, durante a 22ª Marcha dos Prefeitos à Brasília em Defesa dos Municípios, ocorrida entre os dias 8 a 11/04/2019. Mais sobre o projeto EC e o discurso do Ministro, disponível em: <http://mds.gov.br/area-de-imprensa/radio-1/2019/abril/osmar-terra-apresenta-projeto-estacao-cidadania-e-a-composicao-do-ministerio-a-prefeitos>. Acesso em: 29/09/2019.

²²Informações disponíveis em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/esporte-educacao-lazer-e-inclusao-social/missao>. Acesso em: 03/10/2019.

Dentre os estudos acerca da noção de cidadania, a compreensão do constitucionalista José Afonso da Silva (2004) corrobora os expostos nos projetos e programas governamentais e a literatura supradita ao dizer que

cidadania [...] qualifica os participantes da vida do Estado, é atributo das pessoas integradas na sociedade estatal, atributo político decorrente do direito de participar no governo e direito de ser ouvido pela representação política. Cidadão, no direito brasileiro, é o indivíduo que seja titular dos direitos políticos de votar e ser votado e suas consequências (p. 344).

Dalmo de Abreu Dallari (2007) argumenta que a aquisição da cidadania depende diretamente das condições estabelecidas pelo Estado, e ocorre tanto pela emergência de determinadas circunstâncias quanto pelo atendimento de pressupostos estabelecidos pelo Estado, o que implica o exercício de direitos e deveres.

Já Valéria Ribas do Nascimento e José Luís Bolzan de Moraes (2007) argumentam que, nos últimos anos, diante da globalização, a noção moderna de cidadania foi alterada, pois ela não é mais compreendida na perspectiva de um cidadão como membro pleno de uma comunidade política particular, evidenciando-se uma cidadania para além das fronteiras tradicionais do Estado-Nação. Desse modo, surgem o terceiro e o quarto setor que seriam movimentos sociais não centrados no aparelho do Estado, como alternativa para suprir a ausência da figura estatal na proteção dos direitos e garantias mínimos à população. Todavia, esses autores sinalizam que “não há como negar a relação entre cidadania e igualdade” (NASCIMENTO; MORAIS, 2007, p. 172) à medida que se evidencia “a importância de que o Estado-Nação mantenha um papel ativo na implementação de políticas voltadas para a proteção social”, porque “não há como esquecer o conceito moderno de cidadania que coloca no Estado-Nação a responsabilidade pela proteção do cidadão” (p. 172).

Pedro Demo (1995) define cidadania como a “competência humana de fazer-se sujeito, para fazer história própria e coletivamente organizada” (p. 1). Para tanto, o autor sugere três ideias de cidadania em suas análises: a “cidadania tutelada”, a “assistida” e a “emancipada”. A cidadania tutelada seria aquela cultivada pela elite socioeconômica e política, sobre a qual não há suficiente compreensão crítica para abalar a tutela, e o resultado desta manifestação de cidadania seria a reprodução da mesma elite. A cidadania assistida refere-se a algo que o autor denomina “embrião da noção de direito”, todavia, o direito pautado na assistência, não o da emancipação, também resultaria em uma cidadania ausente de efetiva atuação política e consequente desigualdade de oportunidades. Já a cidadania emancipada é o termo defendido pelo autor que a define

como “a competência essencial humana [...] de fazer-se sujeito, negando aceitar-se como objeto” (DEMO, 1995, p. 133). Para esse autor, a pessoa que não atinge a sugerida cidadania, acaba à margem da sociedade, aceita as desigualdades e injustiças sem percebê-las, permanecendo manipulada pela elite. Observa-se, nas definições do autor, a posição central no indivíduo como arquiteto das suas condições de cidadania.

Parcela da literatura acadêmica da área da Educação Física brasileira também tem corroborado a ideia de que as políticas públicas de esporte e lazer, providas pelo Estado, são indispensáveis para a garantia dos direitos de cidadania, o que pode ser ratificado em alguns estudos sobre os quais passamos a discorrer a seguir.

Bonalume (2010), em sua dissertação defendida na Universidade de Brasília (UNB), se ocupa da análise das políticas públicas de viés intersetorial. Para tanto, direciona o olhar para o lugar do esporte e do lazer no âmbito de uma política pública intersetorial. Apresentando a experiência do PRONASCI, essa autora coloca em relevo o quanto, nas diretrizes do programa, a dimensão da cidadania consiste no elemento que embasa e justifica a inserção de atividades culturais, esportivas e de lazer no conjunto de suas ações, contrapondo-se ao modelo “tradicional” de segurança pautado em ações estruturais [investimento em viaturas, armas e aumento do efetivo policial]. Bonalume recorre à noção de igualdade — a partir da definição de igualdade e de justiça — que constrói a figura do cidadão e não a do pobre, o qual é uma figura em uma dimensão negativa, pautada em carências. Assim, sugere que se reflita acerca dos direitos sociais na dimensão da palavra que os pronuncia e não na dimensão da carência e da pobreza, para afirmar que os direitos sociais esporte e lazer são também direitos humanos a serem assegurados sem qualquer distinção e incluídos no conjunto de ações para a garantia da cidadania. Isto porque as necessidades humanas, construídas a partir das realidades de vida e cotidiano dos indivíduos, “quando identificadas e reconhecidas como indispensáveis à vida e à dignidade humana tornam-se direitos sociais. Sua efetivação, por sua vez, é realizada pelas políticas públicas” (BONALUME, 2010, p. 53). Nessa perspectiva, a autora mostra-se favorável às políticas públicas de caráter intersetorial, considerando-as potenciais possibilidades para a garantia dos direitos sociais. A autora enuncia, nas considerações finais de sua pesquisa, que as diretrizes do PRONASCI, como política intersetorial, aliada às entrevistas realizadas com os agentes políticos que se envolveram diretamente com a formulação do programa, atendem e garantem as diretrizes no que se refere ao acesso aos direitos sociais e avalia que a

inserção do esporte e do lazer na agenda da segurança pública e na relação com a juventude dá indícios de avanços ao reunir e agregar informações e saberes de diversas áreas. E a autora ainda destaca: um dos pressupostos elencados no projeto da referida pesquisa, apresentando a hipótese de que as políticas públicas de esporte e lazer, de caráter intersetorial com a segurança, centradas no segmento juvenil, tinham viés predominantemente moralizador e utilitarista foi confirmado parcialmente, pela análise da mídia conforme as falas inseridas no discurso da agenda pública e a fala de alguns “atores-chave” entrevistados. Contudo, essa dimensão funcionalista, afirma a autora, não se confirmou nas entrevistas com os agentes políticos; tampouco na análise documental do programa de segurança pública, demonstrando uma compreensão menos idealizada e mais pautada na garantia de direitos para o pleno exercício da cidadania, pois, o programa avançou para além da retórica política e do discurso acadêmico, no sentido de garantir estrutura à intersetorialidade das ações que envolviam o esporte e o lazer, embora fossem identificadas fragilidades na garantia da efetiva integração entre os diversos setores.

Ribeiro (2012), em sua dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), analisou o modo com que o lazer estava presente nos programas desenvolvidos pelo poder público. Para tanto, direcionou sua pesquisa na perspectiva de identificar o lugar do lazer no currículo da formação de agentes/profissionais do PST do ME. A autora buscou respaldo para a sua proposta de estudo, sinalizando que as políticas públicas de esporte e lazer, face ao lugar que o esporte e o lazer ocupam na Constituição Federal desde 1988, são entendidas como políticas sociais, e, sendo assim, “fazem parte de um grupo de serviços que almejam promover o bem-estar dos cidadãos” (RIBEIRO, 2012, p.19). Nesse sentido, a autora recorreu à teoria da cidadania para pensar sobre as políticas de esporte e de lazer, como parte dos elementos constituintes de um conjunto mais amplo que envolve direitos civis, políticos e sociais, os quais, nas suas palavras “deveriam ser os condutores das lógicas que regem os governos a atuarem para garantir a cidadania” (RIBEIRO, 2012, p. 21). A autora coloca em relevo a perspectiva de “cidadania plena”, em que o Estado deveria assumir a administração dos direitos sociais, o qual afirma que “cidadania é um princípio fundamental da Constituição que pode ser concebida como exercício dos direitos básicos assegurados” (RIBEIRO, 2012, p. 26). Nesse sentido, para a autora, o esporte e o lazer na Constituição brasileira vigente “são convocados para auxiliar a

busca da cidadania” (RIBEIRO, 2012, p. 27) que não deve ser apenas um conjunto de direitos descritos, mas, de modo especial, deve ter foco na concretização da cidadania. Assim, Ribeiro (2012) ressalta a importância do reconhecimento do denominado “esporte educacional e de lazer” como manifestações do “esporte social”, e, segundo a autora, princípio básico para a educação, para a cidadania. Diante de todos esses aspectos colocados em relevo, a autora se apresenta “guiada pela ideia de que o PST é um programa social de esporte que tem o intuito de promover a cidadania através da concretização dos direitos sociais” (RIBEIRO, 2012, p.49), assim, compreende a relevância, em sua pesquisa, de “identificar a palavra lazer em documentos que referendavam o Programa” (RIBEIRO, 2012, p.49). Ribeiro (2012) coloca em evidência que o PST, desde sua criação, sofre constantes mudanças e adequações em função de seu atendimento e demandas políticas, e tenta alterar a lógica do modelo esportivo. A autora conclui seu estudo, sinalizando que, entre essas mudanças, se apresenta a inserção do conteúdo lazer nos documentos institucionais, direcionados à capacitação dos agentes/profissionais do programa, que, embora, devesse ser um princípio do PST, até 2008 apenas tangenciava os conteúdos selecionados para a capacitação profissional, em que o lazer, eventualmente, se apresentava como possibilidade de vivência do esporte, sendo inserido como conteúdo específico de capacitação no currículo somente a partir de 2009. Diante disso, e considerando que o lazer é elemento fundamental para a “busca da cidadania”, a autora diz que há saberes que o elegem direito social, e que “o lazer entendido como ‘produtor de cultura’ poderia apresentar novos elementos aos profissionais que atuam nas comunidades, gerando outras relações sociais com o esporte” (RIBEIRO, 2012, p. 95), sistematizando as ações do programa com o lazer.

Não menos relevante é a dissertação de mestrado defendida por Santos (2013), também na UFMG. O referido autor se ocupou da análise do lazer como ação de intervenção social no âmbito de uma política pública de prevenção social à criminalidade do estado de Minas Gerais, o “Fica Vivo!”, que tem como público de suas ações os jovens com idades entre 12 a 24 anos, habitantes dos locais da cidade de Belo Horizonte (BH) e interior do Estado, que apresentam elevados indicadores de homicídios. As atividades de lazer são materializadas por intermédio de profissionais de Educação Física que atuam como oficinairos do programa, no qual o autor buscou identificar quais saberes são mobilizados pelos oficinairos que atuam no programa e de que forma os saberes são construídos e apropriados por eles. Santos (2013) relata que o

lazer se apresenta como epicentro da mobilização dos saberes dos oficinairos, e tem significativa presença nos documentos governamentais, compreendido, segundo o autor, como um direito social, instrumento de cidadania e mecanismo de proteção social.

Ferreira e Castellani Filho (2012), em seu estudo, afirmam que a palavra cidadania, “de tão alardeada e repetida, seu valor e importância ganhou status indiscutível” (p. 136), porém, alertam que é comum que determinado termo acabe perdendo o seu “verdadeiro” significado quando exaustivamente usado e repetido. Ao propor compreender melhor os significados que a palavra carrega, conteúdo que acreditam perdido de conceito, dialogam com vários autores que se ocupam do tema para pensar a constante relação que se faz com a educação pós-Constituição de 1988. Assim, questionam se a cidadania está sempre associada à educação; se a Educação Física, enquanto componente curricular obrigatório nas escolas brasileiras, seria capaz de contribuir para o processo de seu desenvolvimento, pois, para os autores, “a cidadania, bem entendida como possibilidade efetiva de participação, de todos os indivíduos, nos diversos âmbitos da sociedade, é uma bandeira que consideramos de fundamental importância” (FERREIRA; CASTELLANI FILHO, 2012, p. 137). Enunciam que há uma histórica “relação velada” entre cidadania e Educação Física, sob a dupla influência do âmbito militar e da eugenia médica, que acabou por construí-la no âmbito escolar para a busca de cidadãos fortes, saudáveis, dóceis e eficazes, adequados às exigências nacionais calcados em padrões de conduta física, moral e intelectual da nova família brasileira (CASTELLANI FILHO, 1988). Ou seja, foi a “educação do físico” que moldou a Educação Física para a busca do cidadão desejado, aliada à ideia de que a atividade física e o esporte seriam capazes de organizar o tempo livre do trabalhador por intermédio do divertimento e da melhora dos níveis de sua saúde, e colaborar para a transmissão dos princípios de unidade da empresa. Isto é, a união considerada necessária para a vitória no esporte era levada para a fábrica. Desse modo, dizem os autores, o esporte no tempo do não trabalho, ou seja, o lazer, foi pensado para colaborar também com os preceitos para o desenvolvimento capitalista do Brasil.

Diante dessas tendências que influenciaram a Educação Física e o esporte na escola, Ferreira e Castellani Filho (2012) salientam que, por mais que os objetivos sejam os mesmos, diferentes compreensões de mundo levam a resultados incompatíveis. Assim, reiteram que a defesa das aulas de Educação Física comprometidas com o desenvolvimento da cidadania é o foco de suas reflexões, contudo, destacam: “de uma

determinada cidadania, e não outras” (p. 150). A cidadania que defendem é aquela “caracterizada pela confirmação e ampliação dos direitos coletivos, em seus três âmbitos – civis, políticos e sociais” (FERREIRA; CASTELLANI FILHO, 2012, p. 150), em detrimento de uma ideia de cidadania atrelada ao consumo e a amplos direitos a poucos. Para tanto, recorrem à obra “Metodologia do ensino de Educação Física”, publicada em 1992, por um coletivo de autores. Essa produção trata de uma pedagogia emergente, no intuito de responder a interesses não contemplados pela educação física hegemônica nas instituições educacionais. Outro interesse dos autores em pensar sobre cidadania a partir da referida obra está na compreensão acerca do projeto político-pedagógico do coletivo de autores, pois, para esse coletivo, “ele representa uma intenção, uma vontade, é uma ação deliberada e estratégica, e, portanto, caminha na direção da pedagogia assumida pelo professor” (FERREIRA; CASTELLANI FILHO, 2012, p. 149), ao se considerar que é político porque a intervenção é direcionada, e é pedagógico porque incide na ação das pessoas. Ou seja, os autores perspectivam na proposta de currículo ampliado do coletivo de autores a possibilidade de os estudantes construírem seu entendimento sobre os fenômenos que constituem a vida coletiva. Em outras palavras, a constituição de uma cidadania no contexto das práticas educacionais cotidianas na escola, distante do rigor militarista, da filosofia higienista médica e do consumismo capitalista.

Ao trazer o estudo de Ferreira e Castellani Filho (2012), embora a problematização acerca da ideia de cidadania desta Tese não esteja localizada na escola e também no estudo dos autores, a ideia de um ideal de cidadania para os autores passa pela escola, por intermédio do seu projeto político-pedagógico que, conseqüentemente, orientará o currículo. Ou seja, ainda que as ações e práticas sejam contrárias ao modelo que, historicamente, levou a Educação Física e os esportes como um de seus elementos para a escola, elas passam, igualmente, por uma instituição do Estado.

Outro elemento que tem sido objeto de preocupação e estudos no âmbito das políticas públicas na área do esporte e do lazer refere-se às questões relacionadas à ‘infraestrutura’. Os megaeventos esportivos ocorridos no Brasil (Jogos Pan-Americanos de 2007, Jogos Militares de 2011, a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016) acentuaram o debate acerca dos possíveis legados em termos de espaço físico, instalações e equipamentos para as práticas esportivas.

Ainda que o debate acerca da infraestrutura no campo do esporte e do lazer não seja recente, no âmbito do Estado, a infraestrutura na área esportiva ocupou espaço na agenda governamental, de modo especial após as confirmações do Brasil como país-sede da Copa do Mundo de Futebol e dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos já ocorridos. Aspectos relacionados a investimentos e melhorias na infraestrutura esportiva no âmbito escolar, por exemplo, foram ações propostas no Caderno Legado Social (BRASIL, 2009b) e no Dossiê de Candidatura (BRASIL, 2009c). De acordo com os referidos documentos, seriam investidos, em projetos e programas governamentais, “mais de 400 milhões de dólares nos próximos oito anos na construção e reformas de quadras, ginásios, campos e outros espaços esportivos [...] [visando] reduzir o déficit de infraestrutura esportiva na rede pública de ensino” (BRASIL, 2009b). Ainda no Caderno Legado Social (BRASIL, 2009b) e no Dossiê de Candidatura (BRASIL, 2009d) foram mencionadas ações referentes à construção, ampliação ou revitalização de espaços para a prática de esportes e exercícios físicos — praças, parques e ciclovias.

Pautada pelo status do esporte e do lazer na Constituição Federal vigente, a I Conferência Nacional do Esporte (CNE)²³, realizada no ano de 2004, teve como objetivo ampliar e qualificar o debate no sentido de propor ações e metas para o fomento e a garantia ao seu acesso por meio da promoção da sua democratização. Essa Conferência apontou para a construção do Sistema Nacional do Esporte e do Lazer²⁴ (SNE), a partir de um conjunto de princípios, diretrizes e objetivos, o qual se propôs a unificar as ações dos atores do segmento do esporte e do lazer em todo o país. Em complemento ao SNE, a 1ª CNE indicou, entre suas propostas de ação, 08 Eixos Temáticos, sendo que no Eixo Temático 02 — “Esporte Educacional” — a proposta visava à

ampliação dos investimentos federais, estaduais e municipais para a construção, restauração, ampliação e conclusão de “infraestrutura” mínima e necessária à prática da atividade física nas escolas e em espaços municipais

²³A Conferência Nacional do Esporte, instituída pelo Decreto Presidencial de 21 de janeiro de 2004, configura-se como um espaço de debate, formulação e deliberação das Políticas Públicas de Esporte e Lazer para o país. Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/conferencianacional/default.jsp>. Acesso em: 22/05/2017.

²⁴O Sistema Nacional do Esporte e do Lazer compreende as esferas de atuação pública e privada e considera a existência de uma ampla rede de gestores, entidades de representação do esporte, do lazer, prestadores, profissionais, atletas e a população atendida.

de áreas urbanas e rurais. Estabelecer uma política de aproveitamento de espaços físicos já existentes nos municípios (p. 18, grifo meu)²⁵.

Já na III Conferência Nacional do Esporte (CNE), realizada em 2010, foram elencadas dez linhas visando à qualificação das políticas públicas para o esporte e o lazer. Entre essas linhas norteadoras, destaca-se a “Linha 9 – Infraestrutura Esportiva”, que contém nove Ações, com suas respectivas metas a serem atingidas:

Ação 1: Construção, reforma e manutenção da infraestrutura esportiva/paradesportiva e de lazer nas instituições públicas de educação básica, técnicas, profissionalizantes e universitárias, garantindo o atendimento das normas e acessibilidade aos equipamentos, respeitando o desenho universal com controle social.

Ação 2: Construção, manutenção, reforma, implementação e modernização dos equipamentos de esporte/paradesportivo, lazer e atividade física nas cidades, dentro dos princípios de acessibilidade, privilegiando o desenho universal, e da sustentabilidade com controle social.

Ação 3: Criação, construção, modernização, implementação e manutenção de centros de treinamento esportivos cobertos e iluminados, dentro dos princípios de acessibilidade e sustentabilidade, respeitando o desenho universal, com controle social.

Ação 4: Implantar uma política de gestão e ocupação de equipamentos esportivos, paradesportivos e de lazer, com acessibilidade e sustentabilidade.

Ação 5: Mapeamento da situação atual da infraestrutura existente para o esporte e lazer no Brasil, a fim de subsidiar políticas de criação de espaços esportivos e de lazer.

Ação 6: Criar e implantar políticas de manutenção de equipamentos e de aquisição de materiais esportivos e de lazer.

Ação 7: Investimento no potencial dos recursos naturais nos municípios brasileiros para a prática dos esportes de aventura, radicais, aquáticos e outras práticas de lazer, levando em consideração o que preceitua a legislação ambiental.

Ação 8: Criação e manutenção de infraestrutura do esporte e lazer em comunidades Rurais, Ribeirinhas, Quilombolas e Indígenas.

²⁵Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/conferencianacional/arquivos/teseFinal.pdf>. Acesso em: 22/05/2017.

Ação 9: Inclusão da sustentabilidade, acessibilidade e manutenção em todos os projetos de construção e reforma de equipamentos esportivos e de lazer²⁶.

Inquietações com questões de infraestrutura também estão presentes na produção acadêmica da Educação Física brasileira em diversos estudos. Entre estes há o de Nascimento (2009), que investigou os espaços públicos e seus respectivos equipamentos urbanos destinados ao lazer na cidade de Florianópolis/SC, com base na análise e nos depoimentos dos jovens, sobre suas compreensões e expectativas de lazer realizadas nas comunidades de Monte Serrat, Alto da Caieira e no bairro dos Ingleses onde habitam.

Outra contribuição é a pesquisa de Hirai (2009) que evidenciou avanços na cidade de São Paulo no que se refere à compreensão acerca da importância do esporte e envolvimento com práticas esportivas, sendo que tal avanço está relacionado ao aumento da quantidade de equipamentos esportivos na cidade, pois, no ano anterior eram “inexistentes os espaços livres públicos adequados ao lazer” (HIRAI, 2009, p. 103). Contudo, a autora identificou desigualdades de acesso, na perspectiva estrutural, ao considerar que equipamentos de “menor porte”, como Ruas de Lazer e Clubes da Comunidade, estão concentrados em regiões habitadas pela população com menor condição socioeconômica, enquanto os “grandes equipamentos”, como parques e centros esportivos estaduais, situam-se em regiões onde a população se apresenta mais favorecida economicamente.

Em sua tese de doutorado, apresentada à UFPR, Castro (2016) se ocupou da investigação acerca da distribuição de recursos das políticas federais do ME durante os processos de planejamento e execução orçamentária, no período de 2004 a 2011. A autora tinha, especialmente, o objetivo de caracterizar o financiamento das políticas do ME no decorrer do ciclo orçamentário ressaltado, direcionando o olhar para os principais programas desse Ministério para o esporte educacional de participação e de rendimento. Assim, destacou que, naquele período, o processo de elaboração da programação orçamentária se constituiu pela soma do Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA), formulado pelo Poder Executivo, privilegiando a alocação de recursos para a promoção de eventos esportivos, e o PLOA, apreciado pelo Poder Legislativo

²⁶ Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/conferencianacional/arquivos/plenariaLinha9.pdf> . Acesso em: 14/05/2017.

que privilegiou a alocação de recursos para investimento em infraestrutura para programas no âmbito do esporte de participação. A partir de quadros orçamentários ilustrativos, a autora evidenciou que na Lei Orçamentária Anual (LOA), de 2004 a 2011, a área do esporte e lazer apresentou significativo crescimento de sua representatividade frente às demais áreas de atuação governamental, o que, supostamente, indicou maior preocupação por parte do poder público com investimentos em políticas esportivas nessa etapa do ciclo orçamentário. Ao olhar especificamente para o programa de rendimento, ‘Brasil no Esporte de Alto Rendimento’, de participação ‘PELC’ e educacional ‘PST’, a autora identificou que, em um primeiro momento do processo orçamentário, o PELC, que possuía o menor orçamento, passou a figurar como o programa com maior volume de recursos na área no período pesquisado. O acréscimo desse volume orçamentário ocorreu a partir de emendas parlamentares²⁷, envolvendo proposições das emendas individuais, acrescidas nas dotações orçamentárias. Ainda que o somatório dos recursos adicionais propostos por essas emendas, naquele período, tenha resultado em alterações na programação orçamentária dos três programas supracitados, no caso do programa Brasil no Esporte de Alto Rendimento, mesmo sofrendo intermitências entre acréscimos e decréscimos, o maior percentual foi destinado a investimentos em ‘infraestrutura esportiva’. Isso equivalia a 83,7% do total acrescido ao programa, com investimentos efetuados especialmente em 2009, 2010 e 2011 na ação “implementação e modernização de infraestrutura para o esporte de alto rendimento” (CASTRO, 2016, p. 92).

Já no PELC, que passou a figurar como o programa de maior volume no ciclo orçamentário, ações voltadas para infraestrutura somaram o maior volume de recursos no PLOA do programa, embora esse conjunto de ações nem sempre tenha sido tomado como prioritário na elaboração da proposta inicial do programa, pois, de 2005 a 2009, ao elaborar o PLOA, o Poder Executivo concentrou os recursos em ações destinadas ao ‘desenvolvimento de atividades esportivas e de lazer’ (CASTRO, 2016). Assim, a implantação e/ou modernização de infraestrutura esportiva de lazer, aliadas ao funcionamento de núcleos de esporte e lazer, foram consideradas as duas principais

²⁷ Castro (2016) destaca, em seu estudo, que, no âmbito do parlamento, são quatro os tipos de emendas feitas pelo PLOA: individual (de autoria de cada Senador ou Deputado), de bancada (emendas coletivas de autoria das bancadas estaduais ou regionais), de comissão (emendas propostas pelas mesas diretoras da Câmara dos Deputados e Senado Federal) e da relatoria (emendas apresentadas pelos parlamentares designados para produzir o parecer geral e setorial sobre o PLOA).

ações do PELC pelo Poder Executivo. E eram responsáveis por 81,8% dos recursos do PLOA, sendo que, de 2009 a 2010, a ação “implantação e modernização de infraestrutura para o esporte recreativo e de lazer” passou de R\$ 3 milhões para R\$ 15 e em 2011, ano em que a proposta do PLOA para o PELC apresentou significativo crescimento, dos R\$ 54,91 milhões acrescidos ao programa, R\$52,49 milhões ficaram concentrados na ação “implantação e modernização de infraestrutura para o esporte recreativo e de lazer”. E esse volume de dotações orçamentárias, majoritariamente para ações em infraestrutura, decorreu de alterações propostas pelo Poder Legislativo, via emendas parlamentares.

Todos os estudos supracitados proporcionam significativas contribuições científicas e sociais à ideia de cidadania. Esses estudos, ao examinarem a infraestrutura, centrando-se no que é possível ser mensurado, como o diagnóstico das instalações, os equipamentos, materiais, espaços destinados às práticas, ou seja, todo um sistema como possibilidade de ampliação do acesso e melhoria das condições para as práticas, logo, sugerem que o investimento em infraestrutura contribuirá importantemente para o exercício da cidadania.

Diante de todos esses aspectos citados, é possível analisar, tanto nos projetos e programas governamentais quanto na bibliografia acadêmica, uma recorrente preocupação com as questões alusivas ora à cidadania, ora à infraestrutura física, em que a infraestrutura, igualmente, é considerada pressuposto para a constituição da cidadania, quando o que está na pauta são as políticas públicas de esporte e de lazer. Contudo, o que há em comum nos projetos e programas governamentais destacados na bibliografia consultada é a compreensão voltada à noção de cidadania, considerando-se a construção de consensos, na qual o Estado se apresenta [ou deveria se apresentar] como principal responsável em assegurar o acesso qualificado a esses direitos, visando à promoção e à garantia do exercício da cidadania. Sob essa perspectiva, a infraestrutura — em relação ao espaço físico, aos seus equipamentos, às instalações e recursos materiais — se apresenta como relevante categoria para o acesso e a garantia qualificada a esses direitos de cidadania. Desta noção, o Estado se considera um pressuposto da cidadania, pois o seu efetivo exercício somente é possível a partir das ações advindas dessa instituição.

As preocupações com infraestrutura e cidadania presentes nos projetos e programas governamentais e na literatura acadêmica, levou-me a problematizar essa

relação que se apresenta como pressuposto do Estado para sua garantia. Para tal, debrucei-me sobre a política pública Praça da Juventude (PJ), programa do Governo Federal implementado em várias cidades do país, que igualmente é pensado a partir da ideia da combinação desses elementos para a garantia de direitos, conforme exponho nas próximas laudas. A partir dessa política pública me propus o desafio de pensar e problematizar esses conceitos (cidadania e infraestrutura) que se apresentam implicados em tais projetos e programas como emblemas do futuro para a projeção de um tipo de cidadão, em uma pesquisa em que apresento narrativas de minhas vivências e experiências no campo de estudos, juntamente com as do “público-alvo” (THOMASSIM, 2010), sobre esse investimento governamental.

A Praça da Juventude (PJ): mais uma política pública que serve

A Praça da Juventude (PJ) é oriunda de um projeto, criado no ano de 2007, concebido pelo ME. Segundo o ME, o objetivo do projeto consiste em “levar equipamento esportivo público e qualificado para a população que pudesse, ao mesmo tempo, tornar-se ponto de encontro e referência para a juventude. Mais do que um espaço físico para a prática de esportes, a PJ é uma área de convivência comunitária onde são realizadas também atividades culturais, de inclusão digital e de lazer para a população de todas as faixas etárias”²⁸ (BRASIL, ME, 2015). Destaca-se ainda, no site do ME, que a PJ se destina às

comunidades situadas em espaços urbanos com reduzido ou nenhum acesso a equipamentos públicos de esporte de lazer que alia saúde, bem-estar e qualidade de vida a atividades socioeducativas diversificadas. Atividades que, além de democratizarem o acesso ao esporte e ao lazer, incentivam a inclusão digital e a produção cultural e científica, constituindo-se em um amplo espaço de convivência comunitária. Na prática [...] oferecerá um novo gás à população, possibilitando que se reconheçam como cidadãos de direitos e deveres no exercício legítimo e diário de sua cidadania (BRASIL, ME, 2013).

A viabilização para a construção das PJ ocorreu mediante convênios firmados entre a União e os municípios interessados em contar com esse espaço público. Para requerer a sua construção, o município interessado devia cadastrar-se no projeto, com proposta no Sistema de Convênios (SICONV), disponível em um site oficial do Governo Federal, com código específico do programa, alusivo ao Esporte e Grandes

²⁸Objetivos. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/secretaria-executiva/praca-da-juventude>. Acesso em: 26/11/2015.

Eventos Esportivos – Implantação e Modernização de Infraestrutura para Esporte Educacional e de Lazer – (CONTRATOS DE REPASSE), e, segundo consta no próprio site governamental, “neste código, é possível o cadastramento de propostas voluntárias (recursos provenientes da programação do Ministério do Esporte) ou de emendas parlamentares consignadas no Orçamento Geral da União – OGU”, e, após, “encaminhamento de ofício dirigido ao Ministro do Esporte no qual deverá constar a descrição do objeto solicitado e o número da proposta gerado pelo SICONV”²⁹.

A implementação do Projeto PJ se consolidou em 2010, em parceria com o MJ, por intermédio do PRONASCI, mediante convênios firmados com os estados da Federação e municípios interessados.

Nesse contexto, o PRONASCI

oferece condições para que as Praças da Juventude possam se consolidar como organizações efetivas e integradas à vida comunitária. Existe uma forte complementariedade entre esses dois programas quanto aos seus objetivos de educar, ressocializar e apoiar jovens em situação de vulnerabilidade social (BRASIL, ME, 2013)³⁰.

Essa citação evidencia as justificativas que possibilitaram a projeção da política pública PJ, em uma ação apoiada em certo número de dados estatísticos, atuando no ordenamento de “comunidades situadas em espaços urbanos com reduzido ou nenhum acesso a equipamentos públicos de esporte de lazer que alia saúde, bem-estar e qualidade de vida a atividades socioeducativas diversificadas”. Nessas comunidades, em “situação de vulnerabilidade social”, “educar, ressocializar e apoiar jovens” são os objetivos a atingir para maximizar as positivities e minimizar os inconvenientes.

Assim, para legitimar a necessidade da construção e consolidação do projeto PJ houve a extensão da parceria com outros ministérios do governo para que o escopo da intervenção social pudesse ser ampliado.

Desse modo,

²⁹É importante ressaltar que as referidas informações com apresentação do Projeto Praça da Juventude, e as orientações para a consolidação do convênio e repasse dos recursos para a construção do espaço público cultural e esportivo até a presente data, tiveram sua última atualização no site do governo em 17 de junho de 2013, ainda no governo Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT). Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/secretaria-executiva/praca-da-juventude/como-participar>. Acesso em: 26/05/2019.

³⁰Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/pre-cadastro/121-ministerio-do-esporte/institucional/secretaria-executiva/programas-e-projetos/praca-da-juventude>. Acesso em: 26/11/2015.

o conceito da Praça da Juventude como espaço não destinado apenas às práticas esportivas e ao condicionamento físico, mas também relacionado a educação, lazer, e recreação, integração social, ressocialização de pessoas, saúde e qualidade de vida, fez com que, em 2010, o Ministério do Esporte se unisse aos Ministérios da Cultura, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, da Justiça, do Planejamento, do Trabalho e Emprego e ao Comitê Gestor do Programa de Inclusão Digital. O objetivo era desenvolver um projeto que integrasse, em um único equipamento, atividades e serviços culturais, práticas esportivas e de lazer, formação e qualificação para o mercado de trabalho, serviços socioassistenciais [...] prevenção à violência e inclusão digital. A parceria interministerial criou, então, o projeto, que passou a integrar a segunda etapa do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC 2), no Eixo Comunidade Cidadã, assim como outros equipamentos sociais de saúde, educação e segurança pública (BRASIL, ME, 2013)³¹.

Além desses aspectos acima mencionados, que respaldam e justificam o projeto de construção e consolidação das PJ, houve a preocupação oficial com as questões relacionadas à ‘infraestrutura’ esportiva, em relação aos espaços físicos, com suas instalações e equipamentos públicos. Conforme o ME,

o Projeto Praça da Juventude abre o placar para uma nova fase na concepção da infraestrutura esportiva. Isso porque, desde a sua criação, em 2003, o Ministério do Esporte vem consolidando e ampliando a sua atuação como principal agente de planejamento, formulação e implementação de políticas públicas para o setor no país (BRASIL, ME, 2013).

Com base nesses aspectos, o projeto PJ apresenta três objetivos prioritários:

- 1) Garantir à população brasileira o acesso gratuito às práticas esportivas;
- 2) Utilizar, sistematicamente, o esporte e o lazer como fatores de melhoria da qualidade de vida e de inclusão social; e
- 3) Introduzir, de forma sistemática e regular, o esporte e o lazer na promoção do desenvolvimento humano em todos os segmentos sociais.

Em sua concepção de ‘infraestrutura’,

cada unidade do Projeto Praça da Juventude prevê a construção de ginásio poliesportivo coberto, cuja infraestrutura completa, conforme Memorial Descritivo³², apresenta-se em módulos divididos em quadra poliesportiva coberta; pista para salto triplo; pista para salto em distância; pista para caminhadas; quadra de vôlei de praia; área de exercícios e alongamento; campo de futebol *society*; pista de skate; teatro de arena com palco; centro de

³¹Informações disponíveis em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/pre-cadastro/121-ministerio-do-esporte/institucional/secretaria-executiva/programas-e-projetos/praca-da-juventude>. Acesso em: 22/05/2018.

³²Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/institucional/secretariaExecutiva/pracaJuventude/memorialDescritivo.jsp>. Acesso em: 23/04/2016.

convivência com salas para ginástica, terceira idade, administração, reuniões, sanitários e outros; quiosque de alimentação; vestiários/sanitários; arquibancadas; bebedouros; grama natural/sintética; sanitários com acesso para pessoas com deficiência; sistema de iluminação específico para cada pista; paisagismo; totem; mastro para bandeiras (BRASIL, ME, 2013).

Entre as cidades já contempladas pelo projeto PJ, está a da cidade de Canoas, RS, inaugurada no dia 22 de novembro de 2014, no Loteamento Pôr-do-Sol, bairro Guajuviras, resultado do conjunto de ações do Projeto Território de Paz do PRONASCI, implementado dentro da estratégia de segurança pública para redução dos índices de violência em locais considerados socialmente vulneráveis, mediante convênio firmado entre o poder público municipal e o Governo Federal por meio do MJ, ainda em 2009, no primeiro mandato do prefeito Jairo Jorge da Silva do Partido dos Trabalhadores (PT)³³. Em Canoas, embora haja fortes justificativas no âmbito do discurso e do simbolismo, com a presença de agentes governamentais, especialmente da segurança pública, na inauguração da PJ, e não conste qualquer registro na placa de inauguração, fixada na parede do prédio administrativo, esse espaço público vincula-se à Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SMCT) da Prefeitura Municipal de Canoas (PMC).

³³Quando a Praça da Juventude foi inaugurada, em novembro de 2014, o prefeito Jairo Jorge da Silva (PT) estava no seu segundo mandato na administração municipal.



Figura 01: placa de inauguração, fixada na parede, ao lado da porta de acesso ao prédio administrativo da PJ.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Nesse contexto, é relevante salientar que, na concepção do projeto PJ, há a orientação de que a gestão do espaço público seja compartilhada, isto é, intersetorial, cabendo ao ente conveniado a gestão e como conduzi-la no âmbito da estrutura organizacional, e também administrar os espaços a partir de suas competências e demandas locais, conforme consta no texto oficial do ME:

A gestão da Praça da Juventude é de responsabilidade do ente conveniado. Cabe à prefeitura ou governo do Estado administrar os espaços a partir de suas competências. No entanto, por meio de experiências nacionais e ibero-americanas de gestão de equipamentos públicos de lazer, identificou-se práticas de gestão de políticas públicas participativas, implantadas e em fase de implementação. Essas práticas são conhecidas como gestão compartilhada. Na Gestão Compartilhada, além da intervenção do Estado, o desenvolvimento humano (humano, social ou sustentável) exige o protagonismo local. Ou seja, a atuação das pessoas que vivem em suas comunidades e que conhecem, como ninguém, cada particularidade, cada necessidade. Com o compromisso e a adesão da comunidade local, as políticas de indução ou contribuição do desenvolvimento têm maior chance de êxito. Por ser participativa, a estratégia de gestão compartilhada contribui para o crescimento do capital humano e social, ampliando as possibilidades

de a população local sentir-se ‘dona’ de seus direitos e deveres, facilitando a conquista da boa governança (BRASIL, ME, 2013)³⁴.

Retomando o projeto implantado em Canoas, a administração municipal projetou e concebeu a construção da PJ, partindo do entendimento tanto do projetado na esfera federal quanto da compreensão da própria administração municipal, à época, a partir das ações do PRONASCI, ou seja, de um paradigma de intervenção urbana, em que governantes e legisladores acabam agenciando políticas na área da cultura e do esporte, tendo como mote a segurança pública que perspectiva a redução das relações de violência, aumento da sensação de segurança e “exercício legítimo e diário de sua cidadania”, em um espaço considerado vulnerável a problemáticas sociais.

A reportagem extraída do site oficial da PMC, no dia da inauguração da PJ, condensa o horizonte, a qual, por intermédio do esporte, cultura e lazer, transmite um significado oposto ao da violência e outras vulnerabilidades:



VOCÊ ESTÁ NAVEGANDO NO ANTIGO PORTAL DA PREFEITURA | [ACESSE O NOVO PORTAL](#)

Você está em: [Inicial](#)>[Notícias](#)>Praça da Juventude se chamará Centro Cultural e Esportivo Néelson Mandela

22/11/2014 15:31
Praça da Juventude se chamará Centro Cultural e Esportivo Néelson Mandela

Tony Capellão



³⁴As referidas informações até a presente data tiveram sua última atualização no site do governo em 17 de junho de 2013, ainda no governo Dilma Rousseff do PT. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/secretaria-executiva/praca-da-juventude/gestao-compartilhada>. Acesso em: 26/05/2019.

Após a inauguração, prefeito Jairo Jorge e convidados visitaram a estrutura oferecida na praça

[mais fotos](#)

A primeira Praça da Juventude Canoas, localizada na Rua 8, Macroquartirão 6, no Bairro Guajuviras, Quadrante Nordeste, foi entregue à comunidade na manhã deste sábado (22), na 226ª edição do Prefeitura na Rua, realizada no local. Na ocasião, o prefeito Jairo Jorge anunciou que a praça, que ocupa uma área de aproximadamente sete mil metros quadrados, vai se chamar Centro Cultural e Esportivo Néelson Mandela, em homenagem ao ex-presidente da África do Sul, falecido em 2013, que lutou contra a segregação racial e recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 1993.

Parceria nos investimentos

Jairo Jorge citou a implantação do Território de Paz Guajuviras, em outubro de 2009, quando o bairro era chamado de "Bagdá do Rio Grande do Sul", pois registrava uma média de 70 homicídios por 100 mil habitantes. O prefeito ressaltou que a utilização da tecnologia nos serviços de segurança, os projetos sociais e o Policiamento Comunitário conseguiram reduzir os índices de violência na região e poupar muitas vidas. Ele também agradeceu pela parceria do ex-presidente Lula, da presidenta Dilma Roussef e do governador Tarso Genro, já que a praça teve R\$ 1,6 milhão de investimentos federais, R\$ 1,4 milhão de recursos do Estado e R\$ 1,4 milhão do Município.

Comunidade ativa

O prefeito pediu à comunidade que seja ativa e participe dos eventos que serão promovidos no espaço pelas secretarias municipais de Cultura e de Esporte e Lazer e pela Coordenaria da Juventude e ajude a preservar as instalações, pois "o que é público deve ser cuidado por todos". A disposição de ajudar a manter a praça foi manifestada pelo aposentado Algaí Nunes Mendes, 70 anos, que mora no Guajuviras há 29. "Esse é um lugar para o bem da comunidade, um grande presente que ganhamos e temos que manter", afirmou. Disse, ainda, que o neto de 12 anos vai aproveitar muito a nova praça.

.....

.....
Para o secretário estadual de Segurança Pública, Aírton Michels, que prestigiou a solenidade, as ações inovadoras transformaram Canoas, definitivamente, nos últimos seis anos e a segurança foi estratégica nessa mudança.

Participaram da inauguração a vice-prefeita Beth Colombo; a secretária estadual de Justiça e Direitos Humanos, Jussara Dutra Vieira; o subprefeito do Quadrante Nordeste, Júlio Barbosa; os secretários municipais da Segurança Pública e Cidadania, Adriano Klafke, e da Cultura, Luciano Alabarse; o deputado estadual Nelsinho Metalúrgico e o vereador Dario da Silveira, representando a Câmara, além do secretário estadual de Segurança Pública, Aírton Michels, representando o governador Tarso Genro, e do prefeito Jairo Jorge.

Estrutura

Após o descerramento da placa, os convidados acompanharam o prefeito em uma visita aos equipamentos da praça, que oferece quadra poliesportiva coberta, campo de futebol, quadra de vôlei de praia, pista de caminhada, pista de skate, pista para salto, sala de ginástica, anfiteatro, telecentro, centro de convivência e cozinha comunitária, entre outros equipamentos. Terá, ainda, uma biblioteca.

Atendimentos à população

O Prefeitura na Rua realizou 85 atendimentos na 226ª edição e, durante todo o dia, ocorreram serviços, atividades artísticas e culturais na Praça da Juventude.

Projetos do Território de Paz Guajuviras

Casa das Juventudes - Oferece oficinas voltadas ao trabalho, à inclusão digital, à arte e à cultura a jovens entre 12 e 29 anos, especialmente egressos do sistema prisional e/ou cumprindo medidas socioeducativas. Cerca 1,5 mil atendimentos são feitos mensalmente na Casa, incluindo diferentes oficinas, encaminhamentos para a rede municipal e utilização do estúdio popular de música e o telecentro.

Protejo - Projeto oferecido na Casa das Juventudes, focado na formação da cidadania de jovens, por meio

de atividades culturais, esportivas e educacionais, que resgatem sua autoestima e permitam que eles disseminem uma cultura de paz em suas comunidades.

Agência da Boa Notícia Guajuviras - Capacita jovens entre 12 e 24 anos, em comunicação social cidadã, com aulas de fotografia, vídeo, rádio, TV e redação para atuarem na divulgação das boas ações do bairro. A ABNG foi reconhecida com o prêmio Direitos Humanos 2011, da Secretaria Nacional de Direitos Humanos da Presidência da República.

Mulheres da Paz - Proporciona capacitação de mulheres para que atuem como agentes de enfrentamento à violência contra mulheres e promoção de direitos.

Justiça Comunitária - Realiza a mediação comunitária de conflitos, construindo uma cultura de paz e capacitando agentes comunitários.

SerH - Projeto voltado a homens que cometeram violência contra mulheres, construindo a responsabilização e a educação deles.
Guarda Comunitária - A Guarda Municipal atua no atendimento preventivo, mantendo a aproximação com os moradores locais.

Polícia Comunitária - Em parceria com a Brigada Militar, 11 Núcleos de Policiamento trabalham de forma próxima à comunidade.

Crédito da notícia: Jornalista Eloá da Rosa e Rosilaine Pinheiro

Fonte: <http://oldsite.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/id/119551>

A reportagem seguinte, publicada no mesmo dia, complementa tanto as expectativas anunciadas pelos setores do governo e artistas quanto as das pessoas que habitam a região onde a PJ está localizada.



**PREFEITURA DE
CANOAS**

VOCÊ ESTÁ NAVEGANDO NO ANTIGO PORTAL DA PREFEITURA | [ACESSE O NOVO PORTAL](#)

Você está em: [Inicial](#)>[Notícias](#)>Serviços, cultura e esportes na Praça da Juventude

22/11/2014 22:12

Serviços, cultura e esportes na Praça da Juventude

Ireno Jardim Mtr. 5963



[mais fotos](#)

A Praça da Juventude Guajuviras, inaugurada na manhã de sábado (22) recebeu pessoas de todas as idades, durante todo o dia, que foram conhecer a estrutura do local, buscar serviços e participar das atividades oferecidas. Pela manhã, foram prestados os atendimentos do Prefeitura na Rua. À tarde, prosseguiram os serviços como CRAS Móvel, distribuição de mudas, mutirão para confecção de documentos pelo Instituto-Geral de Perícias, RS na Paz, como Sine e isenção da segunda via da carteira de identidade, Centro Integrado Móvel de Segurança, Procon e apresentação dos projetos sociais do Território de Paz Guajuviras.

Cultura, esporte e lazer

A pista de skate da Praça da Juventude, que vai se chamar Centro Cultural e Esportivo Néelson Mandela, foi um dos locais com maior movimentação na tarde de sábado. Skatistas experientes e iniciantes se revezavam nas manobras, acompanhadas atentamente por dezenas de visitantes.

O skatista Nílson Jesus de Campos, 25 anos, segundo no Circuito Gaúcho e terceiro no Circuito da Serra, comemorou o novo espaço para a prática do esporte. Morador do Bairro Mato Grande, onde treina na rua, ele considera que a construção de pistas adequadas, como da Praça da Juventude, o esporte, que já tem muitos praticantes, vai evoluir ainda mais na cidade.

As crianças tiveram a oportunidade de ler, incentivadas pelos Mediadores de Leitura, projeto da Secretaria Municipal de Cultura, assistiram ao Teatro de Fantoches da Guarda Municipal pela manhã, divertiram-se nos brinquedos infláveis e receberam lanche. Também houve rodas de capoeira, apresentações de dança e de Hapkido, além de atividades do programa Atleta Cidadão do Futuro.

Shows

A programação da tarde encerrou-se com apresentações do grupo Os Cartolas, o rap de Grazi Liz e D'Play Adriano e do hip hop do grupo Rafuagi, que nasceu em Esteio e completa dez anos em 2014. O MC Rafa convidou a todos para que curtam e cuidem da nova praça e usou a música para valorizar a cultura da paz.

Crédito da notícia: Jornalista Eloá da Rosa - MTE 5090

Fonte: <http://oldsite.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/id/119552>

Diante do exposto, para o governo canoense, “a Praça da Juventude é um espaço voltado à prevenção de violências contra jovens, oferecendo locais adequados para a prática do esporte e exercícios do lazer e da cidadania, com oficinas e intervenções de fortalecimento do convívio comunitário”.³⁵

A imagem presente no mesmo link do excerto supracitado da PMC reafirma as condições em que a PJ foi construída no bairro Guajuviras.

³⁵Justificativa disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/praca-das-juventudes/>. Acesso em: 30/04/2019.

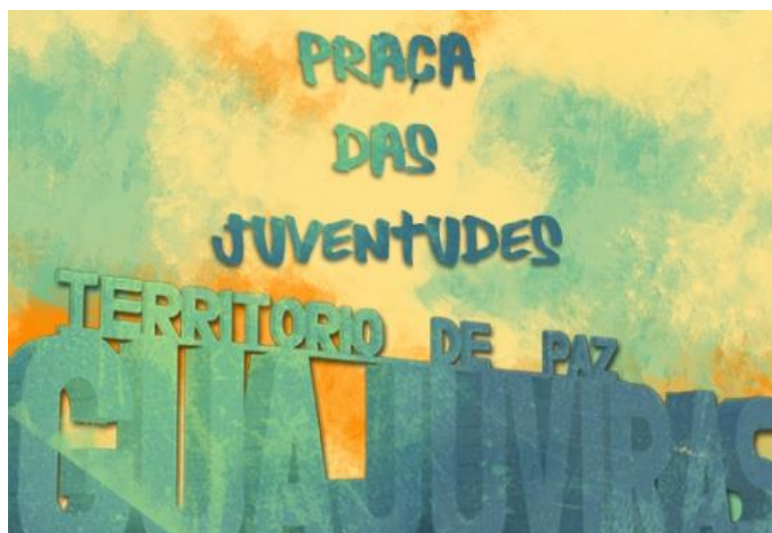


Figura 02: Imagem disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/praca-das-juventudes/>. Acesso em: 30/04/2019.

No cenário apresentado é possível perceber um arranjo interessante: de um lado há um discurso de violência muito forte, que se manifesta nas diferentes realidades, e de um bairro atravessado pelo tema da violência; e, de outro, uma ‘salvação’ para todos os males: as atividades culturais, o esporte e o lazer para o exercício da cidadania. Com base nesse cenário, tenho a pretensão — a partir das condições em que se projeta, é construída e “entregue à comunidade na manhã deste sábado (22), na 226ª edição do ‘Prefeitura na Rua’”³⁶ a PJ no bairro Guajuviras — de problematizar o paradigma da intervenção urbana na constituição e garantia dos direitos de cidadania. No entanto, cabe salientar que não é apenas uma prática discursiva do social, mas os projetos e programas sociais de esporte, lazer e culturais, em sua maioria, são ‘vendidos’ a partir desse pressuposto. Por isso é frequente encontrar e ler nas notícias veiculadas que esses projetos visam “possibilitar” o acesso ao esporte, à cultura e ao lazer para “tirar” das ruas as “crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social”, e que o esporte, o lazer e a cultura articulam-se com os temas da violência, da segurança pública e do convívio comunitário.

Nesse contexto, os projetos e programas na área esportiva e do lazer podem ser considerados ações que atuam no investimento em infraestrutura no contexto da formação de um ideal de cidadania ou ausência desta, direcionadas a grupos e/ou populações, e que transformam um direito fundamental em tecnologia de governo;

³⁶Fragmento do discurso disponível em: <http://oldsite.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/id/119551>. Acesso em: 13/12/2018.

ações elaboradas em concepções de como as pessoas são e a partir de quais estratégias deve-se agir sobre elas. Nesse cenário, é viável dizer que, nesse investimento, a segurança arquiteta um espaço, cria ambientes a partir das virtualidades, ou seja, dos acontecimentos ou da eminência do que pode acontecer.

CAPÍTULO 2

A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

As ideias foucaultianas foram fundamentais para as preocupações acerca das políticas de esporte e de lazer no curso de mestrado, todavia, o contido nos próximos capítulos é a descrição de uma pesquisa empírica, menos relacionada a um conjunto de conceitos que tenta explicar uma realidade social, e mais relacionada a uma “antropologia da prática” (FONSECA, 2010) que compõe realidades em determinado contexto histórico e social, no caso, a PJ — projeto de redução da violência e constituição de um tipo específico de cidadão — também localizada no bairro Guajuviras, em Canoas/RS.

Se, no estudo de mestrado, o objetivo era o de discorrer sobre os projetos e programas de esporte e de lazer numa perspectiva foucaultiana, o estudo que se inicia agora atenta para as práticas das pessoas nas suas relações com as tecnologias de governo, mesmo não tendo representado o objetivo inicial desta Tese de doutorado. Trata-se de um achado no decorrer das observações e vivências no campo. Assim, durante alguns meses, notei que, em suas ações, os grupos que frequentavam e trabalhavam na PJ estavam significativamente implicados com a estrutura física do local onde realizavam suas práticas; com as descontinuidades das ações do governo, e — pela circulação de algumas dessas pessoas e grupos em outros espaços — com outros grupos de interesse.

O que passei a observar e vivenciar lançou meu foco na seguinte direção: apesar de toda a ampla estrutura de prédio e espaços, a PJ, que se propunha a mediar conflitos, minorar as relações de violência e contribuir para a ampliação da cidadania, com oficinas de “fortalecimento do convívio comunitário”, parecia não dar garantias do que havia prometido.

No que tange aos recursos humanos, muitos exemplos podem ser mencionados: as oficinas de futsal previstas passaram por sucessivas descontinuidades, provocadas pela ausência de estagiários de Educação Física que ora eram deslocados para outros centros esportivos, ora se afastavam por causa da não renovação dos seus contratos, aliada à falta de celeridade em nova contratação; o mesmo ocorreu com as aulas de zumba, também ofertadas pela PMC duas vezes por semana, que não tiveram continuidade, após seis meses de atuação, devido ao encerramento do contrato de

estágio com a estagiária, aliado a sua não renovação e a não contratação de outra estagiária ou outro estagiário.

No que se refere aos materiais necessários para o trabalho proposto, também não havia garantias: em uma das minhas observações, a estagiária ministrava aulas de futsal com bolas de handebol³⁷; as aulas de lutas, lecionadas por um professor voluntário, não tiveram continuidade, pois os tatames - retirados da sala de lutas por agentes da prefeitura para cobrir um evento em outro bairro da cidade - jamais foram devolvidos; crianças e jovens eram vistos, com frequência, praticando futsal/futebol com o que os próprios denominavam “bexigas véias”, ou com uma bola de voleibol murcha, como constatei em outra das minhas observações³⁸, pois não havia bolas disponíveis nas dependências do prédio administrativo, salvo quando eram compradas com recursos próprios da gestora ou oriundas de doações.

Observei que a estrutura física da praça também se encontrava em ruínas, podendo ser demonstrada com vários exemplos: a quadra poliesportiva estava sem iluminação há meses; uma das goleiras da quadra estava quebrada, mantendo-se em uso por ter sido amarrada com arames pelos jovens, com a ajuda do guarda que realizava a segurança patrimonial; os bebedouros não funcionavam; os vestiários continham infiltrações e mofos. No prédio administrativo, onde há as salas multiuso, o forro do teto estava caindo; um dos banheiros estava desativado devido ao encanamento quebrado, e pequenos reparos — limpeza interna, troca de lâmpadas, luminárias, vidros quebrados, etc. — não têm garantia de solução pela PMC, embora a gestora local constantemente peça e cobre providências da SMCT, pasta à qual a PJ está vinculada na PMC. O campo de futebol, bastante utilizado pelos jovens locais, apesar de suas más condições, não possuía gramado em quase toda a sua extensão; em dias de chuva o piso de chão batido e esburacado recobria-se de poças de água; nas goleiras não havia redes; e a iluminação, com funcionamento parcial no início desta pesquisa, ao final dela já não funcionava da mesma forma.

Apesar de todas essas dificuldades sinalizadas, pode estar ocorrendo algo para além dos desinvestimentos, ruínas e abandono, o que é perceptível ao se observar que os jovens, entre outros grupos de usuários, ainda assim, utilizam regularmente a PJ. Como isso acontece? É o que tentarei mostrar nos capítulos dos resultados.

³⁷Recordações de campo.

³⁸Recordações de campo.

Diante de todos esses aspectos emerge a contribuição da presente Tese que é a análise das práticas e manipulação do espaço constituído em função dos interesses e ações dos frequentadores a partir de acontecimentos e condições estabelecidas. Assim, a perspectiva é evidenciar as pessoas que vivem o espaço e delimitar um campo de operações comuns com suas ações para experienciá-lo. Sob esse ângulo, três indagações passaram a guiar meus afazeres de pesquisa: **a)** como o Estado, que é compreendido e se apresenta pressuposto à cidadania, pratica suas projeções do espaço urbano? **b)** o que se faz, no âmbito de uma política pública e com a política pública PJ, do que é projetado e especificado pelos domínios da ação estatal para a garantia e ampliação da cidadania advinda das práticas das pessoas que lá habitam, frequentam e trabalham? **c)** de que cidadania se está falando e pode-se falar?

As respostas a essas perguntas foram desenvolvidas em diálogo com as teorias de Bruno Latour (2000, 2012, 2015) acerca da “sociologia das associações”, constituídas na relação humanos e objetos que passam a ser compreendidos com semelhantes possibilidades diante das interações que estabelecem nas redes que integram, isso aliado à noção de mediadores, ou seja, pessoas que trabalham com e na rede, transformando, traduzindo e modificando os elementos que transportam; com as ideias de “ações táticas”, tema recorrente nos estudos de Michel De Certeau (2018), e a noção de “pessoas como infraestrutura”, forjada por Abdou Maliq Simone (2004), o que desembocará numa ação ‘cidadã’ por parte das pessoas, pois envolveu um período longo de convivência a partir do método etnográfico, quando pude ver e vivenciar conexões inseparáveis entre pessoas, suas práticas e objetos — de modo especial, a estrutura física do espaço — que se abre em uma multiplicidade de relações, em que sempre é possível fazer algo diferente no âmbito das condições estabelecidas do espaço projetado inicialmente como destino funcional e de previsibilidade.

Na construção textual a seguir não tenho a pretensão última de traduzir a cultura do outro, mas de retratar como as experiências e práticas comuns produzem um espaço singular para avançar nas reflexões sobre a ideia vigente de cidadania e infraestrutura a partir dos “não ditos do local” (FONSECA, 2010). Nesse local, o Estado é compreendido, é apresentado e se apresenta provedor tanto da garantia da urbanização dos espaços quanto da ampliação e do exercício pleno da cidadania, a partir da projeção, implementação e execução de uma política pública (especificamente de esporte e lazer) como paradigma de intervenção urbana.

No decorrer deste estudo descrevo em cada um dos capítulos subsequentes o percurso de minha aceitação ou consentimento nos diversos grupos de usuários da PJ; meu posterior momento de imersão profunda junto às pessoas e aos grupos no campo de estudo e as práticas em atividade dessas pessoas e grupos de usuários e trabalhadores, suas experiências, seus arranjos cotidianos, iniciativas, adaptações e transformações do espaço construído nos interstícios das ações estratégicas e suas condições de restrições.

CAPÍTULO 3

A METODOLOGIA, A EXPERIÊNCIA SOCIOANTROPOLÓGICA E A BASE TEÓRICA

3.1 A etnografia como metodologia e a experiência socioantropológica

A opção metodológica do presente estudo inscreve-se no espectro das etnografias (MALINOWSKI, 1978; GEERTZ; 1989; 2001; 2006; VACQUANT, 2002; FONSECA, 2004; 2010; MAGNANI, 1998, 2005; ROCHA; ECKERT, 2013). A pesquisa etnográfica atual tem mobilizado pesquisadores a buscar compreender o modo com que indivíduos e grupos se organizam e os pontos entre os quais se desenrola uma ação a partir de suas práticas cotidianas. A etnografia possibilita analisar as condutas humanas, estabelecer relações com a convivência profunda e mais ou menos prolongada do pesquisador ou pesquisadora com o/s grupo/s de convivência, um estreitamento das relações e um compartilhamento dos modos de se significar no mundo dos sujeitos da pesquisa. As técnicas básicas de pesquisa, a ‘observação participante’ – inserção e envolvimento do pesquisador nas atividades dos grupos pesquisados articulados com a observação sistemática, conversas informais e formais – e o ‘diário de campo’, o qual consiste no relato pessoal das impressões e da vivência do pesquisador no cotidiano estudado, possibilitam significativa vivência e experiência socioantropológica que trata das sociabilidades em situações concretas ao descrever as práticas cotidianas a partir do que se observa e se vivencia. Assim, “dos dados coletados, forma-se o conhecimento antropológico” (ROCHA e ECKERT, 2013, p. 54).

No campo das ciências do esporte e da Educação Física, as etnografias de: Stigger (2000); Mariante Neto (2010); Thomassim (2010); Myskiw (2012); Lazzari (2013); Zambelli (2014); Forell (2014); Silveira (2016) e Pacheco (2012; 2017), do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS) se destacam. Isto porque direcionam sua atenção para o modo com que as pessoas e/ou grupos organizam e vivenciam suas maneiras de experienciar os esportes e demais práticas corporais na dimensão de suas práticas cotidianas. Das referidas pesquisas, vale citar, particularmente, as de Thomassim (2010); Lazzari,

(2013) e Forell (2014) que estudam as práticas de grupos no âmbito das políticas públicas de esporte e de lazer.

Em seu estudo, Thomassim (2010) teve como objetivo “compreender o lugar que a participação das crianças nos projetos sociais esportivos ocupa na vida dessas mesmas crianças” (2010, p. 20). Ao identificar uma “superoferta” de projetos e programas sociais de esporte no bairro Bom Jesus, em Porto Alegre/RS, sustentada na sua suposta utilidade social para os grupos considerados e desenhados a partir de suas carências e ausências de valores, ou seja, reduzidos à esfera utilitária, o autor se propôs a analisar a dimensão do significado das práticas de esportes para esse “público-alvo” (THOMASSIM, 2010).

Análogo ao estudo supracitado, Lazzari (2013), em sua pesquisa, se propôs a identificar o modo com que, no cotidiano do projeto Em cada Campo uma Escolinha (ECCE), vinculado à extinta Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer (SME) de Porto Alegre/RS, se articulavam e se imbricavam as expectativas, os interesses e crenças dos professores coordenadores e orientadores das atividades e das próprias crianças e jovens, público dessas ações, em suas relações com a existência e manutenção do projeto na agenda da política pública municipal, e o lugar das crianças e do futebol nas articulações no âmbito do projeto.

Já Forell (2014), em sua pesquisa, debruçou-se sobre os processos de implementação e gestão de política pública de esporte e de lazer no Parque Ararigóia, também em Porto Alegre, RS, sob a perspectiva da participação dos usuários do espaço público. Ao redimensionar a noção de gestão, Forell (2014, p. 20) estudou “a participação das pessoas do parque nos processos de gestão”. Ao entender a participação como envolvimento, algo colaborativo nas diversas esferas de atuação — desde a participação nas grandes políticas de dimensão mais institucional às reuniões informais, no intervalo das aulas, durante o almoço entre os usuários —, considerou fundamentais as práticas cotidianas para a gestão do parque. Nessa perspectiva, a especial contribuição do autor foi seu investimento em estudar os interstícios da política, considerando as práticas dos frequentadores/usuários do espaço público.

Para Forell (2014), uma pesquisa etnográfica seria um estudo que poderia ser compreendido na lógica de pesquisas “‘na’ política”, pois “o lócus do estudo não é o objeto, é no espaço. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam nas aldeias” (GEERTZ, 1989, p. 32). A questão é que,

novamente, de acordo com Forell (2014), a política não está restrita ao espaço social, pois é também um objeto de estudo à medida que etnografias que tematizam políticas são constituídas como um híbrido entre o “na” e “da” política (FORELL, 2014). No caso específico, penso que minha experiência socioantropológica se apresenta como um trabalho híbrido à medida que, ao observar e vivenciar as práticas dos diversos grupos, em um espaço público projetado e destinado “a guiar, dirigir, orientar, capacitar e regular os sujeitos, populações e problemáticas” (FONSECA *et al.*, 2016, p. 10), na qual há indícios de categorias estatísticas usadas para objetivação das estruturas sociais, não há como não evidenciar as projeções e ações prometidas que embasaram e justificaram a construção da PJ e as relações dos frequentadores/usuários com essa política pública. Logo, há um viés de “avaliação”. É também um estudo “na” política pública, pois é no espaço/local onde foi implementada. É, especialmente, uma pesquisa sobre “as” políticas à medida que atenta para as articulações, ações táticas, ou seja, para as práticas das pessoas comuns no espaço inicialmente projetado. Desse modo, semelhante ao meu estudo de mestrado, a escolha recaiu novamente em uma pesquisa etnográfica, considerando que por meio dela poderia compreender outras dinâmicas atuais que os grupos do bairro Guajuviras, de modo especial os jovens, estão experienciando.

Os meses iniciais de minhas andanças no campo foram difíceis em relação às experiências etnográficas anteriores realizadas em 2007³⁹, 2008⁴⁰ e de 2009 a 2012⁴¹. Minha expectativa reticente de facilmente criar vínculos, ser, de pronto, aceito nos grupos, devia-se ao meu retorno ao bairro carregado das experiências e sólidos vínculos criados nas duas passagens anteriores, pois, eram setores, ruas e pessoas que eu já

³⁹Estudo realizado para trabalho de conclusão de curso de graduação (TCC) na Região da Grande Mathias Velho – Vila Cerne, Porto Belo e Cinco Colônias - acerca das atividades culturais e esportivas de lazer e educacionais na região e as estratégias de uma escola pública da região para minorar as relações de violência, intitulado “**Um bom Lugar se Constrói com Humildade:** aspectos socioantropológicos entre Violência e Educação” (ROSA, C.N. 2007), sob a orientação do professor José Geraldo Soares Damico.

⁴⁰Etnografia realizada durante oito meses na Praça da Brigada, localizada na avenida 17 de Abril, no bairro Guajuviras, quando, instigado pelos resultados da Pesquisa - *survey* - Mapa do Lazer Juvenil, no qual atuei como bolsista de Iniciação Científica, desenvolvi a pesquisa com o objetivo de estudar os modos de ocupação da praça pelos habitantes, em especial as formas de sociabilidades por intermédio das práticas culturais e esportivas de lazer dos jovens. Essa etnografia foi parte de um estudo mais amplo de pesquisas simultâneas em espaços públicos nos municípios de Canoas, São Leopoldo e Santa Maria/RS, em parceria entre as universidades ULBRA/Canoas, UNISINOS e UFSM. O referido estudo resultou na publicação de artigos e fez parte do material de um vídeo etnográfico sobre a utilização dos espaços públicos denominados **Praça Pública** (GASTALDO *et al.*, 2008).

⁴¹Dissertação de Mestrado, defendida em 2012, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNISINOS, sob a orientação do professor Carlos A. Gadea, adaptada e publicada em formato de livro no ano de 2016 pela Editora Appris, intitulado **Esportes, Lazer e Vigilância:** entre discursos e segurança pública (ROSA; GADEA, 2016).

conhecia. No entanto, defrontei-me com um cenário em que os jovens já não eram mais os mesmos — as demais pessoas com quem mantinha relações não residiam na região do bairro onde a PJ está localizada — e percebi que eu já não estava mais tão ‘ousado’ quanto em anos anteriores. Mais cauteloso, e atento à desconfiança de parcela dos jovens sobre minha presença na praça nas semanas iniciais, o estreitamento e a consolidação dos vínculos ocorreu paulatinamente, com o auxílio do guarda Subversio que, significativamente, era considerado e gozava do respeito dos jovens. Com o passar do tempo, com minhas idas e vindas ao campo de estudos, fui, aos poucos, aliando as observações às interações com alguns jovens; passei a receber convites para jogar futsal com o grupo; fui apelidado por alguns dos jovens de “Pixote”⁴² e outros se dirigiam a mim como “negão”. Para Fonseca (1999, p. 64), na pesquisa etnográfica “quando nossos ‘nativos’ começam finalmente a sentir-se em casa com nossa presença, zombam de nós e até nos ignoram, aí passamos além dos diálogos”.

O diário de campo, contendo as observações do dia-a-dia, após cada observação, foi o recurso com o qual pude, ao longo do presente estudo, tomar notas, relê-las e, assim, perceber práticas que indicavam questões alusivas à cidadania que não necessariamente correspondem à compreendida, almejada e prometida pelas políticas públicas. Cabe ressaltar que, no sentido de agregar informações, foram realizados grupos focais com um grupo de jovens que praticava futebol e futsal na PJ. Outras informações foram colhidas em entrevistas individuais com: a gestora; um dos guardas da praça; membros do Grupo Teatro, Ideia e Ação (TIA); um obreiro e um evangelista de uma igreja do bairro, que são os idealizadores e gerenciam um projeto de futebol nomeado Projeto Time de Cristo (TDC), que acontece aos sábados no campo de futebol da praça.

Ao longo desse período de convívio com as pessoas do bairro que frequentavam a praça, conheci tantas outras, e com algumas delas firmei grande amizade. Posso dizer que foram três anos e três meses em que, apesar das dificuldades de aproximação e constituição de vínculos nos meses iniciais, nos subsequentes (até hoje), passei a sentir-me muito à vontade, pois, com a paulatina aceitação dos grupos passei a frequentar com mais assiduidade a praça, e não raras vezes passava o dia lá, às

⁴²O referido apelido é em alusão ao vocalista Douglas Fernando Monteiro [Dodô] da banda paulista de pagode Pixote, com o qual os jovens me identificavam por causa da aparente semelhança física.

vezes até o anoitecer, finais de semana, jogando futsal/futebol com os jovens ou acompanhando outras práticas culturais e de lazer de outros grupos.

Além do mais, o estreitamento de relações, a consolidação de algumas amizades e a confiança depositada em mim pelos frequentadores da praça permitiram que eu pudesse acompanhá-los, não somente durante suas práticas nesse espaço público, mas, sobretudo, acompanhar parcela desses frequentadores em atividades em outros bairros da cidade, participando de jogos de futebol amistosos, campeonatos municipais, torneios com o grupo Praça Futsal/Futebol Clube (Praça F.C) e do grupo TDC, vivenciar com os jovens as suas relações tensas e inquietações com o fenômeno da violência na região que habitam, suas buscas e envolvimento com o trabalho [bicos que realizam para a obtenção de algum dinheiro para seu próprio sustento e de seus familiares], suas relações com a escola. Assim, pude compartilhar de seus interesses, expectativas, sonhos, alegrias, medos, conflitos. Acompanhei algumas perdas, ou seja, de jovens frequentadores da praça que foram assassinados, e de alegrias, como o nascimento da filha de outro dos jovens frequentadores que joga futebol.

Após diversas manifestações de aceitação de minha presença; de determinado deslocamento da posição de “outsider” para “estabelecido” (ELIAS; SCOTSON, 2000), pude, assim como fez Loïc Wacquant (2002) em uma academia de boxe do gueto negro de Chicago, nos Estados Unidos, abandonar as exigências e formalidades do campo. Acredito que essa condição se viabilizou, sobretudo, pelo fato de eu estar regularmente na praça, e, com certa frequência, praticar futebol com os jovens, acompanhá-los e até mesmo, às vezes, transportá-los em meu veículo para partidas amistosas, campeonatos e torneios em outros bairros da cidade; auxiliar na organização de jogos e torneios internos [na quadra poliesportiva ou no campo de futebol da praça], realizando arbitragem [ainda que não raras vezes eu fosse uma simples figura decorativa arbitrando os jogos]; colaborar com a organização dos lanches após os torneios internos [refrigerantes, água, pães e misturas para os pães]; colaborar, eventualmente, com a realização de pequenos reparos, manutenção e recuperação de espaços e equipamentos acessórios da praça — pintura das goleiras, aterro de buracos do campo de futebol e limpeza dos espaços. Todos esses aspectos citados valeram-me a aproximação e a consolidação de vínculos com os grupos e a consequente vivência profunda no campo.

Desse modo, aos poucos, descrevi as relações de amizade, medos, o lugar do Estado, mais especificamente o PMC, nesse cenário, pensando com frequência a partir

da minha história, do meu lugar, de minha trajetória, de tudo que vi, vivenciei e vivencio, ao mesmo tempo em que pude entrar na vida de muitas daquelas pessoas, ser guiado por parcela delas. Ainda que não seja de forma linear, posso dizer que minha condição, também de origem socioeconômica pobre, ou seja, análoga à parcela significativa das pessoas que lá habitam, foi, em certa medida, um facilitador ou redutor das dificuldades que tive nessa terceira passagem pelo bairro, ainda que essa nova situação, agora como professor da educação básica, professor universitário e estudante de doutorado, estabelecesse um lugar de distinção de certo valor, como alguém que pudesse um dia gerar mudanças.

A experiência etnográfica na PJ, como já salientado, alterou meu foco de análise, diante de tudo o que pude observar e vivenciar com as pessoas, desde o Estado que se apresenta provedor da cidadania a partir da projeção, discursos políticos e implementação do espaço público, com ampla estrutura física destinada às diversas práticas; aos desinvestimentos, às descontinuidades de ações e projetos; ao abandono no tocante à manutenção, consertos e revitalização da estrutura física. Nesse cenário, porém, pude perceber que acontece algo além do declínio do espaço: esta Tese, então, gira em torno da noção de “pessoas como infraestrutura” (SIMONE, 2004), e enfatiza a colaboração e arranjos dos usuários *a priori* vulneráveis, logo, é imperativo serem investidos de cidadania. Proponho problematizar a ideia vigente de cidadania, a partir dessa noção ampliada de infraestrutura, a fim de englobar diretamente as atividades das pessoas, com seus interesses, iniciativas e adaptações do espaço público e em outros espaços da cidade implicados nas suas práticas, em um cenário de precarização e abandono institucional.

Para lançar o olhar nesta perspectiva, articulei a experiência etnográfica com as leituras das teorias dos autores já anunciados no Capítulo 2 desta Tese. Assim, a tese que busco sustentar neste estudo se desenvolveu no âmbito desse programa de intervenção urbana/social – a PJ - para articulá-la a partir das práticas e arranjos cotidianos que fui observando e vivendo com as pessoas e grupos que ali trabalhavam e frequentavam o local.

3.2 Bases teóricas para esse novo olhar

Diferente das experiências anteriores, outras “regras metodológicas” passaram a agregar minha forma de fazer a presente etnografia, pois além de observar e conviver

com as pessoas e grupos de pessoas, o meu olhar deslocou-se também para as condições da estrutura física do espaço urbano. O arcabouço teórico que orienta a presente Tese vem se delineando no campo da Antropologia Social, a qual combina insights teóricos tanto da escola ator-rede (LATOUR, 2012; 2013) quanto das tecnologias de governo, em que “a ideia de tecnologias de governo conclama as pesquisas etnográficas a compreender a ‘conduta sobre a conduta’ [...]” (FONSECA et al, 2016, p. 12). A interlocução com esses estudos desacomodou preceitos teóricos com os quais até então havia me ocupado para pensar e problematizar as políticas públicas de esporte e lazer em estudos anteriores.

Nesses estudos anteriores, minha atenção estava voltada aos dispositivos de gestão da vida como elemento constituinte das estratégias para conduzir condutas de indivíduos e/ou grupos sociais. Se, então, na experiência anterior, a etnografia estava direcionada especificamente aos grupos de pessoas inseridas numa maquinaria de vigilância e controle generalizados⁴³, agora, meu olhar voltava-se à simetria humanos e não humanos. Nesse caso, os elementos “não humanos” passaram a constituir e estabelecer as “redes” que integram. Assim, jovens, cartilhas, documentos, gestora da PJ, quadra poliesportiva, campo de futebol, grupo de mulheres, a igreja, o guarda da PJ, o grupo de teatro, materiais esportivos, iluminação pública das dependências da praça, faziam parte das “redes” a partir das “mediações”. Assim, ao compreender e tomar como escopo de análise a ‘ideia antropológica de infraestrutura’, minha atenção se voltou a identificar tais associações que faziam essa política pública.

Ao considerar as práticas populares no espaço projetado para administrar e gerir a vida – poderia dizer, arranjos de pessoas que produzem associações, logo, quero dizer que há elementos que se inserem nessa engrenagem. O que quero dizer, em síntese, é que a partir da noção de tecnologias de governo que acentuam as engrenagens de gerenciamento de pessoas e grupos que subjazem projetos e programas de intervenção social (FONSECA, et al., 2016; 2018), meu olhar está nas associações dos elementos heterogêneos – humanos e não humanos – que formulam redes que se estabelecem e se desfazem no cenário dessa engrenagem (LATOUR, 2012; 2015). Noutras palavras, estou sugerindo que não são as associações que estão presas dentro da engrenagem, vistas como algo estabilizado, mas pensar nas associações que produzem

⁴³ROSA, C. N; GADEA, C. A. **Esportes, Lazer e Vigilância: entre discursos e segurança pública.** Appris, 2016.

ou desfazem o espaço. Considerando que, numa perspectiva foucaultiana, a estrutura se sobrepõe às pessoas, acompanhar o espaço público em ação, sendo constituído e transformado no seu dia a dia, observando e seguindo as pessoas e o que elas fazem, oferece-me a alternativa para construir outros entendimentos acerca da ideia vigente de cidadania.

Assim, por intermédio da etnografia, a proposta é adicionar à análise as conjunções e arranjos sociais que tomam parte ativa nas ações e embates políticos no âmbito das políticas públicas, mais especificamente a PJ. Essas opções teóricas, com as quais fui me familiarizando, buscam, como já sinalizado, atentar para os elementos de infraestrutura, desde a projeção e concepção da política pública objeto deste estudo, ao dia a dia das pessoas que lá trabalham e frequentam, ou seja, “falar dos não ditos do local” a partir de uma “antropologia da prática” (FONSECA, 2010), adentrando nos espaços e tempos em que a política pública de esporte e de lazer é vivenciada, experienciada e praticada.

Ao considerar esse pensamento, a política pública Praça da Juventude (PJ) poderá trazer à luz, para debates e reflexões, a dimensão das relações políticas e sociais, em especial das questões alusivas à cidadania, tão evidenciada nos projetos, programas e discursos políticos, suscitando os encontros e desencontros entre Governo Federal e os documentos institucionais com as diretrizes e justificativas da política pública; a PMC; os discursos políticos; a gestora local da PJ; o guarda/segurança patrimonial da PJ; a Igreja; os materiais para as práticas esportivas e culturais; os equipamentos e acessórios dos espaços que compõem a PJ; a polícia; os usuários (crianças, jovens, mulheres, membros da Igreja); as tecnologias da informação e comunicação (TIC) – *Facebook* e *Whats App*. Assim, a PJ é interessante para se refletir sobre o modo com que as controvérsias expressam o cenário entre o espaço que é projetado e o que é espaço vivido, e evidenciar essas redes em ação que compõem a infraestrutura da PJ.

Assim, o primeiro autor que destaco é Bruno Latour que oferece sua contribuição ao argumentar que a palavra “social” ou “sociedade”, tal qual é utilizada por parcela dos cientistas sociais, pouco tem contribuído, pois é aplicada para indicar um estado de coisas estabilizado e homogêneo, no qual os agregados sociais são compreendidos como o elemento capaz de lançar luz sobre um fenômeno que pode explicar outro fenômeno. Isso significou, segundo o autor (2012, p. 27), que “supuseram que o social é constituído essencialmente de vínculos sociais [...]”. No conjunto de sua

obra, Latour (2000; 2012; 2013) sugere um deslocamento da compreensão acerca do social através da ideia de simetria entre pessoas e objetos. Dessa noção, o antropocentrismo cede espaço à relação humanos e não humanos que, sob essa perspectiva, passam a ser compreendidos com semelhantes possibilidades diante das interações que estabelecem nas redes que integram. Significa um distanciamento da ideia de que somente os humanos possuem agência⁴⁴. Como alternativa, a partir da Teoria-Ator-Rede, o autor sugere uma “sociologia das associações” que “consideram os agregados sociais como algo a ser explicado por associações específicas fornecidas pela economia, linguística, psicologia, direito, administração, etc. (LATOURE, 2012, p. 22), a partir de uma rede composta por elementos “humanos e não humanos” que passam a constituir as redes que integram. Assim, para Latour (2000; 2012; 2013), os objetos/artefatos materiais possuem agência no sentido de criar realidades humanas. A partir dessa ideia, a proposta consiste no distanciamento de limitar o social aos humanos, ou seja, de um social que permanece estável e que justifica um estado de coisas. Para tanto, uma das propostas “é o exato papel atribuído aos não humanos. Eles precisam ser atores e não meras projeções simbólicas” (2012, p. 29). Então, “já não basta restringir os atores ao papel de informantes de casos de tipos bem conhecidos. É preciso devolver-lhes a capacidade de elaborar suas próprias teorias sobre a constituição do social” (LATOURE, 2012, p. 31).

A partir desse pensamento, direcionar o olhar para a rede de associações entre humanos e não humanos, e de que modo a rede é composta, o que envolve também discursos, eventos, acontecimentos que permitem criar campos de atuação, demonstra, para Latour, o quanto, na experiência cotidiana, o humano vive de maneira híbrida, ou seja, um híbrido entre natureza, ciência, discursos mais complexo do que se apresenta. As “associações”, portanto, são compostas por “redes” que a integram. Assim, “uma rede não é feita de fios de *nylon*, palavras ou substâncias duráveis; ela é o traço deixado por um agente em movimento” (LATOURE, 2012, p. 194), o qual, nas palavras do próprio Latour (2012, p. 31), “cumpre ‘seguir os próprios atores’”, ou seja, compreender

⁴⁴“Agência” refere-se à ação de agir. Desta compreensão, é utilizado para evidenciar a capacidade que algum elemento tem de modificar alguma ação que está em andamento. Assim, ter ou não agência não caracteriza um atributo do elemento em si, e sim, as associações que ele estabelece. Deste modo, agência passa a ser uma noção utilizada tanto para humanos quanto para elementos não humanos, pois ambos, deste ângulo, possuem a capacidade de afetar e modificar alguma ação, constituindo um conjunto de partes que constituem uma rede (LATOURE 2000; 2012; 2015).

suas inovações, a fim de identificar o que a existência coletiva se tornou em suas mãos e quais definições melhor elucidam as associações estabelecidas (LATOUR, 2012).

Já Michel De Certeau (2018), em sua teoria das práticas cotidianas, coloca em relevo a sua ideia de ações “estratégicas” e ações “táticas” presentes na obra “A invenção do cotidiano” (DE CERTEAU, 2018). Para De Certeau (2018), “estratégias” são ações impositivas capitaneadas por planejadores, projetistas e agentes governamentais, enquanto as “táticas” são ações inventivas, oriundas das pessoas que ocupam e manipulam o espaço e jogam constantemente com os acontecimentos para transformá-los em ocasiões.

Sob essa perspectiva, emerge o paradoxo do espaço urbano no cenário de um paradigma de intervenção urbana, numa relação conflitante, às vezes antagônica, entre ações estratégicas [projetadas por agentes estatais; projetistas] e ações táticas [as práticas do cotidiano]. Para tanto, é importante registrar, nas palavras do próprio De Certeau (2018), o que o autor compreende por “estratégias” e “táticas”:

chamo de “estratégia” o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico (p. 45).

E o autor prossegue:

denomino, ao contrário, “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto, com uma fronteira que distinga o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias [...]. Ao contrário, pelo fato de seu não lugar, a tática depende do tempo, [...] para “captar no voo” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões” (DE CERTEAU, 2018, p. 45).

A visibilidade de quem observa o espaço urbano de uma concepção do Estado gera uma projeção que objetiva condicionar a sua apropriação numa espécie de colocação a distância pelo administrador do espaço ou o urbanista. Sob esse ângulo, “a cidade-panorama é um simulacro ‘teórico’ (ou seja, visual), em suma, um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas” (DE CERTEAU, 2018, p. 159). Todavia, a fim de pensar o espaço sob outro ângulo, e as ações cotidianas que o produzem, é fundamental um movimento de

proximidade e um conseqüente deslocamento do olhar para os não ditos do espaço planejado.

Nesse movimento, onde cessa a visibilidade de quem observa e projeta a distância, a proximidade e interação com os praticantes ordinários da cidade possibilita detectar as experiências e vivências na dimensão de “uma outra espacialidade” (DE CERTEAU, 2018, p. 159). Assim, ao invés de permanecer no terreno do discurso, podemos nos orientar pelo terreno das práticas cotidianas, singulares e plurais, ocultadas pelos discursos e dispositivos de um sistema urbanístico de intervenção projetado.

Agrego às referências supracitadas, que dialogarão com a Tese, estudos antropológicos pós-coloniais realizados no Continente Africano, centrados na infraestrutura, não como algo estabilizado de antemão, e sim composta de uma juntada de práticas inseparáveis do contexto em que operam, englobando diretamente a atividade das pessoas no dia a dia. Para tanto, estudos de pesquisadores da urbanização e suas infraestruturas, com viés mais socioantropológico, entre os quais os de Susan Star (1999); Bryan Larkin (2013); Abdou Maliq Simone (2004) e Antina Von Schnitzler (2008), também contribuirão de maneira complementar para o desenvolvimento do estudo que apresento.

Em um estudo didático, nomeado “A Política e a Poética da Infraestrutura”, Brian Larkin (2013) realiza revisão bibliográfica de estudos antropológicos que se ocupam da análise de infraestrutura, e avalia “o que uma análise de infraestruturas oferece à análise antropológica e o que a antropologia acrescenta ao estudo de infraestruturas” (2013, p. 328). Para esse autor, a antropologia direciona seu foco para as contingências e maneiras em que formas de infraestrutura podem oferecer uma percepção de outros domínios, como práticas de governo, religião e sociabilidades. Reiterando a problematização de Star (1999, p. 380), em que uma maneira dominante de ver a infraestrutura é como um “sistema de substratos”, Larkin (2013) aponta que a antropologia precisa compreender as tecnologias específicas, pensando em construir “uma etnografia da infraestrutura” (STAR, 1999).

Larkin (2013) destaca que analisar infraestrutura como conceito permite avançar nas formas separadas do funcionamento puramente técnico, sendo analisadas como veículos semióticos e estéticos concretos orientados para direções, pois, estas manifestam e armazenam desejos e fantasias que, às vezes, têm a capacidade de ser totalmente autônomos em relação à função técnica. Desse modo, o foco na questão

estética ou na poética da infraestrutura permite entender como o político pode ser constituído por meios diferentes. Também “significa estar vivo para as dimensões formais das infraestruturas, entender qual tipo de objetos semióticos elas são, e determinar como abordam e constituem sujeitos, bem como suas operações técnicas” (LARKIN, 2013, p. 329).

Ao longo do estudo, o autor elenca algumas categorias de análise para uma melhor compreensão das abordagens acerca de infraestrutura. A primeira delas, na seção “Ontologia da infraestrutura”, destaca as propriedades mais gerais da infraestrutura que deve ser compreendida como uma matéria que possibilita o movimento de outra matéria. Nesse sentido, “a ontologia peculiar dela está no fato de serem coisas e também a relação entre coisas” (LARKIN, 2013, p. 329). Nessa perspectiva, Larkin (2013, p. 329) aponta que “não é possível teorizá-las em termos somente do objeto”. Para tanto, à semelhança do que diz Bruno Latour, Larkin (2013, p. 330) salienta que é preciso “esmiuçar as redes heterogêneas para definir qual aspecto de qual rede deve ser discutido e quais partes serão ignoradas”. E reconhece que “as infraestruturas atuam em níveis distintos simultaneamente, gerando várias formas de direção, e que qualquer conjunto específico de perguntas intelectuais precisará selecionar quais desses níveis será examinado” (LARKIN, 2013, p. 330).

Na segunda categoria de análise nomeada “O pensamento sistêmico e tecnopolítica”, o autor chama a atenção para as formas com que as infraestruturas mediam e promovem a interação entre as pessoas, objetos e espaços que formam a base do funcionamento dos sistemas econômicos e sociais modernos.

Para tanto, cita estudos que tematizam questões de cidadania por intermédio da análise de “como novos sistemas de telecomunicações estão reconfigurando o espaço urbano e como as infraestruturas agrupam água, energia, pessoas e ruas em uma série de infraestruturas em rede que definem a vida moderna” (LARKIN, 2013, p. 330). Nessa perspectiva, enuncia que alguns pesquisadores da urbanização têm buscado inspiração em estudos da ciência e tecnologia para pensar sobre infraestrutura no âmbito da sua operação material e os impactos de tal materialidade nas ações políticas e sociais. Nesses estudos, o foco está na construção de um sistema técnico que emerge em um lugar [laboratório], geralmente em resposta a algum considerado problema. No entanto, a partir do momento em que se torna uma máquina que necessita incluir elementos não tecnológicos, torna-se uma infraestrutura em rede que avança para outros locais ao

elaborar técnicas de adaptação e conversão. Assim, alguns estudos inspiram-se na teoria ator-rede e a ênfase que a referida teoria dá às associações que constituem redes heterogêneas (LARKIN, 2013).

Na terceira categoria, “A Modernidade Insustentável da Infraestrutura”, Larkin (2013, p. 332) chama a atenção para as “raízes conceituais da infraestrutura” presentes na concepção iluminista de um mundo em movimento e aberto a mudanças, onde a livre circulação de mercadorias, ideias e pessoas criou a possibilidade de progresso. Essa forma de pensar é o motivo pelo qual o fornecimento de infraestruturas tem uma estreita ligação com a noção de dar forma à sociedade moderna e de tornar o futuro algo real, no qual se apresentam como mecanismos para controlar o tempo e instigar ações para o progresso social (LARKIN, 2013). O autor recorre a Karl Marx para argumentar que as infraestruturas não eram apenas coisas materiais; elas determinavam o curso da história, tornando-se elementos fundamentais para a organização de uma economia de mercado e do conceito de progresso. Portanto, diz Larkin (2013, p. 332), “a posse de eletricidade, ferrovias e água corrente passou a definir a própria civilização. Nesse sentido, é muito difícil dissociar as infraestruturas dos modos evolutivos de pensar, inclusive por isso ser uma parte tão forte do apelo dela”. O autor diz que um dos resultados dessas raízes é a dificuldade de afastar a análise de infraestrutura da história consolidada e da crença de que, ao promover a circulação, as infraestruturas provocam mudanças; possibilitam o progresso, e por intermédio do progresso conquista-se a liberdade, o que pode explicar o lugar social dos objetos enquanto elementos que provocam profundas relações afetivas na sociedade (LARKIN, 2013).

Na esteira do que foi abordado didaticamente nos parágrafos acima, a etnografia de Antina Von Schnitzler (2008), que aborda o abastecimento de água em Soweto é relevante para pensar sobre infraestrutura. A autora salienta que, no cenário de ausência de pagamento geral das taxas e serviços de água em distritos da África do Sul, no Estado posterior ao *apartheid*, derivada talvez dos boicotes aos aluguéis no antiapartheid na década de 1980, compreendida como uma “cultura de falta de pagamento” (p. 906), vários municípios recorreram à implantação em larga escala de medidores pré-pagos — dispositivos que desconectam residências automaticamente em caso de falta de pagamento — em uma operação nomeada *Gcin’amanzi* (“Poupar água, em zulu), iniciada pela concessionária *Johannesburg Water* para instalar tais medidores de água em todas as residências de Soweto, visando à “recuperação de custos”. Von

Schnitzler realiza uma abordagem histórica do hidrômetro, desde sua invenção na Grã-Bretanha, para examinar como a implementação do dispositivo na África do Sul não se propôs apenas a regular o uso da água, mas substancialmente a produzir um tipo de cidadão. Esse cidadão seria uma pessoa responsável, que deveria monitorar suas próprias ações e fazer seus cálculos. A autora sugere que tal estratégia produziu “espaços de calculabilidade”, em especial aos habitantes pobres de Soweto, os quais tiveram suas práticas de consumo diárias submetidas a um constante controle metrológico. Assim, reitera a autora, mais do que regular o fornecimento de água, tal ação evidenciava uma estratégia de governo investida “de uma linguagem moral-pedagógica” (VON SCHNITZLER, 2008, p. 906) permeada de relações sociais e políticas, a qual “possibilitava uma compreensão crítica da materialidade do elo civil entre os cidadãos e o Estado” (VON SCHNITZLER, 2008, p. 900). Nesse estudo, a infraestrutura evidencia formas de racionalidade política que embasam projetos que dão origem a tecnologias de governo, produzindo o fenômeno que a autora nomeou de “cidadania pré-paga”.

O antropólogo e urbanista Abdou Maliq Simone (2004) é relevante para esta Tese, isto porque empreende uma análise sociocultural dos processos de urbanização, utilizando-os como locais para a compreensão da composição de novas heterogeneidades do cotidiano e dos ambientes construídos. Tendo na cidade de Johannesburgo, na África do Sul, seu campo de estudos, o autor salienta que, ao mesmo tempo em que a cidade era compreendida como uma das mais urbanizadas do país, paradoxalmente era considerada local de urbanização arruinada (SIMONE, 2004). Em princípio, esse declínio pode ser compreendido como fator impeditivo para a mobilidade social, os vínculos empregatícios, os avanços no âmbito socioeconômico e a constituição de vínculos sociais. Todavia, sinaliza o autor, tais conjunções se tornaram “uma plataforma que possibilita e reproduz a vida na cidade” (SIMONE, 2004, p. 408).

Simone (2004) identifica, mediante uma etnografia, na área central de Johannesburgo, regularidades que ancoram os meios de subsistência dos residentes, as relações estabelecidas uns com os outros, consolidadas devido aos resultados de esforços recíprocos, abertos, flexíveis e provisórios dos residentes da cidade, numa “economia específica de percepção e prática colaborativa é constituída por meio da capacidade que agentes individuais têm de circular em (e se familiarizar com) uma grande variedade de posições espaciais, residenciais, econômicas e transacionais”

(SIMONE, 2004, p. 408). Ou seja, para além do declínio de uma infraestrutura habitualmente entendida, em termos físicos, como seus espaços, equipamentos, rodovias, tubulações, fios ou cabos, Simone (2004, p. 407) diz que há “a possibilidade de tais ruínas não apenas mascararem, mas também constituírem uma infraestrutura social extremamente urbanizada”.

Esse autor apresenta, ao longo do seu estudo, exemplos de um conjunto de práticas observadas *in loco*, e afirma que, no contexto da diversidade da vida, a manifestação de ações colaborativas, imprevisíveis e singulares é potencial. Contudo, essa potência da vida acaba, não raras vezes, sendo negligenciada pelos “imaginários convencionais de urbanização, que situam a produtividade urbana na divisão social do trabalho e na consolidação da individuação” (SIMONE, 2004, p. 409), nos quais as cidades africanas são compreendidas como incompletas. Em contraste, esse autor afirma que, “com esses imaginários, as cidades africanas sobrevivem, em grande parte, por meio de uma conjunção de atividades heterogêneas continuadas e elaboradas por meio de cenários configurados de modo flexível” (SIMONE, 2004, p. 409). Esse conjunto de práticas que produz uma diversidade de composições sociais, descrevendo um processo de vivência experimental e, frequentemente, de reformulação da área central de Johannesburgo, é o que o autor conceitua de “pessoas como infraestrutura”.

Em suas palavras,

esse processo de conjunção – que é capaz de gerar composições sociais em uma variedade de capacidades e necessidades singulares (tanto oficiais quanto virtuais) e que tenta produzir resultados máximos a partir de um conjunto mínimo de elementos – é o que chamo de *pessoas como infraestrutura* (SIMONE, 2004, p. 411).

Assim, a noção de “pessoas como infraestrutura” proposta pelo autor perspectiva

[...] ampliar a noção de infraestrutura a fim de englobar diretamente as atividades das pessoas na cidade. As cidades africanas são caracterizadas por interseções incessantemente flexíveis, móveis e provisórias de residentes que agem sem noções claramente delineadas de como a cidade deve ser habitada e utilizada. Especialmente nas últimas duas décadas, essas interseções dependem da capacidade dos residentes de utilizar combinações complexas de objetos, espaços, pessoas e práticas (SIMONE, 2004, p. 407).

Assim, para Simone (2004), a urbanização não mais é absorvida pelas cidades, sobretudo apresenta uma multiplicidade de formas espaciais, físicas e sociais, na qual diversas práticas têm constituído a sua infraestrutura — redes de produção; circuitos de mercadorias no trabalho, articulações manipulativas.

Diante do exposto, olhar para além das regras do jogo [o espaço pensado por meio de uma biopolítica das populações para a gestão da vida], para as “maneiras de fazer” cotidianas (DE CERTEAU, 2018), com especial atenção às práticas das pessoas em situações concretas, é atentar para os detalhes miúdos que enfocarão a analítica, na qual a análise designa a infraestrutura a partir de

[...] redes construídas que facilitam o fluxo de mercadorias, pessoas ou ideias e permitem a troca delas no espaço. Como formas físicas, determinam a natureza de uma rede, a velocidade e a direção dos seus movimentos, suas temporalidades e sua vulnerabilidade a falhas. São compostas pela arquitetura da circulação, funcionando, literalmente, como base das sociedades modernas, e geram o ambiente da vida cotidiana (LARKIN, 2013, p. 328, tradução minha).

Essas “redes”, apontadas por Larkin (2013), podem ser mais bem apreendidas a partir da noção proposta por Latour (2012) para se compreender a constituição da infraestrutura, à medida que “rede” é um conceito, não coisa.

Nas palavras de Latour,

[...] rede é uma expressão para avaliar quanta energia, movimento e especificidade nossos próprios relatos conseguem incluir. Rede é conceito, não coisa. É uma ferramenta que nos ajuda a descrever algo, não algo que esteja sendo descrito. [...] a rede não é aquilo que está representado no texto, mas aquilo que prepara o texto para substituir os atores como mediadores (LATOUR, 2012, p. 192).

Seguindo a concepção de “rede” para compreender a ideia de infraestrutura, a “rede” me direciona para esses agentes humanos e não humanos em ‘movimento’ que, em sua ação, possibilitam levar outros agentes a agir, constituindo ‘associações’. Esses outros agentes são os conceituados “mediadores”, definição também fundamental na teoria do ator-rede e que me auxiliou a fazer de dois agentes do Estado⁴⁵, especialmente, que atuam na PJ - atores a serem seguidos.

Entende-se por “mediadores” aqueles que “não podem ser contados como apenas um, eles podem valer por um, por nenhuma, por várias ou uma infinidade. O que entra neles nunca define exatamente o que sai; sua especificidade precisa ser levada em conta todas as vezes” (LATOUR, 2012, p. 65). São compreendidos assim, pois “transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam” (LATOUR, 2012, p. 65). A ideia de “mediação” coloca a ênfase na ação do (actante), à medida que o “actante” refere-se ao elemento responsável por determinada ação, ação essa sempre mediada. Por sua vez, a mediação é a ação do

⁴⁵Refiro-me à Gestora da Praça Alba Valéria e ao Segurança/Guarda Patrimonial Subversio, atores que ganharão destaque nos capítulos seguintes desta Tese.

meio, capaz de alterar a configuração dos polos. Tal abordagem é relevante porque “permitirá entender todo actante como um elemento que opera mediações, isto é, opera modificações em certa medida irreversíveis na rede que atua” (CARDOSO, 2015, p. 239). Em outras palavras, a ideia de actante é compreendida como um elemento mínimo de um processo denominado mediação da rede constituinte da infraestrutura.

Em outras palavras,

não importa quão *complicado* seja um intermediário, ele deve, para todos os propósitos práticos, ser considerado como uma unidade – ou nada, pois é fácil esquecê-lo. Um mediador, apesar de sua aparência simples, pode revelar *complexo* e arrastar-nos em muitas direções que modificarão os relatos contraditórios atribuídos a seu papel (LATOURE, 2012, p. 65).

A ideia de “mediador” [mediação], portanto, dá ênfase à ‘ação’ do ator, à medida que o “ator” refere-se mais ao ‘elemento’ responsável por determinada ‘ação’. Já um “intermediário”, destaca Latour (2012, p. 65), “é aquilo que transporta significado ou força sem transformá-los: definir o que entra já define o que sai. Para todos os propósitos práticos, um intermediário pode ser considerado não apenas como uma caixa-preta que funciona como uma unidade, embora internamente seja feita de várias partes”.

É a partir desse pressuposto epistemológico e teórico que a abordagem de infraestrutura se situa, ou seja, não está restrita a um agenciamento, então, pode fazer parte de diversas composições e práticas. Nesse sentido, infraestrutura pode ser pensada por um conjunto de procedimentos e mediações diversas, a partir de um conjunto de práticas inseparáveis do contexto em que opera, que participam da constituição de pessoas e das pessoas que a constituem (STAR, 1999; LARKIN, 2013).

Para tal empreendimento, então, nesta Tese centro-me na infraestrutura, a partir da orientação analítica que a foca, não “como um sistema de substratos: linhas férreas, tubos e encanamento, usinas de energia elétrica e fios” (STAR, 1999, p. 380), mas como práticas que participam da sua constituição, englobando diretamente as atividades das pessoas na PJ, no bairro Guajuviras, Canoas/RS.

A infraestrutura pensada na condição desses arranjos permite, a partir de uma descrição detalhada, não limitar a análise da sua concepção a um sistema de substratos com seus equipamentos materiais e instalações com acessórios físicos adicionais. Considerar infraestrutura na dimensão de “rede” é ponderar uma série de associações entre elementos heterogêneos. Destarte, ao optar pelo já referido arcabouço teórico-metodológico, outro jeito define meu modo de fazer etnografia em relação às pesquisas

realizadas, já mencionadas. Desse modo, ao me ocupar das “associações” que se constituem a partir desse espaço público projetado para administrar problemáticas sociais, produzido pelo “‘olhar distante’ de um observador externo” (WACQUANT, 2002, p. 23), nesta Tese sugiro as práticas das pessoas nas suas relações com “não humanos”, como elementos dessas associações que tomam parte da infraestrutura.

CAPÍTULO 4

CENAS DO RETORNO AO GUAJUVIRAS: AQUI ESTOU OUTRA VEZ

4.1 O bairro Guajuviras

O Conjunto Habitacional Ildo Meneguetti, o popular Guajuviras, cujo nome deve-se à existência de uma árvore nativa da região, teve o início da sua ocupação no mês de abril de 1987. É socialmente considerado um bairro de periferia, com a menor renda média do município e uma população estimada em 100 mil habitantes. Foi o maior assentamento urbano da cidade de Canoas, localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. Esse conjunto habitacional esteve entre as ações de programas que visavam ao assentamento de populações economicamente pobres na periferia dos grandes centros urbanos, nos anos 1970 e 1980, a partir da política habitacional do Banco Nacional de Habitação (BNH), calcado nas diretrizes do Plano de Desenvolvimento Metropolitano (PDM), concebido dentro da Companhia de Habitação (COHAB). O Conjunto Habitacional Ildo Meneguetti foi implantado em uma área distante do núcleo urbano da cidade canoense (PENNA, 1998; MOG, 2016). As primeiras ocupações no bairro ocorreram nos edifícios populares, ao longo da avenida Principal ou avenida 17 de Abril (data em que se comemora o aniversário do bairro). As ocupações iniciais, nos apartamentos populares, foram feitas por muitas pessoas portadoras da inscrição para residir nas habitações, mas devido ao retardamento constante na entrega das moradias do conjunto habitacional decidiram organizar a ocupação. Na ocasião da primeira ocupação, o conjunto habitacional contava com 5.974 unidades habitacionais. Assim, inicialmente, esse conjunto habitacional foi ocupado por pessoas que já aguardavam liberação para nele residir e, posteriormente, as ocupações foram se realizando nas demais unidades habitacionais e nas áreas verdes localizadas no entorno da avenida Principal, onde hoje estão localizadas as vilas que compõem o bairro. O bairro é dividido em setores compostos por apartamentos e casas, blocos, quadras e as vilas no entorno da avenida Principal, da avenida Esperança e da estrada do Nazário.

Nesse contexto, o bairro Guajuviras carrega consigo um conjunto de representações sociais negativas. Compreendido como o lugar de invasores, do comércio de drogas, das relações de violência, dos índices elevados de homicídios, das

carências e falta de perspectivas, tais representações direcionaram o olhar da sociedade civil e do Estado, resultando em um amplo investimento em diversas áreas por intermédio de ações e políticas vinculadas à segurança pública. Diante desse cenário, o bairro recebeu, especialmente a partir de outubro de 2009, um conjunto de ações estruturais e projetos sociais do PRONASCI, sendo nomeado eufemisticamente de “Território de Paz”, ou seja, o bairro a ser ‘pacificado’ a partir da implementação das ações do programa.

4.2 Ainda sobre o bairro: investimentos urbanísticos, precariedades e declínios — a urbanização e as precariedades são uma coisa só e a mesma coisa

A rótula, localizada entre a avenida Boqueirão e a avenida 17 de Abril, é considerada a principal via de acesso ao bairro, e como já mencionado, a ausência na rótula do letreiro com a frase: “Guajuviras, Território de Paz”, cartão de visitas do bairro, colocado no período de implementação e execução das ações do programa de segurança pública, em 2009, já não se faz mais presente. O que se vê é apenas o letreiro “Guajuviras”. Para chegar até o Loteamento Pôr-Do-Sol, local onde a PJ está localizada, ao passar pela rótula, segue-se em frente pela Boqueirão até chegar à estrada do Nazário⁴⁶. No limite da Boqueirão com a estrada do Nazário há um semáforo. À direita do semáforo, há uma enorme câmera de videomonitoramento. Seguindo à direita da estrada do Nazário, o destino é o bairro Estância Velha; à esquerda, o acesso à região do Loteamento Pôr-do-Sol no bairro Guajuviras.

Segue-se à esquerda, e, em seguida, à direita na rua 8A, que faz uma curva à esquerda. Quando se acessa essa rua, há buracos no asfalto, concentrações de lixo e, às vezes, focos de lixo sendo queimados no lado direito da rua, onde há terrenos desocupados. E a 300 metros, aproximadamente, há uma bifurcação. No início da bifurcação há uma câmera de videomonitoramento. À direita, a rua volta a se chamar estrada do Nazário, e, à esquerda, rua 13B, Setor 1. No centro da bifurcação há algumas casas, e, logo a seguir, um campo de futebol da Associação Comunitária 4 de Julho, atualmente desativado, sem as goleiras (uma delas foi retirada e está escorada no muro),

⁴⁶ Refiro-me a esta rua como “estrada” do Nazário, pois, assim é chamada por parcela significativa dos habitantes da região. Essa rua é oficialmente nomeada avenida do Nazário, embora, ao longo da rua, entre as placas de identificação, haja, em sua maioria, o registro de avenida do Nazário, e uma com o registro estrada do Nazário.

e há focos de lixo no local⁴⁷. Ao lado do campo de futebol desativado localiza-se a Escola Municipal de Educação Infantil, a EMEI Olga Machado Ronchetti. Ao longo da rua 13, à esquerda, há residências que fazem parte do Setor 1. Na estrada do Nazário, à direita, a partir da bifurcação, as condições das residências são bem mais precárias estruturalmente. São barracos de madeira, e em alguns dos pátios há garrafas pet, latinhas de cerveja, refrigerantes e papelões empilhados, possivelmente material dos residentes que vivem da atividade de catadores. Há pátios já desocupados, com madeiras e calhas empilhadas, telhas quebradas e lixo, onde viviam pessoas que já foram removidas para unidades habitacionais populares, e também há diversos pontos de área verde que fazem parte da paisagem da Nazário.

Para quem segue pela estrada do Nazário, à esquerda, mais especificamente no número 3.150, encontra-se a Sede do Hangar Cultural – Oli Borges Flores⁴⁸, inaugurado em 19/12/2016⁴⁹. À direita há uma rua que dá acesso ao Complexo Prisional de Canoas. O Complexo Prisional foi inaugurado no dia 1º de março de 2016⁵⁰. Seguindo em frente pela estrada do Nazário há outra bifurcação. À direita, continua a Nazário, e, à esquerda, a rua Irmão Tiago, que não está identificada oficialmente por placas, contudo, assim é nomeada por parcela dos habitantes do Macroquarteirão 2, Loteamento Pôr-do-Sol,

⁴⁷O campo de futebol da Associação Comunitária 4 de Julho foi espaço das atividades de futebol oferecidas pelo Pronasci/PELC de outubro de 2009 a outubro de 2010. As aulas de futebol eram diretamente coordenadas por Antônio, ex-jogador profissional de futebol, que era um dos coordenadores de núcleo do programa. Os jovens que frequentavam as atividades de futebol oferecidas eram majoritariamente habitantes da Vila Comtel. Por ser um dos subnúcleos das atividades do Pronasci/PELC, o campo, por solicitação de Antônio, à época, às vezes, passava por manutenções, como corte de grama e limpeza geral. Mais sobre o assunto, ver em: **Esportes, Lazer e Vigilância: entre discursos e segurança pública** (ROSA; GADEA, 2016).

⁴⁸O Hangar é um espaço de multiuso com Telecentro, administração, biblioteca, oficinas, copa, saguão, camarins, depósito, circulação e sanitários. Mais informações disponíveis em: <https://www.canoas.rs.gov.br/hangarcultural/>. Acesso em: 08/02/2019.

⁴⁹Mais informações, disponíveis em: <http://oldsite.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/idDep/24/id/124431>. Acesso em: 08/02/2019.

⁵⁰ A construção do Complexo Prisional foi resultado das negociações iniciadas ainda no ano de 2010 entre o ex-prefeito municipal Jairo Jorge da Silva (PT) e a ex-governadora Yeda Crusius (PSDB). O Complexo Prisional é composto de quatro módulos, com capacidade para 2.808 vagas. Cada módulo, nomeado de Penitenciária Estadual de Canoas (PECAN), é administrado pela Superintendência de Serviços Penitenciários (SUSEPE). A PECAN 1 foi inaugurada em 01/03/2016, e a PECAN 2 foi oficialmente aberta 11/07/2017. Ainda serão abertos os outros dois módulos restantes. Informações disponíveis em: <http://www.diariodecanoas.com.br/conteudo/2016/02/noticias/regiao/285618-primeira-unidade-do-presidio-sera-inaugurada-nesta-terca.html> e http://www.susepe.rs.gov.br/conteudo.php?cod_conteudo=2985&cod_menu=4. Acessos em: 12/04/2016 e 16/09/2017.

Quadrante Nordeste, embora tantos outros habitantes desconheçam o nome da rua⁵¹. Ao lado da rua Irmão Tiago encontra-se um terreno com torres de alta tensão. A rua Irmão Tiago é aquela mesma “rua de chão batido que dava acesso ao complexo esportivo” Pôr-do-Sol, inaugurado no dia 16 de maio de 2012. Atualmente, essa rua está asfaltada. Anexo ao Complexo Esportivo Pôr-do-Sol encontra-se, hoje, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Freire (EMEF Paulo Freire). A referida escola, oficialmente inaugurada no dia 18/12/2014, criada a partir do Decreto nº 72, de 26 de março de 2014, está localizada na rua Ernesto Che Guevara, n. 281. É uma escola de turno integral, com início das atividades pedagógicas às 8h30 e saída às 16h.

Outro investimento no Loteamento Pôr-do-Sol, que cabe ressaltar, inexistente à época da inauguração do Complexo Esportivo Pôr-do-Sol, é a Escola Municipal de Educação Infantil Anísio Espínola Teixeira (EMEI Anísio Espínola Teixeira), criada a partir do Decreto n. 289, de 30 de junho de 2016, e oficialmente “entregue à comunidade⁵²” na mesma data. A EMEI está localizada em frente à EMEF Paulo Freire, na mesma rua. Cruzando a rua Ernesto Che Guevara e seguindo pela rua Irmão Tiago, em seguida, à direita, há uma ocupação com alguns barracos de madeira. Cerca de 250 metros para frente está localizada a PJ, inaugurada em 22 de novembro de 2014, sobre a qual já foi realizada uma descrição detalhada de sua concepção no prólogo, complementada no capítulo 1 desta Tese.

Passando pela PJ e seguindo adiante pela rua Irmão Tiago, ao final desta rua, à direita, acessa-se a rua 12. Ao longo da rua 12, em um dos lados há conjuntos habitacionais oriundos do Programa Habitacional Federal Minha Casa, Minha Vida⁵³,

⁵¹Dos habitantes com quem conversei, nenhum soube informar o nome da rua. A única pessoa que me informou a identificação da via pública foi a gestora da Praça da Juventude, em uma das minhas visitas de campo no mês de janeiro de 2018. Até mesmo a gestora do espaço público relatou-me que só teve conhecimento de como se chamava a rua quando, ao deixar seu veículo particular no conserto, precisou se descolar para a praça durante alguns dias com o transporte Uber. Para transportar a gestora, o motorista registrou, em seu aplicativo, o nome “Praça da Juventude”, e no mapa do aplicativo encontrava-se registrado o nome da rua: Irmão Tiago.

⁵² Trecho da reportagem publicada no site da prefeitura municipal de Canoas no dia 30/06/2016, com o título: “EMEI Anísio Teixeira vai atender 190 crianças”. Informação disponível em: <http://www.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/idDep/13/id/123773>. Acesso em: 19/01/2017.

⁵³O Programa Minha Casa, Minha Vida, lançado pelo Governo Federal em 2009, a partir da Medida Provisória (MP) 459, de 23/06/2009, é um programa de moradias populares, com o objetivo de sanar o déficit habitacional brasileiro, destinados a famílias de baixa renda, residentes em áreas de risco, famílias com mulheres responsáveis pela unidade familiar e que tenham no seu núcleo familiar pessoas com deficiência. Informações disponíveis em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/385446/Programa%20Minha%20Casa%20Minha%20Vida.pdf>; http://www.brasil.gov.br/old/copy_of_imagens/revista-digital/educacao-2/25-03-2009-2013-

entregues às pessoas contempladas a partir do ano de 2015. A entrega das unidades habitacionais teve início no dia 29 de outubro de 2015, com a entrega de 300 unidades no nomeado Residencial Guajuviras II, com endereço de estrada do Nazário, n. 5.114, e a lateral do residencial localizada na rua 12. Esse empreendimento foi construído a partir da doação pela prefeitura municipal de área pública de 13.403 metros quadrados, aliado aos repasses de recurso proveniente do Governo Federal e recursos municipais⁵⁴. Meses antes, outras 300 unidades habitacionais já haviam sido entregues no denominado Residencial Guajuviras I, também na avenida do Nazário, n. 5236 (Recordações de campo, 2016/2017).

O terreno que possui as torres de alta tensão, localizado entre a rua 8, na vila Nancy Pansera, e a rua Irmão Tiago, no Loteamento Pôr-do-Sol, segue até a rua 12, onde estão localizados os condomínios residenciais. Geograficamente, as torres são o limite (real ou imaginário) entre o Loteamento Pôr-do-Sol — que passou por todo o processo de urbanização e investimentos (Centro cultural, Complexo esportivo; Escolas municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental; Praça para as juventudes; Conjuntos residenciais, Complexo prisional), mas ainda mescla precariedades habitacionais, acúmulo de entulho, lixo e ausência de saneamento — e a vila Nancy Pansera, uma ocupação constituída majoritariamente de barracos, casas amontoadas, ruas de terra, becos, vielas e pontos de esgoto a céu aberto. Contudo, muitos habitantes e agentes públicos que trabalham na praça e em seu entorno afirmam que o conjunto de casas estruturalmente mais precárias, localizado da rua 8 para trás, também faz parte do Loteamento Pôr-do-Sol⁵⁵ (Recordações de campo, 2016/2017/2018).

Os espaços parecem projetados para que as possibilidades de surpresas e encontros não regulados sejam minoradas. Faço essa observação ao identificar que todo esse processo de urbanização articulado às políticas culturais, habitacionais, educacionais e esportivas, de modo especial a partir de 2009, esteve consideravelmente sustentado em discursos de “uma política de combate à violência”, de segurança, feita “também com esporte e cidadania, aumentando a autoestima das comunidades”, com os objetivos de “educar, ressocializar e apoiar jovens em situação de vulnerabilidade

governo-lanca-programa-minha-casa-minha-vida/view e <http://www.marzagao.go.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/PMCMV-PORTARIA-610-UNI%C3%83O.pdf>. Acesso em: 16/01/2018.

⁵⁴ Informação do convênio da prefeitura municipal com o governo federal disponível em: <http://www.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/idDep/36/id/122057>. Acesso em: 18/01/2018.

⁵⁵ Recordações de campo.

social”, etc. Essas características parecem buscar tanto especificar locais, caracterizar pessoas e grupos que lá habitam e acontecimentos quanto justificar os investimentos estruturais urbanos.

É imperativo retomar que o Conjunto Habitacional Ildo Meneguetti, popularmente nomeado Guajuviras, foi construído a partir de um projeto contemplado em programas que visavam ao assentamento de populações economicamente pobres na periferia dos grandes centros urbanos nos anos 1970 e 1980 a partir do BNH e da COHAB. Em certa medida, a produção discursiva que envolve o bairro Guajuviras, representado como um espaço carregado de problemáticas sociais, decorre da tensão entre o espaço originalmente projetado na “prancheta” (MOG, 2016) e o espaço que desde então vem sendo apropriado no cotidiano a partir da ocupação dos conjuntos habitacionais; da ocupação das demais áreas verdes; de terrenos de chão batido que, atualmente, compõem as vilas, com seus setores, becos e ruelas que, em consequência, posicionam o bairro entre os mais populosos da cidade.

Em sua dissertação de mestrado, intitulada “Entre o projetado e o apropriado: mosaico de transformações urbanas – o caso Guajuviras em Canoas/RS”, o arquiteto e urbanista William Mog (2016) salienta a relevância de atentar para e pensar sobre os modos com que os habitantes vivenciam e transformam os seus espaços habitacionais entre as esferas pública e privada. Essa análise visou a melhor compreensão das formas de adequação e apropriações do que é projetado por profissionais da área urbanística, governantes e legisladores, os quais, não raras vezes, negligenciam as reais necessidades, aspirações e vontades das pessoas, do que elas experienciam e vivenciam no cotidiano (MOG, 2016). No caso do Guajuviras, espaço projetado, inicialmente, a partir de uma política habitacional, e construído distante do núcleo urbano original da cidade para o assentamento de pessoas desfavorecidas socioeconomicamente, e que teve suas obras paralisadas, em 1987, em função de problemas de gestão da COHAB, resultando na ocupação da forma que até então não era a projetada, devido à demora e não entrega das unidades às pessoas que já haviam sido contempladas e aguardavam autorização para habitá-las, tal fenômeno vai de encontro à majoritária perspectiva das projeções urbanísticas, conforme destaca Simone (2004), a partir de seu estudo realizado em Joanesburgo, na África do Sul.

Nas palavras do urbanista,

nessa perspectiva, os espaços urbanos são imaginados como destinos funcionais. Devem existir poucas surpresas, poucas chances de encontros não regulados, enquanto a cidade é transformada em um objeto como uma linguagem. [...] Aqui, relações de correspondência são criadas entre instâncias de dois modos distintos e não paralelos de formalização – de expressão e conteúdo (SIMONE, 2004, p. 408).

É nesse cenário não projetado pelo processo de urbanização dos anos 1970 e 1980 que se desenvolveu, de modo especial, a partir do ano de 2009, uma série de projetos e programas governamentais culturais e esportivos, entre estes, a PJ, que foram projetados ao nível do que as pessoas podem fazer, do que são capazes de fazer, do que estão na iminência de fazer, em um espaço em que é imperativo “diminuir os índices de violência e a sensação de insegurança dos moradores, promovendo o esporte e lazer”⁵⁶ para “educar, ressocializar e apoiar jovens em situação de vulnerabilidade social”⁵⁷.

Todavia, paradoxalmente, como já sinalizado na presente seção, em meio a todo esse processo de intervenção e investimento urbanístico, o Loteamento Pôr-do-Sol apesar de ser um dos espaços mais urbanizados do bairro Guajuviras, também é considerado e se apresenta como um local em ruínas, de urbanização arruinada e “abandonada”. Buracos no asfalto; concentrações de lixo; focos de lixo sendo queimados ao longo das ruas onde há terrenos desocupados; um campo de futebol atualmente desativado sem as goleiras e com focos de lixo; animais mortos; residências precárias estruturalmente; barracos de madeira; pátios já desocupados, com madeiras e calhas empilhadas, telhas quebradas e lixo, e a PJ que apresenta uma série de problemas estruturais, com falta de materiais esportivos nos seus espaços destinados às práticas e vivências culturais e esportivas de lazer.

⁵⁶Trecho extraído do panfleto informativo divulgando no formato impresso no ano de 2010, no qual a prefeitura municipal de Canoas apresenta à população canoense o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) e convoca os jovens habitantes dos bairros Guajuviras e Mathias Velho para participar das atividades oferecidas pelo programa.

⁵⁷Trecho extraído do site do extinto Ministério do Esporte (ME), atualizado em 2013, que apresenta o projeto Praça da Juventude com suas diretrizes e objetivos. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/pre-cadastro/121-ministerio-do-esporte/institucional/secretaria-executiva/programas-e-projetos/praca-da-juventude>. Acesso em: 26/11/2016.



Figura 03: estrada do Nazário, no bairro Guajuviras, Canoas/RS.
Fonte: ROSA, C.N., 2019.



Figura 04: rua Irmão Tiago no Loteamento Pôr-do-Sol que dá acesso à Praça da Juventude. As torres de alta tensão presentes na imagem são o limite imaginário ou real entre o Loteamento Pôr-do-Sol e a vila Nancy Pansera.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 05: Barraco de madeira localizado na rua Irmão Tiago no Loteamento Pôr-do-Sol, que dá acesso à Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 06: Lixo acumulado à beira da rua Irmão Tiago no Loteamento Pôr-do-Sol, que dá acesso à Praça da Juventude. É recorrente haver concentrações de lixo ao longo dessa rua.

Fonte: ROSA, C.N., 2019.



Figura 07: Ao fundo, barracos de madeira, localizados na vila Nancy Pansera. No canteiro verde, que é possível visualizar, estão localizadas as torres de alta tensão, e são o limite (real ou imaginário) entre o Loteamento Pôr-do-Sol e a Vila Nancy Pansera.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 08: Ao fundo da imagem, a Praça da Juventude visualizada da vila Nancy Pansera.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 09: Ao fundo da imagem, a Praça da Juventude visualizada da vila Nancy Pansera.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 10: Com alguma frequência, há animais mortos no entorno da Praça da Juventude, os quais são recolhidos pela PMC, não raras vezes, de três a cinco dias após o óbito.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 11: Outro animal morto no entorno da Praça da Juventude. Esses animais são recolhidos pela PMC, não raras vezes, entre três a cinco dias após o óbito.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

4.3 A primeira visita à Praça da Juventude

No dia 11 de março de 2016, após cumprir o turno de trabalho na EMEI, onde eu atuava na função de professor de Educação Física, no bairro Restinga, em Porto Alegre/RS⁵⁸, por volta de 12h30 me desloquei de carro até o bairro Guajuviras, em Canoas. Após três anos, retornei ao bairro com o propósito de encontrar e reencontrar algumas pessoas com as quais constituí vínculos e relações de amizade no período de realização das pesquisas acadêmicas anteriores acerca das sociabilidades no bairro. Naquele período, simultaneamente às pesquisas, atuei como Coordenador de Núcleo do PELC, uma das ações, à época, do PRONASCI, implementado por intermédio da PMC. Outro objetivo de meu retorno era conhecer a PJ, espaço público de esporte e lazer recentemente construído no bairro canoense.

Ao me aproximar da principal via de acesso ao bairro, na rótula entre a avenida Boqueirão e avenida Principal ou avenida 17 de Abril, me chamou a atenção a ausência do pórtico “Guajuviras, Território de Paz”, colocado no período da implementação e execução das ações do PRONASCI (iniciadas em outubro de 2009). No pórtico constava apenas o letreiro “Guajuviras”. Segui pela avenida 17 de Abril. Ao chegar na frente da EMEI Cara Melada, na Quadra II, Setor 5, adentrei a rua lateral, à direita, pois,

⁵⁸De outubro de 2015 a outubro de 2016 fui servidor público da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS.

atrás da escola localizava-se a Praça Ildo Meneguetti, um dos pontos de encontro de crianças e jovens para a prática de jogos de futebol e local, onde, de outubro de 2009 a outubro de 2010, ocorriam oficinas de futebol ofertadas pelo PELC que, à época, estava vinculado ao programa de segurança, no qual, como já mencionado, eu era coordenador das atividades.

Ao chegar defronte à praça, reduzi a velocidade do veículo na intenção de visualizar a presença de alguém. A praça estava vazia. Então pensei: “vou seguir para a Praça da Juventude”. Na calçada da praça Ildo Meneguetti caminhavam duas mulheres e uma criança. Resolvi perguntar-lhes qual seria o trajeto daquele ponto para chegar à PJ. Parei o carro: “Boa tarde senhora! Poderia me dar uma informação por gentileza”? “Sim”, respondeu uma das mulheres. “A senhora sabe onde fica a Praça da Juventude? Uma praça nova inaugurada há pouco menos de dois anos”. A mulher respondeu: “olha... eu não sei...”, em seguida, a outra mulher que a acompanhava respondeu: “A única praça nova que eu sei que existe é uma na COMTEL... é a única”. E complementou a informação: “Só que é lá na COMTEL, hein! Tu vais para lá? Cuidado!” - enfatizou. “Sim, senhora! - respondi - eu conheço a COMTEL, conheço algumas pessoas lá. Mas não é essa a praça que eu procuro. Obrigado pela atenção e uma boa tarde!” E como já se aproximava do horário de meus compromissos profissionais na universidade, deixei a visita à PJ para outro dia.

No dia 16 de março de 2016 retornei ao Guajuviras. Ao chegar à avenida 17 de Abril, segui na expectativa de buscar informações sobre a PJ. Novamente, adentrei na rua onde estava localizada a Praça Ildo Meneguetti, e avancei em direção à rua onde estava localizada a EMEF Nancy Pansera, no Setor 6, Área Verde 12. Ao parar diante da escola perguntei a um jovem que caminhava na rua se conhecia a localização da PJ. O jovem, atenciosamente, orientou-me, e minutos depois localizei a Praça.

Ao visualizá-la, chamou-me a atenção a ampla área e os espaços existentes. Após estacionar meu carro no espaço destinado ao estacionamento de veículos na frente da PJ, desci e observei, por alguns minutos, o espaço, no qual se encontravam algumas pessoas conversando e tomando chimarrão, sentadas em bancos. Havia um grupo de jovens jogando no campo de futebol da praça. Permaneci algumas horas na praça, observando os espaços e fui embora.

4.4 O primeiro dia — vivendo o espaço: o Complexo Esportivo e Cultural Nelson Mandela

Quinta-feira, dia 02 de março de 2017. Cheguei ao bairro Guajuviras às 10h, e me deslocuei diretamente até a PJ, com o propósito de conhecer melhor aquele espaço público. Ao chegar, estacionei meu veículo, e a primeira coisa que me despertou a atenção foi um segurança, posicionado em frente a um prédio pertencente à Praça, que vigiava toda a extensão do espaço público com um binóculo. Sobre esse prédio, apresento, mais adiante, sua descrição.

No bairro Guajuviras, a PJ está localizada na rua 8, Macroquarteirão 6, Loteamento Pôr-do-Sol, Quadrante Nordeste, oficialmente nomeada Centro Cultural e Esportivo Nelson Mandela, em homenagem ao ex-presidente da África do Sul, falecido no ano de 2013. O site oficial da prefeitura municipal sinaliza que “a Praça da Juventude é um espaço voltado à prevenção de violências contra jovens, oferecendo locais adequados para a prática do esporte e exercícios do lazer e da cidadania, com oficinas e intervenções de fortalecimento do convívio comunitário⁵⁹”.

Esse espaço público possui uma área de, aproximadamente, sete mil metros quadrados, com quadra poliesportiva coberta agregada de arquibancada de concreto de dois andares. Atrás da quadra coberta há um anfiteatro com palco para shows musicais e teatro. As paredes das extremidades do palco possuem grafites de grupos musicais que destacam a diversidade de ritmos e etnias. Em frente ao palco há arquibancadas de concreto para acomodar os expectadores. O acesso tanto ao palco de shows quanto às arquibancadas possui acessibilidade para cadeirantes e demais pessoas com alguma restrição de ordem física. Atrás das arquibancadas do palco de shows há uma Academia ao Ar Livre, com nove aparelhos e painel com ilustrações que orientam a forma de realizar alongamentos. Em frente à Academia ao Ar Livre há um campo de futebol, com arquibancada de concreto de dois andares em uma de suas laterais. Ao lado do campo, há uma Quadra de Areia com aparelhos para a prática de voleibol de praia, e, ao lado, uma pista de skate. Em frente à quadra de areia há um Quiosque Coberto. Mais adiante, próximo à quadra Poliesportiva Coberta, há uma pracinha com três balanços e três escorregadores. Esse espaço público conta também com bebedouros e 17 bancos (os popularmente conhecidos bancos de praça), posicionados em diferentes pontos. Em um

⁵⁹Informação disponível em: <http://www.canoas.rs.gov.br/site/home/pagina/idDep/30/id/218>. Acesso em: 23/04/2016.

dos acessos possíveis à Praça, há uma câmera de monitoramento que permite a visualização de toda a extensão da Praça e seu entorno. Em diferentes pontos da PJ há placas da prefeitura municipal de Canoas com o seguinte informativo: “Área monitorada por câmeras – Monitorada 24h”⁶⁰. Significativamente, chamou-me a atenção a estrutura física do espaço, constituída de espaços específicos destinados às diversas práticas culturais, artísticas, esportivas e de lazer. Um espaço em que, à primeira impressão, é o de uma estrutura em termos físicos nova, conservada.

Enquanto eu caminhava pela Praça para conhecer e anotar os espaços ali existentes, ouvi músicas vindas de um centro, ou prédio, espaço pertencente e localizado no interior da Praça. Assim que tomei nota de todos os espaços abertos pertencentes à Praça, me dirigi até aquele centro/prédio, para saber o que havia em seu interior e se as músicas decorriam de alguma atividade em andamento.

Antes de chegar diante da porta que dava acesso ao prédio, vi, na parede frontal, o rosto do ex-presidente africano Nelson Mandela coloridamente grafitado. Parei em frente ao grafite e o fotografei, e continuei em direção ao prédio. E ao chegar diante da porta de acesso ao prédio fotografei a placa fixada ao lado dessa porta. A placa estampava, na base superior, o brasão da cidade, e, ao lado, lia-se “Prefeitura de Canoas”. Logo abaixo, centralizadas na placa, constavam as informações: “Inauguração – Complexo Esportivo Praça da Juventude”, e, logo a seguir, os nomes da Presidente da República, Dilma Rousseff, do Ministro dos Esportes, Aldo Rabelo, do Prefeito Municipal de Canoas, Jairo Jorge da Silva e do Secretário Municipal de Segurança Pública e Cidadania, Carlos Adriano Klafke dos Santos, os quais exerciam os referidos cargos públicos no período de inauguração da Praça. Na base inferior da placa constava o mês e o ano de inauguração: “Canoas, novembro de 2014”⁶¹.

Adentrei no prédio. Logo na primeira sala, à esquerda de quem entra, havia três seguranças e uma jovem. Entre os seguranças estava aquele que, momentos antes, vigiava o espaço público com o auxílio de um binóculo. Cumprimentei os seguranças: “bom dia”! Todos retornaram o cumprimento: “bom dia”! Segui em frente em direção à sala de onde vinha o som de música. Essa sala ficava ao lado da sala onde estavam os seguranças e a jovem. A porta estava aberta, e lá dentro havia, aproximadamente, 20 mulheres, de diferentes idades que dançavam sob a orientação de uma professora. Era

⁶⁰Recordações de campo, 02/03/2017.

⁶¹Recordações de campo, 02/03/2017.

uma aula de zumba⁶². Para a minha surpresa, a professora era a Vania, estagiária/monitora nos anos de 2009 e 2010 do PELC, no bairro Guajuviras, quando atuei na condição de coordenador de um dos núcleos de esporte no bairro. Após o encerramento das atividades do programa, em outubro de 2010, não havia mais contato com Vania. Quando ela direcionou seu olhar para a porta de acesso à sala e viu que eu as observava do lado de fora, imediatamente acenou para mim e gritou: “oi, que surpresa! Tudo bem Cristiano”? Acenei para Vania e permaneci assistindo a aula. Segundos depois, caminhando rapidamente, uma das mulheres que participava da aula se dirigiu até a sala ao lado onde estavam os seguranças e a jovem. Em seguida, essa mulher retornou para a aula de zumba. Segundos depois, um dos seguranças veio em minha direção e me chamou: “tu podes vir comigo um momento, por favor?” Então, me desloquei com o segurança até em frente da sala onde ele estava com a jovem, e ele disse: “desculpe, mas tu não podes ficar ali (em frente à sala onde estava ocorrendo a aula de Zumba). Não é permitido o acesso e permanência de homens quando está acontecendo a aula de dança”. Pedi desculpas e disse-lhe desconhecer que o acesso era restrito. O segurança, gentilmente, respondeu: “tudo bem, sem problemas”⁶³.

Aproveitei o ensejo para perguntar ao segurança quem era a pessoa responsável pela gestão da Praça. O segurança respondeu: “é aquela senhora que passou por ti e entrou na sala de dança”. A “senhora”, a que o segurança se referia, era a mesma que havia se deslocado, caminhando rapidamente, da sala onde ocorria a aula de zumba para a sala ao lado onde estavam os seguranças e logo havia retornado à aula. “Mas o que tu precisas?” - perguntou o segurança. “Gostaria de conhecer as atividades que acontecem aqui”, respondi. “Ah, então tu passas ali (na recepção) e fala com ela (a jovem era a mesma que estava em companhia dos seguranças quando entrei no prédio)”, orientou o segurança. “Posso entrar”? - pergunto à jovem. “Claro”, respondeu. “Bom dia, meu nome é Cristiano”. “Tudo bem? Meu nome é Natália⁶⁴”. “Eu estou aqui porque gostaria de conhecer a Praça, as atividades que acontecem aqui. Tu também és uma das responsáveis pelo espaço?” - perguntei. “Eu sou estagiária, estou aqui na função de auxiliar da gestora”, respondeu a jovem. “Estagiária de ensino superior”? - perguntei.

⁶²Segundo alguns estudos consultados, a Zumba é uma prática corporal compreendida como uma modalidade de exercício físico realizada em grupo, coreografada, que mescla diferentes ritmos e estilos musicais, articuladas a movimentos da ginástica, com diferentes níveis de intensidade.

⁶³Recordações de campo, 02/03/2017.

⁶⁴ Exceto dos coordenadores do Projeto Time de Cristo (TDC) e dos membros do Grupo Teatro, Ideia e Ação (TIA), os nomes dos informantes/interlocutores e sujeitos da pesquisa são fictícios.

“Sim, sou estudante de Design na ULBRA⁶⁵”, respondeu, e complementou: “se tu tens interesse em saber das atividades que acontecem aqui eu posso te dizer. Sente-se, por favor”⁶⁶.

Natália iniciou justificando que, devido ao período de recesso, férias, carnaval e do processo eleitoral do ano anterior que havia resultado na troca da administração municipal, algumas das atividades da PJ, sob a gestão e orientação de agentes do Estado [da PMC], estavam sendo retomadas, e em processo de reorganização do espaço. Havia bastante o que fazer, principalmente porque quem trabalhava ali antes (administração anterior) “deixou o espaço abandonado, desorganizado”, mas naquele momento estavam “conseguindo organizar”, pois, “retomamos a aula de zumba, que tu viu ali, nas terças e quintas pela manhã, e temos aula de pilates, nas segundas e quartas à tarde”, e que as aulas de teatro seriam retomadas, e na sala onde conversávamos seria organizado um espaço que, futuramente, seria uma biblioteca⁶⁷.

E por que é proibido o acesso de homens durante as aulas de zumba? - perguntei. Natália respondeu que no ano anterior ocorreram alguns problemas de assédio, desrespeito de alguns homens que ficavam mexendo com as mulheres durante as aulas. Por conta disso, ficou definido que seriam somente turmas femininas, e no horário das aulas o acesso seria proibido aos homens. Com o avançar da conversa, questionei se somente ela e a coordenadora da Praça eram as responsáveis pela administração do espaço, e Natália respondeu: “Sim, na verdade, estou aqui desde o ano passado. Eu fazia trabalho voluntário. Este ano consegui um contrato de estágio e estou de auxiliar da gestora”. Em seguida, Natália perguntou-me se eu gostaria de mais informações, e como tive o sentimento de que, naquele momento, o diálogo não avançaria mais, perguntei se havia possibilidade de conversar com a gestora da PJ. A jovem respondeu positivamente, dizendo que a gestora estava na aula de zumba, mas ao final da aula transmitiria à gestora o meu desejo de conversar com ela. Natália solicitou que eu aguardasse ali enquanto ela avisava a gestora que eu desejava conversar com ela⁶⁸.

⁶⁵ Universidade Luterana do Brasil.

⁶⁶ Recordações de campo, 02/03/2017.

⁶⁷ Recordações de Campo, 02/03/2017.

⁶⁸ Recordações de Campo, 02/03/2017.

Assim, já mais à vontade no local, devido ao acolhimento inicial tanto por parte do segurança quanto de Natália, permaneci na sala da recepção com a jovem enquanto aguardava o encerramento da aula de zumba. Aproximadamente vinte minutos depois, algumas mulheres começaram a deixar o prédio. Acenavam para Natália, se despedindo, e do segurança, “tchau! Até a próxima”. As mulheres abraçavam-se e diziam “estava ótima a aula hoje! Bom final de semana!” Outras deixavam o prédio de mãos dadas com seus filhos.

Em seguida, entrou na sala, enxugando o suor do rosto com uma pequena toalha, com o olhar direcionado para mim, a gestora da PJ, falando em tom de voz alto “oi, é tu que quer falar comigo”? Levantei-me da cadeira e respondi: “bom dia! Sim”. A gestora, Alba, sentou-se na cadeira posicionada em sua mesa e convidou-me a sentar: “sente-se, por favor, fique à vontade”. Sentei-me e me apresentei, dizendo o motivo de eu estar na Praça, que tinha o interesse de conhecer as dependências do Prédio e as atividades que ali ocorriam, e que já havia visitado o espaço externo, rapidamente, em outras duas ocasiões. Em seguida, falei sobre o porquê de ter adentrado no espaço, pois desconhecia que a presença de homens não era permitida. A gestora, tranquilamente, respondeu: “tudo bem”, “sem problemas”, “não se preocupe”, e logo justificou a necessidade de restringir o acesso masculino durante as aulas de dança porque haviam tido muitos problemas de assédio, ofensas às mulheres, as quais ficaram muito incomodadas com que havia acontecido. “Muitas das gurias ficavam constrangidas”, disse a gestora, e que antes da medida restritiva, durante as aulas juntava aquele “macharedo” na porta e “ficavam tirando foto, falando gracinha, assediando, outros rindo, ridicularizando algumas delas”. Devido a esses acontecimentos, a gestora relatou que um marido proibiu a mulher de frequentar as aulas, e que essa mulher, há poucos dias, ligou dizendo que retornaria às aulas, muito porque, nas palavras dela, estava conseguindo “se livrar do marido”. Então, por conta de tudo isso, complementou a gestora, “resolvemos proibir a presença de homens nas proximidades da sala nos dias de aulas de zumba”. Ainda sobre o mesmo assunto, Alba disse que não podia permitir que isso provocasse a desistência de algumas das “gurias”, que “não foi fácil constituir este grupo”, e que “muitas destas mulheres antes de vir para cá e começar a fazer a aula de zumba, estavam com sua autoestima lá embaixo” que “não cuidavam da sua aparência”, “não cuidavam da saúde” e “viviam dentro de casa somente cuidando dos filhos e do marido”. Com as aulas de zumba isso “mudou”, “elas

estão felizes”, “preocupadas com a aparência”, “com mais autonomia” e “não vivem mais só para as tarefas de casa”. E concluiu: “Eu tenho que preservá-las.”⁶⁹

De repente, nossa conversa foi interrompida por uma voz, em tom alto, dentro da sala: “olá, olá, olá, estou entrando! Não posso deixar de dar um abraço nessa pessoa antes de ir embora”. Era Vania, a professora de dança das mulheres, conforme já mencionei, que foi estagiária/monitora do PELC, no bairro Guajuviras, nos anos de 2009 e 2010 quando ocupei o cargo de coordenador de núcleo de esporte e lazer do programa. Vania veio ao meu encontro e me cumprimentou com um forte abraço. “O que faz por aqui, Cristiano?”, perguntou. Respondi que estava no local para conhecer a PJ e as atividades que ali aconteciam. Vania abraçou-me novamente, despediu-se e foi embora. Alba e eu retomamos a conversa. Perguntei-lhe desde quando estava na condição de gestora da Praça e ela disse: “sou gestora da Praça desde a inauguração, em 2014. Fui eu que inaugurei a Praça (risos). Fui convidada pela nova administração a permanecer no cargo e acabei aceitando. Entendi que deveria permanecer até para dar continuidade nas atividades consolidadas e efetivar outras”⁷⁰.

Com o resultado do processo eleitoral realizado em outubro de 2016, uma nova administração assumiu a gestão municipal de Canoas/RS⁷¹, passando a ocupar, então, desde 1º de janeiro de 2017, o espaço que estava sob a administração do PT, desde 2009, gestão que realizou o convênio com o Governo Federal ainda em 2009, e que possibilitou a construção da PJ via recursos do PRONASCI. Alba, que ocupava o cargo de gestora da PJ desde a administração anterior, salientou possuir expectativas positivas para 2017 com a nova administração municipal. Disse que estava “otimista”, salientando que, ao longo dos dois anos e meio de existência, obtiveram muitas conquistas, mas também passaram por muitas dificuldades, sendo que “nos últimos meses nós sequer tínhamos material de expediente e de limpeza”. “Agora eu pedi e prontamente recebi. Estou com o estoque lotado (risos)”. E complementou: “vejo boa vontade e interesse do atual governo com a praça”⁷².

A gestora não perguntou sobre as minhas motivações em conhecer e saber das atividades que ocorriam na PJ, portanto, tomei a iniciativa. Disse-lhe que era professor

⁶⁹ Conversa com Alba, gestora da Praça da Juventude, Recordações de Campo, 02/03/2017.

⁷⁰ Conversa com Alba, gestora da Praça da Juventude, Recordações de Campo, 02/03/2017.

⁷¹ O atual prefeito municipal é Luiz Carlos Busato do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

⁷² Conversa com Alba, gestora da Praça da Juventude, Recordações de Campo, 02/03/2017.

universitário de Educação Física, estudante de doutorado na UFRGS, e desde a graduação realizava estudos e pesquisas sobre políticas públicas de esporte e lazer e os espaços públicos. Um dos meus interesses de estudo era saber como as pessoas ocupavam os espaços projetados para atividades culturais, esportivas e de lazer e que ficaria agradecido com a concessão de autorização para acompanhar as atividades daquele espaço público. Prontamente, a gestora avaliou positivamente a minha solicitação, dizendo: “é muito interessante te ter aqui conosco, fazendo estudos sobre a Praça, das atividades daqui”, e ampliou sua autorização: “te autorizo a acompanhar inclusive a aula de zumba. Eu digo para as gurias que tem minha autorização”. Diante da sua disposição em viabilizar minha presença para a realização do estudo, assumi o compromisso de providenciar uma carta de apresentação da universidade com informações sobre a pesquisa a ser desenvolvida. Então, Alba, complementou: “Ah, sim, perfeito, traga a carta. Será importante, não para te autorizar, até porque já está autorizado por mim. Mas caso alguém questione a sua presença, principalmente durante as atividades onde só tem as mulheres, temos um documento formal de sua presença”⁷³.

Em seguida, a gestora me ofereceu um chimarrão e continuamos conversando. A gestora passou a me relatar as atividades que aconteciam no local, questões que envolviam contratação de novos profissionais para dar continuidade a atividades interrompidas, projetos futuros e uma página ativa no *Facebook* do complexo esportivo e cultural. Por fim, solicitou meu contato telefônico e disse que passaria a me enviar informações sobre atividades e eventos na PJ via aplicativo *Whatsapp*. Conversamos por mais alguns minutos, e momentos depois me despedi de Alba e fui embora. Desde então, passei a frequentar, observar e viver a praça com as pessoas que lá habitavam, frequentavam, realizavam suas práticas e trabalhavam.

4.5 O Complexo Esportivo e Cultural Nelson Mandela em ruínas: da produção dos discursos para concepção do espaço aos desinvestimentos

É sempre bom lembrar que um copo vazio está cheio de ar (COPO VAZIO, Gilberto Gil, 1974).

Apesar de toda essa estrutura predial e espaços para atividades culturais, esportivas de lazer, entre outros lazeres, a política pública PJ, que, nas suas diretrizes, objetivos e discursos políticos, se propõe a mediar conflitos, minorar as relações de

⁷³ Conversa com Alba, gestora da Praça da Juventude, Recordações de Campo, 02/03/2017.

violência e contribuir para a ampliação da cidadania, com oficinas de “fortalecimento do convívio comunitário” esportivas e culturais, parece não dar garantias acerca do que prometeu. No que tange aos recursos humanos, as oficinas de futsal previstas passaram por sucessivas descontinuidades provocadas pela ausência de estagiários de Educação Física que ora eram deslocados para outros centros esportivos, ora se afastavam pela não renovação dos seus contratos, tudo isso aliado a não celeridade de nova contratação. Atualmente, as oficinas de futsal ofertadas pelo governo municipal não mais acontecem por causa da ausência de profissionais e/ou estagiários para ministrá-las e orientá-las⁷⁴.

No que se refere aos materiais necessários para o trabalho proposto, também não há garantias: numa das observações, quando ainda ocorriam as oficinas de iniciativa do governo municipal, a estagiária foi vista ministrando aulas de futsal utilizando bolas de handebol⁷⁵; as aulas de lutas, lecionadas por um professor voluntário, não tiveram continuidade, pois os tatames - retirados da sala de lutas por agentes da prefeitura para cobrir um evento em outro bairro da cidade - jamais foram devolvidos. No entanto, luvas e aparadores de chute encontram-se em quantidade significativa em outra das salas multiuso do centro administrativo da praça, todavia, sem utilização, pois, não há profissional para atender a demanda.

As oficinas de música também passam por frequentes descontinuidades e já não acontecem desde os meses finais de 2017. O Complexo Esportivo e Cultural Nelson Mandela - PJ, é rico em instrumentos musicais à disposição do público para as oficinas previstas: baterias, guitarras, teclados, em quantidade significativa, encontram-se em uma das salas do prédio administrativo preparada para atender essa oficina específica. Contudo, fatores como baixa remuneração dos professores/oficineiros; ausência de editais propostos pela prefeitura municipal; e a não renovação de contratos inviabilizam a consolidação e a continuidade das atividades.

⁷⁴Recordações de campo, 2017, 2018, 2019.

⁷⁵ Recordações de campo.



Figura 12: Sala multiuso da Praça da Juventude destinada às aulas/oficinas de música.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 13: Outra imagem da mesma sala multiuso da Praça da Juventude destinada às aulas/oficinas de música.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Outras oficinas e projetos previstos, que também deveriam ser garantidos com dotação orçamentária e recursos humanos da PMC, jamais funcionaram ou já não funcionam. Cito ainda o caso das oficinas de basquetebol; atletismo; *slackline*; zumba.

A reportagem abaixo, publicada no site oficial da PMC⁷⁶, em 13/08/2015,

⁷⁶Disponível em: <http://oldsite.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/id/121398>. Acesso em 11/02/2019.

ilustra todas as ações projetadas para esse espaço público cultural e esportivo de lazer anunciadas pelo poder público municipal que, porém, já não acontecem ou não ocorreram em nenhum momento.



VOCÊ ESTÁ NAVEGANDO NO ANTIGO PORTAL DA PREFEITURA | [ACESSE O NOVO PORTAL](#)

Você está em: [Inicial](#)>[Notícias](#)>Praça da Juventude recebe novos projetos esportivos

13/08/2015 12:46

Praça da Juventude recebe novos projetos esportivos

Ireno Jardim



[mais fotos](#)

Na Praça da Juventude, no Guajuviras, SMEL oferece atividades em oito modalidades

A Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL) realizará, no Centro Cultural e Esportivo Nelson Mandela (Praça da Juventude), no bairro Guajuviras, o lançamento oficial das atividades esportivas do local, nesta sexta-feira (14), a partir das 14h30. Haverá aulas de todas as modalidades, para que a comunidade possa conhecer e optar pela atividade com a qual mais tem afinidade.

Muitas dessas modalidades já são ofertadas na Praça da Juventude desde junho. Porém, será apresentada, nesta sexta-feira, um pouco de cada uma delas para quem quiser participar.

Nove modalidades:

- Slackline (equilíbrio sobre uma fita de nylon) - 14h, segundas e quartas;
- Basquete street - 16h, segundas e quartas;
- Futsal

Mirim - 14h30 e 15h30, terças e quintas;

Infantil - 16h30, terças e quintas;

Pré-mirim, Mirim e Infantil Feminino - 14h30, segundas e quartas;

Pré-mirim, Mirim e Infantil - 10h, segundas e quartas;

- Atletismo - 14h30, segundas e quartas;

- Jiu jitsu - 17h, terças e quintas;

- Taekwondo - 14h, segundas e quartas;

- Zumba - 15h15, segundas e quartas;

- Pilates - 16h30, segundas e quartas;

- Ginástica - 9h, segundas e quartas.

Todas as atividades são gratuitas

A SMEL, através do projeto "Em Canoas o Esporte tem mais Valor", incentivado pela lei estadual Pró-Esporte, tem oferecido novas modalidades esportivas.

O Programa de Lazer, Atividade Física e Saúde (PLAFS) conta hoje com jogos e ginástica, adaptados para a terceira idade; zumba, ioga e pilates para adultos e jovens com mais de 15 anos e o programa

Saúde e Movimento (em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde), já instalado nos quatro quadrantes da cidade. O projeto Atleta Cidadão do Futuro, trabalha com crianças até 15 anos na área de formação, e o Gurizada em Movimento (em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde), atende crianças entre 9 e 15 anos. O futebol de rendimento será ampliado através do projeto "Em Canoas o Futebol é da Comunidade", que já conta com 11 núcleos para categorias de base, onde os atletas que se destacam são encaminhados para equipes representativas.

Crédito da notícia: Luiz Roese - MTE 11631

A estrutura física da praça também se encontra em ruínas, o que pode ser demonstrado com vários exemplos: a quadra poliesportiva está sem iluminação há meses; uma das goleiras da quadra está quebrada, mas se mantém em uso porque foi amarrada com arames pelos jovens com a ajuda do guarda; na quadra poliesportiva, em uma das goleiras encontra-se fixada apenas a tabela sem o aro para a prática de basquetebol; na outra goleira, sequer a tabela. Os bebedouros não funcionam; os vestiários têm infiltrações e mofos; os bancos da praça estão quebrados. No prédio administrativo, os pequenos reparos são realizados pela própria gestora local, com recursos próprios⁷⁷. O campo de futebol, que é bastante utilizado pelos jovens locais que auto-organizam seus jogos, e frequentemente também é utilizado por membros da Igreja Novas de Alegria, que desenvolve o projeto de futebol TDC,⁷⁸ nas terças à tarde e aos sábados pela manhã, está em más condições: não possui gramado em quase toda a sua extensão; em dias de chuva o piso de chão batido e esburacado fica tomado por poças de água; nas goleiras não há mais redes. A iluminação, que já funcionava parcialmente no início da pesquisa de campo, já não funciona da mesma forma.

Em outra ocasião, no mês de março de 2018, ao conversar com um pequeno grupo de crianças e jovens que jogavam bola na quadra, um dos jovens, Mauricio [soube seu nome ao longo da conversa], teceu comentários sobre os problemas estruturais que a praça está enfrentando. A conversa iniciou após eu perguntar se frequentavam a praça com regularidade, e o jovem, espontaneamente passou a relatar os problemas que estão afetando a estrutura física da praça. Pergunto: “você está sempre por aqui jogando?” “Sempre, sim. Claro, sempre no horário que não estamos em aula (risos)”. “Ah, então pelo jeito vocês gostam daqui...”, comentei. O jovem respondeu: “é, mas a praça tá meio atirada. Olha só o campo, todo irregular, as goleiras sem as redes. Quando fizeram a praça, o campo não era assim. O gramado era todo

⁷⁷ Recordações de campo.

⁷⁸As atividades do referido projeto são abordadas em detalhes no Capítulo 4.

parelho, as goleiras tinham as redes. Agora é esse matagal tomando conta de partes do campo e o resto é chão batido”. E o jovem continuou: “até a iluminação não tem mais. No começo [quando a praça foi inaugurada] era bem diferente. Mas nós estamos seguido por aqui, gostamos de jogar. Eu aproveito, como eles gostam [as crianças que estão na quadra com o jovem], eu jogo com eles para ensinar algumas coisas”⁷⁹.

Enquanto eu acompanhava, à beira do campo, os jogos de futebol do projeto TDC, em uma manhã de sábado do mês de outubro de 2018, duas mulheres que também assistiam aos jogos [com o avanço da conversa entre nós, soube que eram mães de duas crianças que participavam do projeto] vieram em minha direção. Ambas pararam ao meu lado, cumprimentando-me: “Oi, tudo bem?” - disse uma delas [Ana Paula]. “Bom dia!”, disse a outra, em seguida [Jaqueline]. Respondi aos cumprimentos. Ana Paula comentou que, com frequência, via-me na praça e perguntou quem eu era. Ao dizer-lhe que era professor, ela imediatamente começou a falar: “pois é, olha só esse projeto? É um projeto muito legal. Os professores [Márcio e Jorge, coordenadores do projeto] são muito esforçados e dedicados, eles fazem um trabalho maravilhoso aqui com as crianças. A gente precisa valorizar! Como tu já sabes e acompanhas, todos os sábados eles estão aqui ensinando futebol, dão lanche...”. E Ana Paula continuou: “eu estou dizendo isso porque mais cedo, antes de começar os jogos, os professores e as crianças estavam carregando areia e taparam todos os buracos do campo. Quando nós chegamos, o campo estava todo esburacado e com barro. Faz tempo que está assim, mas quando chove fica pior. Não é a primeira vez que eles precisam tapar os buracos para poder jogar. É perigoso para as crianças. Assim fica ruim para o projeto. O campo não era assim. Tu tens como resolver para nós?”, perguntou-me ela. Respondi sugerindo que elas levassem essa demanda à gestora da praça, que podia ser encontrada no prédio administrativo, a fim de que as solicitações chegassem à prefeitura municipal. A mulher, demonstrou surpresa com minha resposta: “Tá, mas tu não é da prefeitura?” Ao responder que não, e que eu estava frequentando a praça porque realizava um estudo sobre políticas públicas e práticas nos espaços públicos, ela respondeu: “Ah, vou fazer isso, então. Obrigado pela orientação. Tchau e até a semana que vem, então”⁸⁰.

⁷⁹Recordações de campo, dia 03/03/2018.

⁸⁰Recordações de campo, dia 06/10/2018.



Figura 14: Teto do vestiário da Praça da Juventude com mofos e infiltrações.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 15: Piso e parede do vestiário da Praça da Juventude com mofos e concentração de água devido às infiltrações.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 16: Campo de Futebol da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 17: Campo de Futebol da Praça da Juventude após dia ou dias de chuva.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 18: Campo de futebol da Praça da Juventude após dia ou dias de chuva.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 19: Banco quebrado localizado no quiosque da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 20: Quadra de voleibol de areia, localizada entre o quiosque e o campo de futebol.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 21: Outro banco quebrado localizado no quiosque da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 22: Pracinha para as crianças com os balanços quebrados.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 23: Pracinha para as crianças com os balanços quebrados.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 24: Bebedouro quebrado e desativado.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 25: Uma das tabelas de basquetebol que estava fixada em uma das goleiras da quadra poliesportiva, a qual, após quebrar, em 2017, encontra-se até então [outubro de 2019] armazenada em um dos vestiários da PJ.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 26: Goleira quebrada da quadra poliesportiva amarrada com arame pelos jovens e o guarda Subversio.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 27: A mesma goleira quebrada da quadra poliesportiva apresentada de outro ângulo, amarrada com arame pelos jovens e o guarda Subversio.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Apesar de todas as dificuldades até aqui narradas, os jovens, um grupo de mulheres moradoras do Loteamento Pôr-do-Sol e da Vila Nancy Pansera, e também um

obreiro, um evangelista e outro grupo de jovens vinculado a uma igreja do bairro, e um grupo de teatro utilizam regularmente aquele local. Como isso acontece? É o que descreverei nos capítulos a seguir.

CAPÍTULO 5

INFRAESTRUTURAS VIVAS: AS ASSOCIAÇÕES NA PRAÇA DAS JUVENTUDES

5.1 O Guarda Subversio⁸¹

[...] *o espaço é um lugar praticado*. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. (DE CERTEAU, 2018, p. 184).

Subversio é um dos guardas de uma empresa terceirizada que presta serviço à PMC, empresa essa, responsável pela segurança patrimonial do município. A presença de Subversio na PJ é anterior a oficial inauguração ocorrida em 22 de novembro de 2014. Subversio acompanhou e vivenciou *in loco* todo o processo de edificação e construção da praça, pois, foi enviado ao local para fazer a segurança patrimonial e proteção dos materiais de construção e da estrutura física do espaço à época da construção.

A designação de Subversio para atuar na segurança patrimonial da PJ foi, segundo o próprio guarda, um ‘castigo’ decorrente de condutas que, na compreensão de sua chefia imediata, se apresentaram inadequadas em outros espaços nos quais atuou, ou, nas próprias palavras de Subversio, em uma de nossas conversas, foi motivada “porque eu aprontava demais, aí me mandaram pra cá”⁸².

Subversio não é o Guarda com quem tive contato quando estive na praça pela primeira vez, pois o conheci dias depois após conversar com a gestora do espaço e receber a autorização para a realização da pesquisa de campo, entretanto, tornou-se o principal responsável pela aceitação de minha presença na praça e a consequente criação de vínculos com os jovens que lá jogam futsal e futebol, entre outros frequentadores. Já havia salientado anteriormente sobre as significativas dificuldades enfrentadas tanto de aproximação ao grupo quanto das possibilidades de interação por meio de conversas e trocas de ideias, dado que a ‘frieza’ dispensada a mim e a ‘desconfiança’ em relação a

⁸¹ O guarda será chamado nessa Tese de *Subversio* diante de suas práticas e relações estabelecidas com os usuários da PJ, motivado pela origem da palavra que vem da raiz *subvertere* tem o sentido de uma ação que provoca a inversão de uma ordem estabelecida, onde “sub” refere-se a “por baixo” ou “debaixo” de algo e “vertere” diz respeito a “virar” ou “mudar”, fazer algo diferente.

⁸²Recordações de campo, 24/01/2019.

minha presença na praça se apresentou como uma ‘fronteira’ difícil de superar. A consolidação de meu vínculo com os jovens a partir da ajuda de Subversio aconteceu devido à relação que o guarda possui com os jovens, pois, segundo o próprio Subversio, “eu conheço eles desde o tempo em que essa praça ainda sequer existia, quando ainda estava sendo construída. Eu conheço eles antes da Alba”, e, afirma o guarda, é esse o motivo “porque eles estão sempre na minha volta”. Subversio relatou-me que quando a praça estava sendo construída, os jovens queriam jogar na quadra, mas a prefeitura não os autorizava, pois só seria permitido após a inauguração oficial do espaço público. Por esse motivo, ele acabava autorizando os jovens até porque era um dos poucos espaços que eles tinham para jogar. Para Subversio isso resultou na criação de “um vínculo muito forte”, pois, “eles confiam em mim e me respeitam; e eu também respeito e considero todos eles”⁸³.

Em outra de nossas conversas, Subversio voltou a comentar sobre a reação dos jovens quando comecei a frequentar a praça, ainda em meados do ano de 2016. Soube, posteriormente, por Subversio, que, nos primeiros dias, minha presença provocou inquietações e desconfianças. O guarda contou-me que quando comecei a frequentar a praça “foi complicado”, e que a primeira vez em que estive presente e sentei-me na quadra e ali permaneci, alguns jovens procuraram o guarda que estava nas dependências do prédio administrativo para contar: “Ô, Subversio, tem um cara lá na arquibancada sentado, não sei o que ele quer lá. Ele chegou, olhou e se sentou”. Subversio falou sobre a desconfiança dos jovens: se eu era policial militar ou algum “contra” que estava atrás de alguém para resolver alguma “rixa”. Subversio ainda disse que momentos depois ficou atento aos meus “movimentos” e que orientou os jovens a “ficar esperto e qualquer coisa avisar” e que os jovens já estavam querendo me “pegar” e me “correr da praça” nas vezes seguintes em que estive presente. Na mesma conversa, tenho lembranças de Subversio enfatizando: “Tu és louco em ter chegado assim! Foi bem na época em que estava rolando vários tumultos com os guris da biqueira”⁸⁴. Isso só não aconteceu porque depois que eu soube quem tu era, contei para os guris, aí eles relaxaram...”⁸⁵.

⁸³Recordações de Campo em algum dia de 2017.

⁸⁴“Biqueira” é como são atualmente identificadas e chamadas as “bocas” ou pontos demarcados para o comércio de drogas.

⁸⁵Recordações de Campo em algum dia de 2017.

Após esse relato de Subversio, compreendi um dos motivos das dificuldades iniciais na constituição de vínculos com os jovens. Com o tempo, pude observar e acompanhar certa coesão entre os jovens contra àqueles que não são familiares ao espaço e/ou não possuem vínculos com o grupo, ou seja, aos que não são “estabelecidos” (ELIAS & SCOTSON, 2000). Os “outsiders” (ELIAS & SCOTSON, 2000) são imediatamente identificados e sua presença é comunicada aos próprios jovens, ao Subversio e à Alba, e passam a ser observados e o grupo só os aceita se houver comum entendimento e acordo entre todos [Alba, Subversio e os jovens]. Em outras palavras, minha condição de “outsider” foi significativamente minorada pela mediação de Subversio, à medida que ele passou a convidar-me a acompanhá-lo até a quadra poliesportiva da praça, de modo que os jovens compreendessem que se estava acompanhado de Subversio, logo, significava que eu era uma pessoa de sua confiança. Assim, paulatinamente, passei a receber convites, inicialmente de Alba e Subversio, posteriormente dos próprios jovens para acompanhá-los em jogos de futsal organizados tanto na quadra da praça quanto em jogos com equipes em outros bairros da cidade.

A atuação de Subversio, como já é possível perceber, não se restringia à segurança do patrimônio da PJ. O significativo respeito e a consideração dos jovens pelo guarda, que observei “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) ao longo da convivência no campo de estudos, devia-se tanto à relação constituída com esses jovens ainda antes da inauguração da praça, como salientado pelo próprio guarda que viabilizava jogos no espaço ainda em construção, quanto pela criação do Projeto “Praça Futsal/Futebol Clube” [Praça F.C].

Subversio é o idealizador e o articulador do projeto Praça Futsal/Futebol Clube, em parceria com Alba, que será abordado na seção 6.2 do capítulo 6 com mais detalhes. Esse projeto é tanto alternativo ao projeto Atleta Cidadão do Futuro (ACF) do governo municipal, que limitava a participação de parcela dos jovens frequentadores da praça em seus critérios de acesso, quanto uma ação para tornar mais dinâmico o espaço frequentado pelos jovens para as práticas de futsal mediante a organização de jogos contra equipes formadas por outros jovens frequentadores da PJ, e jogos, torneios e campeonatos em outros bairros da cidade. Nesse projeto, então, Subversio e Alba organizavam jogos tanto na quadra poliesportiva e campo de futebol da PJ quanto em outros espaços da cidade [campos de futebol de várzea, quadras de futsal e de futebol sete mediante pagamento de aluguel da hora agendada]. O Praça F.C, consoante a

organização de Subversio e Alba, possuía as equipes A e B. Eram recorrentes as solicitações dos jovens a Subversio para organizar disputas contra outras equipes, em sua maioria formadas por outros jovens que também jogavam frequentemente futsal na PJ. Os fardamentos usados pela equipe A do Praça F.C são camisetas e calções na cor cinza; os da equipe B são, geralmente, os do projeto ACF que ficou na praça após a não continuidade das suas atividades, e há outros, adquiridos com recursos próprios de Alba e Subversio, que ficam guardados em uma das dependências do prédio administrativo.

Subversio é o ‘técnico’ dos jovens que representam a PJ vinculados ao projeto Praça F. C. É quem fica à beira da quadra ou do campo orientando os jovens durante os jogos. Seu envolvimento durante os jogos é algo que chama a atenção significativamente: auxiliado por Alba, escala a ‘equipe principal’; organiza taticamente e orienta as partidas, e faz as substituições quando entende necessário. Atuante, sua preocupação em manter os jovens mobilizados com jogos que não se restrinjam aos praticados no cotidiano da PJ, busca, quando solicitado pelos jovens ou por iniciativa própria, organizar partidas, seja na PJ contra equipes formadas por outros jovens habitantes da região ou em outros bairros da cidade, agendando horários em quadras e campos a partir de convites a outras equipes para jogar contra a local.

Não raras vezes, mesmo em horário de serviço, Subversio estava junto aos jovens, abrindo vestiário, distribuindo fardamentos, organizando jogos, acompanhando e orientando à beira da quadra quando as partidas eram contra o Praça F.C. Aliado a isso, os anos em que Subversio residiu no bairro Guajuviras também se apresentam como um fator relevante da amizade, respeito e consideração que detém, pois, conhece as dinâmicas e “sabe ler o muro” (MAGNANI, 2005, p. 191), suas sociabilidades e apropriações do espaço. As imagens que seguem, são algumas das diversas vezes em que Subversio estava junto aos jovens organizando as resenhas e orientando-os acerca das “regras” a serem seguidas, como tempo de jogo, o que seria considerado infração, relações entre os jovens e específicas orientações táticas e técnicas ao grupo vinculado ao Praça F.C.



Figura 28: Subversio passando as orientações aos jovens antes do início de um dos jogos.

Fonte: ROSA, C. N. 2019.



Figura 29: Subversio (ao fundo no centro da foto à beira da quadra) acompanhando a um dos jogos em andamento.

Fonte: ROSA, C. N. 2019.



Figura 30: Subversio orientando tática e tecnicamente a equipe B do projeto Praça F.C antes do início de um dos jogos.

Fonte: ROSA, C, N. 2019.



Figura 31: Subversio orientando tática e tecnicamente a equipe B do projeto Praça F.C antes do início de um dos jogos.

Fonte: ROSA, C, N. 2019.

Subversio também era um dos protagonistas na prática de pequenos consertos e outras operações que possibilitavam melhores condições para as práticas de futsal/futebol entre outras atividades na praça. O deslocamento de um dos poucos refletores que ainda funcionavam e iluminavam o campo de futebol para a quadra poliesportiva também foi possível graças à ajuda do guarda. Isso ocorreu com a

adaptação de fios para o fornecimento de energia para o refletor, o que possibilitou alguma iluminação no interior da quadra [ainda que minúscula] para as práticas dos jogos, que desde 2017, após um curto circuito, estava totalmente às escuras. A parca iluminação presente no interior da quadra após essa ação tática (DE CERTEAU, 2018) de alguns jovens e Subversio não foi o suficiente para a garantia de condições para a prática de futsal à noite [o que até então era frequente antes do curto circuito]. Todavia, garantiu condições mais favoráveis às práticas dos jogos em dias nublados, quando o interior da quadra ficava mais escuro.

Todas essas ações protagonizadas por Subversio junto aos jovens, desde quando a PJ ainda estava em edificação, vão ao encontro das ideias de De Certeau (2018) acerca das ações cotidianas que manipulam o espaço, considerando que as ações táticas representam uma ação oposta às estratégias e condições estabelecidas pelos projetistas e/ou agentes institucionais à medida que essa ação joga com os acontecimentos para transformá-los em ocasiões, o que altera o espaço por meio de práticas dentro da dimensão temporal, viabilizando um espaço vivido. Nos casos supraditos, jogar com os acontecimentos emerge no cenário de um poder que concebeu o espaço, todavia, suas práticas se apresentam indicativas⁸⁶ no tocante ao que foi projetado. Em termos sucintos, Subversio se apresenta como um mediador no sentido forjado por Latour (2012), ao modificar os significados das atribuições de sua atuação profissional, e suas ações astuciosas, improvisadas e planejadas modificam e transformam as condições adversas estabelecidas no espaço público.

No final do mês de junho de 2019, Subversio deixou a PJ para trabalhar em outra repartição pública⁸⁷, localizada em outro bairro da cidade. Certos desacordos

⁸⁶Para Danilo Martucelli (2007) há uma significativa relação entre o indivíduo e as estruturas sociais, em que a subjetivação está diretamente ligada aos processos de racionalização. A ideia de subjetivação, na perspectiva do autor, remete ao processo subjetivo de “fabricar-se como sujeito” e a existência de um sujeito coletivo. Em uma obra recente, Martucelli indaga: ¿Existen individuos em el Sur? (2018). A referida indagação é utilizada para pensar sobre as desigualdades sociais também produzidas por um poder indicativo, ou seja, o Estado que trata de modo desigual os segmentos sociais ao não dar garantias do cumprimento de suas responsabilidades. Nesse cenário, sugere que o indivíduo, ao invés das errôneas afirmações de que está na origem da sociedade, sugere pensá-lo como o resultado de uma maneira específica de fazer sociedade. Mais acerca da ideia de “poder indicativo” poderá ser vista especificamente no Capítulo 7 da presente Tese de doutorado.

⁸⁷Subversio, a pedido, é deslocado pela sua empresa para fazer a segurança patrimonial da Unidade Armazenadora de Canoas da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) – companhia que executa ações e programas de Abastecimento Social: Estoques Públicos e Privados, Atendimento Emergencial, Ajuda Humanitária Internacional, Doação de Cestas, Distribuição de Cestas e Vendas em Balcão. Mais sobre a CONAB, ver em: <https://www.conab.gov.br/> e <https://blog.conab.gov.br/conheca-a-uacanoas/>. Acesso em: 06/08/2019.

entre o guarda e a gestora Alba, no modo de conduzir as atividades do Praça F.C e suas relações com os jovens, estavam entre as tensões e motivações da sua saída. A saída de Subversio provocou significativa surpresa entre muitos usuários da praça e gerou dúvidas em relação à continuidade do projeto Praça F.C. por causa do envolvimento dele junto aos jovens. O “ponto final” da permanência de Subversio na PJ ocorreu após o guarda incentivar a inscrição dos jovens em um torneio de futsal no ginásio do CAIC, ocorrido no dia 20/07/2019, vinculados à outra representação do bairro. Subversio relatou que Alba manifestou descontentamento quando soube que ele havia inscrito os jovens no torneio de futsal com o nome de “Dorival F.C”⁸⁸ e não Praça F.C, ainda que Subversio tenha realizado a inscrição dos jovens no torneio de futsal e colocado Alba como coordenadora da equipe.

A manifestação de um dos jovens em uma conversa, quando soube da saída de Subversio da PJ, evidencia o sentimento geral do grupo acerca do acontecimento:

Sim, sim, os guris já tinham até comentado, se não é o Subversio nós não tínhamos jogo nunca [...] o que vai ser a praça sem o Subversio, vai virar bagunça de novo, os caras vão começar a embandeirar. O Subversio ainda dava uma controlada. E bem é verdade, a professora Alba fica ali até às cinco da tarde e todo mundo respeita ela mais por sua causa, porque tu está ali, tu bota respeito no negócio. E agora tu sai, vai ficar quem ali? [...] vai virar bagunça, vão avacalhar, vai estragar tudo! E olha como é que estava o teu projeto aí... (Mensagem de áudio enviada a Subversio via *Whats App*, julho de 2019)⁸⁹.

Sobre isso, Subversio justifica que a ideia de ter incentivado os jovens a realizar a inscrição no torneio de futsal na equipe Dorival FC se efetivou devido ao contato dos responsáveis do time amador com alguns dos jovens para representá-los no torneio local, e o interesse dos próprios jovens e jogar um torneio de futsal. Após o contato, um dos jovens contactou Subversio para comunicá-lo sobre o torneio e pedir ajuda na organização da equipe, pois, restavam poucos dias para a sua realização e

⁸⁸Dorival Futebol Clube (Dorival FC.) é um clube de futebol amador, localizado no bairro Guajuviras, que possui representação de categorias de base e adulta. O clube possui uma Diretoria de Futebol que é responsável tanto por organizar e promover jogos e torneios de futsal/futebol, e também buscar e efetivar inscrições em outros torneios e campeonatos organizados e realizados na cidade para aqueles que estejam interessados em representar o clube, busca e efetivação de inscrições em outros torneios e campeonatos realizados na cidade. O clube possui também uma página no *Facebook*, a “Dorival Dorival”, na qual divulga suas atividades vinculadas ao futebol e procura adversários para jogos e torneios.

⁸⁹Alguns dias após a saída de Subversio da PJ tivemos frequentes conversas, pessoalmente e via troca de mensagens no *WhatsApp*. A referida mensagem foi enviada em áudio por um dos jovens frequentadores e praticante de futsal e futebol na PJ para Subversio, onde o guarda encaminhou para mim em uma das trocas de mensagens em um dia em que conversávamos sobre o acontecimento. Esta mensagem, assim como outras registradas na Tese, foram autorizadas por Subversio.

queriam garantir sua participação, independentemente de quem iriam representar. A fala de outro dos jovens, a seguir transcrita, em conversa com Subversio via *WhatsApp*, contextualiza a preocupação de efetivar a participação no evento de futsal:

Vieram já me falar bem assim ‘ah, o Subversio e a Alba sabem que tu estás botando nós no torneio?’ – eu falei: ‘ô meu, o Subversio sabe, eu falei com ele e ele disse que iria deixar tudo comigo essa parte de colocar o time no torneio, porque até então faltava uma semana para o torneio e o Silvio falou que não conseguia falar contigo e que tu não iria colocar time entendeu? Eu peguei e fui lá, falei com os guris, vamos botar o A e o B [equipe A e equipe B do Praça F.C] juntamos tudo e peguei só os poderiam ir que nem o Xuxa, Richard, todos iriam estar trabalhando e não poderiam ir, aí eu peguei só os que poderiam ir e misturei os dois e botei no torneio. Daí eu peguei outra lista e entreguei para o Mikael porque o Mikael iria montar o misto e o Mikael montou o misto. Ele veio aqui em casa hoje e falou que conseguiu montar o misto, que vai botar o misto no torneio que é ele, o Felipinho...daí então ninguém iria ficar de fora entendeu?’ (Mensagem de áudio enviada à Subversio via *Whats App*, julho de 2019).

Agora, mais à distância, os contatos, conversas, combinações e agendamentos de jogos via grupo de *WhatsApp* ganham ainda mais relevância. Com a saída de Alba do grupo de *WhatsApp*, Subversio, sempre após acordar datas e horários das “resenhas” com os jovens na quadra poliesportiva da praça, contactava Alba para que a gestora deixasse a bola e os fardamentos à disposição para os jogos.

O uso das novas tecnologias digitais tem cada vez mais ganhando relevância na vida individual e coletiva. Diversos estudos antropológicos no campo da cibercultura apontam as relações entre as pessoas que vêm sendo significativamente cruzadas e redefinidas por “infraestruturas digitais” (LEMOS, 2004; FISCHER, 2011; ESCOBAR, 2016; SEGATA, 2017), o que evidencia mais um elemento dos híbridos compostos de humanos e não humanos que constituem e desfazem as redes que inventam e remodelam o cotidiano. No caso da PJ, o *WhatsApp* tem sido a tecnologia que atualiza, possibilita e tem contribuído para a garantia das dinâmicas e práticas das “resenhas”, torneios e campeonatos de futsal/futebol dos jovens, se apresentando como mais uma significativa forma de interação para a manutenção do permanente contato com Subversio e a projeção e garantia de algumas das formas de suas práticas futebolísticas⁹⁰. No contexto particular das práticas desses jovens, o uso das tecnologias

⁹⁰Faço alusão às ‘formas de suas práticas futebolísticas’, pois há uma distinção entre os próprios jovens e Subversio acerca do que consideram quando estão jogando “resenhas”, campeonatos e torneios. As “resenhas” são consideradas os jogos organizados por Subversio, em que são formadas várias equipes entre os jovens que frequentam a PJ, com controle de tempo padrão determinado para cada jogo, o uso dos fardamentos que se encontram à disposição nas dependências do prédio administrativo da PJ para cada equipe formada e a presença de alguém que atue como árbitro. São compreendidos torneios e campeonatos, os eventos de futsal/futebol organizados por Subversio e Alba na PJ, nos quais estão em

digitais como o *Facebook* e especialmente o *WhatsApp* colabora para as projeções e mobilizações para as práticas futebolísticas, além da afirmação da PJ como um dos espaços eleitos privilegiados para os encontros, como continuará sendo narrado nos capítulos a seguir.

Ainda em relação ao termo “resenha”, ele era utilizado com frequência por Subversio e pelos jovens ao se referirem aos jogos de futsal praticados na quadra poliesportiva. Certo dia, ao perguntar por que se referiam aos jogos dessa maneira, Subversio justificou: “porque falar em torneio ou campeonato é muito pesado. Resenha é mais leve”. O guarda ainda salientou que todas as vezes que sugeria aos jovens “fazer uma resenha”, em outras palavras queria dizer que iriam se “reunir para fazer uma brincadeira, para se divertir”, mas ainda assim, às vezes, os jovens “se pegam”, “os jogos são duros”, “dá discussão”⁹¹.

Desde então, “resenhas” continuaram sendo mobilizadas por Subversio e os jovens, mobilizando os jovens e organizadas na PJ. Um exemplo foi o “dia de resenha com a gurizada da praça”, realizada na noite de 13/07/2019, quando Subversio já há alguns dias não estava mais trabalhando na PJ. Naquela noite, diante no número significativo de jovens presentes na PJ, seis equipes foram formadas para os jogos, além dos jovens presentes que participavam, sem participar das partidas de futsal, assistindo, torcendo, conversando. Os jogos se estenderam até às 22h30. A seguir, imagens da resenha da noite de 13/07/2019.

disputa medalhas e troféus; os torneios e campeonatos realizados em outros espaços do bairro e da cidade que participam, quando são inscritos pelo guarda e a gestora. Ademais, os jogos ocorridos diariamente na PJ são apenas “jogar” ou “bater” uma bola.

⁹¹Recordações de campo.



Figura 32: Uma das equipes formada pelos jovens para a resenha na noite do dia 13/07/2019.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 33: Um dos jogos acontecendo na noite de 13/07/2019.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 34: Outra das equipas formada pelos jovens na resenha da noite do dia 13/07/2019.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 35: Outra das equipas formada pelos jovens na resenha da noite do dia 13/07/2019.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 36: Outro dos jogos acontecendo na noite de 13/07/2019.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 37: Outro dos jogos acontecendo na noite de 13/07/2019.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 38: Jovens na arquibancada conversando, assistindo e/ou aguardando o horário da sua equipe para jogar na noite do dia 13/07/2019.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 39: Outra das equipes formada pelos jovens na resenha da noite do dia 13/07/2019.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Todavia, com o passar dos meses, observei que ainda que, naquele momento, acontecesse mais à distância, menos presencialmente e mais virtualmente via *Whats*

App, especialmente, a manutenção dos contatos entre Subversio e os jovens para organização de jogos na PJ, pois os jovens, com frequência, o “chamam no privado”, a prática de resenhas na quadra acabou se reduzindo substancialmente. Os jogos organizados na noite de 13/07 acabaram por se apresentar como uma mobilização pontual, e isso também ocorreu em outra resenha realizada no início do mês de agosto⁹². Certa vez, em trocas de mensagens de áudio pelo *WhatsApp*, Subversio me confiou que estava “sentindo muita falta das resenhas que nós fazíamos para eles”, e que devido “a distância e correria” não estava dando para marcar nada. As práticas que se mantinham cotidianamente eram os frequentes encontros, na quadra da PJ, entre os jovens visando seus jogos de futsal auto-organizados⁹³.

Outros dois exemplos, além da lacuna das “resenhas” entre meados de julho e outubro de 2019, parecem emblemáticos para ilustrar o quanto a saída de Subversio da PJ parece ter afetado, de algum modo, as práticas: o primeiro refere-se à tentativa por parte da gestora Alba de efetivar a realização do que ela nomeou de “1º Torneio da Juventude”. Na noite do dia 16/09, Alba já havia enviado uma mensagem ao meu *WhatsApp* pessoal comunicando: “estou organizando um torneio para 12/10. Preciso de ti. Quero te ver antes. Vou te mandar as papeladas pra ver se tá tudo certo”. O referido torneio foi oficializado pela gestora após a criação de um grupo no *WhatsApp* no dia 18/09/2019, no qual fui inserido. Naquele dia, eu estava em um congresso na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)⁹⁴. Durante um pequeno intervalo da atividade que estava ocorrendo em uma das dependências da universidade, do qual eu estava participando, ao acessar meu *WhatsApp*, muitas mensagens foram entrando. Uma das mensagens foi a desse grupo que me despertou, inicialmente, mais atenção em relação às demais mensagens, pois não estava em meus registros. Ao acessá-lo, identifiquei que se tratava de um grupo criado pela gestora, visando iniciar uma mobilização junto a todos os envolvidos - Alba, os jovens e eu – para a realização do torneio. A primeira mensagem da gestora aos membros do grupo dizia:

Galera, criei esse grupo para divulgar nosso 1º Torneio da Juventude, oficial. Estou com as fichas de inscrições prontas e o regulamento. Faremos uma reunião com os dirigentes no dia 30 (ALBA, mensagem enviada via grupo de *WhatsApp*, dia 18/09/2019).

⁹²Recordações de campo, agosto de 2019.

⁹³Recordações de campo, agosto, setembro e outubro de 2019.

⁹⁴XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VIII Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONBRACE/CONICE), sediado na UFRN, de 16 a 20 de setembro de 2019.

Em mensagem posterior, Alba dizia aos membros do grupo:

Quem NÃO estiver interessado pode sair do grupo, sem problemas. Adicionei alguns para que divulguem e se organizem. Ok? aguardo contato! Abraço a todos (ALBA, mensagem enviada via grupo de *WhatsApp*, dia 18/09/2019).

Inicialmente, houve uma empolgação por parte dos jovens inseridos nesse grupo de *WhatsApp*. Imediatas manifestações como “estaremos juntos nessa”, “hoje mesmo pego a minha ficha”, “Tmj (estamos juntos)”, “Pego do time A sexta aí cntg (contigo) sora (professora)”, entre outras, se sucederam. Toda a parte mais burocrática — cartaz informativo, ficha de inscrição e regulamento — a gestora pensou, escreveu e confeccionou sozinha e não só disponibilizou no grupo quanto realizou impressões e deixou à disposição para retirada no prédio administrativo da PJ.

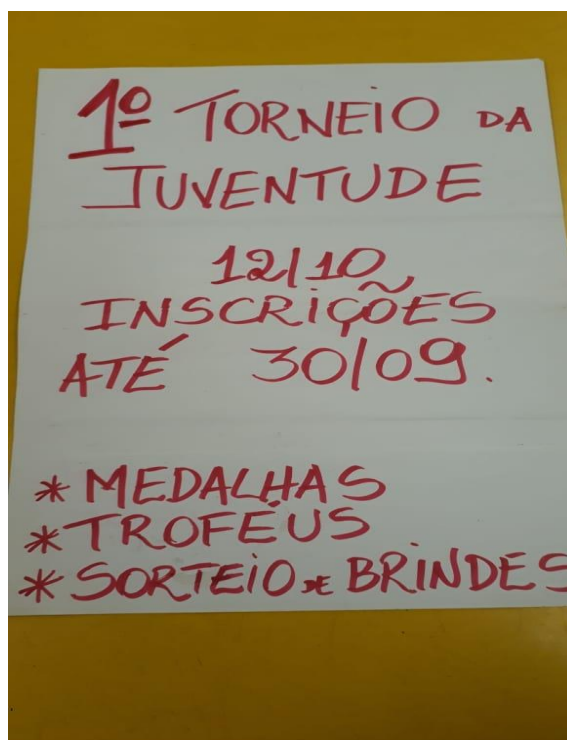


Figura 40: Cartaz informativo do 1º Torneio da Juventude, enviada pelo *WhatsApp* e que foi fixado na porta de acesso ao prédio administrativo da Praça da Juventude para divulgação.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

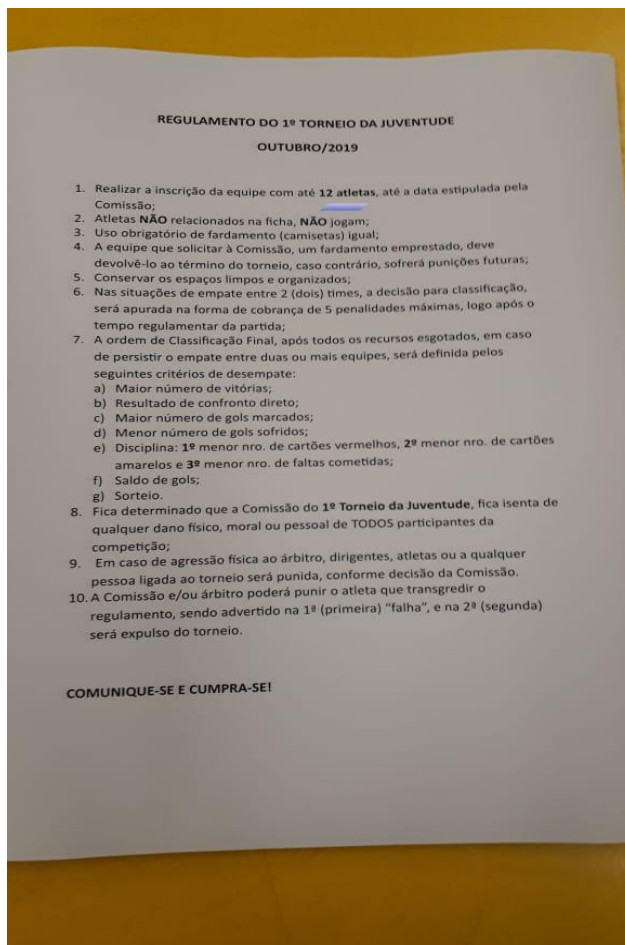


Figura 41: Regulamento do 1º Torneio da Juventude, enviada pelo *WhatsApp* e disponível para retirada no prédio administrativo da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

FICHA DE INSCRIÇÃO
1º TORNEIO DE FUTSAL DA JUVENTUDE/2019

EQUIPE: _____

	NOME DO ATLETA	DOCUMENTO	DATA DE NASCIMENTO
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			

COMISSÃO TÉCNICA

DIRIGENTE: _____

FONE: _____

TÉCNICO: _____

FONE: _____

AUXILIAR TÉCNICO: _____

FONE: _____

*Valor da inscrição R\$50,00.
 *Entregar a ficha de inscrição e valor até DIA 30/09/2019.
 * Reunião com a Comissão e Dirigentes, DIA 30/09/2019 às 19h.

Figura 42: Ficha de inscrição do 1º Torneio da Juventude, enviada pelo WhatsApp e disponível para retirada no prédio administrativo da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Em mensagem publicada no dia 23/09, Alba já manifestava preocupação com a “ausência de manifestação” e “poucas fichas de inscrição retiradas” para participação no torneio:

Gente, se por acaso não tivermos times suficientes para realizar o torneio, o dinheiro arrecadado será DEVOLVIDO, cada centavo. Ok? Temos 4 fichas na rua (ALBA, mensagem enviada via grupo de *WhatsApp*, dia 23/09/2019).

Com o passar dos dias, Alba foi postando mensagens no grupo reforçando que no dia 30/09 era o “último dia de inscrições” e que no mesmo dia ocorreria uma reunião para definir detalhes do torneio. No dia 30/09, às 11h05, Alba publicou a seguinte mensagem no grupo:

Bom dia, galerinha da bola! Hj tem reunião para o torneio, às 19h. Vamos definir detalhes. A reunião vai confirmar ou NÃO se vamos realizar no dia 12 mesmo ou em outra data. Compareça para que teu voto seja válido. Até mais! (ALBA, mensagem enviada via grupo de *WhatsApp*, dia 30/09/2019).

No dia 30/09, devido a outros compromissos ao longo do dia, acabei chegando atrasado à reunião. Antes, enquanto me deslocava para a PJ, em meu imaginário eu encontraria a sala do prédio administrativo com muitos jovens reunidos com a gestora. Ao chegar às 19h10, ou seja, 20 minutos após o horário agendado, para minha surpresa deparei-me com apenas quatro jovens acompanhados de Alba já deixando as dependências do prédio administrativo. Perguntei pela reunião. Alba respondeu: “já acabou. Só vieram eles”, apontando para os jovens Anderson, Kauê, Wellington e Vejinha, e prosseguiu: “cancelamos o torneio. Não adianta fazer só com três times. Já acordei com os guris e vamos pensar em uma nova data. Não vá embora Cristiano, me espere que te explico melhor qual será a ideia”. Às 19h16 Alba publicou no grupo: “Torneio cancelado”.

No dia 15/10/2019, terça-feira pela manhã, ao chegar à PJ para acompanhar uma aula de dança no prédio administrativo observei que na quadra estava acontecendo um jogo de futsal entre os funcionários da empresa MecaniCapina Limpeza Urbana LTDA, empresa essa terceirizada pela PMC que presta serviços de limpeza urbana na cidade. Como havia chovido muito durante a noite e início da manhã, isso causou o impedimento para o corte de grama nas ruas localizadas no entorno da PJ. Diante disso, os funcionários “aproveitaram a folguinha” para “jogar uma bola” na praça. Ao chegar à quadra para dar uma olhada no jogo encontrei um dos jovens frequentadores do grupo de futsal da PJ à beira da quadra assistindo. Trocamos abraços e logo o jovem perguntou-me: “e o Subversio, não viu mais ele?” Respondi que conversava com Subversio com frequência, ora pessoalmente, ora por meio de trocas de mensagens. “Pois é, eu não vi mais ele”, comentou o jovem. Perguntei se ele tinha o contato de Subversio e o jovem respondeu: “Não. Mas sou amigo dele no *Facebook*. Vou mandar uma mensagem para ele”, e continuou: “fiquei até sabendo que vai ter um torneio (de futsal) em novembro. Tomara que ele venha...”⁹⁵

Os acontecimentos narrados acima apresentam a emergência de uma “associação” distinta da que até então se apresentava com a presença do guarda Subversio na PJ. Ao acompanhar o cotidiano dos jovens na praça, ficou evidente que a ausência desse elemento – o guarda – evidenciava associações que alteraram a realidade das práticas vividas. É importante ressaltar que outras associações colaboraram para a ausência das resenhas e a não confirmação do torneio, todavia, nesse

⁹⁵Recordações de campo.

recorte temporal – de agosto a outubro – parece evidente que a não mais presença de Subversio como um aliado no cotidiano da PJ evidenciou uma associação “fraca” para as práticas das “resenhas” e torneio. A adjetivação de associações “forte” ou “fraca” é empreendida por Latour (2012) para distinguir a capacidade que cada elemento associado possui de fazer outros fazerem coisas, modificando ações em curso. Em outras palavras, o autor salienta que essa distinção é relevante à medida que mostra que “por mais longa que seja, qualquer cadeia construída só será tão forte quanto seu elo mais fraco, ainda que alguns de seus elementos possam ser grandiosos” (LATOURE, 2000, p. 204), em que a bola, elemento não humano tão relevante nas associações, o qual será narrado especialmente no capítulo 6 desta Tese, tornou-se, nestes casos – das resenhas e/ou torneio - algo não determinante para a garantia dessas específicas práticas futebolísticas.

Para finalizar esta seção, resalto a fala de Subversio, ocorrida no dia 13/05/2019, segunda-feira, dia em que a equipe da Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV) passou a manhã na PJ para a produção de uma matéria sobre os projetos que aconteciam no espaço. Antes do início do jogo de futsal entre os jovens do Praça F.C e do projeto TDC, organizado para a filmagem que seria feita pela equipe da emissora, enquanto aguardávamos⁹⁶ a sinalização de Alba para iniciar o jogo para a filmagem, os jovens trocavam passes, realizavam embaixadinhas, finalizavam para o gol, enquanto Subversio, Márcio e eu, mais afastados dos jovens, em outro ponto da quadra, conversávamos sobre futebol, a praça e os projetos. Em algum momento, Subversio recordou sua chegada na praça que ainda estava em construção para realizar a segurança patrimonial e como conheceu e criou vínculo com parcela dos jovens que passou a frequentar a praça e participar do projeto Praça F.C. A fala de Subversio parecia sintetizar o que os jovens significavam para ele, a relevância do projeto e o que ele, Subversio, significava para os jovens.

Nas suas palavras,

nunca me esqueço, quando me mandaram para cá. Não existia quase nada, essa praça estava recém iniciando a construção. Com o tempo, a estrutura da praça foi tomando corpo. Fizeram o prédio [prédio administrativo], depois veio a pista de skate, a quadra, o campo...então a ordem da Prefeitura era não deixar ninguém entrar e usar nada aqui até ficar tudo pronto e inaugurado. Durante a semana era até tranquilo porque tinha o pessoal trabalhando aqui. Mas nos finais de semana eu ficava sozinho aqui. Chegava sexta-feira e antes de todos ir embora, me diziam: ‘é tudo contigo! Não pode ninguém entrar

⁹⁶ A arbitragem do jogo, a pedido de Alba e Subversio, foi realizada por mim.

para jogar, andar de skate...’. Era foda! Tinha que ver [risos] eu sozinho aqui e vinha aquela galera querendo jogar na quadra que nem as goleiras tinha ainda, era só o piso e eu tinha que negociar com a gurizada e explicar que não era nada contra eles mas eu tinha que fazer o meu trabalho que era a guarda dos espaços. E o campo então? Imagina só: quando estavam construindo o campo, tu tinhas que ver, o gramado era um tapete, lindo! Aí vocês pensam: quem não quer jogar em um gramado assim? Mas eu entendi os guris, eles jogavam ali na vila num terreno de chão batido [diz Subversio apontando o dedo para a Vila Nancy Pansera]. Quando eles viram isso aqui tudo novo, o campo com um gramado que parecia um tapete, é claro que eles queriam jogar. Assim então a gente ia negociando. Nós combinávamos um tempo determinado para eles jogar e eles também respeitavam o meu trabalho e saiam do campo e da quadra no horário acordado. Mas tinham uns caras que às vezes vinham aqui e queriam complicar comigo, às vezes até uns ‘boca braba’ aí que não entendiam e os guris nunca deixaram fazer nada comigo. Eles diziam ‘deixa o guarda que ele é nosso parceiro’, ‘deixa o guarda porque ele é tri com nós’. Então, eles [os jovens] que me protegeram quando eu cheguei aqui! então como é que eu não vou fazer as coisas por eles? Como é que eu não vou sempre movimentar a praça aqui para que sempre tenha uma ‘resenha’ ou um campeonato? Eu respeitei para ser respeitado! E o Praça [projeto Praça F.C] é resultado de tudo isso (SUBVERSIO, Recordações de campo, 13/05/2019).

5.2 A gestora, a professora, a serviços gerais, a organizadora de eventos

Alba Valéria, 56 anos, é professora da Rede Municipal de Ensino de Canoas há 28 anos. Com formação em Magistério, seu ingresso e vínculo com o serviço público municipal de Canoas é para lecionar nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Também é graduada em Educação Física, formação que obteve alguns anos após já ter ingressado no serviço público. Desde o primeiro mandato de Jairo Jorge da Silva (PT), iniciado em 1º de janeiro de 2009, passou a ocupar cargos na SMCT do governo. Conheci Alba, ainda em 2009, quando atuava como Coordenador de núcleo do PRONASCI/PELC em uma das escolas⁹⁷ do bairro Guajuviras que funcionava como núcleo das oficinas de dança e teatro do programa, no qual Alba estava lotada como professora da escola.

Alba é gestora da PJ desde sua inauguração, ou, em suas próprias palavras quando conversamos pela primeira vez em 2016, “fui eu quem inaugurou a praça (risos)”⁹⁸. Desde aquele momento, todos os espaços para as práticas esportivas e atividades culturais, internos e externos ao prédio administrativo, os vestiários, sanitários entregues “à comunidade”, têm tido a garantia mínima de funcionamento das

⁹⁷Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Drummond de Andrade.

⁹⁸ Recordações de campo.

estruturas e de parcela das práticas, devido também à atuação e à relação de Alba com o espaço e com as pessoas que o frequentam.

No que tange à conservação da limpeza e higiene das dependências do Complexo Cultural e Esportivo, a datar de 2016, a prefeitura não assegurava a presença de funcionários para tais funções. Nessa conjuntura, Alba reunia também essa atribuição. Pelo fato de que a presença e estada de funcionários para serviços gerais na praça era incerta, Alba varria, retirava lixos e lavava as salas multiuso, sanitários e cozinha do prédio administrativo, com os materiais de limpeza que estavam à sua disposição. Às vezes era auxiliada pelo Grupo de Mulheres do Crochê que ocupava uma das salas da praça para encontros e atividades de confecção de roupas, calçados toalhas, tapetes, etc. O mesmo ocorria com consertos, entre outras ações para a manutenção e conservação das dependências do prédio administrativo: pequenos reparos, como troca de fechaduras, conserto de uma janela, substituição de torneira das pias do banheiro, eram realizados pela própria Alba, isso com recursos próprios, auxiliada pelo guarda Subversio.

Ao chamar a atenção para essas ausências de manutenção, reparos e garantias dos serviços de limpeza da estrutura física da PJ, que deveriam ser garantidos pela PMC, cabe apontar que o uso de recursos financeiros próprios para a compra de materiais e equipamentos para os consertos e reparos estruturais do espaço e para a realização dos serviços de limpeza e a própria limpeza não são atribuições funcionais de uma gestora de um complexo esportivo e cultural. Igualmente, não configura atribuição de um guarda patrimonial a realização da manutenção e pequenos reparos da estrutura física do prédio. Ou seja, são ações voluntárias conjugadas para além de suas atribuições funcionais diante de uma série de esforços que fazem da gestora e do guarda agentes sociais do espaço público.

As questões de estrutura física da PJ que vem sendo narradas, ainda que sejam parcialmente reparados e/ou resolvidos pela própria Alba, a gestora não deixava de manter permanente contato com a SMCT, seja via envio de e-mail, mensagens no *WhatsApp* e até mesmo presencialmente para solicitar e cobrar providências para sua resolução. Por diversas vezes pude acompanhar e verificar *in loco* o envio de e-mails e mensagens listando os problemas de estrutura, ausência de manutenção, de materiais esportivos e a necessidade de consertos e trocas de equipamentos em ruínas devido ao tempo ou uso. Para exemplificar, apresento, após sucessivos contatos com a SMCT sem

“retorno” ou êxito, uma lista de reivindicações elaborada por Alba junto com Subversio, no dia 24 de janeiro de 2018, de todos os problemas estruturais identificados nas dependências que compõem a PJ que necessitavam providências de nova aquisição, troca ou conserto, posteriormente enviado por e-mail institucional e ao *WhatsApp* do Secretário Municipal de Cultura e Turismo, conforme segue:

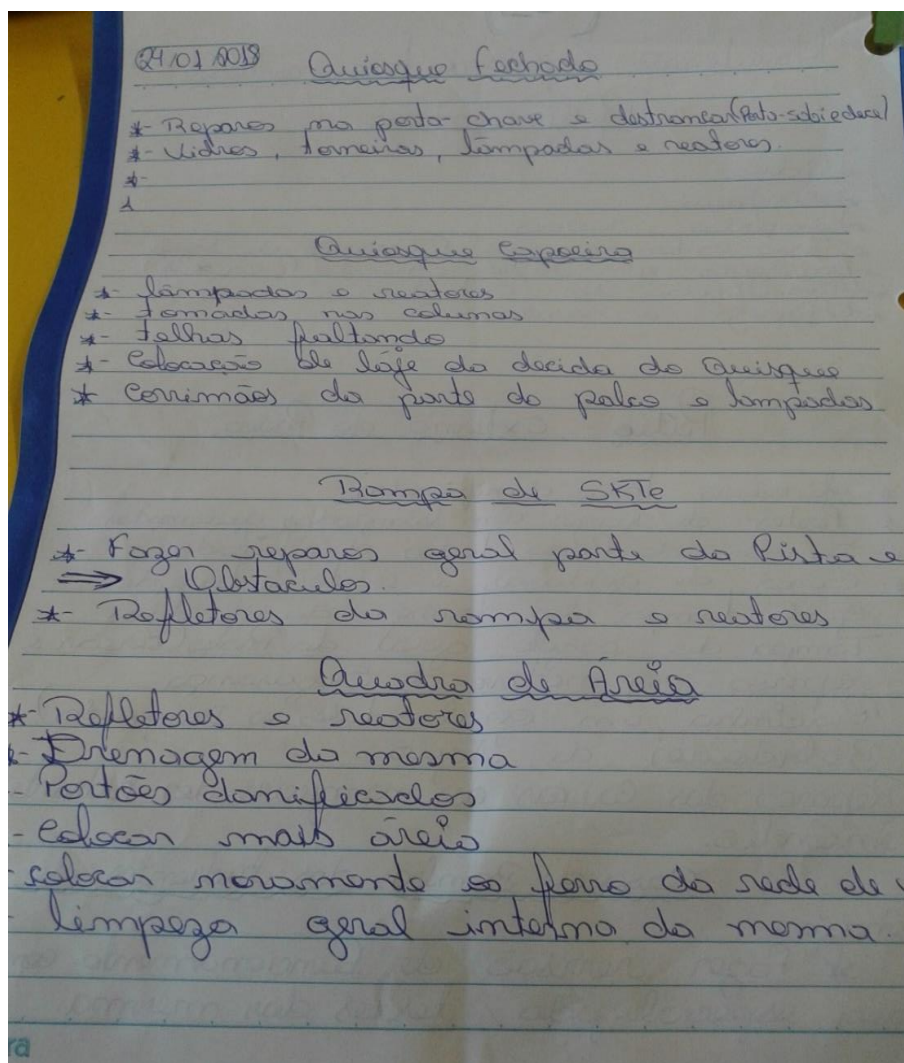


Figura 43: Lista com as necessidades de reparos, consertos e trocas de equipamentos na PJ. Levantamento realizado e elaborado por Alba e o guarda Subversio.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

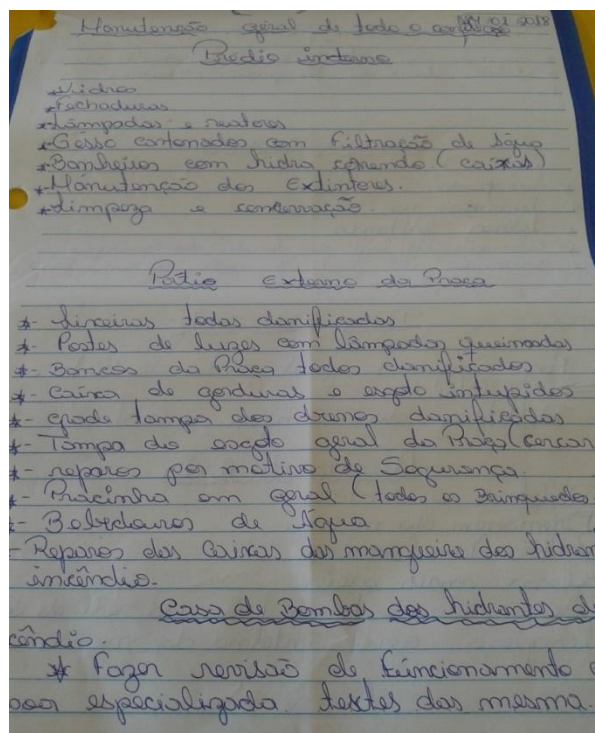


Figura 44: Lista com as necessidades de reparos, consertos e trocas de equipamentos na PJ. Levantamento realizado e elaborado por Alba e o guarda Subversio.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

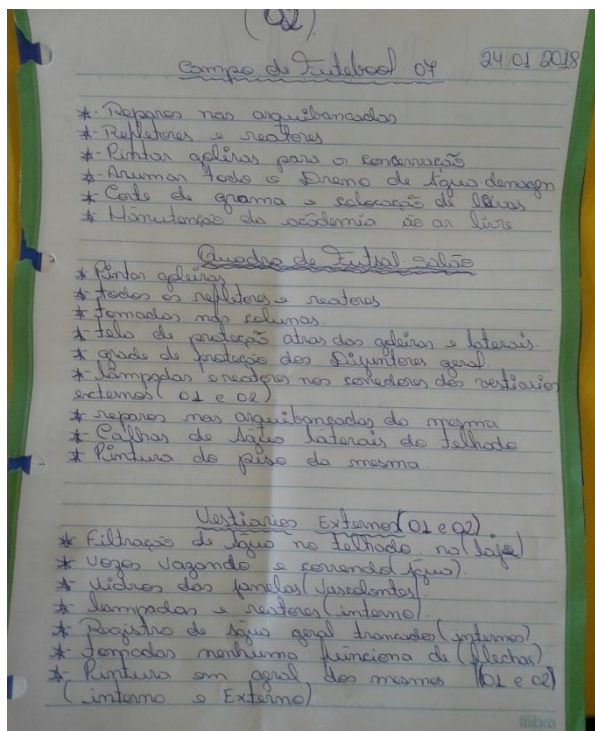


Figura 45: Lista com as necessidades de reparos, consertos e trocas de equipamentos na PJ. Levantamento realizado e elaborado por Alba e o guarda Subversio.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

As supracitadas práticas apresentadas evidenciam uma agente em ação que, apesar de o espaço revelar ausência de manutenção institucional e, conseqüentemente, certa precarização, era mantido em função do modo com que a gestora se relacionava com o espaço e as pessoas que o frequentavam. Essas práticas colaboravam para a constituição de um cotidiano, mediante dinâmicas organizadoras do espaço vivido. Ademais, cabe salientar que as práticas de Alba podem ser consideradas típicas da ideia de “mediador” que faz e faz fazer no âmbito de uma rede heterogênea composta também por não humanos que também fazem fazer no espaço (LATOUR, 2012, 2015).

Em parceria com Subversio, Alba era colaboradora do Projeto Praça F. C. A gestora, com frequência, organizava jogos e pequenos torneios de futsal realizados na quadra. Do mesmo modo que Subversio, Alba “escalava” os jovens que representavam a equipe A e B. A relação entre Alba e os jovens era significativamente estreita. Por sua vez, os jovens, diante do respeito e consideração que possuíam por Alba, relação essa mediada por Subversio após sua chegada para fazer a gestão do espaço público, acatavam muitas de suas orientações tanto no âmbito das práticas de futsal — escalação de equipes; jovens que ora eram “suspensos” ou colocados na “reserva” por comportamento considerado inadequado ou por ausência em jogos ou competições — quanto em situações que, às vezes, afetavam os jovens na sua vida pessoal. Alba, com frequência, também agendava jogos e inscrevia os jovens do Praça F. C. em campeonatos e torneios em outros bairros da cidade canoense. Assim que minha relação com a gestora, com Subversio e os jovens se estreitou e se consolidou, passei a envolver-me e fui envolvido nas dinâmicas de organização, deslocamento e acompanhamento dos jogos fora das dependências da PJ. Assim, observei o quanto a garantia da participação dos jogos e torneios na cidade passava pelo envolvimento com o projeto e a relação que Alba tinha com os jovens: os deslocamentos eram feitos com seu veículo particular; a gasolina era paga com seus recursos particulares; revezava com Subversio a higienização dos fardamentos usados nos jogos e competições; quando faltava dinheiro para o pagamento do horário para utilização das quadras em outros bairros da cidade para jogos contra outras equipes ou para a efetivação das inscrições em campeonatos e torneios, pois, nem sempre os jovens dispunham de dinheiro para efetivar suas inscrições ou pagar o aluguel das quadras, Alba e Subversio completavam o valor faltante. Como já salientado, um dos fardamentos utilizados pelos

jovens que atuavam no Praça F. C foi adquirido com recursos próprios de Alba e Subversio.

Essa prática da gestora parece ocorrer a partir de rastros demarcados pelos “fluxos de translações” (LATOURE, 2012, p. 193). Ou seja, esses agentes em movimento que, na sua ação, levam outros agentes a agir, denominados “mediadores”, corroboram as práticas de Alba. Considerando o cargo que ocupava, Alba era uma agente do governo. Todavia, suas práticas não necessariamente transportavam os significados e as práticas do aparato ao qual estava vinculada. Suas movimentações, iniciativas e ações na relação com outros agentes evidenciavam uma agente em ação, e não raras vezes em ação oposta à das ações do governo ao qual estava vinculada, pois, suas práticas não só mantinham as mínimas condições para realizar as atividades para/dos os usuários da PJ, mas também produziam transformações e mantinham interesses associados com o guarda e os jovens praticantes de futsal/futebol. Do mesmo modo que o guarda Subversio, é possível compreender Alba como uma agente em ação, pois, os mediadores são compreendidos dessa forma porque “transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam” (LATOURE, 2012, p. 65). Assim, suas ideias, ações e práticas que Alba idealizou mantêm ativo o Praça F.C destinado aos jovens a partir da organização de jogos, torneios e campeonatos na PJ, dos agendamentos e da garantia da participação em torneios em outros bairros da cidade, ainda que para isso use recursos próprios para a efetivação das inscrições e seu veículo particular para transporte dos jovens. Além disso, a higienização dos fardamentos de futebol, os pequenos reparos, também com recursos próprios, no prédio administrativo e a conservação da limpeza do prédio, evidenciam o vínculo de uma mediadora em ação, em um cenário de múltiplas associações, em um dilúvio de entidades que lhe permitem existir, pois, a partir desse pensamento,

os sujeitos já não são mais autóctones que as interações diretas. Também eles dependem de um dilúvio de entidades que lhes permitem existir. Agora, enfim, o ‘ator’ é um reagrupamento totalmente artificial e totalmente rastreável: o que antes só se aplicava ao Leviatã hoje é verdadeiro também para cada um de seus ‘componentes’ (LATOURE, 2012, p. 300).

Durante os quatro meses em que a PJ esteve totalmente às escuras devido ao furto dos fios e cabos de alta tensão que forneciam energia elétrica e iluminação interna e externa ao espaço público, ocorrido no dia 22 de janeiro de 2019, o qual será abordado especificamente na seção 7.5 do capítulo 7, Alba, em mais uma de suas ações

voluntárias, diariamente deslocava-se, à noite, até a praça para levar água gelada, pilhas para as lanternas dos guardas e alimentos refrigerados. Tais práticas objetivavam manter as mínimas condições de trabalho aos plantonistas que, mesmo com toda a adversidade, se dispuseram a cumprir a escala de serviço ao longo de todo o período inadequado à suas atividades alusivas à segurança o espaço.

Praticamente todos os dias eu vinha à noite ou ficava até mais tarde para entregar pilhas para as lanternas dos guardas, trazer água gelada, gelo para colocar no isopor ou no cooler para manter as bebidas e os alimentos refrigerados e conservados ou trazia de casa um lanche feito na hora para eles. Agradeço por eles terem ficado aqui durante todo esse tempo totalmente no escuro, sem geladeira funcionando, sem um ventilador, ar condicionado nos dias de intenso calor. Por isso também fazia questão de garantir as mínimas condições de trabalho para eles, pois, não é qualquer um que ficaria ou quis ficar aqui (ENTREVISTA, Alba, 2019).

A gestora também era a principal incentivadora da criação de um grupo de mulheres que ocupava uma das salas multiuso para encontros duas vezes por semana. Esse espaço iniciou com atividades de crochê, e, no período da pesquisa, já se apresentava como um espaço que, por meio das atividades de crochê, viabilizava um espaço de conversas, de escuta, de confiança em falar sobre os problemas da vida privada, da complementação da renda familiar, e um espaço de lazer para o grupo. Esse grupo, junto com o projeto TDC, de iniciativa dos evangelistas da Igreja Novas de Alegria, foi uma das primeiras atividades da PJ, de iniciativa das pessoas, após sua inauguração, antes mesmo dos projetos e ações posteriores levados pela PMC. Esse grupo de mulheres será abordado na seção 5.4 do presente capítulo.

No início do mês de setembro de 2019, iniciou, em uma das salas multiuso do prédio administrativo da PJ, nas terças e quintas pela manhã, a atividade aulas de dança. Essas aulas partiram da iniciativa de Maria Helena, 69 anos, e de Lisete Almeida, 63 anos, duas moradoras da “comunidade” e frequentadoras assíduas da PJ, que todas as manhãs realizavam caminhadas e utilizavam os aparelhos da academia ao ar livre do espaço público para a prática de exercícios físicos. Alba as encontrava quase que diariamente na PJ, e ouvia com frequência os pedidos delas para que a gestora assumisse as aulas de dança, que, em outros tempos, eram as aulas de zumba ministradas pela estagiária Vânia, interrompidas em 2017 pela PMC, devido a não renovação dos contratos entre a PMC e a Fundação La Salle. Os pedidos, segundo as próprias frequentadoras, eram motivados pelo fato de não gostarem de fazer exercícios,

ainda mais sozinhas, pois, queriam dançar⁹⁹. Ainda em 2018, Alba iniciou aulas que aliavam caminhadas e exercícios ginásticos com essas e outras mulheres frequentadoras da PJ, mas, aos poucos, disse a própria gestora “elas foram desistindo e eu dei por encerradas as atividades físicas. Elas queriam dançar!”¹⁰⁰

Os pedidos para ter um horário para aulas de dança foram tantos que,

[...] para o bem de todas e felicidade geral da mulherada, me comovi, mesmo sem me achar preparada para essa atividade, combinei com elas de fazermos uma ‘brincadeira entre amigas’, vamos ‘brincar de dançar’. E hoje estamos aí, todas juntas, dançando, rindo, relaxando, batendo papo e nos unindo para nossa alegria. Afinal, todas ganhamos e eu mais ainda saio ganhando com essa muvuca toda. No final de cada aula, fazemos uma roda de chimarrão e conversamos até esquecermos da hora... (ENTREVISTA, Alba, 08/10/2019).

E assim, as aulas de dança foram retomadas na PJ, e a própria gestora tornou-se a professora de dança do grupo. Ainda que a gestora tenha formação em Educação Física, a sua fala de que “mesmo sem me achar preparada para essa atividade”, a de dança, se “comoveu” e passou a ministrar as aulas, pode justificar-se pela sua não atuação na área de formação. Isto porque seu ingresso no serviço público canoense ocorreu em outra área de formação e a sua função de gestora da PJ, ou seja, mais uma ação voluntária de Alba para além de seu cargo de gestora que possibilitava e reproduzia as práticas na PJ.

Sobre as aulas de dança, não há um ritmo musical único utilizado nas aulas. A cada dia, e às vezes no mesmo dia, diversos ritmos estão entre os elementos que ajudam a alegrar o momento: samba, funk, rock, mpb e outros. Em uma publicação na sua página no *Facebook*, na terça-feira, dia 17/09/2019, após o encerramento da aula de dança, Alba evidenciou, em palavras, o sentimento que lhe possibilitava as condições para os encontros matinais semanais na sala do prédio administrativo. Para a gestora, “não precisa saber coreografia, basta estarmos juntas e sacudir”. Em uma publicação na terça-feira seguinte, dia 24/09/2019, uma das mulheres frequentadora das aulas, disse estar “se sentindo energizada com Alba Valeria” e outras colegas de grupo em “mais uma manhã”, “#curtindocmasamigas”, “#TDB”¹⁰¹.

⁹⁹Recordações de campo, setembro de 2019.

¹⁰⁰Recordações de campo, setembro de 2019.

¹⁰¹Com frequência utilizada em publicações nas redes sociais, as hashtags são compostas por palavras consideradas chave para identificar o tema do conteúdo que estão antecedidas pelo símbolo cerquilha (#). No caso da hashtag da publicação da aluna, é possível afirmar que a palavra-chave que simboliza os encontros na sua compreensão é que nas aulas de dança “curtir com as amigas é tudo de bom”.



Figura 46: Aula de dança ministrada pela gestora Alba Valéria.

Crédito da foto: Alba Valéria, 2019.



Figura 47: Registro após o término da Aula de dança ministrada pela gestora Alba Valéria, na terça-feira, dia 1º/10/2019.

Crédito da foto: Alba Valéria, 2019.



Figura 48: Registro após o término da Aula de dança ministrada pela gestora Alba Valéria, na terça-feira, dia 24/09/2019.

Crédito da foto: Alba Valéria, 2019.

O registro fotográfico acima também foi publicado pela gestora na sua página do *Facebook* no mesmo dia 24/09/2019, com o seguinte texto de apresentação: “Turma D’alegria... Dançando... Dançando”, conforme segue:



Figura 49: Publicação realizada pela gestora Alba Valéria, na terça-feira, dia 24/09/2019, na sua página do *Facebook*.

A referida publicação me fez recordar da primeira conversa que tive com a gestora ainda no dia 02/03/2017, quando eu estava iniciando a pesquisa de campo. Naquele dia, Alba relatou-me os problemas de assédio e desrespeito de alguns homens para com as mulheres que participavam do grupo de dança zumba, à época ministrada pela estagiária Vânia, o que provocou a decisão de restringir a presença de homens nos horários das aulas de dança. Alba justificou que a restrição foi especialmente motivada por que “muitas destas mulheres antes de vir para cá e começar a fazer a aula de zumba, estavam, com sua autoestima lá embaixo” que “não cuidavam da sua aparência”, “não cuidavam da saúde” e “viviam dentro de casa somente cuidando dos filhos e do marido”, e que com as aulas de zumba “mudou”, “elas estão felizes”, “preocupadas com

a aparência”, “com mais autonomia” e “não vivem mais só para as tarefas de casa”, concluindo que “tinha que preservá-las”.

Enquanto duraram as aulas de dança, Alba de fato preservou as mulheres, o que pude verificar *in loco*. Durante o horário das aulas, exceto as mulheres, ninguém mais acessava as dependências do prédio administrativo, exceto eu que obtive a autorização da gestora para acessar o prédio para a realização das observações para o estudo. Ainda assim, mesmo autorizado pela gestora, e com o consentimento das demais mulheres do grupo, acabei optando por manter contato e interação com o grupo antes do início e após o encerramento de cada aula, interferindo o mínimo possível no que fora estabelecido e organizado antes da minha chegada ao espaço. Assim, durante as aulas eu permanecia na sala ao lado conversando com o guarda ou no espaço externo do complexo esportivo e cultural interagindo com as pessoas que realizavam alguma prática ou passavam por ali. O que, à época, não foi preservada, foi a continuidade das aulas de zumba pela PMC devido ao encerramento do contrato da estagiária e a não renovação ou contratação de outro agente para dar continuidade às aulas.

Desse modo, quando Alba publicou, em sua página do *Facebook*, que o grupo de dança — é a “Turma D’alegria...” —, para o qual ela própria ministrava as aulas, mesmo não sendo a sua “especialidade”, conforme afirmou, era também um resgate de uma ação que proporcionou uma dimensão cidadã para aquelas mulheres, a partir das iniciativas e práticas delas próprias. A dança que, em algum momento, fora inviabilizada pela PMC, retornou por iniciativa daquelas mulheres, reiterando que realizar essas práticas era não viver “mais só para as tarefas de casa”.

Outra ação que iniciou a partir do dia 14/10/2019 nas dependências da PJ foram os cursos de capacitação profissional em Depilação, nas segundas e quartas-feiras das 8h15 às 12h; Manicure e Pedicure, nas segundas e quartas-feiras, das 13h30 às 17h e Maquiagem nas terças e quintas-feiras, das 13h30 às 17h30. Essa ação resultou da iniciativa da PMC que, por meio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação (SMDUH), em parceria com a empresa Painel Pesquisas e Consultoria, com sede em Santa Catarina (SC), vencedora do processo licitatório, destinou os profissionais para o desenvolvimento desses cursos profissionalizantes em Canoas. O público eleito para esses cursos foram mulheres com idade a partir dos 15 anos, moradoras do residencial MacroQuartirão 4 (MQ4), no bairro Guajuviras. O critério para destinar os cursos a esse público, conforme conversa que mantive com

agentes da empresa e da PMC, na PJ, era que as pessoas que residiam naquele local viviam em condição de “extrema pobreza”, “viviavam de favor ou em invasões”, e os cursos de capacitação ofertados visavam “ampliar as oportunidades e condições de vida das pessoas através de uma capacitação profissional que sempre tem demanda”¹⁰². Faço referência a esses cursos porque, mesmo que tenha partido de uma iniciativa da PMC, havia certa dificuldade na sua execução, pela falta de um local adequado para receber e desenvolver as atividades com as mulheres, e guardar todos os materiais e equipamentos necessários para seu desenvolvimento. Em conversa com Roberta, a Assistente Social da empresa contratada que estava prestando os serviços de capacitação profissional, ela relatou que a receptividade da gestora Alba quando recebeu a equipe para sondar a possibilidade de execução dos cursos no espaço da PJ foi fator determinante para a implementação e início dos cursos. Desde então, os cursos eram realizados em uma das salas multiuso da PJ, e todo o material necessário para as práticas foram armazenados no prédio administrativo.



Figura 50: Registro da sala multiuso da Praça da Juventude organizada com as cadeiras e materiais para a segunda aula de Manicure no dia 16/10/2019.

Crédito da foto: Alba Valéria, 2019.

¹⁰²Recordações de campo.



Figura 51: Grupo de mulheres durante a segunda aula de Manicure no dia 16/10/2019 na Praça da Juventude.

Crédito da foto: Alba Valéria, 2019.

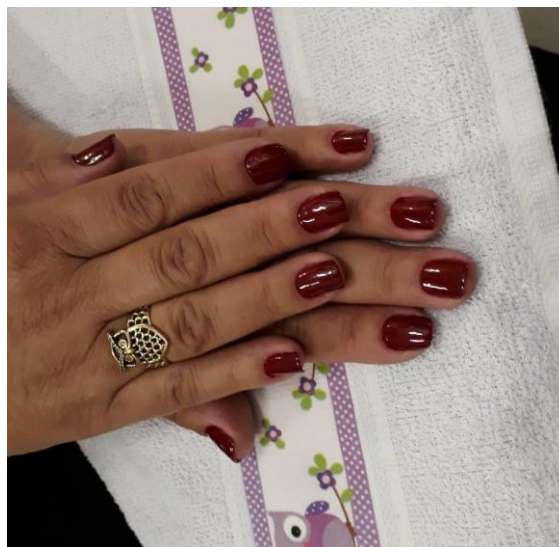


Figura 52: Apresentação do trabalho realizado pelas mulheres alunas, exemplificada em uma foto, após o encerramento da segunda aula de Manicure no dia 16/10/2019 na Praça da Juventude.

Crédito da foto: Alba Valéria, 2019.

Para encerrar essa seção, faço um relato da manhã de sábado, dia 26/10/2019. Naquela manhã, enquanto Alba, Zé, Jéssica e eu conversávamos e assistíamos aos jogos do projeto TDC que estavam ocorrendo na quadra poliesportiva, a gestora destacou os avanços, nos últimos dois meses, em termos de estrutura física da PJ, após “tanto tempo

de cobranças” à PMC. Todavia, fez ressalvas a muitas situações ainda não solucionadas pela administração municipal, que, nas suas palavras, “eu nem tinha que ficar insistentemente pedindo”, pois “parece que estão fazendo um favor” e “não é favor algum porque a prefeitura tinha que ter uma programação de manutenção e limpeza da praça com regularidade”. Contudo, essas tarefas eram realizadas pela gestora com a ajuda de Subversio, enquanto ele esteve atuando na PJ, desde sua inauguração, em 2014, até julho de 2019, pelos jovens e, eventualmente, por outros frequentadores do espaço público.

Hoje, ao chegar na praça um pouco mais de 9h, me chama a atenção que as crianças e jovens participantes do projeto TDC estão na quadra poliesportiva, pois as atividades do projeto ocorrem no campo de futebol. Mas antes, fui até o prédio administrativo para cumprimentar Alba que lá se encontra. Bato a porta, o guarda abre, e Alba que está no corredor de imediato ao me ver fala: “e aí meu amado, veio me ver hoje? (risos)”. Trocamos abraços e tão logo ela diz: “eu já estava indo lá fora ver o futebol. Vamos lá?” Seguimos em direção a quadra. Ao chegarmos, vemos que o jovem Buia está à beira da quadra com um apito na boca. É ele quem está conduzindo as atividades do projeto. Do outro lado da quadra, o jovem Anderson auxilia. Pergunto por Márcio e Buia diz que o evangelista não pode comparecer e solicitou a ele que conduzisse os jogos hoje. Sentados na arquibancada, além de algumas crianças e jovens que assistem e aguardam sua vez para jogar, estão presentes Zé, sua esposa Marta (pais de Buia), sua companheira Jéssica e seu filho de 11 meses que assistem aos jogos enquanto conversam e bebem chimarrão. Nos cumprimentamos e Zé assim que termina de beber o chimarrão me oferece: “aceita um Cristiano?” E ali ficamos todos conversando, assistindo aos jogos e compartilhando o chimarrão. Diversos assuntos emergem enquanto conversamos: política, educação e escola, questões sobre a vida familiar. Entre bate papos e jogos de futsal, já são mais de 11h. Alba, então, toca em uma questão presente na PJ ao repentinamente sinalizar: “bah, agora lembrei que tenho que mais uma vez ligar para meu chefe (Secretário de Cultura e Turismo) para pedir o corte da grama e limpeza geral da praça. Olha só o tamanho que tá essa grama!”, enfatiza a gestora apontando o dedo para o gramado da praça. E prossegue: “eu nem tinha que ficar insistentemente pedindo. Parece que estão fazendo um favor. E não é favor algum porque a prefeitura tinha que ter uma programação de manutenção e limpeza da praça com regularidade assim como tinha que ser nas escolas”. E por fim comenta: “eu já estou a três anos sem servente aqui na praça. Depois que a última saiu, nunca mais mandaram alguém pra cá”. Uma das pessoas que está entre nós, aos risos brinca com a situação ao dizer: “tem servente sim, é tu Alba!” Alba olha, dá uma gargalhada e responde: “Verdade! Pra que servente se a Alba está aqui?” (Recordações de campo, dia 26/10/2019).

5.3 A “Persistência e Pé na Tábua” do Grupo Teatro, Ideia e Ação (TIA)

Hoje, feriado, chego à Praça da Juventude às 16h acompanhado de meus filhos Christian e Nicollas, [...]. Todos os espaços da praça estão significativamente ocupados. No pórtico da praça, jovens sentados conversam. Nos bancos da praça, casais conversando, namorando e bebendo chimarrão, mulheres com crianças no colo conversando [...]. Na pista de

skate, jovens praticam manobras. Na quadra poliesportiva, crianças e jovens jogam futebol, enquanto na arquibancada da quadra, algumas mães observam seus filhos jogar. No campo de futebol, muitos jovens e adultos: enquanto um grupo joga futebol, outros na arquibancada assistem e/ou aguardam a sua vez. Enquanto isso, um grupo de adultos, fantasiados, percorre a praça cantando e recitando poesias. As poesias declamam e cantam a desigualdade social, as relações de violência, a relevância da cultura para a existência humana, entre outros temas sociais. Um dos membros carrega uma bandeira com a identificação da atividade que se chama “Poesia em Movimento”. Aos poucos, este grupo vai despertando o interesse das pessoas presentes na praça. Crianças, alguns jovens e adultos se aproximam, alguns observam por alguns segundos e seguem as suas atividades, outros permanecem atentos às poesias e passam a acompanhar o grupo e percorrer a praça ao som de seus cantos e poesias (Recordações de campo, dia 15/06/2017).

O Grupo TIA, segundo registros em seus próprios materiais de divulgação e informativos, como panfletos impressos, projetos para captação de recursos, e em suas páginas oficiais, como *Facebook* e blog, tem “como proposta um trabalho de intervenção social”. Criado em 2004, foi motivado pela “ideia do pensamento de um teatro popular”¹⁰³ a partir de “uma linguagem que permita a comunicação com todos”¹⁰⁴. Composto por Marcelo Militão, Mariana Abreu, Mário Ferrolho Henrique Abreu, este último ingressou em 2013, “suprindo a necessidade do grupo em contar com um músico permanente para seus espetáculos”¹⁰⁵, atualmente conta com Sofia Militão, de sete anos, filha de Marcelo e Mariana, que a partir de 2019 passou a protagonizar alguns espetáculos junto ao grupo. Marcelo, Mariana e Mário, segundo palavras dos próprios integrantes, eram os membros “mais orgânicos”¹⁰⁶ do grupo, em relação a outros colaboradores que atuavam eventualmente em peças e espetáculos e nos bastidores dos eventos, de acordo com a temática proposta.

Desde então, a arte é meio de subsistência do grupo, o qual vive da oferta de espetáculos e oficinas em escolas, na maioria das vezes por um “preço popular” ou “simbólico”¹⁰⁷, especialmente quando se trata de ações em escolas públicas, da oferta de espetáculos e oficinas em órgãos governamentais e captação de recursos via editais públicos.

Dos integrantes que “iniciaram com a ideia”, Marcelo Militão é o único remanescente.

¹⁰³Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

¹⁰⁴Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

¹⁰⁵Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

¹⁰⁶Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

¹⁰⁷ Recordações de campo.

Nas palavras de Marcelo Militão,

[...] nós nos juntamos com essa ideia do pensamento de um teatro popular. A ideia de ter um grupo, de poder criar alguns pensamentos próprios sobre algumas coisas. A gente sempre pensa isso que [...] os grupos são como ilhas flutuantes, ou seja, cada grupo tem uma concepção, um modo de vida, de formas, de como se organiza, como é que você faz as coisas, no que você acredita. E buscamos essas coisas...nós resolvemos isso, criar um grupo [...]. Eu recorro que em 2004 até ainda havia alguns incentivos e então nós queríamos isso, trabalhar com teatro popular (ENTREVISTA Grupo TIA – Marcelo Militão, dia 11/07/2019).

Em relação à criação do nome do grupo, Marcelo Militão comenta que

o nome TIA foi em cima de uma piada [...] vendo o nome e tal, um nome que desse impacto, sei lá, ‘o grupo do trovão’, uma assim bem bacana né? Então, não conseguimos decidir o nome do grupo de imediato. [...] e aí, na hora de ir embora eu recorro, estava um pouco frio e alguém disse: “pode ser amanhã?” – e outro disse: “amanhã não dá” – “e por que não dá?” – perguntou outro – “porque eu tenho consulta médica e esse frio...vamos fazer mais tarde, próximo das 12h”. Então alguém falou: “Ah, são umas tias velhas” – e outro falou: “é isso aí, vamos fazer o grupo das tias”. E eu disse: “não, por favor, não faz isso (risos) não tem nada a ver”. E em seguida outro falou: “é isso: teatro, ideia e ação”. E foi assim que ficou TIA, que também eu entendo que é simbólico porque representa essa condição precária que temos de querer abraçar o mundo e pode ser até de uma forma inocente, mas é também legal, disso de se empenhar às vezes em ações que são muito difíceis que é isso de abraçar a utopia (ENTREVISTA Grupo TIA – Marcelo Militão, dia 11/07/2019).

E Marcelo prossegue:

a gente trabalha muito com essa ideia do teatro de desenvolver um trabalho numa comunidade, de você fazer teatro de rua, de abraçar uma ideia de teatro popular, de buscar fazer de forma descentralizada, fazer uma linguagem que permita a comunicação com todos, ao mesmo tempo que o mundo está desmoronando, é utópico não é? Mas o conceito de utopia sugere isso [...] é você ir caminhando, estar com o objetivo a chegar naquele horizonte, de enxergar o horizonte e caminhar. Mas aí, essas mesmas pessoas que sugeriram o nome do grupo TIA saíram todos (risos), ficou somente eu. Em seguida ingressou a Mariana e após o Mário (ENTREVISTA Grupo TIA – Marcelo Militão, dia 11/07/2019).

O que está no âmbito das ideias supraditas materializa-se nas práticas. Uma de suas características é sua ação itinerante. Com espetáculos de rua, palco e outros espaços alternativos que facilitam o acesso ao público, o grupo literalmente ‘transita’, especialmente pelas “periferias” das cidades, oferecendo programações gratuitas, ainda que, não raras vezes, as condições de estrutura física não fossem adequadas para os espetáculos ofertados. Projetos como o “Tá na Praça”, o “Poesia em Movimento” e “Festia” estão entre as destacadas ações do grupo.

Após ser selecionado no edital público nº 127/2016 - Utilização de Espaços Públicos¹⁰⁸ - em 2016, foi cedida ao grupo TIA, por indicação do próprio grupo quando realizou sua inscrição para concorrer à ocupação e utilização de um dos espaços administrados pela PMC, uma das salas multiuso do prédio administrativo da PJ – registrada como sala 06 nos documentos oficiais da PMC - , a qual passou a ser ocupada e utilizada para armazenar seus equipamentos de trabalho, para reuniões de estudos, planejamento/trabalho e ensaios de suas peças e espetáculos. Ter à disposição um espaço para acomodar seus materiais de trabalho, reuniões de planejamento e ensaios era algo relevante para a produção e efetivação de suas ações, pois,

[...] a gente sempre lutou por essa coisa dos editais dos espaços públicos. Essa é uma luta antiga que se tem pela apropriação dos espaços públicos pela densidade que tem a cultura. É muito importante para um grupo de trabalho continuado, um lugar onde tu possas deixar as suas coisas, onde tu possas desenvolver as suas pesquisas, onde tu possas ensaiar, onde tu possas ter uma biblioteca, onde tu possas fazer uma reunião, onde tu tenhas esse amparo. E isso a gente entende que é importantíssimo para o crescimento do grupo [...] de batalhar espaços ociosos (ENTREVISTA Grupo TIA – Marcelo Militão, dia 11/07/2019).

E Marcelo prosseguiu:

Nós vivíamos pressionando a prefeitura para fazer esse mapeamento que nunca teve em Canoas. Tem um exemplo clássico no Hospital Psiquiátrico São Pedro que os grupos eram sediados lá e ficou por uns 12 anos e foram tirados de lá também [...]. O Gasômetro¹⁰⁹ tem esse processo de sucateamento [...] as políticas públicas não dão conta disso. Aqui em Canoas nós tensionamos... (ENTREVISTA Grupo TIA – Marcelo Militão, dia 11/07/2019).

Mariane interveio:

Antes disso, nos primórdios do grupo, nós morávamos num apartamento e ficava tudo lá. Todo o nosso material ficava nesse apartamento. Lá que realizávamos nossas reuniões. Nós saíamos para ensaiar nos parques ou em alguma sala que a gente conseguia emprestado. Só que o grupo estava

¹⁰⁸Concurso que visa à seleção de propostas de atividades artísticas nos espaços públicos administrados pela PMC. Os candidatos que vencem a concorrência têm a oportunidade de usufruir dos espaços por um período de 12 a 17 meses, nos dias e horários autorizados, em caráter não oneroso para a administração municipal. Mais informações ver em: <http://oldsite.canoas.rs.gov.br/site/licitacao/visualizar/id/103891> e <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/prefeitura-lanca-edital-para-ocupacao-de-espacos-culturais/>. Acesso em: 11/07/2019.

¹⁰⁹A Usina do Gasômetro é um centro cultural público que funciona na antiga usina termelétrica do Gasômetro, inaugurada no dia 15 de novembro de 1928, projetada para gerar energia à base de carvão mineral. Em 1974 a Usina encerra suas operações como geradora de energia e é desativada. Após a Eletrobras, em 1982, transferir para o município de Porto Alegre o terreno, e o governo municipal tombar o prédio, em 1983, em 1991 foi aberto à população como centro cultural, estruturado em auditórios, salas multiuso, anfiteatros, espaços para exposições, cinema e teatro. Ver em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=284. Acesso em: 27/10/2019.

também crescendo, crescendo as suas necessidades, da gente de precisar mesmo de um espaço. A gente chegou a alugar uma casa, ficamos por um período lá pagando aluguel e fazendo o trabalho do grupo lá, só que chegou um momento em que não conseguimos mais dar conta de pagar um aluguel, entendeu? Já é tão difícil viver da arte e ainda ter que pagar aluguel do espaço... (ENTREVISTA Grupo TIA– Mariane Abreu, dia 11/07/2019).

Ainda que os membros do grupo tenham relatado positivities durante o período que residiam no apartamento alugado, como a “autonomia” para pensar, debater e projetar suas ações, pois era um espaço “onde a gente podia desenvolver o que quisesse, de forma liberada”¹¹⁰, as relações de solidariedade a outros grupos, como a cedência do apartamento que estavam ocupando para acolhimento, estadias e pousos para outros grupos e bandas que vinham de fora da cidade e do estado apresentar seus espetáculos “sem custo”, “sem nada”¹¹¹, havia o “ônus que era pagar esse aluguel”¹¹². Sobre isso, disse Marcelo, “como a gente é muito frágil [economicamente]”¹¹³, chegou um momento que não havia mais como manter o aluguel, aliado “aos problemas que tinham com o dono”¹¹⁴ do apartamento “porque ele também tinha a chave do pátio”¹¹⁵, o que ocasionava certa redução de suas privacidades, e o custo do aluguel também se elevou. O dono “pediu a casa” com a justificativa de que “iria reformar” e “não reformou até hoje”, e isso tudo acabou por acentuar a “pressão na secretaria [de cultura de Canoas]”¹¹⁶. Em relação a essa “pressão” sobre o governo municipal, Marcelo relatou:

quando a gente se viu numa situação onde não havia mais como nos mantermos na casa alugada, a gente pressionou a Secretaria [Secretaria Municipal de cultura e Turismo de Canoas]. Até ameaçamos invadir alguns lugares. Plantamos essa ideia de que iríamos ocupar alguns espaços. Foi aí que lançaram o tal edital, o Edital de Ocupação dos Espaços Públicos. Ali que começou na verdade (ENTREVISTA Grupo TIA – Marcelo Militão, dia 11/07/2019).

Sobre isso, Mariane relatou que, embora a “pressão” fosse necessária, o grupo acabou por encontrar dentro da SMCT, à época sob a gestão do PT, “alguns parceiros”,

¹¹⁰Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

¹¹¹Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

¹¹²Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

¹¹³Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

¹¹⁴Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

¹¹⁵Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

¹¹⁶Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

“um apoio de algumas pessoas” que atuavam dentro da secretaria de governo, ainda que já tivessem tentado outras vezes “mapear alguns outros espaços”, todavia “sem sucesso, pois a prefeitura não cedeu”¹¹⁷.

Marcelo relatou que, à época da “pressão para que tivesse o edital”, o grupo já havia estudado os possíveis locais para desenvolver seu trabalho e, como sempre, tiveram “essa ideia de trabalhar com a periferia”, viram que na PJ “era uma oportunidade de desenvolver um processo com a periferia”, pois já havia “certa relação de proximidade” porque Mário residiu no Guajuviras e sua companheira, à época, dava aula de yoga na PJ. Ou seja, nas palavras do próprio Mário, já havia por parte do grupo “um conhecimento do território”, ainda que “num primeiro momento a gente não via como ideal”, pois “não passava segurança” deixar seus materiais de trabalho nas dependências do prédio administrativo da PJ, mas o grupo “abraçou”, pois “por conhecer a Alba que é a gestora do espaço isso pesou” devido à possibilidade de “ter a autonomia que seria importante e que possivelmente “em outros espaços que a gente não conhece poderiam não nos dar essa autonomia”¹¹⁸, salientou Marcelo.

Ainda que o TIA tenha passado a ocupar uma sala na PJ por intermédio do edital Utilização de Espaços Públicos, ou seja, a ocupação do espaço ter ocorrido no âmbito da estrutura governamental, cabe destacar que o edital foi elaborado e publicado pela PMC por iniciativa do grupo. O que estou sinalizando, em outras palavras, é o caráter reivindicatório que fez emergir o edital que não foi espontâneo. Nasceu sim da “pressão” de um grupo de pessoas que “lutava” por uma causa, ainda que tivesse contado com o “apoio de algumas pessoas” da própria esfera do governo municipal, à época, que eram mais sensíveis ao fomento e à garantia das atividades artísticas e culturais enquanto direito social. Outra ressalva é que assim que a PJ foi inaugurada em 2014, tão logo o grupo TIA passou a ocupar essa sala mediante um acordo “de boca” com os agentes da gestão do PT que atuavam na SMCT, a ocupação oficial mediante edital, conforme já apresentado, ocorreu somente em 2016, ainda na mesma gestão.

Além desses aspectos, Mariana disse que a opção pela PJ foi porque “a gente precisava de um espaço nosso também que não era só um espaço para tu ir dar oficina e ensaiar. A gente precisava de um espaço físico para guardar o nosso material também”, e, complementa Marcelo, “reunir, conversar e ensaiar”, em que pese também a

¹¹⁷Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

¹¹⁸Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

flexibilidade de “horários” que o grupo necessitava ter para deixar, pegar e transportar seus materiais, considerando que, muitas vezes, o grupo chegava à PJ “com o material de madrugada para carregar, de manhã cedo para retirar”. Assim, independente do horário, “os guardas estão sempre lá” para viabilizar o acesso e proporcionar alguma segurança, dependendo do horário. Para Marcelo, “se nós tivéssemos em outro espaço público com rigidez de formato, nós não conseguiríamos porque o próprio edital não nos contempla com isso. Ele [o edital] não diz que é para você ficar com o material no espaço. É uma questão mesmo de acordo local”¹¹⁹.

Além dos aspectos supraditos, Mário salientou outro aspecto que possibilitou ao grupo TIA ter a sua sede na PJ, o qual estava diretamente relacionado a “uma questão de oferta e demanda”, pois,

[...] nos três editais que tiveram, teve só dois inscritos para a Praça da Juventude, nós e mais um grupo. E lá tem quatro salas. Então, eu quero dizer com isso que é um espaço de difícil acesso, de extrema periferia, que não há uma garantia e um interesse dos grupos em ir atuar lá (ENTREVISTA Grupo TIA – Mario Ferrolho, dia 11/07/2019).

Ou seja, a demanda pela ocupação de determinado espaço para a realização de atividades artísticas e culturais, no entendimento do grupo essa ocupação estava diretamente relacionada ao local, como ele era compreendido, sentido e posicionado socialmente, pois, em que pese a localização e a sensação de segurança ou insegurança, questões de cunho socioeconômico também eram elementos que despertavam mais ou menos o interesse dos grupos. Ainda que esses aspectos pudessem ter algum impacto, mas parecessem não ser determinantes para as práticas do TIA desde sua criação, isso fez com que Mário, segundo suas próprias palavras, ingressasse no grupo.

Isso foi uma das coisas que me aproximou do grupo, essa ideologia, quando começaram esse conceito de arte pública [...]. Comecei a compreender e me identificar muito com isso, que assim como existe o SUS, o Sistema Único de Saúde, assim como existe a educação pública gratuita, existe a arte e a cultura gratuita para o povo, mas com o profissional sendo remunerado de forma digna para isso né? (ENTREVISTA Grupo TIA – Mario Ferrolho, dia 11/07/2019).

Essa disponibilidade, iniciativa e ação de caráter, em certa medida, voluntário do grupo TIA em atuar nas “periferias”, voltado para a “arte pública”, no caso desta Tese, realizada no bairro Guajuviras, possibilita dialogar com o estudo de Reckziegel (2004) acerca do envolvimento de um grupo de jovens da periferia de Porto Alegre/RS com a cultura *hip hop*. No referido estudo, Reckziegel destaca o quanto esse grupo de

¹¹⁹Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

jovens habitantes do bairro Restinga que praticava dança de rua se mobilizou em prol do fomento da cultura *hip hop*. Essa mobilização para seu fomento se apresentava no cenário de dedicação quase integral à dança de rua ao longo dos anos, mediante práticas como a dedicação sistemática aos ensaios para atingir um nível de qualidade específico para suas apresentações; apresentações, na maioria das vezes, gratuitas ou em troca do transporte para a garantia de sua presença quando solicitados a se apresentarem fora do bairro, devido à falta, às vezes, de recursos para o pagamento de suas passagens; a pintura de suas próprias camisas, pois alguns dos integrantes tinham conhecimento de desenho e pintura adquirido com a prática de grafite utilizada tanto para os ensaios quanto para apresentações, e a confecção de suas próprias toucas, acessório necessário para os giros sobre a cabeça na dança de rua. Toda essa mobilização, aponta a autora, estava relacionada, sobretudo, à compreensão dos membros do grupo de que a cultura *hip hop* era potencial promotora da cultura da paz, inclusão e justiça social (RECKZIEGEL, 2004).

Para o grupo TIA, as atividades artísticas e culturais ainda estavam chegando majoritariamente aos segmentos mais abastados via “compra de ingressos” e acesso “ao teatro pago”. Embora não desconsiderassem “esse tipo de ação”, Mariane sinalizou que “quando se vai para a periferia, eles são desprovidos das coisas mais básicas”¹²⁰, o que, no seu entendimento, afetava as experiências e vivências artísticas e culturais. Assim,

[...] quando não se tem o básico, embora eu considere a arte e a cultura como uma necessidade básica, são locais que dificilmente chegam atividades artísticas, sem ser as atividades locais porque na periferia também tem as atividades artísticas e culturais dos próprios moradores como a gente vê no caso do *hip hop* [...] mas de chegar uma atividade de um grupo é muito mais difícil de chegar lá (ENTREVISTA Grupo TIA – Mariana Abreu, dia 11/07/2019).

Ao se referir a esses aspectos, Mariana justificou a “luta” do grupo e suas práticas:

[...] por isso essa batalha, essa luta por políticas públicas para que a gente receba seja das empresas, seja do governo para que a gente possa também levar de cultura, desenvolver esse tipo de atividade na periferia sem causar um ônus que de certa forma o cidadão ali já paga impostos tendo de volta isso (ENTREVISTA Grupo TIA – Mariana Abreu, dia 11/07/2019).

Desde então, com certa regularidade, o TIA organizava e ofertava oficinas e apresentações que contemplavam diversos temas sociais, especialmente os considerados sensíveis — preconceito étnico/racial, violências, política, desigualdade

¹²⁰Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

socioeconômica —, nas dependências da PJ, e também realizava suas ações itinerantes pelas ruas, becos e ruelas da região onde se localizava a PJ [Loteamento Pôr-do-Sol e Vila Nancy Pansera].

As poesias que percorrem as ruas, becos e ruelas de chão batido do bairro Guajuviras acontecem no espetáculo “Poesia em Movimento – Uma Experiência Cenopoética”, projeto que, segundo o próprio grupo, “é destinado a locais de difícil acesso, de extrema periferia”¹²¹. Um espetáculo de rua que mistura poesia e esquetes teatrais, “que veio junto para fortalecer os debates, falando sobre o papel da arte em zonas de violência e conflito”¹²², o qual, quando em 2016 o Grupo TIA passou a ter sua sede na PJ, no Guajuviras, o ponto de saída e chegada sempre foi esse espaço público cultural e esportivo de lazer. Como justificam os próprios artistas, o Poesia em Movimento foi concebido para ser apresentado em locais de difícil acesso, chegando às pessoas que não têm a oportunidade de assistir a um espetáculo cultural. Essa atividade do grupo atuava com os seus artistas que percorriam as ruas com seu boneco gigante anunciando sua chegada com um cortejo musical. Em dado momento, de acordo com as temáticas desenvolvidas e a interação e o retorno do público local, o cortejo parava e ali se apresentava e dramatizava uma cena com tema específico, que, às vezes, envolvia diretamente o público que o assistia, colocando-o na cena.

O Poesia em Movimento – Uma experiência Cenopoética era apresentado pelo grupo TIA como

[...] um trabalho em constante processo, [...] o mais sensível e o mais forte, feito em cortejo, com poemas de grande cunho social e político [...] para ser apresentado nos espaços mais caóticos, das movimentadas capitais à margem da sociedade nas suas favelas, becos e vielas¹²³.

O Poesia em Movimento iniciou como projeto piloto ainda em 2007, com uma versão “mais crua” a partir de recursos próprios dos membros do grupo. Em 2011, com o recebimento do prêmio “Microprojeto Mais Cultura Para Territórios de Paz”¹²⁴, ação

¹²¹Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

¹²²Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

¹²³Excerto extraído do documento ilustrado na figura de divulgação e que apresenta toadas as ações do grupo.

¹²⁴O referido edital segundo informações do próprio site do Governo Federal, publicado em 16/11/2011, “é uma iniciativa conjunta entre os ministérios da Cultura, por meio do Programa Mais Cultura e da Justiça, através do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), e tem como objetivo dar oportunidade às diversas camadas da população brasileira de acesso à produção, reconhecimento e consumo de bens culturais. Mais ver em:

vinculada ao PRONASCI, o TIA recebeu recursos oriundos da política de segurança, o que viabilizou a circulação das ações em três regiões do bairro Guajuviras, com o acréscimo de outros artistas. Em 2014, após o projeto ter sido selecionado, recebeu recursos oriundos do “Programa de Incentivo à Cultura” (PIC)¹²⁵ de Canoas, o que lhe possibilitou circular por 10 bairros da cidade com o espetáculo.

A partir desse projeto, outras ações foram desenvolvidas pelo Grupo TIA: a produção e veiculação do documentário intitulado *Periferia em Movimento*, a contar de 2017, viabilizado pelos recursos obtidos através do “Prêmio Empreendedor Cultural – 3ª Edição”¹²⁶, em 2016, realizado pela Cida Planejamento Cultural e patrocinado pela AES Sul¹²⁷. Os recursos obtidos com o referido prêmio, propiciou ao TIA a produção para a apresentação do documentário nas periferias de cinco cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre, entre estas, a PJ, no Guajuviras, em Canoas, com o objetivo de, após a apresentação do documentário, “discutir dentro daquelas comunidades o papel da arte nessas zonas de violência”¹²⁸.

Mariana Abreu falou sobre as motivações do grupo para a criação e produção do documentário:

<http://www.brasil.gov.br/noticias/cultura/2011/05/cultura-divulga-resultado-de-edital-de-microprojetos-para-territorios-de-paz>. Acesso em: 14/07/2019.

¹²⁵Programa instituído a partir da Lei nº 5.680 de 09 de março de 2012 que, segundo a própria versão oficial da lei, no seu Art. 1º, “tem por objetivo fomentar a economia da cultura local e incentivar artistas, grupos artísticos e produtores culturais independentes (pessoas físicas e jurídicas, com ou sem fins lucrativos) que promovam a fruição da cultura, a diversidade cultural e favoreçam o desenvolvimento da cidadania”. O Art. 5º salienta que “o incentivo financiará 100% (cem por cento) do projeto selecionado, devendo o proponente prestar contrapartida cultural conforme critérios estabelecidos no edital convocatório”. Informações disponíveis em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/c/canoas/lei-ordinaria/2012/568/5680/lei-ordinaria-n-5680-2012-institui-o-programa-de-incentivo-a-cultura-no-municipio>. Acesso em: 14/07/2019.

¹²⁶O Prêmio “tem por finalidade estimular a inovação nas formas de empreender projetos culturais e artísticos de quaisquer áreas ou linguagens, realizados em municípios da área de abrangência da empresa AES SUL”. “O Prêmio tem por objetivo a concessão de prêmios a projetos de caráter cultural, propostos por pessoas jurídicas de direito privado com fins lucrativos, cadastradas e habilitadas no Sistema Pró-Cultura RS”. Mais informações sobre o Prêmio e regulamento encontra-se disponível em: <https://prosas.com.br/editais/1490-premio-empreendedor-cultural-3-edicao>. Acesso em: 14/07/2019.

¹²⁷O Cida Planejamento Cultural é uma empresa que se apresenta “especializada em investimentos e patrocínio sociocultural [...] que cria, implementa e gerencia ações [...]” com atuação na esfera pública e privada. Mais, ver em: <http://cidacultural.com.br/>. A AES SUL foi uma concessionária de serviço público de distribuição de energia elétrica, vendida em 2016 para o Grupo CPFL Energia, passando a se chamar RGE SUL, empresa essa responsável pela distribuição de parcela significativa da energia elétrica consumida no Rio Grande do Sul. Informações adicionais, disponível em: <https://www.rge-rs.com.br/Paginas/default.aspx>.

¹²⁸Excerto extraído da entrevista realizada com o Grupo TIA no dia 11/07/2019.

o documentário foi feito em cima do projeto que se chamava Periferia em Movimento que a gente circulou por algumas periferias que escolhemos assim das cidades [...] então junto com essa circulação a gente fez um seminário que se pudesse discutir dentro daquelas comunidades o papel da arte nessas zonas de violência que a gente trabalhava. Então, em cima desse processo de todo o projeto, o Renato Souza que é da Chama Vídeo Independente¹²⁹ foi pegando depoimentos, foi pegando essas imagens, toda essa proposta do projeto e criou o documentário [...] basicamente em cima desse circuito de apresentações de teatro nestes locais de extrema periferia. É um espetáculo que é um cortejo itinerante em que a gente trabalha com poemas do Bertold Brecht¹³⁰ [...] e do Ray Lima¹³¹. Então a gente trabalha com alguns poemas, faz algumas cenas e em cima desses poemas com alguns elementos plásticos e o espetáculo ele acontece andando [...] a gente passa por ruelas, vielas, nas ruas, na frente das casas das pessoas. A gente fez bastante. Fez em Canoas, naquela região da Praça da Juventude e por muitas outras localidades (ENTREVISTA Grupo TIA – Mariana Abreu, dia 11/07/2019).

Como se pode observar, a inquietação com o fenômeno da violência, entre outras problemáticas, a que determinados grupos [leia-se, os habitantes das denominadas comunidades, favelas e periferias] estão supostamente expostos e/ou vulneráveis prevalece nas justificativas do grupo para embasar a relevância de seu trabalho, conforme justificativa apresentada no excerto acima acerca do Poesia em Movimento e diante da escolha em projetar e desenvolver seu trabalho no bairro Guajuviras.

Sobre esse documentário, relato, a seguir, o encontro proposto e realizado pelo TIA na sexta-feira, dia 21 de julho de 2017, às 19h, nas dependências do prédio administrativo da PJ.

Chego à praça às 18h45. Hoje a convite de Alba e dos integrantes do TIA, venho ao espaço público para acompanhar a apresentação para a “comunidade” do documentário “Periferia em Movimento”, projeto esse resultado de diversas atividades realizadas pelo grupo nas periferias das cidades, onde durante as cenas teatrais em movimento realizadas nestes locais, foram feitas filmagens, coleta de depoimentos e registros fotográficos. A feitura do documentário e sua exposição tem o objetivo segundo os integrantes do próprio grupo em mediar trocas de ideias e experiências acerca da função social da arte a partir da seguinte indagação: “qual o papel da arte

¹²⁹Produtora especializada em produção de músicas, curta metragens entre outras produções audiovisuais, com atuação na cidade de Canoas/RS.

¹³⁰Eugen Bertold Friedrich Brecht (10/02/1898, Augsburg, Alemanha – 15/08/1956, Berlin, Alemanha) foi um poeta, romancista e dramaturgo alemão. Suas peças de teatro se caracterizavam pelo seu cunho crítico, com narrativas baseadas em acontecimentos sociais que buscavam instigar reflexões acerca dos fenômenos produzidos na vida coletiva. Informações disponíveis em: https://www.ebiografia.com/bertolt_brecht/. Acesso em: 16/09/2019.

¹³¹Artista nascido na Paraíba, criador da Cenopoesia – poesia teatralizada e um dos criadores do Movimento Popular Escambo Livre de Rua que consiste em ações que articulam poesia e música à luta pelos direitos humanos na região nordeste a partir de encontros que reúne grupos de teatro de rua, capoeiristas, poetas, repentistas, grafiteiros e artistas populares das mais variadas vertentes das culturas nordestinas com promoção de espetáculos, oficinas, shows, exposições e debates (DOS SANTOS, 2019).

nas zonas de conflito e violência?” – Quando chego, já se encontram em uma das salas multiuso do prédio administrativo muitas cadeiras dispostas de frente para um telão já também projetado onde será veiculado o documentário. Algumas crianças já estão sentadas conversando e aguardando. Paulatinamente, outras pessoas vão chegando, sendo recepcionadas por Alba na porta de acesso ao prédio. Enquanto a atividade não inicia, Mariane me apresenta à Karen. Karen é advogada e foi convidada pelo grupo para fazer a mediação dos debates especificamente neste projeto. Enquanto conversamos, Karen comenta que é estudante de mestrado em Direito e que já vem há algum tempo trabalhando com o TIA em algumas ações. Salienta que a ideia do projeto a partir do documentário produzido e que está sendo exposto “nas periferias” é evidenciar as potencialidades da arte como “espaço e práticas de resistência e de reinvenção da cultura”. A ideia, complementa Karen é “de mediar as trocas de experiências sobre o papel da arte na vida das pessoas”. Às 19h16, Karen dá início à atividade. Se apresenta, apresenta os demais membros do grupo TIA, agradece Alba pelo incentivo e por viabilizar o espaço e introduz que o propósito do encontro é apresentar as experiências e vivências das artes em diferentes “localidades” e o seu “papel” na vida das pessoas e que após a proposta era fazer um conversa sobre o assunto. Em seguida o documentário começa a ser exibido. Ao todo, 21 pessoas estão presentes na sala. No telão, cenas de poesias teatralizadas realizadas pelo grupo nas ruas, becos e vielas de diversos locais, depoimentos de moradores sobre sua compreensão acerca da arte e o seu lugar enquanto direito e enfrentamento dos conflitos compõem o documentário. Após o encerramento, Karen retoma sua fala reiterando o propósito do documentário e passa a questionar as pessoas presentes acerca do que pensam, suas impressões sobre o que foi exposto. As pessoas presentes que inicialmente parecem um tanto tímidas começam a tecer comentários sobre o documentário, assim como manifestar seus pontos de vista acerca do tema proposto, exceto as crianças presentes que apenas observam as trocas de ideias entre os adultos. Entre os adultos, enquanto permaneci na sala, alguns consensos pude observar nas trocas de ideias: a arte e a cultura como manifestações e práticas positivas, especialmente para o processo de “formação” de crianças e jovens; a relevância de seu fomento pelo Estado por meio de investimentos e políticas e condições de trabalho aos artistas e a arte e cultura como práticas que “ajudam contra a violência que acontecem principalmente entre os mais novos (jovens)”. Alguns minutos antes do encerramento, deixo a praça junto com Alba, Subversio e os jovens que atuam no Praça F.C e nos deslocamos em nossos veículos particulares para o bairro Rio Branco, onde está agendado uma partida de futsal contra a equipe do Boa Saúde, com início previsto às 21h conforme já havíamos também combinado (Recordações de campo, 21/07/2017).

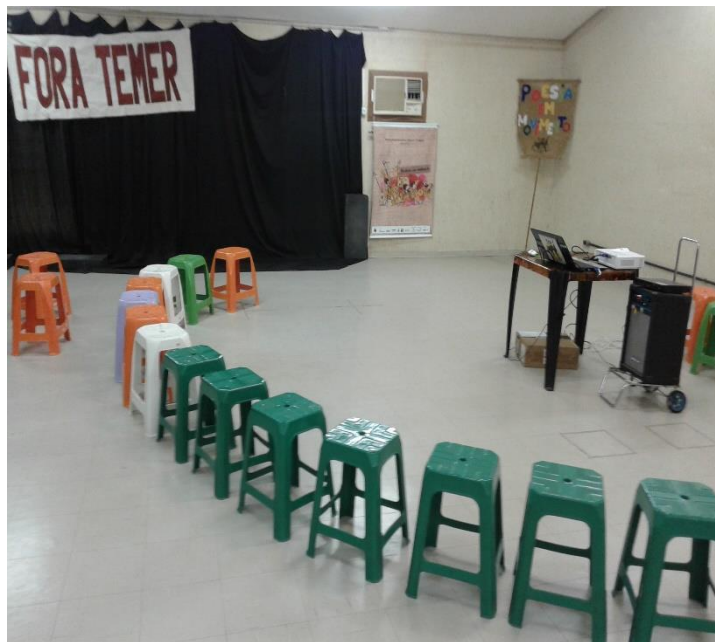


Figura 53: Sala multiuso da Praça da Juventude organizada para receber o público para a exibição do documentário.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Chama a atenção que a temática da violência, ocorre de forma intensa para justificar as práticas do grupo e igualmente está presente nas justificativas e nos objetivos dos projetos e programas de esporte e lazer, entre estes a PJ, que direciona para uma compreensão das condições de determinados espaços sociais. Essas ideias se aproximam de fatos que constituem associações entre elementos heterogêneos – Estado, academia, ONGs — que objetivam e sustentam determinadas ideias.

No domingo, dia 23/07/2017, ocorreu o cortejo do Poesia em Movimento. Cheguei momentos após o início da atividade e encontrei o grupo já em percurso. O cortejo que teve como ponto de partida a PJ percorreu a rua Maria Faustina Correa, localizada no entorno da PJ. Com suas poesias que estimulavam o debate político e social, abrangendo temas como desinvestimentos em políticas sociais, corrupção, relações de violências, os moradores da rua, entre outras pessoas que passavam, eram instigados a assistir, interagir com o grupo e pensar acerca da atual conjuntura do país¹³²

¹³²Em 2017, o Brasil vivia um período de significativas manifestações contra o então Presidente Michel Temer (PMDB) e suas políticas de austeridade que entre suas ações reduziu significativamente investimentos na área da cultura, do esporte e da educação, empossado no dia 31/08/2016, após a destituição da Presidente Dilma Rousseff (PT) ao fim do processo de impeachment.

em “um momento crucial do país, de descaso com a cultura”¹³³, conforme destacado por Marcelo Militão a um jornal local da cidade de Canoas. Segundo ainda as palavras de Marcelo, o objetivo do Poesia em Movimento, naquele dia, no Loteamento Pôr-do-Sol, consistia em promover “um cortejo com a comunidade em locais de difícil acesso e discutirmos questões em busca de engajamento”¹³⁴. Após o encerramento, em conversa com os integrantes do TIA, soube que aquele tinha sido o primeiro cortejo após a chegada do grupo na PJ, ainda mais “restrito” para “sentir” a recepção e envolvimento das pessoas, “já pensando no próximo que acontecerá em breve”¹³⁵.



Figura 54: Grupo TIA percorrendo as ruas do Loteamento Pôr-do-Sol na ação Poesia em Movimento.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

¹³³Manifestação do ator disponível em matéria jornalística no seguinte endereço:<https://www.diariodecanoas.com.br/conteudo/2017/07/noticias/regiao/2145793-cortejo-artistico-do-grupo-tia.html>. Acesso em: 1º/05/2018.

¹³⁴Manifestação do ator disponível em matéria jornalística no seguinte endereço:<https://www.diariodecanoas.com.br/conteudo/2017/07/noticias/regiao/2145793-cortejo-artistico-do-grupo-tia.html>. Acesso em: 1º/05/2018.

¹³⁵Recordações de campo, 23/07/2017.



Figura 55: Grupo TIA percorrendo as ruas do Loteamento Pôr-do-Sol na ação Poesia em Movimento.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

No dia 18/03/2018, domingo, tive a oportunidade de vivenciar junto ao TIA um cortejo do projeto Poesia em Movimento do início ao seu encerramento, conforme relato a seguir.

Hoje, domingo, dia 18 de março de 2018, chego na Praça da Juventude às 14h após ter sido comunicado e convidado por Alba e Mariane há algumas semanas atrás para acompanhar o cortejo do projeto Poesia em Movimento do grupo TIA que está planejado para percorrer as ruas do Loteamento Pôr-do-Sol, Vila Nancy Pansera e Vila São Miguel, tendo como ponto de saída e chegada a praça. Quando chego, Alba e os membros do grupo já estão em frente a praça com seus instrumentos, boneco e demais equipamentos necessários para a realização da atividade e fazendo os últimos ajustes e combinações do trajeto a ser percorrido. Alba se coloca à disposição para conduzir o grupo pelas ruas da vila e diz que aproveitará o cortejo para distribuir panfletos com informativos da oficina de poesia que está programada para iniciar nas dependências do complexo esportivo e cultural no mês seguinte sob a condução do TIA. Eu sou solicitado a fotografar o cortejo com meu celular. As 14h30 inicia-se o cortejo. Saímos da praça, cruzamos o terreno de chão batido onde estão localizadas as torres de alta tensão em direção a vila Nancy Pansera já ao som da gaita, flautas e tambores. Ao som destes instrumentos, o grupo vai andando pelas ruas. Enquanto percorremos as ruas, algumas pessoas saem do interior das suas casas para ver o que está acontecendo, outras que passam pelas ruas param ou reduzem a velocidade de suas caminhadas para observar. Nos pátios ou nas ruas, cachorros latem diante dos movimentos do grupo e do som. Crianças que andam de bicicleta na rua passam a acompanhar o cortejo. Outras crianças e jovens filmam em seus celulares. Um dos membros do grupo carrega uma sineta que de repente toca: é a sinalização para o grupo parar, interromper a melodia tocada ao som dos instrumentos musicais, tão logo

recitar uma poesia e fazer uma encenação inspirada na poesia recitada para o público. A sineta é tocada por um dos membros do TIA sempre que há um grupo de pessoas em frente a uma casa, na esquina, em frente a algum estabelecimento comercial ou em algum momento quando há um grupo significativo de pessoas que percorre o cortejo junto ao grupo para colocar em forma de poesia e encenação um tema e envolver o público. A sineta toca uma segunda vez para sinalizar o fim da encenação e continuidade da caminhada pelas ruas. As pessoas quando são instigadas a participar da encenação ou são surpreendidas pelo grupo que param em sua frente e iniciam a cenopoesia, em sua maioria, dão atenção, brincam, se envolvem na cena quando solicitadas. Após o encerramento da primeira encenação e sob aplausos do público que assiste, um senhor fala ao grupo: “muito bonito o trabalho de vocês”. O grupo continua andando pelas ruas ao som dos seus instrumentos musicais que tocam. Simultaneamente, Alba que caminha na frente do grupo para conduzi-lo, vai parando de cerca em cerca, de portão em portão, conversa com as pessoas, entrega panfletos informativos sobre a oficina que se iniciará na praça e convida aos que ainda não conhecem o espaço público a “visitar” para conhecer. Ao longo do cortejo, Alba se dirige a um jovem que assiste a atividade artística escorado na cerca do lado de dentro de um pátio. A gestora cumprimenta o jovem, entrega um panfleto a ele e comunica: “vai ter oficina lá na praça de poesia e teatro. Está convidado para participar” - o jovem responde: “não posso tia, estou prometido lá na praça”. O cortejo para e prossegue ao som da sineta mais três vezes. Para encerrar esse diário de campo, deixo para o leitor o registro da terceira parada do TIA ocorrida ao longo do percurso: a sineta toca, o som é interrompido e o TIA para em frente a um grupo de pessoas (adultos e crianças) que está sentado na calçada em frente a uma casa e um dos membros inicia a recitação de um poema: “ouve! Nós te chamamos de volta. Expulso, agora deves retornar. Na terra onde uma vez correram leite e mel, foste expulso. És chamado de volta à terra destruída. E nada mais temos a oferecer se não que precisamos de ti. Pobre ou rico, doente ou são. Esquece tudo e vem!” (o som da gaita toca...) inicia-se a encenação narrada: “Eu, o que eu fiz? Nada! E nada seja computado como uma boa ação se não se não for uma ajuda verdadeira. Que nada seja dado como uma ajuda verdadeira, se não for uma ajuda real. Que nada seja encarado como uma ajuda real senão aquilo que muda o mundo. Que tempos são esses que é necessário defender o óbvio?” (a sineta toca novamente). A encenação encerra e há a recitação de uma poesia de despedida realizada por todos os membros do grupo em voz alta: “Quando me fazes alegre, penso por vezes: ‘agora poderia morrer! Então seria feliz até o fim. E quando envelheceres e pensares em mim, estarei como hoje e terá um amor sempre jovem’”. O cortejo se retira e prossegue andando pelas ruas sob fortes aplausos (Recordações de campo, 18/03/2018).



Figura 56: Grupo TIA percorrendo as ruas do Loteamento Pôr-do-Sol, Vila Nancy Pansera e Vila São Miguel na ação Poesia em Movimento, no dia 18/03/2018.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 57: Grupo TIA percorrendo as ruas do Loteamento Pôr-do-Sol, vila Nancy Pansera e vila São Miguel na ação Poesia em Movimento, no dia 18/03/2018.

Fonte: ROSA, C, N. 2019.



Figura 58: Grupo TIA percorrendo as ruas do Loteamento Pôr-do-Sol, vila Nancy Pansera e vila São Miguel na ação Poesia em Movimento, no dia 18/03/2018.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 59: Grupo TIA percorrendo as ruas do Loteamento Pôr-do-Sol, vila Nancy Pansera e vila São Miguel na ação Poesia em Movimento, no dia 18/03/2018.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 60: Grupo TIA percorrendo as ruas do Loteamento Pôr-do-Sol, vila Nancy Pansera e vila São Miguel na ação Poesia em Movimento, no dia 18/03/2018.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 61: Grupo TIA percorrendo as ruas do Loteamento Pôr-do-Sol, vila Nancy Pansera e vila São Miguel na ação Poesia em Movimento, no dia 18/03/2018.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 62: Grupo TIA percorrendo as ruas do Loteamento Pôr-do-Sol, vila Nancy Pansera e vila São Miguel na ação Poesia em Movimento, no dia 18/03/2018.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 63: Grupo TIA percorrendo as ruas do Loteamento Pôr-do-Sol, vila Nancy Pansera e vila São Miguel na ação Poesia em Movimento, no dia 18/03/2018.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 64: Grupo TIA percorrendo as ruas do Loteamento Pôr-do-Sol, vila Nancy Pansera e vila São Miguel na ação Poesia em Movimento, no dia 18/03/2018.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Outra relevante ação do grupo foi a realização do Festival Internacional de Teatro de Canoas (FESTIA), mencionado no início da presente seção. O FESTIA reúne artistas de diversas regiões do Brasil e de outros países para o desenvolvimento de atividades abertas e gratuitas em todos os quadrantes da cidade de Canoas. As programações incluem apresentações de teatro, música, bate-papos que tratam de diversos temas sociais, seminários, apresentação de documentários e atividades de intercâmbio cultural.

Entre os dias 31/08 a 09/09 de 2018, o grupo TIA realizou a 8ª edição do FESTIA com mais de 25 atividades em todos os quadrantes do município de Canoas, com atrações trazidas do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Rio Grande do Sul, da própria cidade de Canoas, além de atrações vindas da Espanha e do Uruguai. Essa programação contemplou atividades na PJ, aliás, desde que o grupo passou a ter sua sede na PJ vinha destinando uma das atividades da programação ao complexo esportivo e cultural. Na praça, a atividade aconteceu na tarde de quarta-feira, dia 05/09, com uma peça de teatro realizada pelo grupo Cunhãs (Coletivo de Teatro Panapaná/Canoas)¹³⁶

¹³⁶Mais informações disponíveis em: <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/programacao-cultural-do-8-festia-iniciou-nesta-sexta-feira/>. Acesso em: 30/10/2018.

No ano de 2019, com o tema “Persistência e Pé na Tábua”, o TIA realizou sua nona edição ininterruptamente. As atividades que ocorreram do dia 23 de agosto a 1º de setembro, reuniu 30 atividades de forma descentralizada em todos os quadrantes do município. Essa vasta e diversificada programação, mais uma vez contemplou a PJ. Na praça, as ações realizadas ocorreram na quinta-feira, dia 29/08, que iniciou às 15h com a oficina de grafite, com o grupo Família Artesanal/Canoas e após uma atividade circense nomeada de “Vini Vini Circo Show”, de Vinícius Zucatti, na quadra poliesportiva destinada às crianças da EMEF Paulo Freire, localizada a uma quadra da PJ e aberta ao público em geral.



Figura 65: Atividades circenses na quadra poliesportiva da Praça da Juventude.

Fonte: Foto de Alba Valéria. 2019.



Figura 66: Grafite sendo realizado na parede do prédio administrativo da Praça da Juventude.

Fonte: Foto de Alba Valéria, 2019.



Figura 67: Grafite sendo realizado na parede do prédio administrativo da Praça da Juventude.

Fonte: Foto de Alba Valéria, 2019.



Figura 68: Registro do grafite finalizado na parede do prédio administrativo da Praça da Juventude com a presença dos integrantes do TIA, Alba e do grupo Família Artesanal/Canoas.

Fonte: Foto de Alba Valéria, 2019.

Ainda que o TIA coloque em prática todas as ações já narradas, há uma inquietação no grupo no tocante às condições de trabalho a que estão submetidos, que vai da escassez de recursos financeiros para a área da cultura, das “contrapartidas” recebidas para viabilizar suas ações, às questões de estrutura física da PJ. Para Mario Ferrolho, as questões estruturais que afetam a PJ se apresentam como um fator que, em certa medida, afetam seus planejamentos e ações:

Eu, pessoalmente, tenho um sentimento de impotência porque nós não conseguimos realizar o que gostaríamos por falta de apoio, por falta de estrutura na própria praça que ficou um ano sem luz elétrica e uma série de outros fatores que nos impede de fazer mais. Gostaríamos de nos doar mais para isso e não conseguimos (ENTREVISTA Grupo TIA– Mario Ferrolho, dia 11/07/2019).

Sobre a escassez e ausência de iluminação que afetou a PJ por aproximadamente dois anos, Marcelo assim se manifestou:

Há pouco tempo nem luz tinha lá! O que aconteceu pelo fato de não ter luz eu achei uma baita frustração nossa também. Tem o edital do Microcrédito também. Já é difícil ter alunos lá porque é periferia. Era pra ter um olhar mais criterioso pela dificuldade que tem em relação ao centro. A gente tinha o edital esse do Microcrédito. Ficou um tempão sem luz lá. A gente esperando voltar a luz, só que tem um prazo o edital para a gente executar as oficinas que a gente iria desenvolver lá, aí eu falei para a Alba: “não vai dar para fazer a oficina na praça porque não tem luz né?” A gente até tentou um dia a noite,

mas ficou inviável, inviável! (ENTREVISTA Grupo TIA– Marcelo Militão, dia 11/07/2019).

Além das oficinas de poesia e teatro que seriam desenvolvidas pelo grupo na PJ, inviabilizadas pelo longo período de ausência de iluminação interna e externa no espaço, sendo as oficinas deslocadas para o salão de uma igreja em outro bairro da cidade, o próprio Edital de Ocupação de Espaços Públicos que possibilitou ao grupo ter um espaço para armazenar seus materiais de trabalho, ensaiar, estudar, reunir e planejar também impôs limitações do ponto de vista dos artistas. A fala de Mariana revela essa preocupação.

Hoje a nossa relação com o edital de ocupação é de contrapartida. Nós oferecemos apresentações e oficinas artísticas gratuitas na praça, só que além das nossas próprias apresentações e oficinas, a gente também convida amigos, parceiros, só que a gente não dispõe de verba nenhuma. É essa a troca. Tu tens o espaço e leva as atividades. Mas a gente precisa correr muito, batalhar muito para viver da arte. Então, no momento que tu não tens uma verba específica que te ajude com o básico, desde a gasolina por ser um lugar muito longe, um recurso para que tu possas convidar outro grupo, um outro artista que também vive da arte para poder colaborar. Isso é muito difícil [...]. Se a gente tivesse uma verba para poder desenvolver um trabalho ali mais específico de pesquisa, de oficinas [...] acho que a gente conseguiria assim ficar menos impotente (ENTREVISTA Grupo TIA– Mariana Abreu, dia 11/07/2019).

Sobre a escassez de recursos que afeta as práticas do grupo, Marcelo intervém e reforça a fala de Mariana:

É, o edital só cede o espaço e em troca você tem que oferecer uma contrapartida. [...]. Se tu for analisar, tu paga para trabalhar, tem um preço [...] tem um custo de representar ali (na PJ), seja qual for, a gente paga com o trabalho [...]. É um dinheiro investido [...]. Eu compartilho com eles essa coisa da frustração [...] (ENTREVISTA Grupo TIA – Marcelo Militão, dia 11/07/2019).

Diante de todos os aspectos destacados, é possível compreender as práticas do TIA no cenário de um aglomerado de elementos que se associam, seja na ideia dos projetos, programas e ações sociais, como possibilidades para o enfrentamento das relações de violência nas periferias, que parte do consenso de que as práticas artísticas, culturais e esportivas se opõem à violência, seja das condições de trabalho.

Em relação ao trabalho, ainda que o grupo tenha à sua disposição um espaço físico que lhe permita melhorias nesse aspecto para fazer acontecer diversas práticas artísticas e culturais, há outros elementos, como os investimentos financeiros e a estrutura física, a qual faz da PJ um espaço constituído diante de cada elemento que se associa e se apresenta, seja ele mais forte ou fraco no âmbito da política pública em questão. No caso da luz elétrica e aportes financeiros, esses elementos se apresentaram

como uma associação forte nessa rede (LATOIR, 2012) e resultou em algumas consequências para as suas práticas, ainda que não tenham se inviabilizado por completo diante da “persistência” do grupo.

5.4 As mulheres e a Casa, o Refúgio, o Resgate e o Divã do Prédio Administrativo

Não é só chegar aqui e fazer o crochê pra vender ou pra ajudar na renda [...] A amizade! A amizade! O crochê foi um motivo, um estopim pra gente se conhecer [...] é só um motivo! Foi uma desculpa pra gente se reunir (ENTREVISTA Grupo Mulheres do Crochê – Alba Valéria, dia 26/04/2019).

Outra significativa ação que acontece nas dependências do prédio administrativo da PJ é protagonizada por um grupo de mulheres habitantes das vilas Nancy Pansera, São Miguel e Loteamento Pôr-do-Sol. São as mulheres do ‘grupo de crochê’: Maria de Fátima, 62 anos, Cládis Velli, 50 anos, Mariângela da Silva, 52 anos, Floreni Moura, 57 anos, Carla Machado, 37 anos, Liziane Pedroso, 46 anos, Nathália Silveira, 21 anos e a gestora Alba Valéria, 56 anos. Esse grupo, que se reúne todas as quartas e sextas-feiras pela manhã, em uma das salas multiuso do prédio, transformada em um “ateliê”, iniciou suas práticas no mês de janeiro de 2015. O “primeiro passo”¹³⁷ para essa atividade foi dado pela gestora Alba e Margarete (outra habitante da região que não frequentava mais o grupo no período desta pesquisa), desde o dia em que Margarete viu Alba sentada em frente à porta do prédio fazendo crochê para se “distrair”¹³⁸, pois, a PJ recém inaugurada “não tinha nada”, “nenhuma atividade”, “nada funcionava”¹³⁹, conforme o relato de Alba.

[...] Em 2014 nós inauguramos [a Praça da Juventude] e eu fiquei até dezembro ociosa. Não tínhamos atividades, não tínhamos nada. Eu fiquei esse tempo conhecendo o espaço e a comunidade até janeiro de 2015. Não tinha nada, nenhuma atividade, nada funcionava. Era eu, o espaço, o vigilante e alguns dos guris que já vinham na praça para jogar futebol na quadra. E um dia eu trouxe o meu crochê pra me distrair porque eu não tinha nada para fazer. Então eu vim com o meu crochê e me sentei ali na sombra, na rua, ali na frente e comecei a fazer crochê. Passou uma senhora da comunidade e disse: “oh, bom dia! A senhora faz crochê?” – “faço pra me distrair”, respondi – “eu também faço”, disse ela. “então vamos trocar receitas(risos)” respondi. Inclusive, a Margarete, gosto de ressaltar o nome dela, a Margarete me ajudou a dar esse primeiro passo. “Então traz. Vem uma hora que tu tiver uma folguinha do serviço em casa, vem aí, vamos trocar receitas”, falei pra ela. No outro dia ela veio e nós começamos a fazer. Ficamos uma semana mais ou menos só eu e ela fazendo. Aí ela me perguntou: “posso trazer uma amiga minha, uma vizinha minha pra fazer crochê junto?” – “sim, pode!” E

¹³⁷Excerto extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹³⁸Excerto extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹³⁹Excerto extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

nessa brincadeira nós começamos a constituir o grupo (ENTREVISTA Grupo Mulheres do Crochê – Alba Valéria, dia 26/04/2019).

E assim iniciaram as atividades. A “amiga”, “vizinha” que Margarete levou para fazer crochê junto com ela e Alba na PJ era Carla Machado, a terceira pessoa que passou a participar das atividades. Após Carla vieram outras mulheres, o que acabou constituindo o grupo, conforme detalha Alba:

Aí ela trouxe a Carla. A Carla foi a terceira componente do grupo. Aí veio a Margarete e trouxe a Carla. E assim foi constituindo. Aí a Margarete que trouxe a Carla, trouxe também a Mariângela, veio a Lisiane, depois veio a Fátima que trouxe a Cládis junto. Depois do crochê que a prefeitura começou a investir mais aqui na praça trazendo ginástica, zumba, futsal para os alunos, era o projeto Atleta Cidadão do Futuro, na época. E aí começaram a desenvolver outras atividades. E com esse desenvolvimento da ginástica e da zumba a gente foi divulgando para outras mulheres e elas foram se interessando. E aí nós formamos o grupo em que nós já tivemos treze, quatorze mulheres. Hoje somos em oito. Mas algumas foram trabalhar, outras desistiram (ENTREVISTA Grupo Mulheres do Crochê – Alba Valéria, dia 26/04/2019).

No relato de Alba observa-se mais uma prática que emerge na PJ que não é capitaneada pelas instâncias governamentais. Mais do que isso, o relato acima evidencia que as primeiras ações na PJ emanam de fora da esfera governamental. Os jovens que já praticavam futebol e futsal na quadra, relatados por Subversio na Seção 5.1 desta Tese, e lembrados pela gestora, e a constituição do grupo de crochê das mulheres iniciado por Alba e Margarete dois meses após a inauguração do espaço público tornaram-se as primeiras efetivas práticas no âmbito de um espaço projetado e inaugurado, porém ausente de atividades.

Com o grupo constituído, as práticas de crochê tomaram outros significados. A própria Alba relata que a partir dos encontros semanais do grupo passou a buscar mais informações e formação para a feitura do crochê, passando a não fazê-lo mais somente para o seu “uso pessoal”. Essas outras maneiras envolvidas no “fazer crochê” para o grupo de mulheres, incluindo a própria Alba, levou-a a “estudar mais” acerca das diversas formas da prática da arte das linhas e agulhas. Essas práticas, que vão além da ação funcional de confeccionar materiais com linhas e agulhas, permeiam esse espaço conforme relatarei nas laudas a partir de agora.



Figura 69: Sala multiuso do prédio administrativo da Praça da Juventude transformada em “ateliê” pelo grupo de mulheres do crochê.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 70: Outra foto da Sala multiuso do prédio administrativo da Praça da Juventude transformada em “ateliê” pelo grupo de mulheres do crochê.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Interesses e motivações iniciais

Os interesses e as motivações que possibilitaram a constituição do grupo foram diversos.

Maria de Fátima salientou que até então não havia tido qualquer experiência anterior com atividades de crochê, pois “nunca tinha feito nada de crochê¹⁴⁰”. Maria de Fátima, que inicialmente passou a frequentar a PJ para fazer aulas de ginástica, foi convidada por uma vizinha que fazia aulas de ginástica e também já participava do grupo de crochê. Assim, Maria de Fátima ingressou no grupo mais “para fazer

¹⁴⁰Excerto extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

companhia” para a amiga, porque “não sabia nada de crochê”¹⁴¹. Com o passar do tempo foi “aprendendo a fazer o crochê”¹⁴² e permaneceu no grupo.

A chegada de Cládis na PJ também foi para as aulas de ginástica. Sua motivação inicial, relata, era “fazer um exercício físico devido à saúde”. Todavia, ao chegar à PJ se deparou com “a mulherada fazendo e eu adoro fazer crochê”¹⁴³. Esse gosto pela prática de crochê vinha da infância, pois aprendeu a fazê-lo com sua mãe desde criança. E ao ver as mulheres reunidas pediu para participar, e ao ser “aceita no grupo”¹⁴⁴ passou a ser mais uma das integrantes.

Para Mariângela, fazer crochê é “uma terapia”¹⁴⁵. Ela já fazia crochê em outro espaço institucional do governo. “Eu fazia lá embaixo, no CRAS”¹⁴⁶, e ao ser convidada por Margarete e Carla Machado passou a fazer crochê na PJ. Para Mariângela é “uma terapia” porque convive com a dor da perda de seu filho há três anos. Assim, com a “ajuda das gurias”¹⁴⁷, Mariângela tem buscado superar as dores daquele acontecimento que a afetou significativamente.

Floreni viu, inicialmente, a atividade de crochê no grupo como um espaço para “fazer alguma coisa”¹⁴⁸, dado que era aposentada e havia recentemente se mudado para um apartamento oriundo do conjunto residencial do Programa Habitacional Minha Casa, Minha Vida, localizado nas proximidades da PJ. Assim, o crochê na PJ foi motivado pela necessidade de se manter envolvida em alguma atividade de seu gosto, pois ela “já costurava e fazia crochê”¹⁴⁹. A atividade junto ao grupo também consistiu em uma ação tática para se adaptar à nova moradia, pois seu apartamento era “praticamente uma gaiola”¹⁵⁰, e seria difícil passar a viver tão distante das pessoas com quem até então havia convivido, aliado a um espaço físico tão restrito. Assim, foi a

¹⁴¹Excerto extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹⁴²Excerto extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹⁴³Excerto extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹⁴⁴Excerto extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹⁴⁵Excerto extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹⁴⁶Centro de Referência em Assistência Social, localizado na Avenida 17 de Abril, no bairro Guajuviras.

¹⁴⁷Excerto extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹⁴⁸Excerto extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹⁴⁹Excerto extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹⁵⁰Excerto extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

própria Floreni que procurou a gestora Alba para saber “o que é que tinha para fazer”¹⁵¹ em um Complexo Esportivo e Cultural localizado tão próximo de sua nova residência. Quando soube das possibilidades, optou “pelo crochê”¹⁵².

Do mesmo modo que Mariângela, Carla Machado passou a se envolver com as práticas de crochê na PJ a partir do convite de Margarete. Antes de passar a frequentar a PJ, já “fazia crochê no CRAS”. Mas como teve que deixar o grupo em que participava no CRAS devido a “algumas modificações” realizadas pela gestão daquele espaço, prontamente aceitou a sugestão e o convite de Margarete para retomar suas atividades de crochê na PJ.

Nas suas palavras,

eu vim através da Margarete. Nós fazíamos no CRAS lá embaixo. Só que lá houve algumas modificações e ficou só gente acima de 50, 60 anos. Tinha que ter mais de 50, 60 anos e as mais novas saíam. Aí eu fiquei meio desorientada, né? Eu recém estava aprendendo. Lá no início eu sabia muito pouco e a Margarete me convidou pra vim pra cá e eu vim (ENTREVISTA Grupo Mulheres do Crochê – Carla Machado, dia 26/04/2019).

Neste primeiro tópico, cabe destacar os seguintes pontos: inicialmente, os diferentes interesses e motivações que se cruzaram, resultando na constituição desse grupo de mulheres que, desde janeiro de 2015, passou a ocupar uma das salas multiuso da PJ. O segundo ponto a destacar é a face contraditória do Estado que ainda que se apresente e reivindique seu funcionamento sob o princípio da igualdade de oportunidades e o consequente “exercício pleno da cidadania” por intermédio de políticas públicas, mostra certa incapacidade de garantir a paridade da diversidade da vida e de efetivamente realizar esse ideal. Isso fica evidente com os critérios criados no CRAS que acabou por excluir parcela das mulheres das atividades de crochê que eram ofertadas naquele espaço nomeado de “referência em assistência social” e passou a atuar de maneira seletiva. Esses critérios, que acabaram por afastar parte das mulheres das atividades do CRAS, parecem típicos das ações do Estado, baseadas em tecnologias de governo que têm nas suas práticas o abrigo da norma. Lopes (2009) dá sua contribuição acerca desse fenômeno ao dizer que

toda e qualquer norma traz consigo a necessidade de classificação, de ordenamento e de hierarquização. Como uma medida e um princípio de comparabilidade, a norma opera no sentido de incluir todos, segundo determinados critérios que são construídos no interior e a partir dos grupos

¹⁵¹Excerto extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹⁵²Excerto extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

sociais. Prescritivamente, ela age na definição de um modelo geral prévio frente o qual todos devem ser referidos (p. 159).

De outro ângulo, o grupo das mulheres do crochê que acabou por emergir de iniciativas das pessoas fora das instâncias governamentais, na PJ se apresenta mais democrático por sua capacidade de acolher mulheres, independente da faixa etária e de interesses subjetivos.

Um espaço de acolhimento

Os encontros semanais do grupo na PJ também se apresentavam como um espaço de “escuta”, de uma “dar força para a outra”. Mariângela, por exemplo, relata que após perder seu filho há três anos, os encontros com o grupo tinham contribuído para a superação daquele acontecimento que a afetou de modo importante:

Depois que eu perdi meu filho também, vai fazer três anos agora, tá sendo uma terapia, mais ainda. [...] Ele tinha 22 anos quando mataram ele. Foi aqui no bairro mesmo. Tá sendo uma dor pra mim [...] não é fácil perder um filho! É brabo! Mas com a ajuda das gurias aqui que não deixaram eu ficar em casa está sendo uma benção pra mim esse local aqui. Não só pra mim né? Tenho mais outros guris também que jogam bola aqui. Tenho um de 16 anos. Eles jogam bola aqui. Eles adoram essa praça [...] aqui é o chão deles!¹⁵³[...] Estamos aí e vamos continuar (ENTREVISTA Grupo Mulheres do Crochê – Mariângela, dia 26/04/2019).

Mariângela ainda afirma que estar no grupo é “um resgate”, pois é o espaço da “fala”, “da conversa”, de “expor a vida”.

O resgate não é só pelo crochê. É pela nossa fala, conversar. Expor nossa vida com Alba. É se abrir. Eu pra mim me resgatou pelo que eu ia ficar. Eu pensei que eu tenho um Deus grande em primeiro lugar e mais quatro filhos... eram cinco meninos, ficou quatro né? (fazendo alusão ao filho que foi assassinado) [...] Pensar e seguir em frente. Mas se não fosse as gurias aqui eu acho que não ia conseguir levantar (ENTREVISTA Grupo Mulheres do Crochê – Mariângela, dia 26/04/2019).

Para Carla Machado, a “companhia das gurias” era um aspecto de grande relevância, pois segundo ela, o único lugar em que encontrou “apoio” para o enfrentamento de problemas pessoais como a prisão de seu companheiro e posteriormente a perda seu filho durante o trabalho de parto no mês de dezembro de 2018 foi com as demais mulheres do grupo.

O que me motiva é querer aprender mais, é a companhia das gurias. Do ano passado pra cá aconteceu muita coisa na minha vida que o único lugar que eu achei apoio foi aqui quando muita gente até da família me abandonou. Elas não me abandonaram! E é aqui que eu tiro forças [...] E depois agora em dezembro que eu perdi meu filho, eu não consigo viver sem elas aqui. Se eu

¹⁵³Mariângela é mãe dos jovens Derick e Wellington que praticavam futsal/futebol na Praça da Juventude.

ficar um dia sem o meu crochê pra mim é um dia perdido (ENTREVISTA Grupo Mulheres do Crochê– Carla Machado, dia 26/04/2019).

Carla prossegue seu relato, ao dizer que:

[...] quando meu filho nasceu, o médico disse que eu poderia ter morrido junto com ele. Então eu penso assim que eu não posso me entregar [...] eu tenho as minhas duas filhas¹⁵⁴, eu tenho a minha vida pra seguir [...] e elas (as mulheres do grupo) me dão força [...] e se não for com elas eu não vou conseguir sozinha (ENTREVISTA Grupo Mulheres do Crochê– Carla Machado, dia 26/04/2019).

O sentimento de pertencimento

O grupo compartilhava um sentimento de pertencimento ao espaço público, onde ocorriam suas relações e diversas práticas durante os assíduos encontros.

Conforme Cládis, a PJ, desde que fora “aceita” no grupo, “isso aqui pra mim é tudo de bom. É um espaço que eu sinto como meu”, pois para ela as atividades com o grupo na PJ se apresentavam como um espaço onde conseguia “se realizar”, e porque conseguia desenvolver suas “habilidades” sentia-se “importante e criativa” ao colocar “em prática algo que sei fazer”¹⁵⁵.

E Cládis continuou:

a Praça pra mim é minha segunda família. Atualmente, eu estou morando sozinha, mas eu não me sinto só. Essa é minha família! [...] Eu saio daqui, vou pra minha casa, mas aqui... (pausa na fala) eu construí isso aqui como minha segunda família (ENTREVISTA Grupo Mulheres do Crochê – Cládis, dia 26/04/2019).

Para a gestora Alba, nos dias dos encontros do grupo o espaço podia ser comparado a um “divã”¹⁵⁶, pois era também o espaço das trocas de confidências e dos aconselhamentos para a busca de alternativas para os seus problemas:

Eu vejo a nossa sala como um divã porque a gente fala tudo! E nem em casa a gente conta! E quando a gente olha uma pra outra a gente já sabe se está ou não está bem. A gente faz um chimarrão, uma senta ali, pega o crochê. As gurias já chegam aqui pegando vassoura, pegando pano, elas já chegam limpando. Aqui é o nosso ambiente. [...] Por isso que eu chamo... pra mim essa sala aqui é um divã porque a gente desabafa tudo: problema de filho, de marido, de dinheiro, de casa, de conta, de colégio, de sexo! (ênfatisa) Problema pessoal de sexo com marido, com namorado. Tá com problema com a namorada, com o marido, tá com problema com o filho [...] não tem

¹⁵⁴Carla Machado tem outras duas filhas de 09 e 17 anos.

¹⁵⁵Excertos extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹⁵⁶Palavra de origem árabe *diwan*, relacionado a maço de folhas escritas, pequeno livro, escritor, Divã também é conhecido como uma peça de mobiliário longo e estofado que ficou conhecida por ser o local onde os psicanalistas desenvolviam suas atividades de escuta aos seus pacientes.

limites! (ênfatiza) (ENTREVISTA Grupo Mulheres do Crochê – Alba Valéria, dia 26/04/2019).

A gestora prossegue, dizendo que

até soluções saem daqui [...] a gente se aconselha uma com a outra [...] a gente chora junto, a gente ri [...]. É uma cumplicidade [...] e é por isso que eu me emociono. Eu já tentei sair daqui milhões de vezes (choros de Alba e Carla) e não consigo! Não tem como! Eu vou me aposentar e vou estar aqui. Eu me aposento em novembro! Volta o ano que vem pra tu ver se eu não vou estar aqui! (ênfatiza) Tem aniversário, cada uma traz uma coisa e faz um cafeão! Por vezes fazemos bolinhos de chuva, sopa... (ENTREVISTA Grupo Mulheres do Crochê – Alba Valéria, dia 26/04/2019).

Cládis, no sentido de respaldar a fala de Alba, declara: “a gente traz tudo e aqui é entre nós e aqui fica”. Maria de Fátima, de imediato, afirma: “aqui é nossa vida! Em casa é outra coisa”. Por fim, Mariângela complementa a fala das demais ao dizer que “o que a gente conversa aqui a gente não fala em casa. Mas lá de casa vem tudo pra cá e aqui fica!”¹⁵⁷.

Na concepção de Bauman (2005), tornamo-nos conscientes de que pertencimentos são significativamente negociáveis e revogáveis quando compreendemos que não é algo sólido e não são garantidos por toda a vida. Nesse sentido, o pertencimento acontece no compartilhamento das experiências, nas atitudes, nas afinidades e nas amizades vivenciadas. Assim, não sendo algo sólido e significativamente negociável, é possível perceber que esses elementos de pertencimento ao grupo do crochê na PJ parecem se unificar na constituição das relações de amizade, confiabilidade e interesses comuns, de vidas que são vividas para além do espaço de suas casas, onde conhecimentos são trocados, relações de confiança e práticas de acolhimento são praticadas.

Uma alternativa de complementação de renda

Para algumas das mulheres do grupo, a prática de crochê também se apresenta como uma alternativa de obtenção ou complementação da renda familiar. Esse elemento se expressa também como algo importante após a constituição do grupo e adaptação de uma das salas multiuso em uma espécie de “ateliê”, onde fazem suas reuniões e armazenam seus materiais.

Floreni, ao se mudar para o bairro Guajuviras e perceber na PJ um espaço para “fazer alguma coisa”, pois não queria ficar em casa após sua aposentadoria, disse que

¹⁵⁷Excerto extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

durante os encontros do grupo “tem a costura, eu faço um chinelinho, faço uma bolsinha e vou fazendo alguma coisa porque aí aposentada e parada não dá! E o salário baixo...”¹⁵⁸.

Assim, para Floreni,

[...] é uma renda também, né? Quando as pessoas acham bonito eu ofereço, eles compram e eu fico bem alegre [...] a gente vai fazendo bonito, né? Agora pouco nós fizemos um kimono aí minha nora gostou de um outro que eu tinha feito. É todo colorido o primeiro que eu fiz, aí eu disse: “eu faço pra ti” [...] aí eu peguei e fiz pra ela um azul com branco. Ela amou! Aí é assim, a gente vai fazendo e vendendo (ENTREVISTA Grupo Mulheres do Crochê – Floreni, dia 26/04/2019).

Carla Machado destaca que durante os encontros do grupo “a gente aprende cada coisa...”. Ela fazia o crochê para si e “quando precisei eu vi que podia aprender e vender pra conseguir manter minha casa com que eu aprendi aqui”¹⁵⁹, especialmente depois que,

no ano passado, aconteceu um probleminha com meu marido. Ele ficou desempregado...ele teve preso. Ele trabalhava sem carteira assinada, não me deixou com renda nenhuma e foi de onde eu consegui manter as gurias, manter ele lá onde ele estava. E um bom tempo depois que ele saiu e até agora eu ajudo na renda, né? (ENTREVISTA Grupo Mulheres do Crochê – Carla Machado, dia 26/04/2019).

A confecção de variadas peças com a feitura de crochê, como obtenção de renda, também acontece numa relação de colaboração entre as mulheres, conforme o relato a seguir:

a minha renda tá sendo balançada: eu compro a linha. Quando eu não tenho, as gurias doam as delas, me ajudam na linha. Eu fiz aniversário o mês passado, elas me deram um tanto de linha. Quando eu tenho, passo ou vendo aí já compro outra linha (ENTREVISTA Grupo Mulheres do Crochê – Mariângela, dia 26/04/2019).

Cládis complementa a fala de Mariângela ao destacar que nessa relação “sempre dá pra repor o material e sobra um lucro, né? Isso é muito importante”¹⁶⁰.

¹⁵⁸Excertos extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹⁵⁹Excertos extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹⁶⁰Excerto extraído da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.



Figura 71: Foto da Sala multiuso do prédio administrativo da Praça da Juventude transformada em “ateliê” pelo grupo de mulheres do crochê.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 72: As mulheres do grupo do crochê.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Esses elementos evidenciados vão ao encontro do estudo de Simone (2004), realizado na área central de Johannesburgo, na África do Sul. Nesse estudo, o autor chama a atenção para um espaço urbano que tem se produzido diante de práticas simultaneamente caracterizadas por regularidades, improvisos e provisoriiedades no cenário de ausência de uma estrutura sistemática e formal para investimentos na área central da cidade. Seus registros etnográficos apresentam práticas de subsistência consolidadas diante de esforços recíprocos dos habitantes, em uma economia específica de práticas colaborativas que se desenvolve diante da capacidade das pessoas de se familiarizarem em variadas posições espaciais em meio a ações colaborativas e livres. Tais ações colaborativas, improvisadas e, às vezes, provisórias se manifestam na venda de cigarros, doces, dos vendedores ambulantes em um mercado organizado em bancas para venda de frutas, vegetais, sapatos, roupas; bancas improvisadas com telefones que se apresentam como um serviço para os habitantes que não podem pagar por telefones próprios (SIMONE, 2004).

Em sua tese de doutorado com grupos de mulheres negras em Rio Grande/RS, Brasil, e de origem indígena em Capitán Bermúdez/Santa Fé, Argentina, Cunha (2010), por meio de pesquisa participante nas atividades de ensino e aprendizagem de “manualidades” “artesanais ou não”, o “contexto” dos encontros evidenciou o quanto essas práticas possibilitaram um processo de emancipação, em que foram elaboradas formas, meios, tanto de aprendizagens quanto de ensino a outras mulheres de análogas condições sociais a partir da aquisição de conhecimentos que se tornaram significativos para a superar as suas condições sociais. Condições estas constituídas de pouca escolaridade formal e demais cenários que as aproximava de “suas ancestrais”, como o trabalho de lavadeiras, domésticas, babás e trançadeiras, no qual, diluídos na condição atual, se apresentavam vários dos “senhores”¹⁶¹, em um regime que, segundo aponta a própria autora, “não é mais escravagista”, porém é “cativante” diante das adaptações do próprio cativeiro (CUNHA, 2010).

Cunha (2010) sinaliza que as atividades de artesanato, até então “pretexto” para os encontros e feitura da pesquisa, manifestou-se como “contexto”, e as mulheres fizeram do espaço não a reforma de seus cotidianos; fizeram dele, especialmente, o ingresso em outras vivências e experiências ao optar por novas aprendizagens que se diferenciavam da rotina ao invés de ensinar o que sabiam, pois, o que sabiam tinha origem em cenários de dificuldades, sofrimentos e opressões (serviços domésticos, cuidados com crianças, invenção de pratos de alimentos para vender “pra fora”, feitura de doce de leite, produção de produtos de limpeza para vender). E todas as práticas eram realizadas por necessidade, seja porque seus pais trabalhavam fora e elas acabaram assumindo a responsabilidade das obrigações do trabalho doméstico familiar, e/ou para seus sustentos próprios e dos familiares. O referido contexto apresentado entre as mulheres, nomeado pela autora de “pedagogias da não formalidade”, “vem do reconhecimento das lutas empreendidas por mulheres negras ao longo da história do Brasil e da Argentina e da percepção que muitas dessas lutas, travadas há décadas, vêm sendo reavivadas sob outros vieses por mulheres negras na atualidade” (CUNHA, 2010, 150) pois, diz a autora,

entendemos aqui por “formal” toda a prática educativa que se realiza em ambientes formais de instrução: escolas, universidades...e as da “não

¹⁶¹A autora faz referência aos senhores da Casa Grande do regime escravocrata no Brasil que atualmente podem se apresentar de outras formas em cenários de exploração, acúmulo de atribuições sem aumento de vencimentos, trabalho informal e desigualdades de renda na relação homens, mulheres, mulheres brancas e mulheres negras.

formalidade” aquelas que de alguma maneira têm instituições que a cercam, porém, uma não sobressai da outra. Contudo, estas “formas” não são totalmente “sem forma” [...]. Por isso, considero-as “pedagogias da não-formalidade” [...] uma tentativa pedagógica de se manifestar em espaços diversos e inusitados, porém, permeados e transpassados por diversas instituições (CUNHA, 2010, p. 188).

A autora sinaliza que as pedagogias que emergiram entre as mulheres foram constituídas de “fios” que foram se complexificando como a corporeidade; a sensibilidade; o estético; promoção da saúde mental e a emancipação. Os “fios”, vislumbrados por Cunha ao longo de sua pesquisa participante com as mulheres, são aqueles que “sustentam a ‘embarcação/pedagogia’ em suas jornadas, mas também para o momento, lhes fornecem os limites necessários, as possibilidades momentâneas e mais, condições de atracar em outros lugares, com outros fios e descobrindo outros nós” (CUNHA, 2010, p. 192).

Sob esse ângulo é possível fazer analogias do estudo de Cunha com o observado no presente estudo, do que foi vivenciado, experienciado e identificado nas entrevistas com as Mulheres do Crochê da PJ. Semelhante às mulheres de Rio Grande/RS, Brasil e CapitánBermúdez/Santa Fé, Argentina, as mulheres na PJ, no âmbito das atividades de crochê, superam condicionantes sociais a que estão posicionadas. Quando dizem sentir-se “importante e criativa” porque “conseguem desenvolver suas “habilidades”¹⁶², quando destacam que “a gente aprende cada coisa”, emergem questões de emancipação no âmbito da aprendizagem das atividades e igualmente no espectro da busca por autonomia ao salientar que conseguem manter a casa com a renda do crochê “que aprendi aqui”¹⁶³. Ao destacarem que “o que a gente conversa aqui a gente não fala em casa, mas lá de casa vem tudo pra cá e aqui fica”¹⁶⁴, que “a praça pra mim é minha segunda família”¹⁶⁵, pois, durante os encontros “até soluções saem daqui”, pois “a gente aconselha uma à outra”¹⁶⁶, à medida que a sala que ocupam na PJ para os seus encontros e atividades de crochê “é a nossa vida! E casa é outra coisa”¹⁶⁷, configuram elementos de pertencimento como já sugerido, imbricado de

¹⁶²Fala de Cládis extraída da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹⁶³Fala de Carla Machado extraída da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹⁶⁴Fala de Mariângela extraída da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹⁶⁵Fala de Cládis extraída da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹⁶⁶Fala de Alba Valéria extraída da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

¹⁶⁷Fala de Maria de Fátima extraída da entrevista com o grupo de mulheres do crochê, dia 26/04/2019.

sensibilidades adquiridas na convivência em grupo, porque, como no estudo de Cunha (2010), querem estar juntas, dão importância às conversas, às ideias que compartilham, desejam permanecer juntas. Também é possível fazer uma aproximação com questões relacionadas à saúde mental emergentes entre o grupo de mulheres apresentadas no estudo de Cunha (2010, p. 214) que identificou que “foram comuns durante a confecção das peças, os testemunhos de mulheres que buscaram o aprendizado de trabalhos manuais, a fim de minimizar o stress, livrarem-se da depressão, das sequelas provocadas por doenças cardiovasculares e relaxar”. Cabe então, neste sentido, retomar a fala de Carla Machado que “na companhia das gurias” encontrou “apoio” para o enfrentamento de problemáticas pessoais, como a prisão de seu companheiro e o falecimento de seu filho durante o trabalho de parto, e de Mariângela que, entre outros acontecimentos, perdeu um de seus filhos assassinado, e destaca que estar no grupo de crochê “tá sendo uma terapia”, é “um resgate”, pois é o espaço da “fala”, “da conversa” acerca de questões da vida pessoal e coletiva.

Outro ponto de aproximação com o estudo de Cunha diz respeito às práticas das mulheres de Rio Grande/RS e CapitánBermúdez/Santa Fé que “são gestadas por pessoas sem formação pedagógica e escolar” (2010, p. 184), práticas que parecem igualmente gestadas entre as Mulheres do Grupo de Crochê da PJ, pois, todas, ainda que algumas já tenham vivências anteriores com as práticas de crochê, aliam essas experiências buscando orientações em livros, revistas, consultas em sites da internet e ensinam umas às outras “pontos” para a feitura de diferentes peças em um espaço que ainda que as atividades estejam sendo realizadas em uma repartição concebida por órgão governamental, foi todo pensado, organizado e é mantido com recursos próprios das mulheres e doações; um espaço que se apresenta pedagógico fora da ação efetiva do governo e por iniciativa do grupo, diante de todos os aspectos destacados.

Finalizo essa seção, colocando em relevo, inicialmente, que o grupo das mulheres do crochê se apresenta como uma prática na PJ que emergiu fora da ação efetiva da esfera do governo. O grupo iniciou e se constituiu mediante associações: inicialmente, a associação da gestora Alba com uma “moradora da comunidade”, a qual passou a convidar outras “vizinhas” e “amigas” que se associaram ao grupo, algumas advindas de outro espaço público gestado pelo governo que impediu a permanência de algumas dessas mulheres diante de seus critérios estabelecidos para participação, outras oriundas de outra atividade da PJ – a aula de ginástica – outras que ao buscar

informação na PJ acerca do que o espaço oferecia “para fazer”, passaram a participar das atividades do grupo.

Segundo, cabe ressaltar que as atividades do grupo são mantidas com recursos próprios de cada uma das mulheres participantes, inclusive da gestora que, assim como em outros exemplos já mencionados no decorrer do presente capítulo, protagoniza práticas que transpõem suas atribuições funcionais. Por fim, as questões alusivas ao acolhimento, ao pertencimento e à possibilidade de obtenção de renda complementar que se manifestam potencialmente nos momentos do grupo. Ou seja, todas as práticas elencadas evidenciam as pessoas em ação que produzem o espaço vivido à sua maneira.

CAPÍTULO 6

AINDA SOBRE AS INFRAESTRUTURAS VIVAS: A BOLA, AS JUVENTUDES, SUAS PRÁTICAS E OS PROJETOS LOCAIS

“Quanto mais cordões as marionetes possuem, mais articuladas elas se tornam” (LATOIR, 2012, p. 311).

6.1 Juventudes

O debate acerca das sociabilidades juvenis, nas suas múltiplas formas de experienciar e vivenciar a vida individual e coletiva, tem recebido, cada vez mais, a atenção das instituições governamentais, ONGS e da academia. Esta última, em especial, busca, com seus estudos, articular as questões relacionadas às temáticas alusivas às relações de violência, trabalho, educação, gênero, sexualidade, esporte e lazer, no universo desse segmento social. Ao contemplar a juventude entre as temáticas desta Tese de doutorado, o substancial desafio está na problematização de um conceito/ideia que vem sendo constantemente debatido na academia. Todavia, em outras instâncias esse conceito ainda se apresenta fechado e fixo, o que acaba por posicionar essa categoria social - juventude - em lugares sociais e políticos específicos. Assim, nessa compreensão, considero que não é possível a afirmativa de um conceito cristalizado. Muitos autores (BOURDIEU, 1983; GROppo, 1999; REGUILLO, 2003) afirmam que juventude é somente uma palavra; desse modo, defini-la como categoria social significa desdobrá-la em diversos grupos envolvidos em redes constituídas de associações, em um tempo e contexto socio-histórico e cultural.

A juventude é caracterizada por sua riqueza de vivências e experiências socioculturais, o que envolve uma série de fatores de sua vida. Resende (1989) sugere o uso sociológico no plural da noção de juventude, para que se possa dar conta da diversidade na vivência dessa fase. Carrano (2003) salienta que é comum, nas sociedades ocidentais, que a juventude seja definida como uma categoria pautada em critérios vinculados à cronologia etária, à imaturidade psicológica, e à irresponsabilidade, que seria outro atributo da condição juvenil. Ao recusar tais compreensões, o autor realça, em sua abordagem, que “parece-nos mais adequado,

portanto, compreender a juventude como uma complexidade variável, que se distingue por suas muitas maneiras de existir nos diferentes tempos e espaços sociais” (CARRANO, 2003, p. 110). Como categoria social, Silva (2006, p. 2) declara que “a juventude é uma representação sociocultural, ao mesmo tempo em que é uma situação social. Apresenta-se como uma construção simbólica, uma representação social de grupos ou indivíduos, assim como pode ser descrita como situação comum a certos indivíduos”. Silva (2006) ainda destaca que a juventude pode tanto caracterizar-se como potência de transformação social quanto fortalecer raízes conservadoras da mesma sociedade.

Essas ideias indicam que não há uma única e homogênea juventude. Isso me leva a refletir acerca da pluralidade da juventude, considerando que os jovens podem acrescentar e/ou mudar as suas compreensões de mundo e como significam suas vidas, de acordo com uma série de fatores: pluralidade constituída nas diferentes heranças e experiências, projetos advindos da condição de desenvolvimento socioeconômico, de gênero, etnia, nacionalidade, atividade religiosa, condição urbana/rural, etc. (GROPPO, 2000), o que evidencia um segmento heterogêneo, com diferentes acessos de oportunidades, dificuldades e facilidades na vida social.

Essas concepções são-me úteis porque apresentam os jovens a partir da diversidade experimentada nas suas formas de expressão, organização e gostos. Refiro-me às formas de sociabilidades, ou seja, o lugar político e social que ocupam, manifestado nas suas práticas cotidianas. Os discursos presentes nas conversas cotidianas e na mídia brasileira têm insistido na ênfase às ausências e às carências que cercam os jovens, criando representações estigmatizadas. É recorrente, nos noticiários, a veiculação de acontecimentos violentos, de consumo e comércio de drogas consideradas ilícitas, álcool, acontecimentos relacionados às formas de organização da vida afetiva que são questionadas, envolvendo, de modo especial, os jovens habitantes das denominadas “comunidades”, “favelas” e “periferias” urbanas. Assim, os discursos acabam posicionando-os em determinados lugares, anulando-os de tantos outros. Ou seja, certos discursos veiculados ligam os jovens habitantes de “comunidades”, “favelas” e “periferias” à condição de que certas aspirações desejos e interesses são homogêneos, diferenciando-os, em certa medida, de tantos outros jovens não habitantes desses espaços, o que parece afetá-los em uma dupla sujeição: à das pessoas que

produzem discursos sobre eles, e à das políticas públicas projetadas para esses jovens com o intuito de administrar e conduzir as suas vidas.

Para Damico (2011, p. 91),

[...] o problema da juventude – com ênfase especial na juventude que vive em periferias urbanas -, quando colocado na perspectiva da criminalização e/ou da vitimização, é uma construção discursiva (científica, midiática e política). Essa afirmação não significa deixar de reconhecer que existem comportamentos e situações violentas cujos autores são jovens, e que estes podem ser mais ou menos numerosos segundo os diferentes momentos e territórios.

José Machado Pais (2008, p. 14) também dá sua parcela de contribuição ao debate acerca das relações entre juventude e violência, ao declarar que,

[...] frequentemente, dos “atos” passa-se às “maneiras de ser” e estas são mostradas como não sendo outra coisa que os próprios atos de violência. Implicitamente, surge o reconhecimento de que um ato de violência cometido por um jovem negro ou cigano resulta da maneira de ser das suas etnias de pertença. Nesse julgamento, o que se pune não é um ato de violência em si, mas a imagem preconcebida do jovem delinquente: ou porque usa brinco na orelha, ou porque tem um corte de cabelo exótico, ou pela simples cor da pele.

As citações acima são relevantes, pois me levam a pensar sobre as políticas públicas, não necessariamente a partir de um dado concreto sobre relações de violência, mas dos discursos e do imaginário da sensação de insegurança e sentimento de medo, em que os segmentos sociais mais abastados, governantes, planejadores acabam agenciando determinadas políticas públicas como recurso útil destinado aos considerados vulneráveis. Assim sendo, a expressão jovem “vulnerável”, ou jovens “em situação de vulnerabilidade social”, faz sentido se quisermos inserir esse segmento social em um quadro analítico em que a formulação de políticas públicas é mais um imperativo do que um direito constitucional.

Em estudo anterior realizado por mim, com jovens do bairro Guajuviras, participantes de projetos e programas culturais e esportivos justificados e implementados com o intuito de diminuir os índices de relações de violência e a sensação de insegurança, observei que os discursos e as representações ancoradas nas problemáticas sociais acabavam por expor os jovens à violência policial pelo fato de serem percebidos como mais perigosos. Na pesquisa referida, os jovens relataram que, frequentemente, eram abordados, revistados e espancados pela polícia; tinham suas casas invadidas sem autorização judicial. Outros relatos informais que eu recebia dos jovens é que eles eram vítimas de tapas e socos, simplesmente porque estavam na rua. Vivenciei alguns desses acontecimentos “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002),

como o ocorrido em uma tarde de quinta-feira, do mês de setembro de 2010, quando, durante as atividades de futebol do PELC, no campo da Praça Ildo Meneguetti, em que eu atuava como coordenador do programa, a Brigada Militar adentrou no campo, ordenou que todos os jovens colocassem as mãos na cabeça, enquanto outros policiais perguntavam pela maconha¹⁶⁸ (ROSA; GADEA, 2016).

Essa relação hostil presente na relação entre a polícia e os jovens já foi praticada também na PJ, conforme relato de um dos jovens frequentadores em uma conversa na arquibancada do campo de futebol da PJ em um dia de atividades do projeto TDC, quando o jovem relata que lhe foram desferidos “tapas na cara” assim que chegou na praça após ser questionado sobre “o que estava fazendo na rua”¹⁶⁹. Ou seja, paradoxalmente, um bairro que recebe investimentos embasados no paradigma da segurança “com cidadania”¹⁷⁰ tende a ser um espaço mais suscetível à violência institucional. Não obstante, algo que escapa ao imaginário de uma “sociabilidade violenta”, na concepção de Machado da Silva (2008), acontece nesse espaço projetado institucionalmente para administrar e minorar problemáticas. Nesse sentido, indago: quais afetos e práticas mobilizam as juventudes habitantes de um espaço com imagem preconcebida, em que a sensação de insegurança e o sentimento de medo conduzem as políticas sociais?

Como já brevemente relatado na seção 5.1 do capítulo 5, a presença de parcela dos jovens que frequenta a PJ é anterior a sua oficial inauguração. Quando o espaço ainda estava em construção e edificação, os jovens já se auto-organizavam para jogos de futsal na quadra poliesportiva e no campo de futebol, ambos em processo de marcação e colocação dos suportes e demais acessórios. Desde sua inauguração, a PJ sempre foi espaço das práticas majoritariamente juvenis. Práticas de skate ocorrem atualmente, mais especificamente nos finais de semana, presenciando-se, entre iniciantes e praticantes de longa data, diversas e incríveis manobras.

¹⁶⁸ Recordações de campo, setembro de 2010.

¹⁶⁹ Recordações de campo, 2019.

¹⁷⁰ Faço referência ao conjunto de ações, projetos e programas na área da cultura, esporte, lazer, profissionalizantes, assim como, de investimentos estruturais nas instituições de segurança, potencializados de modo especial, a partir de 2009 na gestão de Jairo Jorge da Silva (PT) na cidade de Canoas por meio do PRONASCI e o nome da própria secretaria de segurança do governo que passou a ser chamada de “Secretaria Municipal de Segurança Pública e Cidadania”, nome esse que permanece ainda mesmo com a troca de governo na atual gestão (2017-2020) de Luiz Carlos Busato (PTB).



Figura 73: Jovens praticando skate na pista da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 74: Outro registro de jovens praticando skate na pista da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Também havia um grupo de jovens que praticava capoeira aos sábados pela manhã em uma das salas multiuso do prédio administrativo. Os quatro meses sem energia elétrica no prédio não provocaram a evasão do espaço. Assim que a energia elétrica foi restabelecida, o grupo retomou suas atividades. E como não narrar as práticas de futebol e futsal? O futebol e o futsal configuram as principais práticas entre

os jovens na PJ. Certo dia, ainda no início da pesquisa, ao chegar à praça e deparar com apenas dois jovens sentados na arquibancada e uma bola entre eles, considerando que nas duas primeiras visitas observei a quadra com muitos jovens jogando futsal, além dos que aguardavam à beira da quadra a sua vez para jogar e os que assistiam da arquibancada, perguntei sobre o motivo da quadra estar vazia. Um dos jovens respondeu “não vão demorar. É só eles escutar o barulho da bola que logo vem todo mundo”. E foi o que aconteceu. Os dois jovens dirigiram-se à quadra e começaram a trocar passes e chutar em direção à goleira. Em seguida chegou um, depois, chegaram dois, três, quatro, e logo chegou mais um grupo com cinco ou seis jovens. Minutos depois, chegaram outros dois, três, e mais um jovem, com uma bola debaixo do braço, dizendo: “Chegando para a resenha. Já tem time de fora para fazer o próximo?”. Os jovens formavam times, combinavam tempo de duração dos jogos e/ou número máximo de gols por jogo, e em poucos minutos a quadra e a arquibancada estavam com um número significativo de jovens, e os jogos adentraram a noite¹⁷¹.



Figura 75: Jovens nas suas práticas auto-organizadas de futsal na quadra poliesportiva da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

¹⁷¹Recordações de campo.



Figura 76: Outro registro dos jovens durante suas práticas auto-organizadas de futsal na quadra poliesportiva da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 77: Jovens “batendo bola” entre um intervalo e outro dos jogos auto-organizados.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Os jogos de futsal eram praticados nas segundas, terças, quartas, quintas, sextas-feiras, sábados e domingos. Em outras palavras, em qualquer dia da semana, em algum

momento, os jovens reuniam-se para a “resenha”, e não raras vezes iniciavam por volta de 14h e se encerravam ao anoitecer. Os jogos que ocorreram de meados de 2017 até o início do mês de maio de 2019 se encerravam ou não eram praticados à noite devido à ausência de iluminação. Inicialmente, o campo de futebol não era usado porque os refletores do entorno e direcionados ao espaço queimaram. Meses depois, foi a vez da quadra poliesportiva por causa de um curto circuito, e, por fim, houve ausência total de energia elétrica e iluminação interna e externa na PJ — decorrente do furto dos fios e cabos no mês de janeiro de 2019 —, o que perdurou até o mês de maio daquele ano.

Em relação à falta de iluminação na quadra, não foram poucas as vezes em que os jogos de futsal foram viabilizados devido à astúcia e ao improviso dos jovens, em parceria com o guarda Subversio, deslocando os refletores do campo para a quadra e adaptando os fios para o restabelecimento de outros refletores não condenados pelo curto circuito. Outro caso também já relatado foi o de uma das goleiras que, ao cair, corroída pela ferrugem produzida pelo passar do tempo, de imediato foi amarrada por arames e fios, o que, conseqüentemente, não provocou prejuízo às práticas. Contudo, cabe ressaltar: a goleira permanece sustentada pelos arames e fios improvisados pelos jovens¹⁷².

As condições da bola de futsal/futebol para as práticas também é algo que cabe destacar: não poucas vezes a falta de uma bola em plenas condições de uso, que deveria estar à disposição dos usuários no prédio administrativo [resultado do não fornecimento de específicos materiais esportivos pela PMC], não configurou fator impeditivo para os encontros e mobilizações para jogos. Diversas vezes observei crianças e jovens carregando suas “bexigas véias”, outras crianças jogando com bola de voleibol, ou seja, o que pretendo evidenciar é que com a garantia ou não do material esportivo, no caso específico da bola de futsal/futebol, os jogos acontecem.

Quando ocorre intensa chuva é algo que também afeta significativamente a quadra poliesportiva, pois, as telas e coberturas que compõem a quadra não a protegem de alagamentos ou concentração de poças d’água. No entanto, isso também acaba não sendo fator impeditivo para a prática das “resenhas” pelos jovens. Quando entendem necessário, os jovens pegam rodos e vassouras e “enxugam a quadra para jogar”.

¹⁷²Observação registrada até a data da conclusão desta Tese, em novembro de 2019.

A publicação realizada pela gestora da PJ, Alba, em sua página no *Facebook*, no dia 24 de setembro de 2018, apresenta em imagens o que, com frequência, acontece em dias de intensas chuvas.



Figura 78: Imagem extraída da publicação realizada pela gestora Alba no *Facebook* no dia 24/09/2018.

Fonte: Página do *Facebook* da gestora Alba Valéria.

Às vezes, os jovens também fazem limpeza da quadra para a retirada de tocos de cigarro e papéis, antes das práticas de futsal. Outra publicação de Alba, datada de 26 de setembro de 2018, ilustra essa prática cotidiana, que também observei, *in loco*, com regularidade.



Figura 79: Imagem extraída da publicação realizada pela gestora Alba no *Facebook* no dia 26/09/2018.

Fonte: Página do *Facebook* da gestora Alba Valéria.

Os jogos auto-organizados praticados pelos jovens cotidianamente na quadra poliesportiva da PJ apresentavam uma dinâmica própria de organização. As reposições laterais eram frequentemente cobradas com a bola rolando; os espaços para as cobranças dos laterais não eram seguidos pelos adversários; o goleiro agarrava com as mãos as bolas recuadas; após cada gol efetuado, a equipe que sofria o gol, não raras vezes, reiniciava o jogo sem aguardar o reposicionamento de todos, ou seja, cada equipe no seu campo de defesa; as bolas que saíam pela linha de fundo, com frequência, eram repostas em jogo, com os pés, pelos goleiros. No que tange à vestimenta, era comum, nas práticas na quadra, ver os jovens descalços, sem camisa, alguns usando calça jeans, outros calçando tênis somente no pé dominante que chutava e o outro pé descalço, e outros ainda usavam bonés e jogavam com cigarro na boca.

Com frequência, observei a presença de muitos jovens na quadra — os que assistiam ao jogo da arquibancada ou até mesmo no interior da quadra; sentados na linha lateral ou linha de fundo, sentados ou em pé, e os que, efetivamente, jogavam. Em diversas observações acompanhei sucessivas adaptações de acordo com a demanda que ia se manifestando no entorno da quadra. Às vezes, enquanto havia um grupo jogando na quadra e não havia manifestações no entorno para ingressar na quadra de jogo, os jovens se mantinham jogando. Certo dia, ao chegar à PJ, havia um grupo jogando e tantos outros no entorno conversando ou assistindo. Esse grupo se manteve na quadra por pouco mais de 30 minutos até chegar o jovem Wellington, que, de imediato, gritou aos que estavam jogando na quadra: “Ei! ô pessoal, vai ter próximo! Vai ter próximo!” – Alguns jovens que estavam em quadra jogando, alertaram os demais: “Escutaram? Vai ter próximo!” – Outro complementou: “tá, zerou então! Até dois gols, depois vai entrar o próximo”.

Foi possível perceber, nessa dinâmica, que havia uma regulação situacional. Quando não havia manifestações de interesse para jogar daqueles que assistiam ao jogo da arquibancada ou do interior da quadra, os que jogavam praticavam a atividade sem regulação de tempo ou número de gols marcados, ou seja, *a priori*, o jogo era “até cansar”¹⁷³ ou até “perder a vontade”¹⁷⁴. Porém, quando havia demanda, os jogos avançavam até a equipe atingir o número máximo de gols acordado naquele dia — dois ou três gols. Enquanto duas equipes jogavam, outras equipes já organizadas aguardavam sua vez, obedecendo a um ordenamento: a equipe que “perdia”, ao deixar a quadra ia para o “fim da fila”. O mesmo acontecia quando outros jovens chegavam à quadra e formavam “novos times”. Os “times novos” deviam respeitar a organização de ingresso na quadra já estabelecida e ir para o “fim da fila”.

Ao considerar que “a ideia, nesse caso em que se privilegiam as práticas, é pensar os códigos a partir delas” (DAMO, 2005, p. 49), comparar o presente estudo com outras etnografias já realizadas torna-se relevante. Isto porque, deduzir que se trata de um jeito de jogar próprio e não ausente de ordens e regras é concordar com Damo (2005, p. 49) quando fala sobre a errônea impressão de que, “à primeira vista, é que as peladas não possuem códigos, quando na verdade eles são estabelecidos situacionalmente, com implicações mais ou menos evidentes na dinâmica do jogo”; é pensar sobre as diversas formas de vivenciar as práticas corporais, em que não há uma

¹⁷³Recordações de campo, 2017, 2018, 2019.

¹⁷⁴Recordações de campo, 2017, 2018, 2019.

comparação hierárquica, correta ou inadequada, mas existem apenas outras formas de organização das vivências corporais.

Nessa perspectiva, as práticas dos jovens na PJ aqui pesquisadas se aproximam dos resultados da pesquisa etnográfica de Thomassim (2010), realizada no âmbito da oferta de projetos sociais esportivos no bairro Bom Jesus, em Porto Alegre/RS. O autor mostrou que os espaços de sociabilidade, com jogos frequentes de futsal entre crianças e jovens, eram regidos por códigos e preferências locais a partir de lógicas próprias de jogar. Os sujeitos carregavam consigo suas próprias experiências da rua, constituindo espaços socializadores mediante suas formas próprias de organização, em que as regras do esporte institucionalizado ou pautado no sistema esportivo federalizado não conduziam suas práticas.

As narrativas acima, da atuação dos jovens na quadra, também coincidem com a etnografia de Stigger (2002) junto a três grupos¹⁷⁵ — dois de futebol e um de voleibol —, em que o autor identificou uma diversidade das práticas esportivas desenvolvidas a partir de adaptações vinculadas às circunstâncias, interesses e possibilidades dos grupos. No referido estudo, Stigger observou, em um dos grupos de futebol, a flexibilidade tanto na constituição do campo de jogo quanto no número de participantes, ou seja, as dimensões do campo de jogo eram adaptadas ao número de participantes do dia. Já no grupo de voleibol, as adequações das dimensões da quadra e o número de participantes de uma partida ocorriam no sentido de equalizar as possibilidades de ações defensivas e ofensivas. Também no grupo do voleibol havia a flexibilização de várias regras alusivas ao controle da bola, considerando o reconhecimento das dificuldades de alguns participantes na realização de gestos técnicos de acordo com a regulamentação oficial da modalidade, a fim de tornar os jogos mais dinâmicos e interessantes (STIGGER, 2002). São dados que, se comparados às práticas na PJ, se distanciam nos seus modos de vivenciá-las, todavia, se aproximam ao modificar substancialmente os modos dos esportes praticados na sua dimensão institucionalizada oficial.

Parcela dos jovens praticantes de futsal/futebol na PJ também está vinculada a projetos de iniciativa local. Cito os projetos Praça F.C, de iniciativa do guarda Subversio e da gestora da praça, Alba, e o projeto TDC, conduzido pelo evangelista e o obreiro da Igreja Novas de Alegria, Jorge e Márcio. Os referidos projetos, que serão

¹⁷⁵ Os grupos estudados na cidade do Porto, em Portugal, foram nominados por Stigger de Anônimos (futebol no parque), Caídos na Praia (futebol na areia) e Grupo do Castelo (voleibol).

abordados cada um em seções específicas, acontecem, regularmente, na quadra poliesportiva e no campo de futebol, e promovem, na própria praça, ou participam, em outros bairros da cidade, de torneios e campeonatos. Alguns desses jovens — Anderson, Igor e Jessé, Maique —, desde o mês de abril, indicados pelo guarda Subversio, após testes, também passaram a integrar o elenco do Beco Servidão Futebol Clube¹⁷⁶. A indicação dos jovens por Subversio à direção do clube de futebol amador é motivada pela possibilidade de práticas de futebol em outros espaços que não se restrinjam à PJ, conforme me relata em uma conversa que tivemos. No seu entendimento,

no projeto na praça [Praça F.C] eu vi que eles jogavam bem, e nós estávamos precisando de jogadores no grupo do Beco, conversei com o Orlando¹⁷⁷, eu pessoalmente, falei que tinha dois, três guris para trazer para o Beco, comentei com a Alba [...] a Alba ‘eu acho que tu estás te precipitando, vai com calma’, eu disse ‘não, está na hora de eles conhecer ares novos, sair daqui da praça e jogar num time de ponta que tem jogos em tudo quanto é lugar’. Aí, o Orlando me enviou mensagens ‘traz um, traz outro’, saí de carro atrás dos guris, busquei-os e graças a Deus passaram [no teste] e estão aí (SUBVERSIO, 02/09/2019).

Desde então, esses jovens dividem sua atenção e tempo com seus encontros na PJ para jogos auto-organizados, resenhas e torneios pelo Praça F.C, e os jogos amistosos, torneios e campeonatos atuando pelo Beco Servidão.

O futebol, no Brasil, é um fenômeno notável que transpõe as linhas dos campos e das quadras país afora, abordado em diversos estudos sob distintos enfoques, como os de Rigo (2001), Stigger (2002), Damo (2002), Guedes (2006), Gastaldo (2005; 2006; 2012), Betti (2007), Miskiw (2012), Forell (2014). A relevância desses estudos está em evidenciar e compreender o futebol enquanto prática significativa na vida das pessoas, ou seja, esses outros envolvimento e relações com o futebol que escapa à esfera do sistema esportivo formal/profissional/federado. No caso colocado em relevo nesta seção, o futebol manifestado por pessoas comuns – os jovens, o guarda, a gestora – está materializado em um conjunto de práticas (jogar, competir, torcer, fazer sátiras e pilhérias, organizar, apitar, vincular-se a outros grupos de futebol). Essas práticas

¹⁷⁶ Clube de futebol amador, fundado em 1987, localizado na avenida do Nazário, Beco da Servidão, no bairro Olaria, em Canoas, no qual Subversio atua há 20 anos na posição de zagueiro. O Beco Servidão possui uma organização análoga a um clube profissional, contendo, nos seus quadros, presidente, conselheiros, diretoria, página no *Facebook* para divulgação de seu calendário de jogos, aquisição de jogadores e outras ações pertinentes às atividades do clube. No âmbito do futebol amador, esse clube tem uma atuação significativamente ativa, com agenda de jogos todos os finais de semana e participação em importantes campeonatos da categoria, de nível citadino, estadual e regional, e muitos desses campeonatos e/ou torneios envolvem premiações em dinheiro.

¹⁷⁷ Presidente do clube de futebol.

futebolísticas que, insolitamente, ocupam espaço nos jornais impressos e televisivos, também ocupam potente espaço nas ruas, praças, parques, campos de várzea. Na PJ não é assim. O futsal/futebol pulsa e ultrapassa os limites do campo e da quadra poliesportiva lá localizados, percorrendo outras quadras, campos e ginásios fora da PJ.

Outros desses jovens que praticam futsal/futebol na PJ, seja nos seus jogos auto-organizados, seja nos vinculados aos projetos Praça F.C e/ou TDC, também conciliam a prática futebolística com outras ações ao fazer da PJ seus espaços para produções e divulgação artísticas. Entre os casos observados, evidencio o jovem Emici GC, MC do gênero *funk*, compositor que canta as realidades do bairro e do país. É frequente vê-lo na PJ alternando futebol, rimas de suas composições e gravações de vídeos. Muitas de suas composições são filmadas em pequenos vídeos na PJ e divulgadas em seu perfil no *Facebook*. Com recorrência, o jovem manifesta, nas conversas cotidianas e nas redes sociais, a expectativa de reconhecimento de suas composições, convites para eventos e gravação de CD. O jovem tem em Deus uma forte referência na sua vida, ainda que não tenha fidelidade a uma instituição religiosa. Com frequência, deposita sua crença em um futuro reconhecimento de sua criação e produção artística à sua fé em Deus, e essa crença está potentemente presente nas suas composições.



Figura 80: Publicação do jovem Emici GC em sua página no *Facebook*, registrado na quadra poliesportiva da Praça da Juventude.

Fonte: Página do *Facebook* do jovem Emici GC.

Todas essas práticas contemplam distintos arranjos de pessoas implicadas na polifonia de agências em ações táticas cotidianas. As descrições apresentadas até então servem apenas para sinalizar os arranjos das pessoas, e me possibilitaram descrever as associações que fazem e suas ações táticas, em que, especialmente, a “bola” se apresenta entre os potentes geradores dessas maneiras de experienciar o espaço urbano, conforme narro nas seções subsequentes.

6.2 O Praça Futsal/Futebol Clube

O Praça Futsal/Futebol Clube (Praça F.C) é uma ação de iniciativa do guarda Subversio e da gestora Alba, e consiste em um projeto em que uma parcela dos jovens que frequenta e pratica futsal e futebol na PJ representa o Complexo Esportivo e Cultural em jogos, torneios e campeonatos tanto na praça quanto em outros bairros da cidade canoense. O Praça F.C é organizado em equipes *A* e *B*. Entre os critérios para o ingresso e permanência na equipe *A* ou *B* estão os recursos técnicos de cada jovem; as condutas entendidas adequadas ou não durante os jogos, e a relação diária com os “amigos”, parceiros” ou “irmãos” de futebol; e o principal, o qual pude observar e vivenciar *in loco*: a relação de amizade e fidelidade entre esses jovens, Alba e Subversio. Sobre isso, cabe ressaltar que, embora pareça que baste ter habilidades e recursos técnicos para ingressar no Praça F.C., o grupo é, em certa medida, “fechado”. Majoritariamente, os jovens participantes do projeto são os que já frequentavam a praça quando ainda estava em construção, e já “batiam bola” autorizados por Subversio, responsável pela segurança patrimonial dos materiais de construção e proteção a possíveis depredações e estragos do que já estava em edificação. Aliás, foi nesse cenário que iniciou o vínculo e a relação que todos possuem atualmente: quando a praça estava em construção e edificação, Subversio recebeu a seguinte orientação da PMC: sob hipótese alguma, as pessoas poderiam circular pelo espaço, tampouco ocupar para jogar, praticar esportes ou usar o espaço para qualquer outra atividade até que a construção da praça estivesse concluída e inaugurada. Todavia, segundo as próprias palavras de Subversio, “a presença dos guris [jovens] aqui é anterior a praça. Eles já circulavam por aqui, já ‘batiam bola’ aqui quando tudo isso aqui ainda era mato e chão batido. A praça

nem existia e os guris já estavam aqui!”¹⁷⁸ – disse o guarda, justificando o fato de não ter, à época, obedecido às orientações da PMC, e não ter impedido tanto a presença quanto as práticas de jogos com bola na quadra que ainda estava em construção.

Após a inauguração da praça, entre promessas e efetivações, iniciaram as atividades do projeto do governo municipal “Atleta Cidadão do Futuro” (ACF). O ACF foi criado em 2013, no âmbito do programa municipal “Em Canoas, o Esporte tem mais Valor”, no segundo mandato de Jairo Jorge da Silva (PT). O ACF, que na sua concepção ofertava aulas de atletismo, basquetebol, handebol, judô, taekwondo, futsal, futebol, voleibol e yoga para crianças e jovens com idade entre sete a quinze anos, ofertou, na PJ, aulas de futsal. Diante da restrição da idade para participar das atividades, o que impedia que parcela desses jovens participasse, aliada a frequentes interrupções das atividades provocadas pelo deslocamento de estagiários de Educação Física para outras unidades e projetos do governo, a não renovação ou fim de contratos de estágio, além de certo descontentamento por parte dos jovens com as metodologias de ensino e modos de condução das aulas de alguns dos estagiários/oficineiros, Subversio criou o Praça F.C, que teve imediata adesão desses e outros jovens convidados.

Conforme já mencionei nas seções 5.1 e 5.2 do capítulo 5, Alba e Subversio, no âmbito desse projeto, organizaram jogos na quadra poliesportiva e no campo de futebol da PJ e em outros espaços da cidade [campos de futebol de várzea, quadras de futsal e quadras de futebol sete mediante pagamento de aluguel da hora agendada]. Eram comuns as solicitações dos jovens à Alba e ao Subversio para organizar jogos contra outras equipes, majoritariamente formadas por outros jovens que também jogavam frequentemente nas dependências da PJ. Os fardamentos usados pela equipe A do Praça F. C. eram camisetas e calções na cor cinza, e os da equipe B eram, geralmente, os do projeto ACF, que ficaram nas dependências da PJ após a não continuidade das suas atividades, ou outro fardamento adquirido com recursos próprios de Alba e Subversio, guardado em uma das dependências do prédio administrativo da PJ.

Subversio é o ‘técnico’ dos jovens que representam a praça vinculados ao Praça F. C. É ele quem fica à beira da quadra ou do campo orientando a equipe. Seu envolvimento durante os jogos é intenso: escala a equipe; organiza-a taticamente; realiza as substituições quando entende necessário e passa todo o tempo das partidas

¹⁷⁸Recordações de campo 2017, 2018 e 2019.

orientando o grupo. Atuante, preocupado em manter os jovens mobilizados para que os jogos de futsal e futebol não se restrinjam aos praticados por eles nos seus encontros cotidianos na quadra, Subversio busca, quando solicitado pelos jovens, ou por iniciativa própria, organizar partidas, seja nas dependências da praça, contra equipes formadas por outros jovens habitantes do bairro, ou em outros bairros da cidade através de agendamento de horários em quadras e campos a partir de convites a outras equipes para disputas.

O Praça F.C é considerado uma “família” por seus membros. Isso se expressa de diferentes modos: desde as conversas cotidianas pessoalmente, no grupo criado no *Whats App* por Alba, às manifestações em postagens no *Facebook*. O grupo do *Whats App* foi criado por Alba como uma alternativa de comunicação entre os componentes do grupo para tratativas de assuntos relacionados ao futebol, como agendamento de jogos; comunicados e orientações para inscrições em torneios e campeonatos, entre outros assuntos que julgam necessário tratar.

Assim que minha relação com Alba, Subversio e os jovens se estreitou e se consolidou, passei a envolver-me e fui envolvido nas dinâmicas de organização, deslocamento e acompanhamento dos jogos, tanto em relação aos organizados na PJ, quanto aos organizados e praticados em campos de futebol e quadras de outros bairros da cidade. Fui inserido por Alba ao grupo do *Whats App* e passei a receber e solicitar amizades dos jovens no *Facebook*. Esse envolvimento de “corpo e alma” (WACQUANT, 2002) possibilitou-me viver as dinâmicas do grupo.

No que tange às práticas de futsal/futebol, cabe salientar que a garantia da participação dos jogos e torneios na cidade passava pelo envolvimento com o projeto e relação que Alba e Subversio tem com os jovens: os deslocamentos eram feitos em veículo particular [de Alba]; a gasolina era paga com recursos dela; ela também revezava com Subversio a higienização dos fardamentos usados nos jogos e competições; quando faltava dinheiro para o pagamento do horário em quadras de outros bairros da cidade, nos jogos contra outras equipes, ou para a efetivação das inscrições em campeonatos e torneios, pois, nem sempre os jovens dispunham de dinheiro para efetivar suas inscrições ou pagar o aluguel das quadras, Alba e Subversio complementavam o valor restante, garantindo a participação nos jogos. Com os convites para participar ativamente das atividades do grupo, passei a envolver-me diretamente nessas dinâmicas: nos jogos realizados em campos e quadras fora da praça, dividia com

Alba a responsabilidade de deslocar os jovens até o local dos jogos, colocando meu veículo também à disposição; na organização e distribuição dos fardamentos; nas orientações proferidas por Alba e Subversio antes dos jogos e nas contribuições quando alguns jovens não conseguiam arcar com o valor para pagamento do aluguel das quadras. No tocante aos jogos e torneios realizados na quadra e/ou campo da PJ, com frequência passei a ser convidado para auxiliar na organização e realizar a arbitragem.

Nos jogos e torneios realizados na quadra da PJ, entre diversas observações e convivência com o grupo e demais jovens, era notável a mobilização de Alba, Subversio, dos jovens membros do Praça F.C e dos demais jovens que auto-organizavam suas equipes para jogar. Destaco, aqui, a noite do dia 25/08/2017, em um jogo “amistoso”, ou “resenha”, realizado no campo de futebol quando ainda havia, mesmo de forma precária, alguma iluminação de dois refletores que funcionavam. A pedido dos jovens, Subversio convocou os representantes do Praça F.C para jogar. O jogo, agendado para iniciar às 18h contra o time “visitante”, composto por outros jovens frequentadores e praticantes de futsal e futebol da praça e alguns adultos convidados por Catarina¹⁷⁹, iniciou às 19h.

Antes do início do jogo, enquanto entregava os uniformes aos jovens do Praça F.C no vestiário, Subversio passou orientações quanto às questões referentes às funções a serem exercidas em campo. Subversio falava sobre a importância de vencer o jogo “em casa”, e o quão fundamental seria a dedicação de todos para chegar ao resultado. Já no campo, após o aquecimento, os jovens e Subversio reuniram-se no centro do campo, e Subversio evocou mais algumas palavras de incentivo: “é nós, gurizada, vamos lá, é a Praça!” – Por fim, todos colocaram as mãos uma sobre a outra e gritaram: “1, 2, 3, é a Praça!”. Bola no centro; o jogo iniciou.

Cumprir observar nas palavras de Subversio quando diz que “é nós” “é a Praça” e no grito de incentivo de todos quando dizem “1, 2, 3, é a Praça!” uma afirmação de pertencimento ao espaço público possibilitada por interesses comuns. Em outras palavras, o futebol se apresenta com um dos elementos unificadores das mobilizações dos encontros e da amizade.

Além dos jovens em campo, a ‘torcida’ era grande à beira do campo e na arquibancada daqueles que participavam sem participar diretamente do jogo. Palavras

¹⁷⁹Catarina reside no Guajuviras há poucos meses. Desde então, frequenta a PJ e às vezes joga futsal/futebol com os demais jovens. É chamado de Catarina porque antes de residir no Guajuviras residia no estado de Santa Catarina.

de incentivo e jocosidades eram permanentes. A cada gol marcado, a euforia era imensa, especialmente quando o gol era marcado pela equipe visitante, pois, o jogo era na “casa” do Praça. “Não joga nada”, “perna de pau”, “a bola tá mordendo”, entre outras jocosidades muito frequentes por parte daquele que assistiam ao jogo. Todavia, no campo, a situação se apresentava mais séria. Entre brincadeiras e tensões, ambas as equipes não queriam perder o jogo. A bola era disputada intensamente. Cada gol marcado era muito comemorado pela equipe que marcava, tornando-se motivo de cobranças e descontentamento por parte dos membros da equipe que sofria o gol. Foi nesse cenário que o primeiro tempo, com duração de 30 minutos, se encerrou com o placar de 4 x 3 para o Praça F.C.

O segundo tempo continuou bastante disputado. Passados um pouco mais de dois minutos, a equipe visitante empatou o jogo em 4 x 4. A equipe visitante fez o quinto gol aos onze minutos. Muitos gritos em comemoração ao gol, aliados a provocações, especialmente dirigidas a Subversio que andava de um lado ao outro à beira da quadra, tenso com o resultado adverso que se apresentava. Segundos após o recomeço do jogo, o sexto gol da equipe visitante: “feitoooo”, “eeeeeeh”, “uhuh” [manifestações das pessoas que assistiam], “a gente não veio aqui para brincar, viu Subversio, ahahahah”, dizia Catarina aos gritos para Subversio. Placar de 6 x 4. O jovem Jessé fez o quinto gol para o Praça F.C. Placar de 6 x 5. Ao sinalizar uma falta a favor do Praça F.C, já restando poucos minutos para finalizar o jogo, pois, o placar era de 6 x 5 a favor da equipe “visitante” que também era formada por jovens habitantes da região, frequentadores da praça e praticantes de futebol, Subversio chamou o jovem Iago à beira do campo e passou a seguinte orientação: “Ô, Iago, tenta uma canhotinha, então, por favor! Pra finalizar assim...” – Eu estava ao lado de Subversio e comentei: “Para fechar com chave de ouro?” – Subversio, demonstrando uma leve preocupação com o resultado momentâneo do jogo que era adverso ao Praça F.C., respondeu: “mas claro, eu estou...têm um monte de cara no meu pescoço na volta, não posso perder esse jogo”. A cobrança de falta não se converteu em gol.

O jogo prosseguiu. Da arquibancada, do outro lado do campo, Catarina, que orientava a equipe adversária, gritou para Subversio num viés de jocosidade, exaltando o resultado de momento do jogo: “E aí, Subversio, já está sete, sete, ahahahah”. – Subversio, de imediato, rebateu: é seis a cinco! Pô Catarina, o que que é?”. No campo, alguns jovens do Praça F.C começaram a fazer cobranças mais acentuadas de

desempenho e posicionamento dos colegas de equipe em campo: “Te mexe!” - “Está cansado?” – “Passa, passa, passa, porra”. À beira do campo, Subversio gritou: “vem, vem, veeem, vamos Wellington!” – “eeeeee, feitooooo”, mais um gol da equipe visitante: 7 x 5. “Acalma, acalma”, orientava Subversio. O jogo recomeçou. O descontentamento com o resultado e desempenho em campo por parte dos jovens do Praça F.C se acentuou. “Vai jogar Jessé, vai jogar”, disse um dos jovens a Jessé que, muito descontente, questionava o desempenho dos colegas de time. “Joga, deixa ele trovar, eu estou olhando! Deixa, deixa!”, respondeu Subversio a outros jovens que reclamavam de Jessé a cobrança de desempenho dos colegas. Em seguida: “eeeeeee, ahahah, uuuuh, feito”, mais um gol da equipe visitante. Placar de 8 x 5 para os visitantes. Jessé foi em direção a Subversio para reclamar: “Olha aí, Subversio, o cara tá olhando”, disse, fazendo menção a um dos membros do Praça F.C. “Deu, deu! Perdemos, perdemos”, respondeu Subversio. “Mas o cara tá só olhando”, insistiu Jessé. “Já te falei, perdemos!” – “Mas o cara tá olhando”, repetiu Jessé. “Mas o que tu quer que eu faça, Jessé? Quer que eu jogue por vocês? Vocês que estão dentro de campo! Tu gostas muito de trovar, mas jogar tu não sabe cara”. – “Para, para!” - interveio outro dos jovens no sentido de acabar com a discussão. “Tu tem que falar para os caras pegar em cima, meu” – disse um dos jovens a Subversio. “Ô, meu, mas eu estou falando e ninguém está me obedecendo nem nada..”, diz outro jovem. Um jovem cobrou dos colegas: “tem que chutar, caralho [para o gol], tem que chutar!”. “Ô gurizada, olha aqui para mim...deu, perdemos”, disse Subversio. – “Perdemos o quê?” questionou o jovem Anderson. – “Já terminou o horário”, salientou Subversio. “Mas não pode ser zero a zero”, reagiu Anderson. “Tá um a zero para os caras”, comentou um jovem. “Mas não foi zero a zero, foi dois a zero”, disse Subversio, em alusão aos dois gols de diferença no placar que estava em 8 x 6 para o time visitante contra o Praça F.C. Subversio olhou para o relógio e disse: “ah, mas faltam três minutos”. Em seguida gritou para Catarina e todos os demais presentes: “seis a cinco!”. Mas alguém corrigiu: “Não, oito a seis!”. Em seguida, Subversio chamou o jovem Buia que há algumas semanas estava afastado da equipe Praça F.C: “Cadê o Buia? Ô Buia!”. E Buia se aproximou e falou: “Me falaram desse jogo, cedo aí”. Subversio perguntou: “Tu tá com o mesmo *Whats*, aquele? Tu quer voltar com nós?”. “Claro”, respondeu Buia. E ele prosseguiu: “Os guris falaram, bah, que o jogo era das 6h às 7h, e eu falei, ‘chama eu’, aí um deles disse ‘não, é só a Praça [Praça F.C.]”.

O jogo foi retomado. O Praça F.C fez um gol. Placar: 8 x 7. “Pega, Catarinaaaa!” gritou um dos jovens do Praça F.C. de maneira jocosa para o ‘técnico’ da equipe visitante. Subversio substituiu Iuri que estava visivelmente cansado por Buia. Gritos de todos os lados como “bate no gol, meu!”, “chuta daí”, “vamos” serviam de incentivo aos jovens que jogavam no campo. O tempo de jogo se ampliou. Percebi no instante em que Subversio gritou para Catarina que estava do outro lado do campo: “Ô, Catarina, ô Catarina! Faltam 15 minutos ainda”. Outro jovem que jogava na equipe visitante disse ao Subversio: “Ô, Subversio, fiquei sabendo que tem uma foto aqui em que tu estás passando a mão na cabeça preocupado [preocupado com o resultado adverso ao Praça F.C.]. Outro jovem veio em defesa de Subversio e falou para Catarina: “Ô Catarina, tu pagou os caras para dizer que são do teu time”. “Goooool” - o Praça F.C empatou o jogo. Placar de 8 x 8.

O jogo prosseguiu. Passados alguns minutos, Catarina chamou a atenção de um dos jovens da sua equipe: “Está caminhando! Tá na passarela, meu? Joga!” – “O jogo está empatado. Tá caminhando na passarela pau no cú” – gritou alguém da arquibancada. Naquele momento, Subversio olhou para mim: “Bah, estou morrendo de dor de cabeça Cristiano...” – “vai meu, vai pau no cú, falta um minuto para acabar o jogo, merda!” – gritou Catarina para sua equipe. “Feitooo, gooooool” – mais um gol para a equipe visitante orientada por Catarina. Segundos depois, o jogo terminou: placar de 9 x 8 para o time visitante contra o Praça F.C. Os jovens foram deixando o campo e Subversio parabenizou a todos: “É isso aí, gurizada. Baita bola! Foi bom o jogo!”



Figura 81: Imagem do amistoso ou resenha no campo de futebol da PJ.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Já no vestiário, enquanto os jovens devolviam os fardamentos e vestiam suas roupas, Subversio permaneceu tecendo comentários acerca do jogo e projetando o próximo: “Está tranquilo, aqui joga todo mundo juntos! Nós vamos marcar outro jogo contra eles na semana que vem. Na quarta-feira.” - “Mas na quarta já tem jogo marcado com outro time às 19h”, pondera um dos jovens. Subversio respondeu: “Não tem problema, jogamos às seis [18h] e depois às sete [19h]. Pô, meu, nós vamos deixar assim essa derrota? Não podemos”. Um dos jovens sugeriu que o jogo fosse marcado para mais tarde, devido a compromissos de trabalho: “Eu venho lá da zona Sul (zona Sul de Porto Alegre)”. Os demais concordaram que não era possível iniciar os jogos às 18h. Subversio então sugeriu que o jogo fosse marcado para quinta-feira das 19h às 20h: “quinta-feira então, às sete [19h]”. Todos concordaram. “Beleza, vou lá [no campo de futebol] intimar eles agora!”, disse Subversio. Outro jovem interveio: “Marca para sábado, Subversio, no final de semana”. Subversio respondeu: “Mas sábado já tem jogo. Aqui [apontando para o jovem Itamar] tem jogo no Time de Cristo (TDC), o Jessé também já tem jogo...”. Minutos depois, Subversio foi ao encontro de Catarina e Fernando [membros da equipe visitante] e em comum acordo confirmaram o jogo para a próxima quinta-feira “das sete às oito [19h30 às 20h30]”¹⁸⁰.

Gastaldo (2002; 2005) aponta que a abrangência do futebol no Brasil está intimamente ligada ao que seria uma suposta “identidade nacional” de uma “pátria de chuteiras”, expressão cunhada por Nelson Rodrigues entre o final dos anos 1950 e início dos anos 1960. Compreensões e definições, entre as quais o “Brasil é o país do futebol”, o “futebol é o esporte do brasileiro”, ainda são recorrentes tanto nos discursos cotidianos quanto em diversos veículos de comunicação, de modo especial na mídia esportiva e em anúncios publicitários, em um país onde a Copa do Mundo de Futebol “é considerada o apogeu do mundo dos esportes”. Seu caráter de espetáculo, com volumes significativos de recursos destinados à promoção de eventos de nível nacional e internacional, e os programas destinados a notícias e debates sobre futebol também movimentam de modo importante a área econômica. Considerando sua abrangência, atentar para as práticas de futebol fora do universo do sistema esportivo-espetáculo/midiático para além da performance e/ou do consumo, ou seja, na dimensão do lazer, é direcionar o olhar para um elemento constituinte da existência humana.

¹⁸⁰Recordações de campo, 25/08/2017.

Há importantes estudos sobre a relevância da prática de futebol nos espaços públicos, esses espaços – praças, parques e campos – têm se apresentado como cenário tanto das vivências das experiências simbólicas do futebol de várzea (MYSKIW, 2012) quanto de outras práticas de lazer e sociabilidades que emergem na relação com o futebol (FORELL, 2014).

Na PJ, ainda que a bola seja o elemento “não humano” (LATOURET, 2012; 2015), ela representa a projeção simbólica que instiga os encontros. A bola então é o “ator” que possui agência na mobilização das “resenhas”, “amistosos”¹⁸¹ e os torneios, pois de alguma forma as práticas não deixam de acontecer não importando o tipo de bola ou as suas condições de conservação. Na ausência da bola de futsal, não foram poucas as vezes que vi crianças jogando com bola de voleibol, inclusive um dia, com uma bola de voleibol furada; em outra oportunidade, quando ainda acontecia um projeto de futsal desenvolvido pela PMC, na ausência de bola de futsal, que não foi repostada pela própria PMC, a estagiária desenvolveu a aula com uma bola de handebol; outras vezes observei os jovens, nas suas práticas auto-organizadas, jogando com bolas murchas, sem os gomos, ou seja, as “bexigas véias”, nas palavras dos próprios jovens; além das doações de bolas que a PJ, às vezes, recebia dos membros da igreja que desenvolvia o projeto TDC na própria praça, e de outras pessoas que conheciam o espaço público¹⁸², além das “vaquinhas” realizadas para compra de bola, protagonizadas pelo guarda Subversio, a gestora Alba e, em algum momento, com a colaboração de alguns dos jovens que frequentavam e jogavam na praça¹⁸³. Eu mesmo, certo dia, comprei uma bola de futsal e entreguei à gestora para que fosse disponibilizada aos jovens durante suas práticas na quadra poliesportiva. Ou seja, a PJ se apresenta como um espaço produzido, no qual o futsal/futebol está entre os elementos geradores das sociabilidades.

Em um domingo, às 8h30, conforme combinado com Subversio, cheguei à praça para auxiliar a organização dos jogos de futsal do Praça F.C contra outras equipes

¹⁸¹“Amistoso” é como Alba e Subversio, às vezes, nomeiam os jogos organizados para os jovens do Praça F.C quando são realizados contra outras equipes, seja na quadra, no campo da Praça da Juventude, ou em outras quadras ou campos de outros bairros da cidade. (Recordações de campo).

¹⁸² Algumas vezes, Márcio, que coordenava o Projeto de Futebol Time de Cristo (TDC), aos sábados, na PJ, fez doação de bolas de futsal para viabilizar as práticas auto-organizadas dos jovens na quadra e o projeto Praça Futsal/Futebol coordenado pelo guarda Subversio e a gestora Alba, ainda que, às vezes, o próprio Márcio pedisse, via redes sociais ou a comerciantes locais, doações de bola para o seu próprio projeto. Em 2018, eu também comprei uma bola de futsal e a entreguei a Alba para que deixasse à disposição dos jovens na praça.

¹⁸³ Recordações de campo, 2017, 2018, 2019.

formadas por jovens frequentadores da praça, que seriam disputados na quadra poliesportiva. Dias antes, o solicitado e acordado entre Subversio, alguns jovens e eu, era que, entre outras contribuições, eu realizasse a arbitragem dos jogos e auxiliasse a organização das “súmulas”. Quando cheguei, parcela dos jovens já estava presente na quadra. Alguns conversavam na arquibancada, outros estavam na quadra “batendo uma bola”, no dizer dos próprios jovens. Subversio estava próximo da quadra, fardado, pois estava de serviço. Ao me ver, falou em voz alta: “E aí, Cristiano, beleza? Seguinte, vou abrir o vestiário. Os fardamentos estão lá dentro, já deixei lá quando cheguei. Pega a chave aqui do vestiário, entra, aí tu vais fardando os guris para nós”.

Sobre o vestiário, apesar da estrutura física comprometida – infiltrações, mofos, vidros quebrados, chuveiros e pias desativadas, e estar sendo usado para o armazenamento de acessórios da praça quebrados: um dos corrimões de um espaço que dá acesso ao palco para shows enferrujado; uma das tabelas de basquete quebrada; uma mesa de *ping pong* que não era usada; refletores queimados da quadra e campo de futebol —, seu acesso a ele é restrito. Somente Alba e Subversio tinham acesso à chave do vestiário. Nem mesmo os demais guardas que tiram serviço na praça, seja durante o dia ou à noite, tinham acesso a essa chave. O vestiário era utilizado somente para que os jovens pudessem fardar-se quando eram organizados os torneios e resenhas. E até mesmo esses jovens só acessavam o vestiário mediante abertura da porta por Alba ou Subversio e era fechado por Alba e Subversio. Eu mesmo não esperava, em algum momento, estar de posse da chave e acessar o vestiário sozinho. Das outras vezes que entrei fui acompanhado por Alba ou Subversio.

Ao entrarmos no vestiário [os jovens e eu], Subversio entrou em seguida, pegou a sacola com os fardamentos, retirou-os da sacola e os colocou sobre uma mesa. Alguns dos jovens que entraram no vestiário sentaram-se no assento que há no seu interior, outros se posicionaram ao redor da mesa onde os fardamentos estavam postos. Subversio pegou um bloco de anotações e uma caneta. Eu comecei a distribuir os uniformes. Enquanto entregava uma camiseta para cada jovem, Subversio anotava o nome do jovem e o número da camisa. Alguns jovens não se importavam com a numeração. Outros demonstravam interesse e solicitavam determinados números. Após todos fardados, nos dirigimos para a quadra.

Com uma bola entregue por Subversio, os jovens “batiam bola” na quadra enquanto aguardavam a chegada de outros para compor as equipes. Durante esse

período, Subversio e eu acordamos sobre o modo com que os jogos seriam conduzidos: “Cristiano, vamos fazer trinta minutos cada jogo, quinze, intervalo de cinco e mais 15 minutos”. E Subversio continuou com suas orientações: “Vou deixar em cima daquela mesa [apontando para uma mesa localizada na linha lateral da quadra] as súmulas que fizemos para anotar os gols de cada jogador e o placar final dos jogos. Ah, pega aqui, ó, os cartões e o apito [Subversio me entregou um cartão amarelo, outro vermelho e um apito]”. Enquanto isso, outros jovens foram chegando. Como havia outros fardamentos no prédio administrativo da praça, estes foram entregues a outros jovens já presentes. Assim, outra equipe foi organizada e formada. Minutos depois, outros jovens chegaram, organizaram-se e receberam fardamento, constituindo uma terceira equipe. E mais outros jovens chegaram, conversaram e constituíram a quarta equipe. Um jovem que não jogaria se disponibilizou a ficar na mesa com a súmula e anotar os gols marcados e seus autores.

Toda essa mobilização, organização e auto-organização na PJ evidenciava a dinâmica de uma rede constituída tanto de um elemento que age no coletivo, no qual estava inserido, operando mediações, no caso, o guarda Subversio, quanto da auto-organização e práticas de futsal dos jovens, a partir de apropriações posteriores em um espaço estrategicamente projetado. Assim, as práticas de Subversio e dos jovens evidenciavam ações táticas que mantinham interesses associados em um espaço projetado para ações estratégicas, apesar da ausência do estado (DE CERTEAU, 2018; LATOUR, 2012).

Às 9h20 todas as equipes já estavam formadas e a súmula, sobre a mesa, estava pronta, com o nome das quatro equipes e seus jogadores. Subversio, que estava no interior da quadra, olhou para a arquibancada à procura de Joãozinho, pois, faltava apenas ele para iniciar o primeiro jogo entre o Praça F.C e a equipe “Amigos”, do qual Joãozinho era integrante. Joãozinho estava na arquibancada consumindo um cigarro de maconha. Ao vê-lo consumindo o cigarro, Subversio imediatamente chamou a atenção do jovem: “ô, Joãozinho, eu já te falei que não te quero fumando maconha em dia de jogo! Assim tu não vais mais jogar! Tá de sacanagem?” Joãozinho olhou para Subversio, deu um sorriso um tanto constrangido, apagou o cigarro de maconha, pulou da arquibancada e correu em direção à quadra, pois, os demais jovens da sua equipe já estavam a postos.

O jogo iniciou. O Praça F.C venceu por 5 x 2. E assim, num cenário em que se confundiam a seriedade pela busca da vitória, pois, vencer a equipe adversária era sinônimo de carregar a aura de melhor equipe [pelo menos até o próximo torneio] e o lazer, dado que o futebol/futsal era o epicentro dos encontros, os jovens permaneciam algumas horas juntos, contando histórias, dando risada, conversando sobre questões alusivas a trabalho, relações de violência e futebol. Os jogos se encerraram às 12h35, e o Praça F.C. sagrou-se vencedor do torneio.

A postagem publicada por Subversio em sua página no *Facebook*, na terça-feira, dia 09 de abril de 2019, e comentada por alguns jovens participantes após uma tarde de jogos “amistosos” na quadra poliesportiva da PJ, no dia anterior [segunda-feira, 08 de abril], sintetizava os sentimentos e a compreensão dos componentes do Praça F.C em relação ao projeto.



Figura 82: Postagem realizada por Subversio em sua página do *Facebook*, no dia 09/04/2019 em alusão ao jogo amistoso organizado e realizado na tarde do dia 08/04, na quadra poliesportiva da Praça da Juventude.

Fonte: Página do *Facebook* de Subversio.

O comentário do jovem Anderson à publicação de Subversio, a seguir, expressava seu sentimento com o projeto Praça F.C.

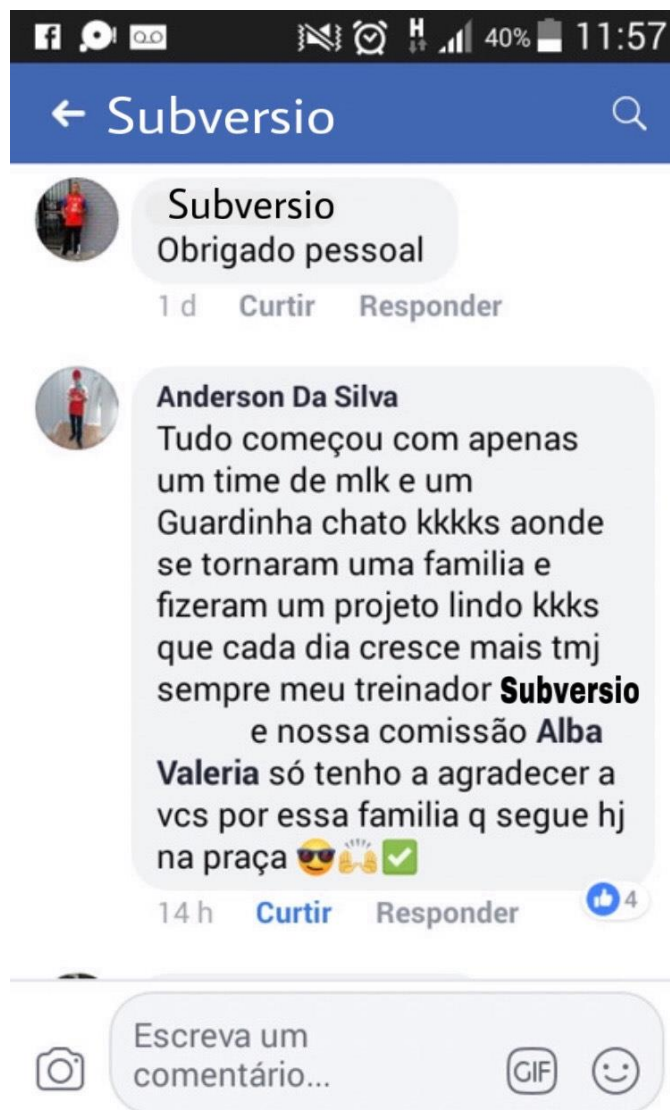


Figura 83: Publicação do jovem Anderson comentando a publicação realizada por Subversio em sua página do *Facebook*, no dia 09/04/2019 em alusão ao jogo amistoso organizado e realizado na tarde do dia 08/04, na quadra poliesportiva da Praça da Juventude.

Fonte: Página do *Facebook* de Subversio.

O jovem Andrey reforçou o comentário de Anderson ao comentar a publicação do guarda.

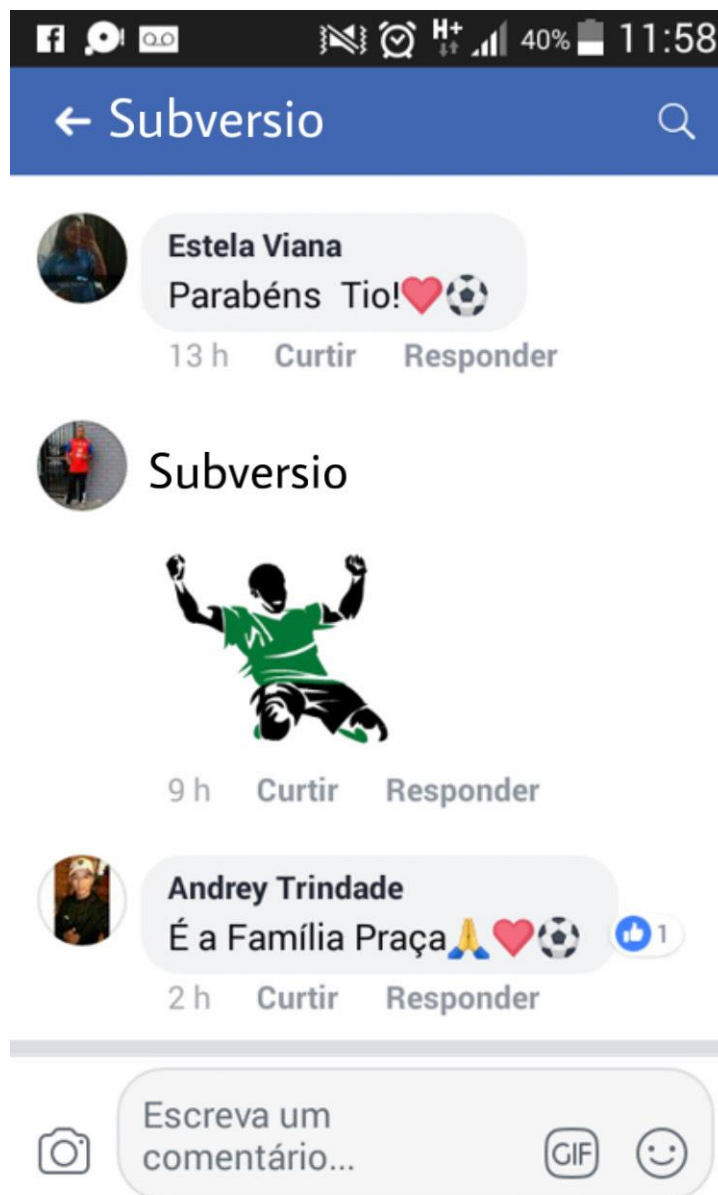


Figura 84: Publicação do jovem Andrey horas depois, reafirmando o comentário de Anderson acerca do que representa o projeto Praça F.C.

Fonte: Página do *Facebook* de Subversio.

Observei que o termo “família” se apresentava, entre os jovens, como uma ideia que representava e prescrevia relações de amizade, cumplicidade e união, que tinham nascido ainda antes da inauguração da PJ, e com a efetivação do projeto “se tornaram uma família [...] que cada dia cresce mais”. Certo dia, mais especificamente no dia 13/05/2019, uma manhã de segunda-feira, ao reunir no centro da quadra poliesportiva os jovens das equipes Praça F.C e TDC para passar orientações para o jogo, no qual as duas equipes se enfrentariam [sobre essa manhã de segunda-feira de futsal será abordado nas considerações finais deste estudo], Subversio finalizou sua fala com a

seguinte frase: “não esqueçam que vocês são a raiz da praça. Essa praça é a nossa casa!”¹⁸⁴. Penso que essas manifestações carregavam, simbolicamente, um significado que posicionava esses momentos de reunião para jogos e o espaço [a Praça da Juventude] como uma “segunda casa”.

Em seu estudo intitulado “A casa e a rua” (1984), o antropólogo Roberto da Matta aponta que cada espaço social possui diversas compreensões de mundo e significados particulares constituintes de realidades e que moralizam o comportamento. Nessa perspectiva, a “casa” se apresenta como o espaço conservador, familiar, pessoal, ou seja, o oposto de “rua”, espaço de luta, de malandragem, “do cada um por si” (DA MATTA, 1984). Partindo de Da Matta, Magnani (2005) forja a noção de “pedaço”. Para o autor, “pedaço” refere-se a um espaço que funciona como ponto de referência para o encontro, fundado nos laços de família, vizinhança e amizade.

Assim,

[...] o *pedaço* designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla do que fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 2005, p. 188).

Todas as práticas citadas na PJ, em que o futsal/futebol é o meio para promoção dos encontros, para as “resenhas”, os “amistosos”, “torneios”, permeadas por jocosidades, cobranças de empenho e desempenho nos jogos, orientações alusivas à conduta individual, nas quais se manifestam as ações – mediações - de Alba e Subversio, em que os membros do Praça F.C “se tornaram uma família”, se aproximam tanto da categoria proposta por Magnani quanto estão relacionadas a códigos das associações (LATOURET, 2012; 2015) que fazem o espaço público, estabelecidas e garantidas pelos encontros e interações sob os códigos desse espaço. Para De Certeau (2018) há espaço sempre que se levam em conta vetores de direção animados pelo conjunto dos movimentos que nele se desdobram. “O espaço é um cruzamento de móveis” (2018, p. 184). Em outras palavras:

espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais (DE CERTEAU, 2018, p. 184).

¹⁸⁴ Recordações de campo, 13/05/2019.

6.3 “Aqui é TDC”

O projeto Time de Cristo (TDC), vinculado à Igreja Novas de Alegria, foi criado no mês de novembro de 2014. Idealizado por Jorge Vasconcelos, 36 anos, Diácono¹⁸⁵ da Igreja, o projeto iniciou, efetivamente, suas atividades no Campo de Futebol da PJ no mês de dezembro do mesmo ano, semanas após a inauguração do espaço público, segundo o próprio Jorge, “com seis crianças”¹⁸⁶, aos sábados, das 9h às 12h, após conversa e apresentação do projeto para Alba, e a subseqüente autorização para ocupação do campo, protocolado, posteriormente, na PMC. No período desta pesquisa, segundo Jorge e Márcio, este último com 34 anos, Evangelista da Igreja, e que passou a coordenar as atividades do projeto junto com Jorge, depois que, nas palavras de Márcio, “eu vim e abracei junto com ele um ou dois meses depois”¹⁸⁷, cerca de 70 crianças e jovens participavam regularmente das atividades, e desde janeiro de 2019 passaram a ser ofertadas às terças-feiras, das 18h às 19h.

Jorge e Márcio, que “trabalham bastante com a parte social da Igreja”¹⁸⁸, tinham, entre os seus projetos, o TDC, “que, além do projeto [com as crianças e jovens aos sábados e às terças-feiras] tem um equipe que joga campeonatos fora, onde a gente tem também alguns destes jovens [participantes das atividades aos sábados e às terças-feiras] que também estão lá [integrando o time que representa a Igreja nos torneios e campeonatos citadinos]”¹⁸⁹. Ou seja, há o projeto que contempla os encontros aos sábados e às terças-feiras com as crianças e jovens, e o Time ‘oficial’ composto por adultos, todos vinculados à Igreja, que participavam de campeonatos e torneios de futsal e futebol de campo da cidade. “O Time, iniciou em 2015”, ou seja, meses após o início do projeto na PJ.

Nas palavras de Márcio,

¹⁸⁵Diácono, palavra derivada do grego *diakonos*, que significa “atendente” “ou servente”. Na religião, refere-se ao 3º grau da ordem de hierarquia da organização religiosa. É aquele religioso responsável pela execução dos serviços do Ministério de Deus.

¹⁸⁶Excerto extraído da entrevista realizada com Jorge e Márcio no dia 06/04/2017.

¹⁸⁷Excerto extraído da entrevista realizada com Jorge e Márcio no dia 06/04/2017.

¹⁸⁸Excerto extraído da entrevista realizada com Jorge e Márcio no dia 06/04/2017. A extraída fala é de Márcio.

¹⁸⁹Excerto extraído da entrevista realizada com Jorge e Márcio no dia 06/04/2017. A extraída fala é de Márcio.

[...] o Time iniciou em 2015. Já tinha o projeto das crianças, não era o Time de Cristo, e ali a gente foi agregando né, agregando pessoas, agregando crianças, ideias, aí o projeto ele vem crescendo né. A cada dia, cada ano ele vem crescendo. A gente consegue dar um suporte para as crianças e é tudo gratuito e o projeto é apoiado pela Igreja, pelo nosso Pastor, a nossa liderança. E a gente está aí para somar sabe (MÁRCIO, entrevista dia 06/04/2019).

Os jogos de futebol realizados no campo da PJ são a principal ação do projeto. Ao término de cada turno de jogos era feita uma oração no centro do campo, seguida de um lanche composto por suco ou refrigerante e pães com mistura de doce cremoso de fruta ou manteiga e mortadela, às vezes biscoitos doces e/ou salgados. Os jogos de futebol eram arbitrados e orientados por Jorge e Márcio, e, às vezes, outros colaboradores do projeto realizavam a arbitragem.

O ingresso e participação das crianças e jovens nas atividades eram gratuitos, ou seja, não havia cobrança de qualquer valor em dinheiro que estivesse condicionada ao vínculo no projeto. A justificativa de Márcio para a gratuidade da participação nas atividades do projeto era “o amor às pessoas”, sobretudo diante do cenário de violência a que os habitantes do bairro Guajuviras estavam supostamente expostos.

[...] como o Guajuviras é um bairro que tem bastante casos de venda de drogas, de homicídios, de violência, o primeiro objetivo sempre é retirar as crianças das ruas, mostrar para eles que podem ter uma outra vida [...]. E segundo apresentar Cristo para eles [...] A gente apresenta Jesus. Que um dia [...] por amor ele nos libertou né, e hoje a gente é liberto [...] porque isso que a gente faz é amar as pessoas porque é muito diferente de fazer um projeto e tu amar as pessoas. Então Jesus disse assim ó: “primeiro mandamento, ame à Deus acima de tudo, segundo, ame as pessoas, ame seu próximo” e a gente faz isso por amor né? Se eu fosse cobrar... as pessoas vêm aqui e “ah, quanto é a camiseta?” “Quanto é isso?” Não! A gente não cobra nada! A gente faz porque a gente ama! [...]. Então o primeiro [objetivo] é tirar eles das ruas, o segundo é apresentar Jesus e o terceiro é levar para a Igreja e dar essa vida que eu tenho hoje de alegria (MÁRCIO, entrevista dia 06/04/2019).

Pode-se observar que a ênfase no fenômeno da violência está entre as motivações das ações do projeto. Essas justificativas reforçam os objetivos tanto dos projetos e programas estatais quanto daqueles de iniciativa local, no caso presente, o da Igreja, e são mantidos numa combinação do sentimento de insegurança e incerteza [ou certeza] do “futuro” das crianças e jovens habitantes de periferias; também reforçam a ideia de que o esporte os afasta e os salva das problemáticas a que estão supostamente expostos e envolvidos. A afirmativa que o esporte “retira as crianças das ruas”, conseqüentemente, dá alternativa à condição de vulnerabilidades desses jovens e está presente nos discursos e justificativas do estado e das instituições religiosas. Ou seja, enquanto o estado faz com a justificativa de ampliar a cidadania, a Igreja faz “por

amor”, num cenário de diferentes formas de capturas justificadas pelo mesmo fenômeno.

O projeto dispunha de uniformes personalizados, com nome e distintivo próprio, coletes para treino e uniformes para jogos amistosos, torneios e campeonatos.



Figura 85: Um dos uniformes personalizados do projeto TDC.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 86: O mesmo uniforme personalizado do projeto TDC apresentado de outro ângulo.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Tanto os uniformes para treinos e campeonatos quanto os lanches oferecidos aos sábados foram e são adquiridos e mantidos especialmente com recursos próprios de Jorge e Márcio, e outra parcela resultava de eventuais doações dos habitantes do bairro

Guajuviras, pequenos comerciantes proprietários de lojas de materiais esportivos, supermercados.

Esses arranjos permitem-me recorrer à etnografia de Simone (2004) sobre as práticas das pessoas na área central de Johannesburgo pós-política do *apartheid*. O autor argumenta que, durante o *apartheid*, Johannesburgo desenvolveu-se como uma cidade europeia cosmopolita na África, intencionalmente, apenas para um pequeno segmento da população [a minoria branca]. Todavia, quando houve o impedimento desse processo, protagonizado pela minoria branca, esse segmento debandou para condomínios fechados distantes, ao Norte da cidade. Nesse cenário, a área central ficou aberta para todos os tipos de habitação em que parcela significativa dos residentes da área central de Johannesburgo não residia há uma década. Em consequência, a ação, o respaldo institucional e o capital financeiro se tornaram limitados. Contudo, nesse contexto de desinvestimentos, o autor identificou que a maioria dos habitantes urbanos da África fez o possível, com sua vida simples, por meio de conjunções que geraram composições sociais variadas de capacidades e necessidades singulares, em busca de resultados máximos a partir de um conjunto mínimo de elementos em que eram permitidas possibilidades de combinação e troca que impediam qualquer julgamento definitivo sobre a eficácia ou as impossibilidades. Ao incluir suas particularidades crescentes - identitárias, de localização e meio de subsistência - na equação, os residentes urbanos geraram um senso de movimento que poderia tanto permanecer geograficamente limitado quanto percorrer grandes distâncias, processo esse denominado de “pessoas como infraestrutura” (SIMONE, 2004).

Com frequência, Márcio, Jorge e os demais colaboradores do projeto, organizavam ações concomitantes aos jogos de futebol no campo. No dia 06/10/2018, sábado, no quiosque foi organizado um espaço com cadeira, toalha, tesoura e máquina para corte de cabelo. No intervalo entre um jogo e outro, crianças e jovens dirigiam-se ao quiosque e cortavam o cabelo. Quem realizava os cortes era um jovem morador do bairro que possui um pequeno salão de corte na vila Nancy Pansera. Após ter conversado com Márcio, na semana anterior, o jovem me disse: “fizemos uma parceria com o pessoal da Igreja. Combinamos que enquanto rola os jogos vou cortando o cabelo da gurizada”¹⁹⁰. Nesse dia, havia cerca de 46 crianças e jovens jogando e/ou assistindo

¹⁹⁰Relato do jovem, em conversa que mantive com ele, no quiosque, enquanto ele cortava o cabelo de uma criança – Recordações de campo, 06/10/2018.

os jogos na arquibancada ou à beira do campo. Alguns deles, interagiam diretamente com o grupo que jogava, dando “dicas”, zoando, e outros torciam.



Figura 87: Corte de cabelo sendo realizado por um jovem habitante do bairro Guajuviras que possui um salão de corte de cabelo no bairro.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 88: Jogos de futebol do projeto TDC no campo da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Relato, aqui, uma conversa que mantive com uma moradora, à beira do campo, naquele dia. Em algum momento da manhã, enquanto assistia aos jogos, essa pessoa se aproximou de mim e passou a assistir aos jogos também. Tomei a iniciativa e

cumprimentei-a. Ela respondeu e iniciamos uma conversa. Disse-me, inicialmente, que o projeto era “legal” e que era “bom para tirar as crianças da rua”, que havia trazido seu filho [apontado o dedo para a criança que estava jogando] e que era a primeira vez que ele vinha para o futebol porque antes estava na capoeira [fazendo menção às oficinas de capoeira que também ocorriam aos sábados, no mesmo horário, em uma das salas do prédio administrativo da Praça], mas como não tinha dinheiro para pagar o exame de troca de graduação, ele desistiu. Perguntei-lhe o nome e ela respondeu: “Cida”. Prosseguimos a conversa e ela disse residir na vila Nancy Pansera. Seu filho, Andrei, nove anos, jogava futebol no campo. Sobre o tempo de residência no Guajuviras ela informou que morava lá há uns dez anos. Cida parecia à vontade em conversar comigo, e passou a me relatar situações de sua vida pessoal. Salientou que havia morado no bairro Niterói [outro bairro da cidade de Canoas] e pagava aluguel. Ao mudar-se para a vila Nancy Pansera, no Guajuviras, continuava pagando aluguel, porém um valor mais baixo. A casa em que, inicialmente, passou a viver, era de uma pessoa que, à época, a “invadiu”, mas já morava em outra casa, na mesma vila. Relatou-me que passava dificuldades financeiras, pois vivia somente da pensão do marido, já falecido, e moravam somente ela e seu filho Andrei, mas devido ao fato de ter que pagar o aluguel, a alimentação e roupa, o dinheiro da pensão não era suficiente. Cida, em visível desabafo, continuou relatando que desde 2011 estava inscrita para ganhar um apartamento [apontando para um condomínio residencial popular localizado nas proximidades da praça] e que até então não tinha sido chamada, e já tinha pensado “até em invadir”, mas não dava porque o apartamento estava sem janelas e portas, mas se estivesse pronto já teria entrado. Disse também que as casas desse condomínio residencial estavam tomadas por mato e desconfiava que não a chamassem devido à pensão que recebia e enfatizou: “mas como já te falei, só a pensão é pouco”. Em seguida, o jogo do qual seu filho Andrei participava terminou, e, imediatamente, Cida me disse: “Ah, vou aproveitar agora e cortar o cabelo do Andrei. Vou aproveitar que é de graça [risos]”, e se dirigiu até o campo. E de mãos dadas com seu filho foi até ao quiosque para o corte de cabelo¹⁹¹.

Essa rede que engloba e garante a oferta de jogos de futebol gratuitos [sem custos com pagamento de mensalidades ou ajuda de custo], em que os participantes dispõem de coletes para treino, uniformes específicos do projeto, bola em boas

¹⁹¹Recordações de campo, dia 06/10/2018.

condições de uso, oferta de lanches ao fim das atividades que não falha, e outros serviços eventuais, como corte de cabelo, corrobora novamente a etnografia de Simone (2004) na área central de Joanesburgo. O urbanista identificou, naquela área, uma experiência de regularidade capaz de ancorar os meios de subsistência dos residentes e as transações deles uns com os outros, em um ambiente de urbanização, entre outras questões fundamentais para a existência humana não garantidas pelo poder público pós-*apartheid*. Entre os diversos casos narrados em sua etnografia sobre as práticas das pessoas em Joanesburgo, Simone (2004) evidenciou o caso em que centenas de jovens, na estação rodoviária de Abidjan, atuavam, estabelecendo contínuas dinâmicas e conexões entre eles — condutores, carregadores de bagagem, vendedores de passagens, vendedores ambulantes, motoristas, frentistas e mecânicos. Nessa rede, cada jovem que conduzia passageiros até uma empresa específica fazia uma rápida avaliação das condições financeiras, das características pessoais e dos motivos das viagens dessas pessoas. Essa leitura determinava aonde o condutor levaria os passageiros em potencial, quem venderia as passagens, quem carregaria a bagagem, quem os acompanharia até os assentos, entre outras demandas, em um regime de colaboração organizada para maximizar a eficiência de cada trajeto, embora não existissem regras explícitas ou meios formais de pagamento para os condutores. Nesse cenário, destaca Simone (2004, p. 410), “apesar de cada rapaz transferir o controle do passageiro para a próxima pessoa na fila, a colaboração se baseia na capacidade de improvisado dos rapazes, não no seguimento de regras específicas”.

A partir do exposto, as atividades na PJ corroboram a etnografia de Simone (2004) ao evidenciar um campo social de interação constituído de modos de adaptação das ações dos frequentadores de maneira contínua para manter o espaço ocupado do jeito que compreendem suas potenciais formas de vivenciá-lo e utilizá-lo. Assim,

tal conjunção de atividades, modos de produção e formas institucionais heterogêneos constitui possibilidades altamente móveis e provisórias para a forma como as pessoas vivem e fazem coisas, como usam o ambiente urbano e colaboram umas com as outras (SIMONE, 2004, p. 410).

Outro fato aconteceu no dia 22 de dezembro de 2018, sábado, quando as atividades de futebol do projeto TDC foram suspensas por iniciativa de Jorge, Márcio e de parcela dos jovens participantes que, “cansados” de esperar por providências da PMC, organizaram e mobilizaram um mutirão para limpeza, manutenção e restauração do campo de futebol e seu entorno. Na semana que antecedeu o dia 22, no qual aconteceu o evento de encerramento do ano de 2018 que será narrado adiante,

combinações foram feitas sobre os materiais necessários que cada pessoa envolvida no mutirão pudesse levar no dia. Enquanto Jorge, Márcio e os jovens agendaram o horário e a lista de materiais necessários para a realização do mutirão, também me coloquei à disposição para estar presente e colaborar. Assim, coube-me a responsabilidade de levar o material necessário para a pintura das goleiras do campo.

Sábado, dia 22 de dezembro, dia do “mutirão”:

Cheguei à PJ às 8h. Conforme acordado, levei latas de tinta na cor branca, pincéis e rolos de pintura para pintar as goleiras do campo. Jorge levou tinta de outras cores, pincéis e rolos de pintura para pintar a arquibancada, além de vassouras e sacos para recolhimento de lixo. Alguns jovens participantes do projeto, entre outros membros da Igreja Novas de Alegria, trouxeram pás, inchadas, carrinho de mão. Ou seja, as pessoas envolvidas no mutirão eram vinculadas à igreja e ao projeto de futebol TDC dessa igreja. Momentos depois, outros jovens, que não estavam vinculados a esse projeto especificamente, mas eram usuários da PJ, onde também praticavam futsal na quadra e/ou estavam vinculados ao projeto Praça F.C, chegaram também para colaborar com o mutirão. Para Jorge, realizar a limpeza e a manutenção da PJ, especialmente no entorno do campo de futebol, nada mais era do que “cuidar e garantir as condições para o projeto e para outras pessoas que frequentam e vêm na praça”, pois, “se a gente não cuidar, quem é que vai cuidar?”. Assim, ao longo da ensolarada manhã de sábado, capina e corte da grama no entorno do campo foram feitos; os buracos presentes no campo foram tapados com areia; lixos espalhados na extensão da praça — tocos de cigarro, papéis de bala, fezes de animais — foram recolhidos; a arquibancada foi pintada. Entre uma “brecha” e outra, enquanto as ações de manutenção e reparos estavam concentrados na capina e recolhimento de lixo em torno do campo de futebol, crianças que também estavam envolvidas no mutirão aproveitaram o intervalo de tempo para esse descanso das atividades de manutenção do espaço da PJ e organizaram jogos com bola¹⁹².

¹⁹² Recordações de campo, dia 22/12/2018.



Figura 89: Crianças vinculadas ao projeto jogando bola durante um intervalo do mutirão de limpeza na Praça da Juventude.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 90: Outro registro das crianças vinculadas ao projeto jogando bola durante um intervalo do mutirão de limpeza na Praça da Juventude.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.

O mutirão iniciado no dia 22 teve continuidade e encerrou-se no sábado seguinte, dia 29, próximo das 12h30, com a pintura das goleiras realizada por Jorge e eu. Após o encerramento, o visual se apresentou significativamente oposto ao que era até então. E a ausência de manutenção e abandono foi consideravelmente minorada.

As práticas ocorridas nos dias 22 e 29 de dezembro de 2018, sábados, corroboram a ideia de De Certeau (2018) no que tange às ações táticas. O mutirão realizado na PJ, semelhante a outras práticas já mencionadas, caracterizava “maneiras de fazer” que jogavam com os acontecimentos e as condições estabelecidas. Ou seja, eram práticas que se faziam no cotidiano da PJ, resolvidas por ações táticas de apropriação do espaço público.



Figura 91: Jovens vinculados ao projeto TDC realizando capina e recolhimento de lixos no entorno do campo de futebol da Praça da Juventude durante o mutirão de limpeza.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 92: O Diácono Jorge da Igreja Novas de Alegria, um dos dois coordenadores do projeto TDC fazendo a pintura da arquibancada do campo de futebol da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 93: O evangelista Márcio, da Igreja Novas de Alegria, que também coordena o projeto TDC fazendo o aterramento do campo de futebol da Praça da Juventude para fechar os buracos.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 94: Um dos jovens vinculados ao projeto TDC ajudando no aterramento do campo de futebol da Praça da Juventude para fechar os buracos.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 95: Outros dois jovens vinculados ao projeto TDC ajudando no aterramento do campo de futebol da Praça da Juventude para fechar os buracos.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 96: O diácono Jorge e eu pintando uma das goleiras do campo de futebol da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 97: O diácono Jorge e eu pintando a outra das goleiras do campo de futebol da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 98: O diácono Jorge e eu pintando a goleira do campo de futebol da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 99: Goleira do campo de futebol pintada.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 100: Parcela do grupo vinculado ao projeto TDC que participou do mutirão de limpeza e revitalização do campo de futebol e seu entorno na Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Eventos alusivos às datas comemorativas também estavam presentes na programação das ações do Projeto TDC. Vários foram os eventos que pude acompanhar e participar junto aos participantes do projeto TDC. Entre essas ações que exemplificam como se estabelecem as associações que ocorrem por conta da ausência do estado foi o evento ocorrido no sábado, dia 15 de dezembro de 2018, denominado por Márcio e Jorge de “evento de encerramento do ano de 2018”. Essa atividade, narrada a seguir,

antecedeu o sábado que foi reservado ao mutirão de limpeza e manutenção do campo de futebol e seu entorno, já relatado acima.

Hoje, sábado, dia 15/12/2018, chego à PJ às 08h30 para acompanhar e participar da atividade de encerramento do ano do projeto TDC. Conforme Márcio e Jorge já haviam falado no último sábado, e de acordo com nossas conversas no decorrer da semana, a atividade de hoje consiste em um torneio de futebol envolvendo todas as crianças e jovens que participam do projeto, no qual, serão premiados com medalhas o 1º, 2º e 3º colocados e após, uma confraternização onde serão compartilhados refrigerantes, cachorro-quente, bolo, balas e pirulitos. Muitas das crianças e jovens vinculados ao projeto estão presentes. Mães, pais, entre outras pessoas habitantes do entorno da PJ também marcam significativa presença. A arquibancada está cheia. A coordenadora Alba também está presente na praça. A partir do número de crianças e jovens presentes, Jorge e Márcio organizam as equipes para os jogos. Equipes formadas e súmula com as disputas organizadas, os jogos iniciam. Ao longo da manhã, em um cenário de muita descontração, diversão, mas também de busca pela vitória, pois, nenhuma das equipes quer perder, a cada jogo, os expectadores, torcem, incentivam. Em campo, gargalhadas e sátiras às jogadas mal executadas, aliado a cobranças por melhor desempenho também são recorrentes (Recordações de campo, dia 15/12/2018).



Figura 101: Uma das partidas de futebol realizadas durante o evento de encerramento do ano de 2018.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 102: Outra das partidas de futebol realizadas durante o evento de encerramento do ano de 2018.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Encerrados os jogos, às 11h50, semelhante ao que acontecia em todos os sábados, as crianças e jovens reuniram-se no centro do campo para a oração. Após, as premiações iniciaram no quiosque com a entrega das medalhas. A convite de Márcio, fui uma das pessoas [além de Márcio e Jorge] que entregou medalhas para uma das equipes participantes. Após a entrega das medalhas, adquiridas com recursos próprios de Jorge, Márcio e de doações de outros colaboradores, foi servido o lanche. Porém, “o lanche de hoje é especial”. Foram servidos refrigerantes, bolo com o distintivo do projeto, balas. Além disso, Márcio fez a entrega das novas camisetas do projeto a todas as crianças e aos jovens vinculados ao projeto. Do mesmo modo que as medalhas, o lanche e as camisetas também resultaram de recursos próprios dos coordenadores do projeto, de doações dos pais das crianças, dos comerciantes locais e de outras pessoas que viam no projeto uma ação positiva “para tirar as crianças das ruas”, conforme o entendimento de Cida, ou como uma “oportunidade de acesso ao esporte”, segundo manifestação de Zé, morador do entorno e frequentador da PJ.



Figura 103: Momento da oração que ocorre sempre ao final de cada turno de atividades do projeto TDC.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 104: Registro com todos os jovens reunidos vinculados ao projeto TDC que participaram do evento de encerramento do ano de 2018.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 105: Após o encerramento dos jogos, as crianças e jovens sentados no quiosque da Praça da Juventude aguardando o recebimento das medalhas.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 106: Medalhas sendo entregue às crianças e aos jovens.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 107: Medalhas sendo entregue às crianças e aos jovens.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 108: registro com algumas das crianças e jovens após a entrega das medalhas.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 109: registro de outras das crianças e jovens após receber as medalhas.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 110: Crianças e jovens com as medalhas alusivas a participação no evento.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 111: O evangelista Márcio pegando o novo uniforme do TDC para distribuir a todas as crianças e jovens vinculados ao projeto.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 112: Bolo personalizado com o distintivo do projeto TDC.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 113: Bolo fatiado nos pratos e sendo distribuído aos participantes do evento de encerramento do ano de 2018 do projeto TDC.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 114: Crianças e jovens participantes do projeto após recebimento das novas camisetas de jogo do TDC.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Após a entrega das medalhas e camisetas, e da distribuição das fatias de bolo, dos pirulitos e balas, Márcio solicitou a atenção de todos no quiosque. Em sua fala, agradeceu a presença de todos, agradeceu a Deus por mais um ano de projeto, e projetou ações para 2019 [busca de mais apoio para fortalecer o projeto, novos uniformes, participação de equipes formadas por crianças e jovens em campeonatos e torneios citadinos]. Encerrada a confraternização, por volta das 13h, copos plásticos, garrafas vazias de refrigerante, pratos descartáveis usados para o consumo do bolo, papéis de bala, foram recolhidos por todos os presentes, e, despedindo-se, todos foram embora.

Outro dos instigantes dias foi o de 23/02/2019. Manhã de sol forte. Mais um sábado de jogos de futebol no campo da PJ. Coloco em relevo essa manhã de atividades, pois, especialmente nas últimas duas semanas ocorreu significativo afastamento da praça tanto por parte dos jovens quanto de Subversio e Alba. Subversio ocupava-se pontualmente de suas atribuições alusivas à segurança patrimonial, e Alba foi deslocada pela SMCT para atuar na coordenação do Hangar Cultural, durante as tardes de segunda a sexta-feira, para cobrir as férias do coordenador daquele espaço.

Naquela manhã de sábado, após às 9h, mais de 160 pessoas já se encontravam em campo e na arquibancada. Havia um número mais acentuado de pessoas em relação ao que acontecia, geralmente, aos sábados de jogos vinculados ao projeto porque

Márcio havia organizado jogos contra um “time de fora”¹⁹³. Quando cheguei, próximo das 8h45, já estava acontecendo um dos jogos entre os jovens do TDC. Mas a expectativa era para o jogo seguinte, o amistoso entre uma equipe formada por parcela das crianças e jovens participantes do projeto TDC contra um “time de fora”. Em seguida, o jogo das crianças com idade entre 12 e 13 anos do projeto TDC contra este “time de fora” formado por outras crianças e jovens com a mesma idade, também habitantes do bairro, iniciou. A equipe TDC estava fardada com seu novo uniforme, de cor verde, entregue por Jorge e Márcio na festa de final de ano, no dia 15/12/2018. Já o “time de fora” estava usando um uniforme com calções e camisetas de cor preta. A arquibancada estava lotada. Márcio era o árbitro do jogo. O “time de fora” foi orientado, à beira do campo, por duas pessoas simultaneamente. O sol estava forte. Outros participantes do projeto, mas que não estavam atuando nesse jogo, além de alguns pais e outras pessoas que assistiam ao jogo, buscavam algum refúgio nas sombras da arquibancada. A arquibancada tornava-se tanto o lugar para assistir aos jogos e torcer quanto para ‘fugir’ do sol “violento”, segundo as palavras de algumas dessas pessoas.

Em campo, o jogo mesclava seriedade com momentos de piadas e risadas dos próprios erros e brincadeiras recíprocas entre os praticantes. A posse da bola era intensamente disputada. Supostos “corpos moles” eram repreendidos tanto pelos que estavam jogando quanto, e, sobretudo, pelas pessoas que atuavam como técnicos e orientavam as equipes. O “time de fora” era constantemente orientado e cobrado pelos dois técnicos/orientadores, e as cobranças se acentuaram após o primeiro gol do TDC. Uma das crianças mais cobradas, chamada de “Nego” pelos orientadores, e que usava a camisa número 10, parecia ser a fundamental esperança de gols da equipe, e tornou-se o principal alvo dos orientadores. “Nego! Nego! A bola não tá pegando fogo! Te acalma!”, gritou um dos orientadores após Nego perder a posse da bola enquanto a conduzia. Em seguida, após uma criança da mesma equipe lançar a bola na área, na direção de Nego, que não conseguiu alcançá-la, Nego foi chamado à atenção novamente: “vai, Negoooo”, gritou o orientador ao mesmo tempo em que batia palmas para cobrá-lo. O primeiro tempo encerrou com a vitória parcial de TDC por 1 x 0.

¹⁹³“Time de fora” é como geralmente são nomeados os times que são formados por crianças e/ou jovens que não estão vinculados ao projeto, ainda que sejam todos habitantes do bairro Guajuviras e até mesmo habitantes do entorno da praça, como o Loteamento Pôr-do-Sol e a Vila Nancy Pansera.

No intervalo, algumas das crianças que jogavam se dirigiram ao bebedouro para beber água e molhar a cabeça na tentativa de amenizar a elevada sensação de calor; outras pegaram água gelada do cooler que estava na arquibancada enquanto algumas, simplesmente, sentaram-se onde havia sombra. Em seguida, os orientadores da equipe de fora reuniram seus jogadores em um dos lados do campo, enquanto Márcio, que atuava como árbitro, aproveitou o intervalo para orientar sua equipe [TDC] para o segundo tempo. Orientações dadas, o segundo tempo iniciou.

Segundos após o apito, em um ataque rápido, uma das crianças do TDC deslocou-se do centro do campo, driblou um, dois, três, quatro adversários, passou a bola para seu companheiro de equipe que fez o segundo gol: 2 x 0. Ao reiniciar o jogo, o jovem Alisson, que vestia a camisa 11 do “time de fora”, perdeu a posse de bola. De imediato, um dos orientadores falou: “vai Alisson! Pelo menos uma tu tens que ganhar”.

O jogo prosseguiu. As cobranças que até então estavam direcionadas a Nego, deslocaram-se para Alisson que também passou a ser chamado à atenção por parcela dos jovens que assistiam ao jogo da arquibancada: “vai Alison, vai Alisson!” Alisson começou a dar sinais de cansaço e passou a caminhar em campo. Outro orientador da equipe que observava Alisson substituindo os deslocamentos correndo pela caminhada, salientou: “tá passeando, Alisson?” Momentos depois, o “time de fora”, em uma cobrança de falta, marcou seu primeiro gol: 2 x 1. Jovens participantes do projeto TDC que estavam sentados ao meu lado na arquibancada se manifestaram: “esse jogo tá difícil!”, “tá igual”. Com o gol marcado, o “time de fora” passou a ter mais a posse de bola e a chegar com mais frequência próximo da área do TDC. No entanto, as cobranças prosseguiram: “vai John, vai John!”, gritava e batia palmas um dos orientadores para outra das crianças a fim de motivá-la. Em um dado momento, outra criança do “time de fora” sinalizou, por meio de gestos com as mãos, que queria ser substituída. Um dos orientadores questionou: “quer sair por quê?” – a criança respondeu: “estou cansado”. O orientador da equipe questionou novamente: “cansado do quê?”, em alusão ao suposto mau desempenho da criança até então. A criança prosseguiu jogando.

Nos instantes finais do jogo, as pessoas que estavam na arquibancada, em sua maioria crianças e jovens, passaram a torcer com mais veemência a favor do TDC: vaias a cada jogada do “time de fora”; solicitações a Márcio, que realizava a arbitragem, para encerrar o jogo, pois, o TDC estava vencendo por 2 x 1, e o incentivo às crianças se estenderam até o apito final. Jogo encerrado, a intensa comemoração, especialmente da

arquibancada pela vitória do TDC, veio em forma de aplausos, assovios e pulos. Em meio à euforia, um dos jovens participantes do projeto gritou: “viva! Aqui é TDC!”¹⁹⁴

Por fim, como acontece após o encerramento, Márcio reuniu as crianças e os jovens no centro do campo para a costumeira oração:

Márcio: Senhor,
 Crianças e jovens: Senhor,
 Márcio: Muito obrigado,
 Crianças e jovens: Muito obrigado,
 Márcio: Por mais este dia abençoado.
 Crianças e jovens: Por mais este dia abençoado.
 Márcio: Pelo alimento.
 Crianças e jovens: Pelo alimento.
 Márcio: Que tenhamos todos um ótimo final de semana.
 Crianças e jovens: Que tenhamos todos um ótimo final de semana.
 Márcio: Amém.
 Crianças e jovens: Amém (Márcio, crianças e jovens. Recordações de Campo, dia 23/02/2019).

As orações que ocorrem no encerramento de cada atividade de futebol na PJ se apresentam como prática disponível para o trabalho de socialização pretendido por instituições em seus projetos sociais e esportivos. Após a oração, todos se organizaram em fila, e os lanches, compostos por pão, doce cremoso e refrigerantes foram entregues pela mãe de uma das crianças. Em seguida, foram distribuídas balas a todos os demais presentes. Antes de ir embora, Márcio, na companhia de um dos jovens participantes do projeto, comunicou-me e convidou-me para acompanhá-los em um torneio de futsal que ocorreria no dia seguinte, domingo, dia 24/02/2019: “como tu está de tempo para amanhã Cristiano? Te pergunto por que amanhã temos um torneio no Canoense [Clube Cultural Canoense] a partir das 8h. Gostaríamos que tu fosse conosco”. Prontamente aceitei, oferecendo-me para ajudar no transporte do grupo: “posso chegar amanhã mais cedo e levar alguns dos guris, Márcio”. Márcio respondeu: “não precisa. Vai direto para lá. Já organizei o transporte de ida de todos. Talvez vou precisar da sua ajuda na volta para trazer alguns guris. Acredito que até o meio-dia [12h] já vai ter encerrado. Será um quadrangular. É rápido”. Após as combinações, me despedi e fui embora¹⁹⁵.

No dia seguinte, domingo, dia 24/02/2019, me dirigi até o Clube Cultural Canoense, localizado no centro da cidade de Canoas, para acompanhar os jogos da equipe no torneio de futsal e auxiliar o retorno para o bairro Guajuviras após o término. Para Márcio e os jovens do projeto TDC, a data era importante, pois, pela primeira vez,

¹⁹⁴Time de Cristo.

¹⁹⁵Recordações de campo, dia 23/02/2019.

os jovens participariam de um torneio de futsal, representando o TDC, fora das dependências da PJ. Cheguei por volta de 8h50. Ao entrar no ginásio do Centro Cultural estava ocorrendo uma partida de futsal masculino. Arquibancadas lotadas, nas duas laterais da quadra, de crianças, jovens e adultos. Na copa [bar] do Centro Cultural também havia pessoas sentadas em cadeiras, outras em pé, conversando e assistindo às disputas. Márcio e os demais jovens da equipe projeto TDC estavam sentados juntos em um dos espaços da arquibancada assistindo ao confronto que ocorria. Após cumprimentá-los, sentei-me junto ao grupo e perguntei a um dos jovens, Ruan, para que horário estava previsto o primeiro jogo do TDC, e o jovem respondeu: “esse que está rolando é o segundo jogo. O primeiro foi o nosso. Perdemos de 3 x 1”.

Permaneci junto ao grupo. O assunto majoritário naquele momento eram os equívocos cometidos no primeiro jogo, possíveis ajustes de posicionamento em quadra de acordo com a posição de cada um e estratégias para vencer o jogo seguinte. Em meio a isso, não faltaram chacotas e sátiras sobre o desempenho de alguns membros da própria equipe no jogo, os quais deixaram a quadra derrotados. Piadas e provocações — “é só chutar e se abraçar”, ou “engoliu um peru”, “o goleiro é fraco”, direcionadas ao jovem que atuou como goleiro no primeiro jogo — estavam presentes e eram motivo de diversão e descontração do grupo. Por sua vez, o jovem, alvo das piadas, rebateu com ironia: “tranquilo, quem quiser que vá para o gol e faça melhor (risos)”.

A partida seguinte iniciou. Era de futsal de mulheres, pois, o torneio ocorria, simultaneamente, nas modalidades masculina e feminina. Permanecemos na arquibancada assistindo aos jogos enquanto aguardávamos o próximo jogo do TDC. Foi interessante observar que alguns dos jovens ainda se surpreendiam com os recursos, capacidade técnica e leitura tática do jogo para decidir a melhor jogada em determinados momentos da partida por parte das gurias. “Bah, olha ali cara, aquela guria joga muito”, “olha só, nem o Itamar consegue fazer aquilo [em alusão ao jovem Itamar, membro do grupo que atuava na posição de ala esquerdo]”, eram algumas das manifestações na arquibancada. Os gritos de “ooh”, “eeh”, “olé” também partiam dos jovens na arquibancada nas jogadas que demonstravam mais habilidade, como a superação da marcação da jogadora adversária passando a bola entre as pernas, passes de calcanhar e embaixadinhas.

Encerrada a partida, as duas equipes femininas deixaram a quadra, e o TDC e a equipe adversária ingressaram. Márcio reuniu o grupo, comunicando quem seriam os

jovens que iniciariam jogando. Passou as últimas orientações e antes do apito inicial todos, com uma das mãos em cima das mãos dos companheiros de equipe, ecoaram o grito de “guerra”: “1, 2, 3, Cristo!” Posicionados na quadra, o segundo jogo do TDC iniciou. A equipe TDC iniciou bem o jogo. Troca passes com precisão e, conseqüentemente, chegou, com alguma facilidade, próximo da área adversária, contudo, errou nas finalizações. Finalizações com chutes para fora do campo, defesas do goleiro adversário e até uma bola na trave após intervenção do goleiro não permitiram a abertura do placar para o TDC. A equipe adversária, aos poucos, começou a encontrar espaços na quadra, até então ausentes em decorrência da boa marcação feita pelo TDC. Passados oito minutos, os jovens do TDC começaram a manifestar desgaste físico, e, conseqüentemente, a ocupar mais a sua quadra de defesa. Segundos depois, o TDC sofreu o primeiro gol. Márcio passou a orientar os jovens para que adiantassem a marcação, visando afastar a equipe adversária da sua área: “vamos, vamos, adianta, adianta a marcação”. Itamar, que jogava na ala esquerda, passou a ser um dos alvos da cobrança de Márcio e de alguns colegas de equipe, pois, parcela das jogadas da equipe adversária eram criadas no lado que ocupavam na quadra: “oh Itamar, chega junto!”, “tá passeando na quadra Itamar?” eram algumas das manifestações dos colegas de equipe, algumas em tom mais severo, outras em tom de piada. Aos onze minutos o TDC sofreu o segundo gol. De imediato, Márcio bateu palmas e gritou a fim de incentivar os jovens: “Tá bom! Vamos que ainda tem jogo!”

O jogo recomeçou, mas o cenário pouco se alterou. Os jovens do TDC erravam muitos passes, muitos em decorrência do cansaço. A equipe adversária permanecia trocando passes com velocidade e ocupando a quadra de defesa do TDC. Em uma intervenção na tentativa de passe da equipe adversária, a equipe TDC conseguiu avançar em um veloz contra-ataque na troca de passes entre Itamar e Kauê. O último passe de Itamar deixou Kauê na frente do goleiro para finalizar para o gol. Antes da finalização de Kauê, um dos jovens que estava no banco de reservas de antemão gritou “gol”, contudo, Kauê chutou e a bola foi pela linha de fundo. “Aaaah”, desabafou parcela dos expectadores e dos jogadores que estavam no banco de reservas, lamentando a perda do gol que muitos consideravam “impossível”¹⁹⁶ de perder. Faltando poucos segundos para o fim da partida, o TDC sofreu o terceiro gol. Fim de jogo: segundo jogo, segunda derrota do TDC por 3 x 0. Os jovens deixaram a quadra sob o incentivo de Márcio.

¹⁹⁶Recordações de campo.

Porém, um deles, Robson, cobrou, de maneira mais acentuada, empenho e correção de posicionamentos em quadra. Ao se acomodarem na arquibancada, Robson reclamou: “pô, tem que acompanhar a jogadas, tem gente que tá só olhando!” e complementou: “e tu [Itamar] tem que apoiar mais, tu não sais da defesa, tem que apoiar mais as jogadas de ataque”¹⁹⁷.



Figura 115: Imagens do segundo jogo do TDC no torneio de futebol no Clube Cultural Canoense.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 116: Imagens dos jovens no banco de reservas da equipe TDC.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

¹⁹⁷Recordações de campo.

Enquanto aguardavam o próximo jogo, os jovens assistiam a mais uma partida do futsal de mulheres. Algumas provocações foram retomadas. O jovem que jogava como goleiro permaneceu sendo um dos alvos das piadas: “tu tá que nem peneira (risos)”, disparou Mikael. O goleiro rebateu a provocação: “tu apanhas da bola o tempo todo! não acerta uma! Quer falar o quê? (risos de alguns jovens)”.

Pude observar, nesse cenário, e em todos os casos anteriores já mencionados, o fenômeno denominado por Gastaldo (2010) de “relações jocosas futebolísticas”, que ocorrem em reciprocidade, pois, aquele que é protagonista da ‘piada’, que ‘provoca’, que brinca’, hoje, “aceita de modo tácito a possibilidade de ser a vítima de amanhã” (GASTALDO, 2010, p. 314), ou, em momentos posteriores “furar” ou errar no jogo. Isso parece que também acaba por reduzir as possibilidades de hostilidades e cobranças mais acentuadas durante e após os jogos, pois a equipe do projeto TDC foi novamente derrotada no segundo jogo por 3 x 0.

No terceiro jogo, Márcio, novamente, antes do início da terceira e última partida do TDC no torneio, elegeu a equipe que sairia jogando e orientou-a taticamente. Em seguida, todos se abraçaram e Márcio falou palavras de incentivo em busca da vitória. Após as palavras de Márcio e a manifestação dos jovens, alguns solicitaram a proteção de Deus para evitar lesões, outros afirmavam que a vitória era possível, e outro disse que com qualquer resultado o grupo já era vencedor por estar participando do torneio. Por fim, todos, com uma das mãos em cima da mão do companheiro de equipe, ecoaram o grito de “guerra”: “1, 2, 3, Cristo!”

Todos se posicionaram na quadra, e o terceiro jogo do TDC iniciou. A equipe TDC venceu por 4 x 3. Contudo, devido aos resultados negativos nos dois primeiros jogos, o TDC não se classificou para a fase final.



Figura 117: Imagens de Márcio e os jovens do TDC em momento de troca de palavras de incentivo antes do início do terceiro jogo.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Encerrada a participação do TDC no torneio, após nos acomodarmos novamente na arquibancada, perguntei para Márcio se já nos organizaríamos para retornar ao bairro Guajuviras. Márcio respondeu: “os guris querem assistir as finais do feminino e do masculino que vai começar daqui a poucos minutos”. Respondi positivamente e disse que também ficaria até o encerramento para auxiliar no deslocamento do grupo de volta para o Guajuviras, conforme havíamos acordado no dia anterior. Assim, permanecemos e acompanhamos os jogos finais. Muita descontração na arquibancada. Os jovens ‘elegeram’ uma das equipes para torcer tanto no masculino quanto no feminino. ‘Eleitas’ as equipes, torceram, incentivaram, fizeram piadas, elogiaram as jogadas dos participantes dos jogos finais de ambos os gêneros.



Figura 118: Imagens de momento de descontração na arquibancada do ginásio do Centro Cultural Canoense, após o encerramento da participação do TDC no torneio, enquanto assistíamos as finais dos jogos feminino e masculino.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Ao fim do torneio, nos dirigimos até a rua e organizamos o retorno de todos. Alguns jovens acomodaram-se no veículo de Márcio; outros no veículo de um dos moradores do bairro Guajuviras que também acompanhou o TDC no torneio, e Ruan, Kauê, Mikael e Ederson decidiram retornar em meu veículo. Após nos acomodarmos no veículo, o jovem Ruan perguntou: “O, Cristiano, não tem uma música aí?” – “Tenho, sim”, respondi. Em seguida, abri o porta-luvas do carro, peguei o rádio com entrada para CD e o instalei no espaço que lhe era reservado, dizendo aos jovens: “fiquem à vontade! Se alguém quiser colocar em uma rádio do gosto de vocês, fiquem à vontade”. Seguimos pelas ruas e avenidas da cidade em direção ao bairro Guajuviras. O jovem Ruan, que está sentado no banco do carona ao meu lado, se manifestou: “vou colocar um pagode”. Ao sintonizar uma rádio que tocava pagode, o jovem deixou tocar. Momentos depois, o jovem Ederson solicitou a troca de estação: “O, negão [Ruan], troca a rádio aí”. Ruan atendeu a solicitação e passou a procurar outras estações, até sintonizar uma rádio que tocava o que passou a nomear, popularmente, de “sofrência”, uma variação da música sertaneja que canta histórias de amor, traições, saudades, termos conturbados de relacionamentos. Ao sintonizar nessa rádio, o jovem Ederson gritou: “Aí, deixa aí”. Com o veículo em movimento, Ederson levantou-se do banco onde estava sentado e aumentou significativamente o volume. E assim nos deslocamos até a PJ, no Guajuviras, com os jovens todos cantando do início ao fim todas as músicas que iam tocando desse gênero musical, aliado a provocações, brincadeiras e gritos

direcionados a algumas pessoas que transitavam por algumas das ruas que percorremos. Esse acontecimento me chamou a atenção, pois, os jovens conheciam a letra de todas as músicas que ouvíamos, uma após a outra, do início ao fim.

Essa identificação musical evidenciada no retorno do ginásio de esportes para o bairro é mais um caso que pode caracterizar a diversidade experimentada pelos jovens em sua vida, em contraponto ao discurso hegemônico que faz um registro de suas carências e faltas que cercam o universo juvenil, criando uma imagem estigmatizada dessa categoria social, de modo especial dos habitantes das periferias urbanas. “Tal fato, deve-se, em especial, à possibilidade de a música tocar sentimentos e desejos, por meio de suas letras, ritmos ou movimentos corporais que suscita” (ROSA et al., 2007, p. 3). Essa preferência colabora para a problematização no tocante à tendência de parcela das políticas públicas destinadas às juventudes que a tomam como um todo homogêneo. Seu contexto, apesar de apresentar certa preponderância¹⁹⁸, não permite atropelar as realidades e estabelecer uma identidade unificada e totalizadora.

Quando nos aproximamos do bairro Guajuviras, um dos jovens ensaiou uma provocação/brincadeira a uma mulher que caminhava pela rua, aparentando 50 ou 60 anos. Ederson orientou: “Ô, gurizada, não! Estamos chegando na nossa quebrada [lugar onde moramos] aqui não vamos e não cabe mexer com ninguém”. Em seguida, perguntei aos jovens onde queriam que eu os deixasse para que cada um pudesse ir para casa. Um deles pediu-me para acessar uma rua estreita de chão batido, à direita da rua que estávamos percorrendo: “Aí, ó, entra nessa rua mesmo”, disse um dos jovens ao mesmo tempo em que sinalizava com as mãos. O local que acessamos era a Vila Nancy Pansera. Ao acessar a vila, a euforia dos jovens se acentuou. Passaram a querer chamar mais atenção com brincadeiras, piadas, cumprimentos, gritos, e essas manifestações duraram todo o período que percorremos algumas das ruas e vielas da vila. Em algum momento, quando passamos por uma das ruas, Ederson solicitou que eu parasse o veículo: “Ô, negão, espera, espera. Encosta do lado dela, aí”. O jovem referia-se a uma mulher que caminhava pela rua acompanhada de duas crianças. Reduzi a velocidade do veículo e parei ao lado dela. A mulher direcionou o olhar para o interior do veículo, sorriu e falou: “Oi! Vocês estavam jogando [futebol]?” – “sim”, responderam os jovens,

¹⁹⁸Ao longo da pesquisa etnográfica, observo que os jovens que praticam futebol na PJ, em sua maioria, identificam-se com o gênero *funk*, mas também há jovens identificados com o *rap* e com a variação da música sertaneja, popularmente nomeada de “sofrência”.

“lá no centro de Canoas”, complementou Ederson. “Bah, que legal! Parabéns!” respondeu a mulher.

Continuei dirigindo. Os jovens me orientavam sobre caminhos alternativos para chegarmos até a PJ. As brincadeiras, piadas e cumprimentos direcionados às pessoas que estavam nas ruas continuaram. Ao passarmos por uma das ruas, visualizamos uma mulher que caminhava em sentido contrário. Um dos jovens, ao visualizá-la, chamou a atenção dos demais: “Agora é ela, vamos lá”, disse ele, com a expectativa de cumprimentá-la ou dizer qualquer outra coisa para chamar a atenção. De imediato, Ederson alerta: “Não! Ela não! Não é para mexer! Ela é ‘b***’! fica quieto!” – ao passarmos por ela, o silêncio foi total. Então perguntei: “O que é ‘b***’ pessoal?” – Ederson respondeu: “Ela é mulher de um dos b***¹⁹⁹. Com esse pessoal não dá para brincar!”. Ao final daquela rua, por onde passamos pela suposta ‘b***’, entramos à esquerda que dava acesso à outra ruela de chão batido, a qual faz um contorno à direita, e saímos na rua 12, no Loteamento Pôr-do-Sol, onde estão localizados os Conjuntos Residenciais oriundos do Programa Minha Casa, Minha Vida. Um dos jovens solicitou que eu o deixasse em frente a um dos Conjuntos Residenciais. Parei o veículo, o jovem despediu-se de todos nós, desceu e caminhou em direção a uma rua estreita asfaltada, a qual separa um residencial do outro. Ao ver o jovem entrando nessa rua, Ederson, aos risos, comentou: “Bah, olha só onde o negão mora... mora bem na banda dos bala (risos). Os bala estão por aqui também!” De imediato, o jovem rebateu a fala de Ederson: “Que nada, não tem bala nenhum aqui! Não viaja”. Em seguida, perguntei aos demais jovens onde desejavam que eu os deixasse. Mikael sugeriu a PJ: “Pode ser na Praça. Ali fica bom para todos nós”. Os demais concordaram. Assim, seguimos para a PJ. Ao chegarmos, estacionei o veículo, os jovens desceram: “Valeu, negão, obrigado! Até a próxima”, disseram os jovens. Em seguida, fui embora²⁰⁰.

No dia 20 de abril de 2019, sábado, aconteceu o evento nomeado “Festa de Páscoa”. Planejado e organizado por Jorge e Márcio, a ação alusiva à Páscoa viabilizou-se graças a doações de pais, comerciantes locais, de recursos próprios de Jorge e Márcio e voluntários que se disponibilizaram a realizar atividades artísticas e esportivas. Cheguei à PJ às 8h20, e já havia uma partida de futebol do torneio em andamento. A

¹⁹⁹ O jovem refere-se a um grupo organizado que atua de maneira pulverizada em diferentes regiões do RS na disputa contra outros grupos e gerenciamento de pontos para o comércio de drogas.

²⁰⁰Recordações de campo, 24/02/2019.

arquibancada estava cheia. Crianças e jovens assistiam sentados, outros em pé enquanto aguardavam sua vez para jogar. Muitos pais, entre outras pessoas que residiam no entorno da praça, ocupavam os espaços da arquibancada, assistindo e torcendo. A festa também contou com a presença de um atleta profissional de Artes Marciais Mistas (MMA), Nilton Galvão, morador de Canoas, o qual, simultaneamente aos jogos de futebol, realizou oficina de vivência dos fundamentos básicos dos esportes de combate em um tatame colocado no quiosque. Muitas das crianças e jovens permaneceram, ao longo da manhã, na oficina de lutas, outras, nos intervalos de seus jogos no campo de futebol, dirigiam-se ao quiosque para vivenciar a atividade no tatame. Cada partida de futebol tinha duração de 15 minutos. Muitas partidas foram jogadas. A alegria, a torcida e as provocações constituíam o cenário da arquibancada. Entre as linhas do campo, os jogos mesclavam diversão, descontração e seriedade, pois, ao mesmo tempo em que os presentes zoavam das jogadas mal realizadas dos companheiros da própria equipe, e das equipes adversárias, as cobranças por empenho e desempenho eram igualmente manifestadas.

O torneio de futebol encerrou às 11h40, e a oficina de lutas também já havia encerrado. Márcio solicitou a todos os presentes que se dirigissem até a frente do quiosque, onde já estava posicionado, com um microfone na mão e uma caixa de som ao seu lado, o convidado Jeferson Gilberto Ferreira, o Zé 10bravador, residente da cidade de Esteio/RS, que, a pedido de Márcio, veio à PJ para realizar uma atração musical. Zé 10bravador é *rapper* e desde que, segundo suas próprias palavras, “eu me livrei das drogas”, passou a compor e a cantar rap gospel. Diante de todos os presentes, posicionados entre o quiosque e o campo de futebol, o *rapper* apresentou-se, agradeceu o convite de Márcio para a festa e, em seguida, fez um depoimento sobre sua relação com as drogas e bebidas alcoólicas.

Deus mudou totalmente a minha vida. Eu fui usuário de crack até os meus vinte e um anos. Minha adolescência toda eu passei bebendo, me drogando, roubando, fazendo tudo aquilo que desagradava a Deus, desagradava a minha mãe. Minha mãe sofreu muito por minha culpa, eu nunca obedeci a ela, sempre fui mau caráter, eu sempre desrespeitei minha mãe, mas a palavra do senhor diz também que se você crê no senhor Jesus será salvo tu e a tua casa. Eu creio que essa oportunidade que vocês estão tendo hoje de ouvir falar um pouquinho do senhor Jesus não é em vão não. Vocês podem viver toda uma vida depois até mesmo longe dos caminhos do senhor, mas vai ter um momento que você vai se deparar e você vai se lembrar dessas palavras que estão sendo ditas aqui todos os sábados. O senhor Jesus que a gente veio falar, que os irmãos falam para vocês todos os sábados é um Jesus real, não é um Jesus que está lá longe. Não é um Jesus vingativo que castiga àqueles que não seguem ele, não! É um Jesus amoroso! É um Jesus bondoso! É um Jesus que está ali pronto para você falar com ele. Ele ouve a tua oração. Se você

dobrar o seu joelhinho no quarto e falar com ele eu tenho certeza que ele está ouvindo. Em toda a minha trajetória fazendo tudo de errado, eu fui preso, eu conheci o senhor Jesus. O primeiro dia que me falaram dele para mim, eu até não acreditei, tirei sarro, dei risada [...] mas naquele mesmo dia que foi pregado Jesus para mim eu entendi. Jesus falou comigo naquele momento e mudou minha história. Depois daquele dia aos vinte e um anos eu nunca mais fumei pedra, eu nunca mais bebi, eu nunca mais fiz as coisas erradas que eu fazia antes. Mas por quê? Por que eu era da Igreja? Não! Porque eu não tive mais vontade, eu não tenho mais vontade hoje de fumar pedra. Eu não tenho mais vontade de beber. Eu não tenho mais vontade de fazer as coisas erradas.

O *rapper* prosseguiu seu depoimento, dizendo para as crianças, jovens e demais presentes:

E que vocês hoje possam ter essa certeza. Que esse Jesus é um Jesus vivo, um Jesus real, um Jesus que pode realizar o sonho de cada um de vocês. Eu creio! Não sei como é que está sua casa, como é que é a sua família, mas se você se dedicar, se você honrar o seu pai, a sua mãe, eu tenho certeza que Jesus tem algo muito melhor para você. Eu não sei o que você passa, mas esse Jesus conhece você antes mesmo de você nascer ele conhece você. Amém?

E concluiu:

E para não tomar muito o tempo de vocês eu vou cantar uma música só, está bom? Estão gostando aí do torneio, como está? Quem é o melhorzinho? (risos do 10bravador e todas as crianças e jovens erguem os braços e gritam “eu” em resposta à pergunta do *rapper*) (Rapper 10BRAVADOR, 20/04/2019).

De imediato, o ritmo da música começou a tocar na caixa de som e 10bravador de posse do microfone iniciou sua rima cantando “para àqueles que estão cansados e sobrecarregados, conhecereis a verdade e a verdade vos libertará, vos libertará, vos libertará”²⁰¹. Mesclado à rima do *rapper*, o *backing vocal*²⁰², presente no ritmo da música, repetidas vezes salientava “vem seguir a Jesus”, e, na sequência, a rima do *rapper* reforçava a mensagem proposta na música: “Ele é a verdade que liberta, Ele é a verdade, a verdade que liberta. Vinde a mim todos que estão cansados”²⁰³. Atentos, as crianças e jovens acompanhavam a apresentação de 10bravador. Alguns deles batiam palmas, outros dançavam embalados pelo ritmo da música, e outros, simplesmente, assistiam. Jorge, Márcio, entre outros membros da Igreja Novas de Alegria, também acompanhavam atentos à apresentação do *rapper*. Ao fim da música, houve intensos e

²⁰¹Letra da música composta e rimada ao vivo pelo *rapper* 10bravador. (Recordações de Campo, 20/04/2019).

²⁰²*Backing vocal* ou vocal de apoio são músicos que dão apoio para o solista, os quais têm a função de criar harmonia entre as vozes nas canções, no entanto, sem se sobressair à voz principal.

²⁰³Letra da mesma música composta e rimada ao vivo pelo *rapper* 10bravador. (Recordações de Campo, 20/04/2019).

longos aplausos para 10bravador. O *rapper* reiterou seus agradecimentos pelo convite em participar da festa e colocou-se à disposição para participar de outras ações do projeto TDC.

Logo, Márcio solicitou a todos que se acomodassem na arquibancada para prestigiar o jogo de futebol previsto na programação. Uma das equipes era composta por integrantes da Igreja Novas de Alegria e convidados contra a equipe formada por alguns jovens participantes do projeto TDC e Praça F.C. O *rapper* 10bravador e eu estávamos entre os convidados da equipe dos integrantes da Igreja. O jogo iniciou. Enquanto acontecia a partida de futebol, alguns pais e outros integrantes da Igreja organizaram, no quiosque, a mesa com os copos, pratos descartáveis e talheres de plástico para servir o refrigerante e o bolo feito pela mãe de um dos jovens participantes do projeto TDC. O saco com pequenos pacotes recheados de balas e chocolates também foi colocado ao lado da mesa para distribuição. Em outra mesa improvisada, havia uma bacia com cachorros-quentes e refrigerantes.

Durante o jogo, apesar do ambiente de significativa diversão, a bola foi seriamente disputada, pois, ser derrotado é se submeter às provocações e pilhérias dos vencedores. O primeiro gol do jogo foi marcado por mim que, após o passe de Jorge, toquei a bola entre as pernas do jovem Itamar que estava na minha frente e ao passar por ele chutei para o gol. Em menos de dois minutos os jovens empataram e viraram o placar, 2 x1. Como salientaram os próprios jogadores em campo, passados alguns minutos eu já não conseguia “sequer ver a cor da bola”²⁰⁴, pois a velocidade e o entrosamento dos jovens que jogavam juntos no projeto TDC, nas resenhas e torneios do Praça F.C e nos jogos resultantes dos encontros diários na quadra poliesportiva da praça eram evidentes. Momentos depois, empatamos o jogo, com gol de Wellington: 2 x 2. Os jovens fizeram o terceiro gol. As provocações se acentuaram: “vão perder”, “já era”, “treina mais e depois marca outro jogo”, ocorriam não só dentro de campo entre os que estavam jogando, mas também no seu entorno por parte dos que assistiam ao jogo. Os jovens passaram a trocar passes entre eles sucessivamente, sem a intenção de ocupar o campo de ataque para fazer o gol, apenas para ficar mais tempo com a posse da bola. As crianças e jovens que assistiam à cena passaram a gritar “olé, olé, olé”. O tempo previsto de jogo se estendeu. Os jovens mantinham, majoritariamente, a posse da bola enquanto nós corríamos na tentativa de recuperá-la. Em um erro de passe no setor de

²⁰⁴Recordações de Campo, 20/04/2019.

meio campo, Márcio recuperou a bola, passou para 10bravador que a recebeu e a passou para Anderson na lateral esquerda que avançou conduzindo a bola até a linha de fundo e cruzou para a área. Márcio que havia iniciado e acompanhado toda a jogada, recebeu a bola, dominou-a e chutou: “Feitoooo”. Gol da nossa equipe. Placar de 3 x 3. Márcio, imediatamente, solicitou a Wellington, que havia cedido seu lugar no jogo e assumido a arbitragem, para encerrar o jogo: “Encerra Wellington. Acabou!” – Wellington apitou e gesticulou, sinalizando o fim do jogo. De imediato, alguns dos jovens, fingindo indignação, outros realmente surpresos com o encerramento súbito do jogo, partiram na direção de Wellington questionando: “O que é isso Wellington?” – “qual é a tua? – Alguns dos jovens desferiram empurrões em Wellington que se desvencilhou devolvendo os empurrões e dizendo: “sai fora meu”, “já era”, “se liga”, “acabou, pronto! Acabou”. Márcio interveio: “acabou gurizada, acabou. Sem choro!” O jovem Itamar, em visível desacordo com o fim do jogo, bradou: “Ah, assim não dá! Vocês arregaram! Isso é medo de perder o jogo”. A tensão construída na situação fez com que participantes de ambas as equipes tentassem harmonizar o momento: “Valeu a brincadeira pessoal”, “estava show!”²⁰⁵.

A tensão cessou. Trocas de abraços, gargalhadas, conversas paralelas, zombarias acerca do jogo aconteceram. De imediato, Márcio solicitou que todos se reunissem no centro do campo para a oração de agradecimentos. Após, houve a premiação, com entrega de medalhas para o primeiro e segundo colocados por categoria do torneio. Em seguida, todos foram convidados para o lanche que já estava disposto nas mesas do quiosque. Inicialmente, os cachorros-quentes foram distribuídos por uma das mães voluntárias. Diante da intensa aglomeração de crianças e jovens, passei a servir os copos com refrigerante que estavam na mesma mesa. Dispostos em fila, as crianças e jovens recebiam o cachorro-quente da mãe voluntária enquanto eu servia o refrigerante nos copos. A seguir, a bacia vazia de cachorros-quentes cedeu lugar ao bolo e mais garrafas de refrigerantes. As fatias, colocadas nos pratos, foram entregues aos presentes na festa. Concomitantemente, Márcio entregou a cada uma das crianças e jovens um pacote com balas e chocolates. Permanecemos mais algum tempo conversando. Momentos após, o lixo produzido [copos e pratos descartáveis usados, embalagens de balas e chocolates] foram recolhidos, e as pessoas, paulatinamente, deixaram a PJ, e às 12h50 a festa se encerrou.

²⁰⁵Recordações de campo, 20/04/2019.



Figura 119: Panfleto de divulgação e informativo confeccionado por Márcio, divulgado pelo evangelista via *Facebook* e *WhatsApp*.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 120: Atleta de MMA Nilton Falcão ministrando vivência de lutas para as crianças e jovens vinculados ao projeto TDC.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 121: Atleta de MMA Nilton Falcão ministrando vivência de lutas para as crianças e jovens vinculados ao projeto TDC.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 122: Um dos jogos de futebol ocorrido no dia do evento.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 123: Registro do time formado por alguns jovens, Márcio, Jorge, 10Bravador, outros colaboradores do projeto e eu, após sermos “desafiados” por outros jovens participantes para jogar contra no dia do evento.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 124: O rapper 10bravador dando o seu testemunho às crianças, jovens e demais presentes no evento.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 125: O rapper 10bravador cantando uma das suas composições gospel para o público presente.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 126: Algumas crianças e jovens expondo suas medalhas recebidas.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 127: A mãe de uma das crianças participantes do projeto distribuindo os cachorros-quentes para as crianças e jovens.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 128: A mesma mãe de uma das crianças participantes do projeto distribuindo o bolo.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 129: Crianças e jovens com seus pacotes de balas e chocolates recebidos.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.

As práticas descritas nas seções do presente capítulo contemplam arranjos implicados pela polifonia de associações e agências – os jovens – a bola – a gestora da PJ - o guarda - os religiosos, pais, comerciantes, cabeleireiro, residentes simpatizantes do projeto – que evidenciam a constituição do espaço por meio de associações ao promover encontros regulares para a prática de futsal/futebol, mutirões, concertos, adaptações, limpeza, interações em eventos e festas promovidos. Essas práticas, às vezes, extrapolam o espaço da PJ, através dos jogos amistosos, torneios, campeonatos em um cenário em que “as inscrições são para aqueles que sabem ler o muro” (MAGNANI, 2005, p. 191) e jogar constantemente com os acontecimentos para transformá-los em “ocasiões” no âmbito de um espaço pensado e que serve, concomitantemente, para a garantia acerca de certas ações que o estado projetou e prometeu, se apresentando constituído de práticas que se combinam fora da ação estratégica (DE CERTEAU, 2018).

Assim, todas as práticas e experiências de lazer produzidas e elencadas ainda no capítulo 5 e nas seções do presente capítulo evidenciam, no cenário de desinvestimento e abandono do espaço público cultural, esportivo e de lazer praticado pelo governo municipal, a emergência de uma infraestrutura viva a partir de associações que podem ser denominadas locais ou curtas. Essas associações reverberam nas práticas populares das Mulheres do Crochê, nas práticas das crianças e jovens, tanto quanto no engajamento do guarda Subversio, da gestora Alba, do Grupo TIA e dos evangelistas Jorge e Márcio.

CAPÍTULO 7

DESINVESTIMENTOS E EXIGUIDADES: AS PRÁTICAS DE UM PODER INDICATIVO

7.1 “Fecha a Praça!”

Ao longo da madrugada do dia 22 de janeiro de 2019, terça-feira, cabos e fios da rede que iluminava os espaços e fornecia energia elétrica à PJ foram furtados e transportados em uma carroça, segundo o relato do guarda que estava de plantão naquela noite. Na quinta-feira, 24 de fevereiro, dia de calor intenso, ao chegar à praça encontrei Alba e Subversio sentados em frente à porta que dava acesso secundário ao prédio administrativo. Alba suava intensamente. Após os cumprimentos, a gestora de imediato passou a relatar-me o ocorrido na madrugada do dia 22 de janeiro: “Cris, estamos totalmente sem luz”, disse, e relatou o furto dos cabos e fios da rede, inclusive os cabos subterrâneos haviam sido cortados e levados, “acredita?” – enfatizou! E esse era o motivo de estarem sentados na porta secundária de acesso ao prédio, pois “está insuportável ali dentro”, sem ar condicionado. E não dava para trazer os alimentos dela, do Subversio e dos demais plantonistas do dia, pois a geladeira estava desligada. Alba comentou que todos os alimentos que poderiam estragar foram recolhidos e levados para a casa dela. Em seguida, convidou-me a acompanhá-la para “mostrar o estrago”²⁰⁶.

Sáímos em direção ao local onde cabos e fios haviam sido violados e furtados. A porta da cabine que concentrava esses cabos e fios de alta tensão estava arrombada, amassada e sem o cadeado. No seu interior, cabos e fios estavam rompidos, arrancados. No piso havia pingos e poças de sangue, o que indicava que as pessoas que efetuaram o furto feriram-se bastante. Mais adiante, no piso da praça, entre a cabine e a pracinha, havia um bueiro por onde também passavam os fios. Nesse bueiro, onde havia uma concentração significativa desses fios, todos foram arrancados e levados.

Visivelmente apreensiva Alba demonstrou pessimismo em relação ao porvir da praça, pois, naquela manhã da terça-feira, dia 22 de janeiro, imediatamente após o acontecido na madrugada, ela havia contatado com a Secretaria de Cultura para

²⁰⁶ Recordações de campo, dia 24 de janeiro de 2019.

informar o ocorrido e pedir providências para o restabelecimento da energia elétrica interna e iluminação dos outros espaços da PJ. A gestora salientou que os agentes da secretaria haviam prometido enviar profissionais para fazer um levantamento dos estragos e encaminhar os consertos. Contudo, disse a gestora, “já faz dois dias e até agora ninguém apareceu”, e que “é sempre assim”, e que às vezes a sensação é de “que eles querem abandonar de vez essa praça, tamanho é o descaso”. A gestora salientou que a atenção que os agentes do governo municipal dispensavam ao espaço público era de que a “praça é um custo que o governo não quer”. Em tom de desabafo, Alba complementou: “não é de hoje que já nos abandonaram. Já estou cansada...”²⁰⁷.

Subversio, que estava junto de Alba, disse que já havia alertado a gestora, pois, na compreensão dele, a intenção dos agentes da PMC era que ela desistisse da função de gestora para encerrar por completo todo e qualquer investimento e responsabilidade com a PJ. O guarda ainda salientou que, do seu ponto de vista, não havia preocupação e interesse do poder público em investir “em uma praça que fica no fundão” e “afastado de tudo” porque “isso não dá votos”. Alba complementou a compreensão de Subversio ao dizer que “acho que mais cedo ou mais tarde essa praça vai acabar...”²⁰⁸.

Algumas das vivências mais emblemáticas ocorreram na semana do dia 11/02/2019 a 15/02/2019, vinte dias após o furto de cabos de alta tensão e fios da rede que fornecia iluminação e energia elétrica a todos os espaços internos e externos da PJ. No dia 11/02, segunda-feira, cheguei à PJ às 15h. Ao passar pelas escolas municipais Paulo Freire e Anísio Spínola Teixeira, localizadas na rua Ernesto Che Guevara, seguindo via rua Irmão Thiago, após a curva, já era possível visualizar a PJ. Ao passar pela curva e visualizar a quadra poliesportiva da praça, surpreendi-me com algo que até então, naqueles três anos de andanças, observações e vivências, ainda não havia constatado *in loco*: a quadra completamente vazia. Faço essa ressalva, pois, salvo a noite, nos últimos dois anos, diante da escassa iluminação, havia frequentemente muitos jovens na quadra jogando futsal, seja nos seus encontros diários, ou envolvidos nas partidas e/ou torneios organizados por Alba e Subversio. Mas não era somente a quadra: todos os outros espaços da praça estavam completamente vazios. Como a quadra estava vazia, me dirigi até o prédio administrativo que estava fechado e às escuras. Bati à porta. Da sala que fica ao lado da cozinha surgiu o guarda que estava de serviço naquele

²⁰⁷ Recordações de campo, dia 24/01/2019.

²⁰⁸ Recordações de campo, dia 24/01/2019.

dia. Ele caminhou em direção à porta, porém não a abriu. Eu não o conhecia. Ele me cumprimentou do seu interior. Perguntei por Alba. “Ela não está” - respondeu ele. Perguntei se Alba retornaria logo e ele respondeu que até às 16h a gestora possivelmente já estaria de volta. Então, lhe solicitei que a informasse sobre a minha presença na praça naquele dia e ele responde positivamente. Essa breve conversa entre o guarda e eu se desenrolou tendo a parede e a porta do prédio administrativo que são de vidro como uma barreira entre nós, pois, ele não esboçou nenhum movimento para abrir a porta. Após esse diálogo fui embora.

Já no dia 13/02, quarta-feira, cheguei à PJ às 14h. Ao chegar ao quiosque, localizado ao lado do campo de futebol, lá estavam três jovens sentados em um dos bancos quebrados, um ao lado do outro, conversando e assistindo a algo em um telefone celular. O prédio administrativo estava fechado e permanecia às escuras, como na segunda-feira, e todos os demais espaços da praça continuavam sem energia elétrica. Bati à porta do prédio na expectativa de que alguém me atendesse. Não ouvi qualquer barulho. Insisti, batendo mais algumas vezes. Nenhuma pessoa apareceu. Alba, assim como na segunda-feira, dia 12/02, não estava presente. O guarda Subversio também não se encontrava lá naquele momento. Fui em direção à quadra poliesportiva. Na arquibancada da quadra, os jovens Dhyonatan, Jean, Carlos e Luciano conversavam. No interior da quadra outros dois jovens jogavam ‘gol a gol’. Não era comum, mas, análogo à segunda-feira, a quadra estava praticamente vazia, sem jogos, sem partidas de futsal ou, como diziam os jovens frequentadores da quadra de esportes da praça, sem “resenhas”. Só não estava totalmente vazia porque os dois jovens ‘batiam bola’ no seu interior.

Cheguei à arquibancada da quadra. Os jovens e eu trocamos cumprimentos e ali permanecemos conversando sobre variados assuntos: futebol, política, violência... Por conseguinte, perguntei se haviam obtido retorno de Alba e Subversio sobre a realização ou não do torneio de futsal previsto há mais de trinta dias para o próximo sábado, dia 16/02. Dhyonatan respondeu que “tá ruim...difícil, acho que não vai rolar”, que “a praça está sem luz desde que roubaram os fios”, e que “até agora não foi resolvido”, e ele foi enfático ao dizer que era complicado realizar um torneio, pois sequer “dá pra tomar uma água gelada, guardar um lanche, gelar uns refrigerantes”. Aproveitei o ensejo para perguntar pelos demais jovens que há alguns dias não compareciam à quadra e que na segunda-feira eu não havia encontrado ninguém ali.

Dhyonatan respondeu que “a gurizada tá devagar” devido ao problema total da ausência de energia elétrica e iluminação. “Nem bola a gente tem mais”, salientou o jovem, pois a bola que tinham à disposição, disse, havia sido furtada (Dhyonatan referia-se à bola disponível aos usuários da praça que ficava guardada no prédio administrativo, e que diariamente era entregue aos jovens por Alba ou Subversio), e que outra questão que havia impactado a presença dos jovens na PJ era uma “boca nova” (ponto de comércio ou tráfico de drogas), disse Dhyonatan, apontando para a vila Nancy Pansera, porque “a galera está evitando passar por ali”. O jovem lastimou os acontecimentos ao dizer que “sem campeonato, sem bola que roubaram e mais a boca, não tá rolando nem uma resenha”²⁰⁹. A nossa conversa prosseguiu, e Dhyonatan questionou se o presidente que assumiu, em janeiro de 2019²¹⁰, “vai conseguir resolver esses problemas todos”. Eu como professor, ao estar conversando sobre essas problemáticas que têm afetado a praça, suas práticas e experiências tive o sentimento do compromisso em salientar que a praça, por ser um espaço público, construída com recursos públicos, era dever do estado mantê-la em plenas condições para que as pessoas pudessem usá-la, e que no caso específico da PJ, a PMC teria que buscar providências para o restabelecimento da iluminação e energia elétrica de todas as suas dependências. Os jovens ouviam atentamente e gesticulam positivamente à minha fala, e, em seguida, Dhyonatan, comentou sobre possíveis alternativas para a PJ em relação à prática de futebol, caso as condições desfavoráveis prosseguissem, ao destacar que “entrando naquela segunda rua ali (apontando para uma rua de chão batido na vila Nancy Pansera)” está sendo construída uma quadra poliesportiva que está “quase pronta”, “vai ficar show”, que está “tudo novinho, inclusive as goleiras e as marcações”, e que poderiam jogar futebol nesse espaço, que assim que a quadra estivesse aberta ao público ele iria jogar naquele espaço²¹¹.

Jean, manifestando surpresa, perguntou: “sério? Vai rolar uma quadrinha nova lá? Bah, tá valendo (risos)”. Dhyonatan também falou sobre os jogos que, há algumas semanas, começaram a praticar no Complexo Esportivo Pôr-do-Sol²¹², nas noites de

²⁰⁹ Recordações de campo, 13/02/2019.

²¹⁰ Jair Messias Bolsonaro (PSL).

²¹¹ Recordações de campo, 13/02/2019.

²¹² O evento de inauguração do Complexo Esportivo Pôr-do-Sol, ocorrido em 2012, foi apresentado no Prólogo do presente estudo.

segunda-feira, como alternativa à inviabilidade que perdura desde 2016 com a iluminação parcial e agora a completa ausência de iluminação na PJ. O jovem relatou que também passaram a jogar “uma bola no ginásio” (Complexo Esportivo Pôr-do-Sol) todas as segundas-feiras, às 19h, que Subversio também está levando “o time aqui dos guris” (Praça Futebol Clube) para jogar. Por fim, Dhyonatan convidou-me a “aparecer ali no ginásio” para jogar também²¹³.

Saliento que, na semana anterior a essa conversa com os jovens, Alba passou a cumprir apenas meio turno da sua carga-horária na PJ, diante das condições desfavoráveis da falta de energia elétrica. Desde a ausência total da iluminação e energia elétrica na praça, Alba vinha, dentro de suas possibilidades, mantendo minimamente a continuidade de algumas atividades: os encontros das mulheres do Grupo de Crochê; as condições de trabalho para os guardas, disponibilizando cooler e gelo para o armazenamento de água e alimentação aos funcionários; mantendo permanente contato com Secretário e direção da SMCT, reivindicando celeridade nos encaminhamentos para o restabelecimento de toda a infraestrutura de energia elétrica e iluminação. Devido a essa situação na PJ, Alba foi solicitada a cobrir as férias do coordenador do Hangar Cultural no turno da tarde. Em uma daquelas tardes, antes de ir à PJ, fui ao Hangar Cultural para conversarmos. Entre diversos assuntos, Alba relatou-me, manifestando visível descontentamento com a atual condição da PJ, que já não sabia mais o que fazer para que a prefeitura “agilize as coisas na praça”, pois as atividades no espaço público já estavam sendo significativamente prejudicadas com suspensões e descontinuidades.

Entre as atividades suspensas estava a capoeira que acontecia aos sábados pela manhã em uma das salas multiuso do prédio administrativo. Alba salientou que o calor no interior do prédio administrativo estava “insuportável”, e que os guardas estavam totalmente às escuras à noite, além do problema com bebida e alimentação por não poderem contar com a geladeira. Relatou que tinha cobrado diariamente um posicionamento SMCT e a resposta recebida era “sempre que eles estão vendo” e enfatizou: “vendo o quê, se sequer vieram ainda aqui para ver pessoalmente o problema?” A gestora relatou que há mais de vinte dias aguardava a presença de algum agente da PMC para verificar o problema e encaminhar a sua resolução. Continuamos conversando e, em um dado momento, Alba desabafou: “estou cansada!” A gestora

²¹³ Recordações de campo, 13/02/2019.

prosseguiu dizendo que carregava o sentimento de que a atual gestão municipal “quer se livrar da praça”, “que a praça não é do interesse da prefeitura”.

Por fim, a gestora relatou que a sua afirmação do suposto desinteresse da gestão municipal com o espaço público, se sustentou após contato telefônico com diretores da SMCT na semana anterior. Em conversa por telefone para novamente reclamar das dificuldades enfrentadas devido à ausência de energia e iluminação, Alba recebeu a seguinte orientação: “Fecha a praça! Sai daí e vem para cá [para a SMCT]”. A gestora relatou-me que, imediatamente após receber essa orientação da SMCT, respondeu que não sairia, “que não ia abandonar a gurizada”, “que não ia suspender as atividades do crochê”. A gestora destacou que foi então que propuseram que ela cumprisse sua carga-horária de trabalho “parte na praça, parte no Hangar Cultural”. Assim, complementou a gestora, devido a isso “por enquanto, fico de manhã na praça e à tarde aqui no Hangar tirando as férias do coordenador”²¹⁴.

No dia 14/02, quinta-feira, ao sair do Hangar Cultural, às 17h, me dirigi com Alba à PJ. Ao chegar, acessei o prédio administrativo. No seu interior estava Subversio, mais precisamente na cozinha, lavando a louça e limpando a pia. Em cima da mesa havia um cooler onde Subversio armazenava água e gelo e alguns alimentos, pois, nos últimos dias estava em escalas de 48 horas com folga de 48. Até há pouco tempo, sua jornada de trabalho era somente no horário diurno, porém se estendeu para um plantão noturno, pois, os demais guardas da empresa tinham se recusado a tirar serviço à noite na praça decorrente da completa ausência de iluminação externa, de energia elétrica e de iluminação no interior do prédio administrativo. Diante desse contexto, perguntei ao Subversio como tinha passado as noites na praça. Demonstrando certa insatisfação com as condições da infraestrutura física da praça que se acentuavam, Subversio relatou:

Pois é Cristiano, estou aí, ficando à noite agora também. Estou trazendo um cooler com água gelada, gelo e um lanche que deixo aqui dentro para não estragar. Na madrugada estou atento. Tem um guri aí que está rodeando a praça. Ele já apareceu aí umas três noites. Estou no bico dele! Acho que é um dos que roubou os cabos e fios aqui. Mas no momento certo vou pegar ele. No mais tranquilo (SUBVERSIO, Recordações de campo, 14/02/2019).

Subversio e eu conversamos durante mais alguns minutos. Saí das dependências do prédio administrativo em direção à quadra poliesportiva. Na quadra, a cena se assemelhada ao observado no decorrer da semana: quadra vazia, sem

²¹⁴ Recordações de campo, fevereiro de 2019.

“resenhas”. Apenas dois jovens sentados na arquibancada conversavam e consumiam um cigarro. Após cumprimentá-los, perguntei: “e o futebol? Onde está a gurizada?” – um dos jovens respondeu: “tá devagar! Não está ninguém aparecendo”. O outro jovem, de imediato meneou a cabeça fazendo em sinal de concordância com o jovem ao lado. Momentos depois me despedi dos jovens e fui embora.

No dia 16/02/2019, sábado, cheguei à praça às 11h, horário em que os jogos de futebol no campo, que se realizavam todos os sábados, do projeto TDC, sob a orientação de Jorge e Márcio, normalmente já haviam encerrado. Ao chegar deparei-me com um cenário oposto ao que vira ao longo da semana: na quadra e seu entorno havia muitas pessoas. Na quadra, crianças do projeto TDC estavam jogando futsal, e permaneceram na praça após o término das atividades, além de outros jovens frequentadores da quadra e um gari [vestido com seu uniforme/macacão de trabalho], funcionário que coletava resíduos domiciliares nas calçadas públicas, e estavam divididos em duas equipes. Na arquibancada, outros garis (todos vestidos com seus uniformes de trabalho); outros jovens e um grupo de homens aparentando entre 30 a 40 anos, algumas mães com criança no colo, entre outras pessoas, assistiam, torciam, diziam jocosidades e/ou aguardavam sua vez para adentrar na quadra e jogar. A aura era muito divertida. Cumprimentei algumas pessoas e passei a observar os jogos.

Alguns jovens que jogavam no interior da quadra, ao perceberem minha presença acenaram, outros gritaram: “e aí, negão”. Em seguida, Zé, pai do jovem Buia, o qual estava ao meu lado assistindo aos jogos, fez-me uma solicitação: “Será que tu consegues uma bola para a gurizada jogar? Eles estão sem bola há dias...”. Só então passei a dispensar atenção para as condições da bola que estava em jogo: era velha e furada, conseqüentemente, murcha. Todavia, as crianças, jovens e adultos estavam tão envolvidos com o jogo e era tanta a diversão e também a disputa pela posse da bola que, para mim, que acabara de chegar, a bola tornou-se algo imperceptível. Mas quando o morador me sinalizou em relação às condições materiais da bola, passei a dedicar a atenção também àquele elemento. No entanto, para os jogadores, era como se estivessem praticando com uma bola nova e com calibração indicada, pois, jogadas plásticas, entre outros lances tecnicamente bem executados, eram frequentes. Às vezes, as péssimas condições da bola também eram fator impeditivo para efetivar e/ou concluir tantas outras jogadas: tropeços, pisadas, perda de velocidade e direção da bola ao chutá-la se misturavam com as boas jogadas. Um tanto surpreso com a solicitação, pensei

alguns segundos e respondi que ia providenciar, e que nos próximos dias traria a bola. Zé, prontamente, respondeu: “ah, que bom! Quando tu trazer [a bola], deixa ali (apontando para o prédio administrativo da PJ) com o pessoal [o pessoal a que ele se referia eram Alba e Subversio]. Deixa ali que eles administram e controlam o empréstimo. A última bola que a gurizada estava jogando, roubaram”, concluiu ele, demonstrando certo descontentamento²¹⁵. Permaneci no entorno da quadra. Conversei com um e outro e continuei assistindo aos jogos, fiz chacota com alguns que jogavam na quadra, eles responderam com apelidos, provocações e desafios para que eu “monte um time”, entre na quadra e “faça melhor”. O clima, com já mencionado, era de significativa descontração e diversão.

Em seguida, um dos jovens que assistia da arquibancada, chamado de Shaoolin pelos demais, gritou: “ei, vamos jogar a próxima? Vamos fazer um time nosso”. Prontamente aceitei e ele se deslocou da arquibancada em minha direção, pois eu já estava próximo ao portão de acesso à quadra. Shaoolin e eu ingressamos na quadra e nos posicionamos na linha lateral, aguardando o término do jogo em andamento. Logo, outros jovens adentraram na quadra e vieram em nossa direção para completar o time que jogaria a partida posterior. Conforme as regras das crianças e jovens que jogavam, a equipe que sofresse dois gols saía da quadra, cedendo lugar aos que aguardavam o “próximo”. Entre vitórias consecutivas e o consequente prolongamento do tempo de permanência na quadra jogando, e as derrotas em jogos da equipe em que eu jogava — sofremos os dois gols em poucos segundos —, permaneci com as pessoas na praça até às 13h, quando, paulatinamente, todos foram deixando a quadra por causa do cansaço e/ou devido ao horário do almoço. Antes de ir embora, retornei à arquibancada, onde estavam Shaoolin, que por estar cansado já havia parado de jogar, Jessé e Dhyonatan, que haviam chegado há poucos minutos carregando um saco plástico com sacolés, distribuindo-os entre os que estavam sentados na arquibancada, e Andrey, que há pouco também estava jogando. Dhyonatan e eu trocamos cumprimentos, e Jessé passou a fazer piada, a partir de um relato acerca das condições das bolas com as quais estavam jogando há alguns dias na quadra: “bah, mesmo com essa bola horrorosa até que deu para jogar bastante. Pior foi na semana passada que trouxeram uma bola aí que no primeiro chute caiu metade dos gomos (risos) e depois a bola se despencou de vez, tudo isso no primeiro jogo. Acabou com o nosso jogo (risos)”. E Jessé prosseguiu dizendo

²¹⁵ Recordações de campo, 14/02/2019.

que “nem dá pra reclamar dessa bola aí de hoje (risos)”. Comentei que tive dificuldades de jogar devido às condições da bola, pois ela não “corria” porque estava furada”. Dhyonatan meneou a cabeça, manifestando concordância com minha fala e respondeu: “ah, é mesmo! Essa bola era uma bexiga véia”²¹⁶.

Em meio a essas dificuldades e precariedades presentes na PJ, todos nós havíamos assistido a presença e a atuação do estado desde quando a PJ foi oficialmente “entregue à comunidade” em um pomposo evento, no dia 22 de novembro de 2014, carregado de atividades e discursos acerca das expectativas dos setores do governo, conforme exposto no capítulo 1 desta Tese, passando pelas frequentes notícias e matérias jornalísticas presentes no site oficial da prefeitura municipal, em que o estado se apresentava como o grande provedor e garantidor de ações e projetos no espaço ao elencar e ilustrar todos as ações projetadas, também apresentadas no Capítulo 1.

Para exemplificar a presença do estado, relato, aqui, o evento promovido pela prefeitura, ocorrido no dia 09 de abril de 2017, das 14h às 18h, nomeado de “Domingo Alegre”, evento intersetorial que contou com uma série de ações culturais, na área da saúde e educação.

Domingo, dia 09/04/2017, chego à PJ para acompanhar atividades promovidas pela PMC no evento nomeado pela gestão municipal de “Domingo Alegre”. Quando chego, as dependências externas da praça já estão significativamente ocupadas. Embora o tempo nublado, com chuvisqueiros que ora ou outra se manifestam, encontram-se na pista de skate alguns jovens praticando o esporte, nos bancos da praça, pessoas que conversam enquanto bebem chimarrão, outras pessoas que passam pela praça. Uma Unidade Móvel de Saúde (UBS) com serviços e orientações de saúde como verificação da pressão arterial, testes de glicemia, exames de sífilis, hepatite são realizados por agentes da Secretaria Municipal de Saúde (SMS) e servidores estatutários. Próximo da UBS, há um estande DST/AIDS, o qual agentes de saúde conversam com as pessoas presentes sobre doenças sexualmente transmissíveis e distribuem preservativos. Ainda no âmbito da saúde, há um estande com profissionais, o qual passam orientações alusivas a saúde bucal, como formas corretas de escovação dentária e orientações de nutrição também com especialistas da área. Simultaneamente, crianças brincam em cama elástica, e piscina de bolinhas. Próximo dos brinquedos, equipes do programa Primeira Infância Melhor (PIM) realizam hora do conto e dão dicas de alimentação saudável às crianças presentes. A fala da Diretora do Departamento de Políticas e Ações em Saúde da SMS, resume o objetivo da ação deste domingo. Segundo a Diretora:

“Além de oferecer apoio ao evento, no caso de alguém precisar de atendimento médico, aproveitamos essa estrutura e público para aproximar ações preventivas de saúde da comunidade”²¹⁷.

²¹⁶ Recordações de campo, 14/02/2019.

²¹⁷ Manifestação da então Diretora do Departamento de Políticas e Ações em Saúde da SMS. Disponível em: <http://oldsite.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/idDep/24/id/124903>. Acesso em: 09/06/2018.



Figura 130: Agentes da Secretaria Municipal da Saúde da PMC atendendo as pessoas da “comunidade”.

Fonte: Acervo de Vinícius Thormann – PMC.



Figura 131: Agentes da PMC fazendo a escovação dos dentes das crianças da “comunidade”.

Fonte: Acervo de Vinícius Thormann – PMC.

Em uma das salas multiuso do prédio administrativo, promovida pela SMCT, acontece uma oficina de DJ sob a condução de DJ Bobinho que ensina técnicas básicas de discotecagem às crianças e jovens que adentram a sala. Atentas e eufóricas com o quão o DJ é familiarizado com os equipamentos em suas demonstrações, a expectativa para manusear os toca-discos e amplificadores é significativa. Parcela das crianças, ao mexer no equipamento, sob a orientação do DJ, não querem parar de manuseá-lo. Para o DJ, a oficina de DJ e a música de modo geral têm sua relevância, pois:

“A maioria está cercada por oportunidades ruins e poder passar algo de bom, envolvendo música, é uma maneira de tirá-las dessa realidade. Isso não tem preço”²¹⁸.



Figura 132: O DJ Bobinho ministrando a oficina de DJ em uma das salas do prédio administrativo da Praça da Juventude.

Fonte: Acervo de Vinícius Thormann – PMC.

Na quadra poliesportiva estão concentradas as atrações culturais com a presença de diversos grupos locais e do estado. Ao total 15 atrações dos ritmos *Rap* e *funk* estiveram no palco montado no interior da quadra. Enquanto ocorrem as apresentações no palco montado na quadra, no outro palco de shows que constitui um dos módulos da estrutura da PJ, localizado atrás da quadra poliesportiva, há oferta e realização de cortes de cabelo a quem interessar. Funcionários da prefeitura, todos devidamente identificados, alegres fazem *self* com seus celulares e demais registros em suas máquinas fotográficas em meio ao público presente. Crianças fazem balão e brincam com preservativos distribuídos ao longo da tarde.

Em relação aos shows musicais, há dois momentos distintos: o show de *rap* e o show de *funk*. Distintos diante do caráter de cada ritmo e da visível mobilização e interesse que despertou no público, majoritariamente de crianças e jovens, presentes diante do palco. As atrações de *rap* alternam canções e falas ao público de viés mais normativos, ancoradas no dever ser, vieram com uma visível proposta de orientar as crianças e jovens a como se relacionar na vida, individual e em coletividade. Cito a fala de um MC ao público após se apresentar, antes de iniciar a cantar:

“Vamos respeitar o pai e a mãe, vamos estudar. Este é o recado que eu tenho para passar para vocês”.

Ao fim do seu show, composto por uma única canção cantada, o MC volta a manifestar-se, e diz:

²¹⁸

Manifestação do DJ. Disponível em: <http://oldsite.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/idDep/24/id/124903>. Acesso em: 09/06/2019.

“É isso aí gurizada, é escola, estudo e respeitar o pai e a mãe. Valeu Guajuviras”.

Após, o MC do terceiro grupo de *rap*, antes do início de sua apresentação, solicita a atenção do público e se manifesta:

“Boa tarde, pessoal. Satisfação total. Agradecemos a prefeitura de Canoas pelo convite. É isso aí pessoal, tá bonito! O que a gente precisa é de alegria, paz e união”.

Ao término do show de duas canções do grupo, o MC volta a falar e dá seu recado final, antes de se despedir:

“Ó, vou mandar uma ideia pra vocês: os índices de assassinatos estão muito alto aqui no Guajuviras. Essa vida de criminalidade não está com nada. O lance é a vida! É isso aí, Guajuviras”.

Durante a apresentação do quarto grupo, de improviso, o MC Léo, manda seu recado aos presentes: “vou te dizer, vou te falar, eu não tô de bobeira, o que eu quero é estudar...”.



Figura 133: Corte de cabelo realizado por pessoas contratadas pela PMC.

Fonte: Acervo de Vinícius Thormann – PMC.

Durante as apresentações de *rap* há certa dispersão do público presente. Parece que as canções e os discursos normativos não chamam a atenção. À frente do palco, poucos jovens acompanham as atrações. No mais, há grupos de crianças que correm de um lado ao outro, outras, como já mencionado, brincam fazendo balão com os preservativos. Grupos de jovens conversam, namoram, outros saem e retornam para o interior da quadra. Momentos depois do encerramento das atrações de *rap*, o mestre de cerimônia anuncia a primeira atração de funk que subirá ao palco. De imediato, a dispersão presente torna-se mobilização e concentração de crianças e jovens em frente ao palco de shows. O primeiro MC, ao subir ao palco, logo fala:

“Boa tardeeee! Ó, para vocês que não sabem, eu sou morador do Guajuviras. Agradeçam a Deus por esta tarde maravilhosa que nós estamos tendo aqui. E

sabe por que temos que agradecer? Porque ‘eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci...’²¹⁹

Desde então, a euforia é geral. Com um ritmo mais dançante, com letras que cantam o amor, namoro, aliado a elementos da sensualidade e sexualidade, a cada MC que sobe ao palco, os jovens, aos gritos, de braços erguidos, dançam e cantam as composições do início ao fim. É algo que chama a atenção (Recordações de campo, 09/04/2017).

Com tais características mais dançantes, e o *funk* apresenta esses elementos, parto da perspectiva de que tal preferência poderia estar atrelada ao contexto em que, em tempos da retórica da insegurança, do risco e dos estigmas, ele surgiu para reavivar os prazeres e os encontros. A quadra estava lotada.



Figura 134: Um dos shows de *rap* durante o evento.

Fonte: Acervo de Vinícius Thormann – PMC.

7.2 As crianças, os jovens e suas “bexigas véias”

É corriqueira a prática de futsal e futebol na praça com bolas precárias ou “bexigas véias”. Os motivos para a prática dos jogos nessas condições são plurais. O tempo de vivência com os grupos permite-me sublinhar algumas dessas possibilidades. A penúria de materiais para a prática de determinadas modalidades esportivas é um elemento presente na praça desde, senão antes, os meses finais de 2016. A administração municipal, por intermédio da SMCT, não mais efetuava a reposição de

²¹⁹ Recordações de campo, dia 09/04/2017.

certos materiais, inclusive daqueles que seriam os mais usufruídos por parcela significativa dos frequentadores: a bola de futsal e futebol. Desde então, as bolas ‘adequadas’ para a prática, quando eram disponibilizadas aos frequentadores, restringiam-se às que a PJ recebia em doação ou às compradas por Alba e Subversio. Por outro lado, não raras vezes as crianças e os jovens eram vistos jogando com bolas em precário estado de conservação. É o que se observa nas cenas a seguir.

Cena 1

Hoje, dia 17/07/2017, chego à praça às 15h. A temperatura no dia é de, aproximadamente, 6 graus. Frio demais e tempo nublado. Em um dos espaços ao ar livre da praça, dois jovens conversam. Visualizo que na quadra poliesportiva, que é um dos espaços cobertos do espaço público, há um grupo de crianças e jovens jogando futsal. Dirijo-me até o centro administrativo da praça, onde também está localizada a sala da coordenação que administra o espaço. Ao me aproximar da porta de acesso, olho pela vidraça e visualizo a professora Alba na sala que ocupa com outra pessoa, em assentos, conversando e tomando chimarrão. Abro a porta e ela, com um sorriso, acena e diz: “Entra, Cristiano”. Ela se levanta de seu assento, pega outro assento que está posicionado ao seu lado e o coloca defronte de sua mesa, ao lado da outra pessoa com quem até então conversava para eu sentar-me. Cumprimento a mulher que conversa com Alba, sento-me e pergunto: “Olá, Alba, tudo bem? Como estão as coisas?” Alba responde: “Devagar, quase parando, mas indo...” Então, pergunto: “Mas o que houve Alba?” Alba, responde: “Ah, as mesmas coisas de sempre. Falta material, falta manutenção. Estou há mais de duas semanas pedindo para a prefeitura o conserto da iluminação da quadra. Houve um curto circuito na fiação e a quadra está sem luz desde então. Já mandei ofício, tirei fotos, mandei ofício novamente e ainda nada. Não adianta, muda o governo, mas a burocracia é a mesma. Isto está até prejudicando as atividades do Praça (Praça Futebol Clube: grupo de futebol treinado pelo Guarda Subversio que ocorre de três a quatro vezes por semana após às 18h). Como não tem iluminação, estou tendo que limitar o uso da quadra. Quando começa a anoitecer, fecho a porta de acesso com corrente e cadeado, porque se eu deixar aberto no escuro, sabe como é, né? Vão fazer o que não deve. Então, enquanto não providenciam o restabelecimento da iluminação, as atividades do Praça estão suspensas e inclusive o acesso à noite”. E Alba continua: “Estamos inclusive sem serviços gerais desde fevereiro. A pessoa que trabalhava aqui, com a troca de governo, conseguiu uma vaga para trabalhar no Setor de

Zoonoses da Prefeitura, algo que ele sempre quis: cuidar dos animais. Conseguiram uma ‘Fgzinha’ para ele e ele foi. Mas semanas depois ele pegou uma leptospirose lá e acabou falecendo. Triste, ele sempre quis trabalhar lá e depois de anos, quando conseguiu, acabou morrendo. Quem está fazendo a limpeza do local aqui são as próprias alunas²²⁰. É com a colaboração delas que nós estamos conseguindo manter tudo limpo”.

Em seguida, solicito para Alba o cronograma atualizado com dias e horários das atividades que estão sendo propostas e executadas, via Prefeitura, na Praça da Juventude. Alba responde: “estamos reorganizando os horários. Estive duas semanas praticamente fora, estou retornando hoje. Estava correndo com minha mãe doente. Perdi ela na quinta-feira passada. Descansou! Também como já conversamos, estamos com as atividades do Praça F.C suspensas devido a um curto circuito que deixou a quadra sem iluminação. Mas nos próximos dias te mando o cronograma atualizado. Ah, agora estão acontecendo as aulas de futebol da escolinha. Todas as segundas e quartas, das 14h às 16h”. “Qual é a idade ou categorias”? - pergunto a Alba. Ela responde: “é até 15 anos. São crianças de mais ou menos oito a 15 anos. Das 14h às 15h os menores, e das 15h às 16h, os demais. Como estamos com pouca gente no horário das 15h às 16h, a gente libera a gurizada mais velha, de 16, 17 anos para jogar, eles gostam e até ajudam. Agora tem uma turma lá com a professora”, complementa Alba. “Mas as aulas não estão legal. Além do problema da falta de material, depois tu verás que agora mesmo a estagiária está dando aula de futebol com uma bola de handebol porque é a única que temos, e para não suspender as aulas tive que entregar essa bola mesmo, há outro problema: a gurizada anda reclamando que ela não orienta nada. Só dá jogo e manda fazer flexão. Eu mesma esses dias não me aguentei e tive que fazer uma intervenção. Fui até a quadra e comecei a orientar sobre o que fazer. Ela não gostou muito, mas paciência. Os guris adoraram e pediram para eu ficar. Estou em cima dela. Vai lá para você dar uma olhada”, complementa Alba²²¹.

Peço licença à Alba e me desloco em direção à quadra onde estão ocorrendo as aulas da escolinha de futebol. Chegando à quadra, há um grupo de 10 crianças, cinco para cada lado da quadra e no centro está a estagiária. Na hora que chego está ocorrendo

²²⁰ As alunas a que Alba se refere são as frequentadoras das aulas de Zumba que ocorriam nas manhãs de terça e quinta-feira, sob a orientação da estagiária Vânia. Após o deslocamento de Vânia para atuar temporariamente em outro espaço, também administrado pela prefeitura municipal, e, conseqüentemente, a não renovação de vínculo, as aulas de Zumba não mais aconteceram.

²²¹ Recordações de campo.

um jogo. A bola que jogam não é de futsal e sim de handebol. A estagiária acompanha. As crianças demonstram muita disposição. Buscam o tempo todo fazer o gol. Cada gol marcado é motivo de muita comemoração. Nas arquibancadas localizadas no entorno da quadra, jovens conversam, alguns socializam um cigarro de maconha, outros mexem em seus celulares e assistem às atividades conduzidas pela estagiária. Ao fim do jogo, a estagiária chama as crianças que formam uma das equipes e as orienta a fazer uma série de flexões de braços. Após, a estagiária encerra a aula.

Essa cena que observo me remeteu ao que dissera Alba sobre a exiguidade de material esportivo que afeta os projetos na praça e das flexões de braço orientadas pela estagiária do projeto de futebol. Identifico que a solicitação para a realização das flexões de braço é destinada à equipe derrotada após o fim do jogo.

Encerrado o jogo, a estagiária recolhe os materiais (bola de handebol, coletes) e deixa a quadra. Os jovens que até então acompanhavam a atividade e/ou conversavam sentados na arquibancada passam a ocupar a quadra. Jogos de trios, jogos em que três jovens trocam passes e finalizam para o gol, onde o jogador que finaliza para fora deve ocupar a função de goleiro; do outro lado da quadra, outros jovens que realizam embaixadinhas, trocam passes de calcanhar, de letra, passam a fazer parte das formas de ocupação da quadra. Outros jovens, permanecem na arquibancada conversando, usando seus celulares²²².

Por volta de 16h55, me despeço de alguns dos jovens com os quais tenho uma relação mais próxima, em seguida retorno ao prédio administrativo, converso por mais alguns minutos com Alba e vou embora.

Cena 2

Hoje, sábado, chego à PJ às 8h50. Mais um dia chuvoso naquela semana. Ao chegar, a chuva, ainda que descontínua, que caiu ao longo da noite já havia cessado, embora tenha choviscado durante alguns minutos, momentos depois de minha chegada.

Ao chegar, vou em direção à porta do prédio para saber se a gestora Alba está presente. Bato à porta que está trancada. O Guarda, que está de serviço no dia, sai de uma das dependências do prédio e abre a porta. Após os cumprimentos, pergunto: “a Alba está?” O Guarda responde: “Não! Talvez ela apareça mais tarde”. Diante do silêncio no interior do prédio, questiono o Guarda sobre a vivência de capoeira que

²²² Recordações de campo.

ocorre todos os sábados pela manhã: “Não está tendo a atividade de capoeira hoje?” O Guarda responde: “Hoje não vai ter. Não sei o porquê, mas, cancelaram hoje”. “Ok. Eu vou para a quadra. Tenha um bom dia!”

Durante meu deslocamento em direção à quadra poliesportiva deparo-me com três das crianças que participam das atividades de futebol do projeto TDC da Igreja retornando da quadra. Elas parecem estar indo embora. Olho para a quadra e vejo que nela encontram-se poucas crianças e a escassa iluminação que ainda há na quadra, está desligada. Quando as três crianças estão passando por mim digo: “e aí, gurizada, tudo bem?” “Oi, tio”, responde uma das crianças. Em seguida pergunto: “e o futebol? Não vai rolar?” Visivelmente descontente, uma das crianças responde: “com que bola?” Procurando entender a resposta da criança, questiono: “o que aconteceu?” - “O sor Márcio veio aqui, tirou a bola de nós dizendo que não dava pra jogar porque a quadra está molhada, que é perigoso e foi embora”, respondeu a criança. “Que pena”, respondo. A mesma criança, num tom de desabafo, continua: “Perigoso, nada! Antes dele chegar a gente estava jogando numa boa. Não aconteceu nada, ninguém se machucou”, complementa a criança. “Vamos lá, então. Tchau tio! Até a semana que vem”. As crianças deixam a praça e vão embora em direção à vila Nancy Pansera, onde residem.



Figura 135: As crianças deixando a Praça da Juventude diante do cancelamento dos jogos de futebol do projeto TDC.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 136: As crianças deixando a Praça da Juventude diante do cancelamento dos jogos de futebol do projeto TDC.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Esse fato chamou-me a atenção, pois, em caso de chuvas ocorridas em dias que antecedem os jogos do projeto aos sábados, que têm no campo de futebol seu principal espaço de prática, os jogos são transferidos para a quadra poliesportiva. Isto porque, como já salientado em outras passagens, as atuais condições de conservação do campo, com chuvas intensas ou não, torna o espaço ainda mais precário.



Figura 137: Campo de futebol da Praça da Juventude com poças d'água após chuva.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 138: Campo de futebol da Praça da Juventude com poças d'água após chuva.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Após conversar com as crianças que deixaram a praça, vou até a quadra poliesportiva. Ali algumas crianças jogam um futebol adaptado ao que é possível. São seis crianças, sendo cinco meninos, João Vitor, 13 anos, Willian, 18 anos, que veste uma camisa do Grêmio, Luiz, 11 anos, José, 12 anos, Carlos, 13 anos e Bárbara, 13 anos, a única menina que está jogando junto. Eles ocupam toda a quadra em um jogo de três contra três, ainda que parte da quadra esteja empoçada de água devido à chuva ocorrida durante a noite, o que motivou a suspensão dos jogos pelo projeto da Igreja. Acesso a quadra e paro no limite da linha de fundo ao lado da goleira e cumprimento as crianças: “E aí, gurizada, tudo bem?” De imediato, duas das crianças direcionam o olhar para mim e retornam os cumprimentos: “E aí, tudo bom?”, responde um. O outro faz um gesto com o dedo indicador indicando “tudo bem”. Em seguida, quando a bola sai pela linha lateral, Bárbara olha em minha direção e abana. Entro na quadra, trocamos apertos de mãos e abraços e comento: “Então, não teve futebol hoje, gurizada?” João Vitor responde: “É, o sor Márcio não deixou porque a quadra ali ó (apontando para uma das áreas com poça d’água) tá alagada. Ele disse que não dava pra jogar porque escorrega muito e a gente poderia se machucar”. - “E vocês vão ficar jogando?”, pergunto. “Ah, sim, vamos ficar jogando até cansar”, responde Willian.

Nesses poucos minutos em que ingresso na quadra, observo-os jogando, e, em seguida, converso com eles. Só então percebo a bola com a qual estão jogando: uma bola de voleibol colorida, um tanto corroída e murcha. No entanto, eles parecem não se importar com a bola, que, na concepção do sistema esportivo institucional, não é a adequada para a prática do futsal/futebol, tampouco o é o seu estado de conservação. É observável e visível o quanto se divertem, o quanto estão envolvidos com o jogo. Às vezes se cobram: “passa bola”, “chuta direito”, “marca ele, meu!”, e comemoram euforicamente gols marcados: “feitoool!”, “aeee”, “gol”, “bucha”, e, no mais, gargalhadas, elogios e palavras de incentivo também se manifestam: “isso!”, “é isso aí”, “boa!”..



Figura 139: As crianças jogando futsal com uma bola de voleibol murcha e corroída.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Permaneço acompanhando e interagindo com as crianças e jovens na quadra. Às 10h30 vou embora. As crianças e jovens permanecem na quadra jogando futebol²²³.

Cena 3

Hoje, dia 22/02/2019, chego à praça às 14h30. Calor intenso, “uma lua”, nas palavras de um jovem que se encontra na arquibancada da quadra. Semelhante à semana anterior, ao chegar deparo-me com poucas pessoas na quadra, mais especificamente com dois jovens e um adulto que conversam e consomem cigarro na arquibancada, e duas crianças que jogam “gol a gol” com uma bola de futebol na cor vermelha, murcha e rasgada.

Devido ao tempo de vivência na praça e seu entorno, a espontaneidade das nossas relações já é algo consolidado. Já estou à vontade em ‘chegar chegando’, sentar-me junto aos grupos, conversar e/ou bater papo. Ao ver a quadra outra vez sem os frequentes jogos ou “resenhas”, pergunto: “E o futebol? E a gurizada?” – um dos jovens

²²³ Recordações de campo, 27/10/2018.

responde: “Tá devagar, há dias tá assim.” E prossegue: “Ah, o Subversio também tá devagar... não tá rolando... só domingo! Domingo passado tinha uma galera aqui [na quadra] jogando. Estava tri! Rolou vários jogos”. E complementa: “De repente amanhã ou domingo a galera aparece”.

Enquanto conversamos, as duas crianças permanecem jogando gol a gol com sua bola murcha e rasgada. Gargalhadas aos chutes mal executados, comemorações com gols realizados, cobranças mútuas ao cumprimento das combinações feitas para o jogo se manifestam. Outros assuntos emergem entre os jovens e eu na arquibancada. Conversamos sobre futebol profissional, e o que vem sendo pauta das conversas nas últimas semanas: a ausência total de energia elétrica e iluminação na praça desde o furto de fios e cabos de alta tensão. Descontentes com a falta de providências e a consequente não resolução dessa situação que afeta o espaço público, um dos jovens desabafa: “Pelo jeito ninguém vai resolver essa coisa da luz”.

Em seguida, pergunto aos jovens sobre a quadra de futebol construída na vila Nancy Pansera, sobre a qual, em outro dia, Dhyonatan me disse que estava em construção: “Vocês estão sabendo de uma quadra que estão fazendo ali adiante?” – um dos jovens responde: “Ah, sim. Já está até pronta. É naquela segunda rua lá, ó? Se tu fores por ali, quando tu chegar ali na esquina tu já vai conseguir ver a quadra” – responde o jovem. Então pergunto: “É boa a quadra? A galera está jogando lá?” – o jovem responde: “Ah, nem sei se estão jogando lá. A quadra é nova, do tamanho dessa eu acho. Mas nesse sol não dá! A gente pega todo o sol. A quadra não tem cobertura”, salienta o jovem. Continuamos conversando e, em seguida, o adulto despede-se e deixa a praça de bicicleta. Logo após os dois jovens também vão embora. Permaneço na arquibancada observando as crianças jogando. Outras duas crianças chegam à quadra com uma bola também sem alguns gomos, murcha. Ao adentrarem na quadra, elas passam a ocupar metade dela. Trocam passes e driblam. Conseqüentemente, as duas crianças que já jogavam chute a gol na quadra passam a ocupar a outra metade da quadra, a ali, uma das crianças passa a atuar como goleiro, enquanto a outra chuta.

Adentro na quadra para interagir com as crianças, e com o intuito de “quebrar o gelo” e descontraí-las, logo grito: “E aí, gurizada! Joga a bola para mim”. Duas das crianças que estão, cada uma com uma bola, não retornam minha solicitação. Insisto: “Toca a bola para mim, deixa eu trocar uns passes com vocês”. Em seguida, outra criança chama a atenção de um dos amigos que está com uma das bolas correndo de um

lado ao outro e fala em tom de cobrança: “Ô meu, tu não escutou? Passa a bola para ele! Deixa ele jogar com nós”. De imediato, a criança conduz a bola em minha direção e passa. Essa criança que solicitou, em tom de cobrança, que a bola fosse passada para mim, se chama Nicolas e, rapidamente, sugere e organiza uma dinâmica para que todos possam praticar juntos no mesmo jogo: “Vamos jogar gol a gol em dupla”. Duas das crianças que já ocupavam a quadra quando cheguei à praça recusam a proposta de Nicolas, e em seguida uma delas contrapropõe: “Não! Joga vocês de um lado da quadra que nós vamos jogar na outra metade. Nós já estávamos aqui”, conclui. E assim fica acordado entre todas as crianças. Cada dupla passa a ocupar meia quadra.

Dirijo-me para um dos lados da quadra com Nicolas e Andrei. Como agora ocupamos meia quadra e conseqüentemente temos uma só goleira à disposição, Nicolas propõe outro jogo que, no seu entendimento, adapta-se ao espaço disponível: “Vamos jogar três dentro e três fora então! Tu começa de goleiro”, diz Nicolas para mim. Logo, Nicolas passa a pontuar as regras que orientarão os jogos: “Duas bolas fora, quem chutou a última vai para o gol; só vale chute fora da área; ah, outra coisa... se o goleiro encaixar a bola no ar quando defender, o goleiro vai para a linha e quem chutou vai para o gol”, complementa a criança.

Iniciamos os jogos. Trocas entre nós de posições, de acordo com o que foi combinado, ocorrem constantemente. Ora estou jogando de goleiro, em seguida estou compondo dupla com Nicolas ou Andrei, e assim sucessivamente. Enquanto jogamos, chegam outros dois jovens. Um a pé e outro de bicicleta. Os jovens chegam, sentam-se no palco da praça destinado às atividades artísticas/culturais, localizado em frente ao portão [que já não existe mais porque quebrou e jamais foi consertado e repostado pela prefeitura municipal] de acesso à quadra, preparam, acendem e passam a consumir um cigarro de maconha e assistir ao Andrei, Nicolas e eu jogando. Minutos depois, quando novamente ocupo a posição de goleiro, um desses jovens que assiste, pergunta-me: “Tem próximo?”, em solicitação para jogar o próximo jogo. Prontamente, respondo: “Claro que sim, pode entrar”. O jovem sinaliza positivamente e complementa com uma fala: “Beleza”. Permanecemos jogando. Em dado momento, Nicolas chuta para o gol e a bola vai em direção ao travessão e toca no mesmo. De imediato, Nicolas grita: “Pênalti!” – Pergunto “Por quê?” – “Porque se o jogador chuta e bate na trave ou no travessão tem o direito a uma cobrança de pênalti”. Um dos jovens que assiste ao jogo, que está acompanhado daquele que me solicitou para jogar, contesta: Ah, mas teve um

outro momento que tu [Cristiano] chutou uma bola na trave e ele [Nicolas] não disse nada. Agora que é para ele, vale! Isso tá errado!” Em seguida, em tom de brincadeira, questiono Nicolas sobre o pênalti: “Não recorro desta combinação antes do jogo...” – Nicolas responde: “E, mas essa faz parte também”. Nicolas cobra o pênalti e faz o gol.

Momentos depois, as outras duas crianças que jogavam na outra metade da quadra vão embora. Então, por solicitação de Andrei, passamos a jogar gol a gol. Iniciam Nicolas e eu; após, Andrei e eu; novamente Nicolas e eu, e, em seguida, Nicolas e Andrei; por fim Nicolas e eu. Momentos depois, saí da quadra para que o jovem que havia pedido para jogar pudesse se inserir no jogo. Esse jovem joga durante alguns minutos com as crianças. Em seguida, próximo das 17h, despeço-me de todos e vou embora.

7.3 Ano Novo, tempo de recomeçar e inovar: retomada de oficinas interrompidas e oferta de novas atividades culturais e esportivas sob a gestão do governo municipal?

No dia 04/03/2019, ao acessar o site oficial da prefeitura municipal de Canoas, deparo-me com a seguinte matéria de divulgação: “Passeios, atividades esportivas, oficinas: as opções gratuitas de lazer para as crianças em Canoas”, publicada no dia 07/01/2019, conforme segue.



**PREFEITURA DE
CANOAS**

[A Cidade](#)

[Serviços](#)

[Administração](#)

[Comunicação](#)

[Publicações oficiais](#)

[Pesquise aqui](#)

[Pesquisar](#)

33°

[Segunda-Feira,](#)

[04 de Marco](#)

07/01/2019

Passeios, atividades esportivas, oficinas: as opções gratuitas de lazer para as crianças em Canoas



Foto: Cristiano Junior

Durante as férias escolares, não faltam alternativas de ocupação para a criançada - confira também a lista de praças públicas com playground

[Download Imagem Original](#)

Em Canoas, não faltam opções de lazer para a criançada nos espaços públicos da cidade. Confira uma seleção de passeios, atividades esportivas, aulas, oficinas e praças públicas com playground para ocupar os jovens durante o recesso escolar.

PASSEIOS

Parque Getúlio Vargas – Avenida Farroupilha, em frente ao ParkShopping Canoas

Não faltam opções de entretenimento no Capão do Corvo. Além das quadras esportivas, o local conta com pista de patinação, pista oficial de atletismo, pista de caminhada e ciclismo, cancha de bocha, sala de ginástica e atividade física, área de alongamento ao ar livre e academia pública ao ar livre.

Praia de Paquetá – Avenida das Canoas – Mato Grande

Uma ótima opção para criançada tomar um banho de rio, fazer piquenique ou assar um churrasco ao ar livre.

Parque Eduardo Gomes – Avenida Guilherme Schell, 3.600

Além de uma ótima estrutura para prática de esportes, o parque conta com uma pista de Motocross para competições de níveis estadual e nacional, pista de caminhada e duas academias públicas de ginástica ao ar livre, uma delas adaptada para pessoas com deficiência.

Parque Pinto Bandeira – Avenida Santos Ferreira com Rua Osvaldo Aranha

Pouco explorado pelos canoenses, o parque oferece quadras esportivas e uma área verde ideal para escapar do forte calor. O local é bastante frequentado por famílias e amigos para uma roda de chimarrão ao ar livre.

Parque Universitário – Ramiro Barcelos (atrás da Ulbra)

Também com quadras esportivas, o parque possui uma área verde extensa, ideal para piqueniques, churrascos e atividades físicas.

Bebeteca – Ipiranga, 105

Dentro da Biblioteca Municipal João Palma da Silva, o espaço lúdico oferece brinquedos educativos, livros e outras opções de lazer crianças de 0 a 5 anos. A Bebeteca funciona diariamente, das 9h às 18h com entrada franca. Mais informações pelo telefone (51) 3425-7702.

AULAS E OFICINAS

Antiga Estação Férrea – Avenida Victor Barreto, 2.301

O quê: Ballet Clássico Adulto – com Prof. Norelle Pereira

Idade: A partir de 15 anos

Quando: terças-feiras (a partir de 8 de janeiro)

O quê: Ballet Clássico Infantil e Baby Class – com Prof. Norelle Pereira

Idade: de 7 a 10 anos

Quando: quintas-feiras (a partir de 10 de janeiro)

O quê: aulas de Ballet Clássico – Baby Class – Professora Norelle Pereira

Idade: 3 a 6 anos

Quando: sextas-feiras

O quê: aulas de Jazz – Infantojuvenil – Professora Norelle Pereira

Idade: A partir de 10 anos

Quando: sextas-feiras

O quê: Danças & Cultura Árabe (Dança do ventre) – Professora Mariza Gomes

Público: feminino e masculino, a partir de 9 anos

Quando: terças e quintas-feiras, das 15h às 17h, segundas-feiras, das 19h às 20h45.

O quê: Sempre Tangos – Cultura e Movimento – Prof. Rubens Marzacini e Aparecida Marzacini (Rubens e Cidinha)

Idade: A partir de 14 anos

Quando: terças e quintas-feiras (a partir de 15 de janeiro)

O quê: Oficina Popular de Teatro Canoas – Teatro Como Instrumento de

Discussão Social – Paulo Flores (Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz)

Idade: A partir de 15 anos

Quando: quintas-feiras (a partir de 16 de janeiro)

O quê: Coral Infante Juvenil – Casa do Poeta – Professora Elisangela Silva

Idade: dos 7 aos 12 anos

Quando: quartas-feiras

O quê: aula de violão – Professora Elisangela Silva

Idade: a partir dos 9 anos

Quando: quartas-feiras

Praça da Juventude – Rua Maria Faustina Corrêa, Guajuviras

O quê: Capoeira

Quando: sábado (a partir de 9 de fevereiro)

Horário: às 10h

O quê: futebol

Quando: sábados (a partir de 19 de janeiro)

Horário: 9h

O quê: Brinque Yoga

Quando: quartas-feiras (a partir de 9 de janeiro)

Horário: das 18h às 20h

O quê: Futsal

Quando: segundas, quartas e sextas-feiras (a partir de 2 de janeiro)

Horário: às 14h

Hangar Cultural – Estrada Passo do Nazário, esquina com Rua 3

O quê: aula de Informática Básica – Instrutor Rafael (voluntário Projeto Construir) – Telecentro

Quando: sábados (a partir de 19 de janeiro)

O quê: Oficina de Capoeira Angola Palmares

Quando: terças-feiras (a partir de 8 de janeiro)

ATIVIDADES DE ESPORTE E LAZER (DE 7 A 20 DE JANEIRO)

Centro de Esporte e Lazer (CEL) CAIC (Av. Principal, S/N – Guajuviras)

Terças e quintas

8h – Ginástica

Centro de Esporte e Lazer (CEL) São José (Rua João Leivas de Carvalho, 541 – São José)

Segundas e quartas

8h – Caminhada

9h30 – Alongamento

14h – Xadrez

Terças e quintas

8h – Alongamento

9h30 – Jogos adaptados para 3º idade

*a partir do dia 14 de janeiro, terá prática de yoga nas segundas, às 9h30

Parque Esportivo Eduardo Gomes – (Av. Guilherme Schell, 3600 – Fátima)

Segundas, quartas e sextas

8h – Treinamento funcional

9h – Jogos adaptados para 3º idade

Complexo Cultural e Esportivo Martin Luther King (CCE MLK)

Rua Clóvis Bevilacqua, 1770 – Harmonia

Terças e quintas

8h – Caminhada

Quartas

14h – Ginástica

15h – Jogos adaptados para 3º idade

Centro de Esporte e Lazer (CEL) São Francisco – (Rua Candelária, 31 – Mathias Velho)

Segundas e quartas, às 8h

7/1 – Treinamento funcional

9/1 – Aula de ritmos

14/1 – Alongamento

16/1 – Jogos recreativos

21/1 – Treinamento funcional

23/1 – Aula de ritmos

Terças e quintas

8h – Caminhada

Centro de Esporte e Lazer (CEL) São Luís – (Rua Engenheiro Rebouças, 1000 – São Luís)

Segundas, quartas e sextas

8h – Ginástica localizada

9h – Jogos adaptados para 3º idade

Parque Municipal Getúlio Vargas – (Rua Dona Rafaela, 700 – Marechal Rondon)

Terças e quintas

9h e 10h – Atividades diversificadas (caminhada, alongamento, funcional, localizada e ritmos)

Segundas e quartas

18h – Yoga

PRAÇAS PÚBLICAS COM PLAYGROUND**QUADRANTE NOROESTE**

Praça André João de Lemos – Rua Recife com Florianópolis

Praça Cinco Colônias – Rua das Araucárias com Rua dos Cedros

Praça da Bandeira – Rua Cel. Vicente com Avenida Guilherme Schell

Praça da Araras – Rua das Araras com Rua dos Pessegueiros

Praça Dr. Antônio Belló – Rua Dr. Barcelos com Rua Cel. Marcelino

Praça Dr. Calor Santos Rocha – Rua Regente Feijó com Rua Caramuru

Praça Jardim Bonanza – Rua Mathias Velho com Rua Brasil

Praça Pedro Rosa Mello – Rua Itapeva com Rua Eng. Rebouças

Praça Primeiro de Maio – Avenida Rio Grande do Sul com Rua Rio de Janeiro

Praça Rio Grande – Avenida Rio Grande do Sul com Rua Vacaria

Praça Romeu Ritter dos Reis – Rua Pedro Hilgert com Rua Henrique Northfleet

Praça Santa Isabel – Rua Clóvis Beviláqua com Rua Álvares de Azevedo

Praça São Pio X – Avenida Rio Grande do Sul com Rua Amazonas

Praça Sargento Rosa – Rua Machado de Assis com Rua Cel. Camisão

Praça Max Fernando de Paiva Oderich – Rua Professora Antônia Escobar com Rua Cacilda Becker e Júlio C. Araújo

Praça Pequeno Cauã – Avenida Rio Grande do Sul com Rua Palmeiras

Praça 1 Porto Belo – Rua Marta Pugin com Rua Gentil Oliveira

Praça 2 Porto Belo – Rua Dona Sara com Rua Margarete Sanger

Praça 3 Porto Belo – Rua Júlio Araújo com Rua Deoclécio Rodrigues

Praça 4 Porto Belo – Rua Dr. Sobral Pinto x Rua Antônio José

Praça 1 Pitangueiras – Rua 1 Pitangueiras com Rua 13 Pitangueiras

Praça 3 Pitangueiras – Rua 1 Pitangueiras com Rua 2 Pitangueiras

QUADRANTE SUDESTE

Praça Antônio C. Tróis – Rua Dom Manuel com Rua Pe. Nóbrega

Praça Arlindo de D. Martins – Rua Primeiro de Maio, ao lado do nº 580

Praça Barão do Rio Branco – Rua Venâncio Aires com Rua Cristóvão Colombo

Praça Brasil – Rua Nazaré com Rua Vinte e Dois de Abril

Praça Augusto Severo – Rua Augusto Severo com Rua Venâncio Aires

Praça Caravelas – Rua Caravelas com Rua Ilhéus

Praça Dona Mocinha – Rua Júlio de Castilhos com Rua Lajeado

Praça Fernando Ferrari – Rua Pero Vaz de Caminha com Rua Nazaré

Praça Floriano França – Rua Frei Henrique de Coimbra com Rua Martim Afonso de Souza

Praça Iraí – Rua Fernando Ferrari com Rua Quarai

Praça João Ribeiro – Rua João Ribeiro com Rua Riachuelo

Praça Maurício Sirotsky Sobrinho – Rua da Figueira, ao lado do número 300

Praça e Campo da Boa Vontade – Rua Alegrete com Rua Fernando Ferrari
Praça Marcílio Schiavon – Rua Francisco Alves com Rua Lupicínio Rodrigues
Praça Cristóvão Colombo – Avenida Getúlio Vargas com Rua Cristóvão Colombo

QUADRANTE NORDESTE

Praça Alcides Sabedoti – Rua Dona Castorina Lima Silveira
 Praça Amadeu Verardi – Rua Iguariacá com Rua Purús
 Praça Antônio Barônio – Rua Bolívia com Rua Alaska
 Praça da Rua Arroio Teixeira – Rua Arroio Teixeira
 Praça da Rua Capiberibe – Rua Capiberibe com Rua Mossoró
 Praça da Rua Cidreira – Rua Cidreira com Rua Imbé
 Praça João Palma da Silva – Rua Felipe de Noronha com Avenida Inconfidência
 Praça da Rua Oscar Pedro Kulzer – Rua Oscar Pedro Kulzer
 Praça Adão José Machado – Rua Xingú com Rua Tietê
 Praça da Sé – Rua Guararapes com Rua Sé
 Praça Dr. Décio Rosa – Rua Manuelito de Ornelas com Rua Cecília Meireles
 Praça do Parque Pinto Bandeira – Avenida Santos Ferreira com Rua Osvaldo Aranha
 Praça do Setor 1 – Quadras Bb Setor 1
 Praça do Setor 1 – Quadra O Setor 1
 Praça do Setor 1 – Quadra W Setor 1
 Praça do Setor 1 – Quadra Cruz Malta Setor 1 Com Quadra F
 Praça do Setor 2 – Quadra B Setor 2
 Praça do Setor 2 – Quadra V Setor 2
 Praça do Setor 2 – Quadra Ee Setor 2
 Praça do Setor 3 – Quadra A Setor 3
 Praça do Setor 3 – Quadra R Setor 3
 Praça do Setor 4 – Quadra B4 Setor 4
 Praça Antônio Carlos Viana – Setor 4 (ao lado da BM)
 Praça Gov. Ildo Meneguetti – Setor 6 Quadra F
 Praça Doze de Outubro – Setor 6 Quadra P
 Praça Setor 6 – Quadra Z Setor 6
 Praça Dr. Iran Sebastião Blancke – Rua Irmão Adão Rui com Rua Irmão Fernando Anatoli
 Praça Fonte da Josefina – Avenida Santos Ferreira com Rua Latino Coelho
 Praça Imprensa – Rua Sete Povos com Avenida Santos Ferreira
 Praça Irmão Clemente Luis – Rua Irmão Adão Rui com Rua Irmão Agnelo Chaves
 Praça Carlos João Kuhn – Rua Araguaia com Rua Major Sezefredo
 Praça São João Batista de La Salle – Rua Venezuela com Rua Guarujá
 Praça Vereadora Lina Plentz Alves – Rua Tupi com Rua Paraguassú
 Praça Primeiro de Julho – Rua João Leivas de Carvalho com Rua Couto de Magalhães
 Praça Recanto Gaúcho – Travessa 2 com Rua C, Loteamento Recanto Gaúcho
 Praça Santa Maria – Rua Alexandre de Gusmão com Rua Santa Margarida
 Praça São Jorge – Rua Dr. Olavo Fernandes com Rua São Matheus
 Praça Vicente Scherer – Rua Das Azaléias com Rua Das Hortências
 Praça Vinte de Setembro – Rua Tramandaí com Rua Rainha do Mar
 Praça Johannes Engel – Rua Eliseu Paglioli com Rua Fabrício Barros
 Parque Municipal Getúlio Vargas – Rua Dona Rafaela 700
 Fazenda Guajuviras – Estrada do Nazário
 Centro Olímpico Municipal – Rua Araguaia
 Praça da Amizade – Rua dos Lírios com Rua dos Germânicos
 Praça Biriri – Rua Curumim com Rua Miramar
 Praça do Plano Diretor – Rua Albatroz com Rua Mariluz
 Praça Jardim do Lago – Rua Irmão Adão Rui com Rua Irmão Bernardo
 Praça Paulo Leopoldino – Rua Cunha Flamboyant com Rua Dos Cambarás
 Praça da Rua Araguaia – Rua Araguaia com Rua Xingu
 Praça do Residencial Recanto Ferrari – Rua C com Rua Oleoduto
 Praça Estação Petrobrás – Avenida Getúlio Vargas com Rua Frederico Ozanan

Praça Hércules – Rua Oscar Kulzer
 Praça K Guajuviras – Rua 103 com Rua Eucaliptos
 Praça Principal – Rua Angélicas com Rua Cambuí
 Praça Santa Rita de Cássia – Rua Osmar Santana com Rua Maria Faustino

QUADRANTE SUDOESTE

Praça Elizabeth – Rua Elizabeth M. Finkler com Rua Antônio Florindo Nichele
 Praça das Figueiras – Rua Boa Esperança, ao lado do número 1070
 Parque da Figueira – Rua Dom João Becker
 Praça Elísio B. da Costa – Rua Dr. Augusto Pestana com Rua Oliveira Viana
 praça Fabiana Wobeto Ribeiro – Rua Engenheiro Chang com Rua Cairu
 Praça Engenheiro Chang II – Rua Engenheiro Chang com Rua Pistóia
 Praça Paulino C. Vignochi – Rua Tancredo Neves, ao lado do número 620
 Praça Teotônio Vilella – Rua Edgar Fritz Muller com Rua Paes Leme
 Praça Cônego Lotário Steffen – Rua José de Alencar com Rua Ana Nery
 Parque Esportivo Eduardo Gomes – Avenida Guilherme Schell
 Praça Pio XI – Rua Mauá com Rua Luis Delfino

Assessoria de Comunicação

Fonte: <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/passeios-atividades-esportivas-oficinas-as-opcoes-gratuitas-de-lazer-para-as-criancas-em-canoas/>

7.4 Enquanto isso na Praça da Juventude...

Enquanto isso, **a)** as oficinas de Capoeira que já estavam em recesso desde o sábado, dia 22/12/2018, devido às cerimônias e festividades alusivas ao Natal e Ano Novo de 2019 não foram retomadas por causa da ausência total de energia elétrica decorrente do furto dos cabos e fios de alta tensão, ocorridos na madrugada do dia 21 para o dia 22/01/2019; **b)** o projeto de futebol, divulgado para ocorrer a partir do dia 19 de janeiro de 2019 às 9h, aos sábados, já aconteciam desde o mês de dezembro de 2014 por iniciativa individual de Márcio e Jorge, respectivamente, Evangelista e Obreiro da Igreja Novas de Alegria, projeto denominado Time de Cristo (TDC), destinado a crianças e jovens habitantes do bairro, viabilizado após apresentação da proposta e o consequente agendamento do campo com horário fixo aos sábados pela manhã junto à Gestora da Praça, Alba; **c)** o projeto Brinque e Yoga, com início previsto para o dia 09 de janeiro, também teve seu início inviabilizado pela falta de energia elétrica, assim como o Futsal previsto para iniciar no dia 02 de janeiro de 2019, nas segundas, quartas e

sextas-feiras, às 14h que não aconteceram; **d**) as práticas de futsal que se manifestam na praça são as de auto-organização dos jovens habitantes da região que se encontram frequentemente para jogar, e as que ocorrem por intermédio do projeto de autoria do Guarda Subversio e da Gestora Alba [o projeto Praça Futebol Clube], com suas “resenhas” e torneios; **e**) o banheiro masculino, localizado no interior do Prédio Administrativo da Praça, há meses está interditado por iniciativa de Alba, pois, após sucessivas solicitações, não atendidas pela prefeitura municipal, para trocar um cano quebrado e vazando água, Alba decidiu fechar o registro. Isso impossibilitou o uso do banheiro, pois não há água para descargas nos vasos sanitários e nas pias para lavar as mãos; **f**) parte do forro do Prédio Administrativo caiu e outras partes estão prestes a cair, decorrente do desgaste do material, consequência do tempo e ausência de manutenção e/ou troca; **g**) os vestiários a cada dia acumulam mofos e infiltrações de água no teto; **h**) parte do corrimão do espaço de acessibilidade para pessoas com dificuldade de mobilidade e outras deficiências que dá acesso ao palco de shows enferrujou, caiu e está guardado em um dos vestiários que, além de estar tomado por infiltrações e mofos, tornou-se depósito de materiais da praça quebrados e deteriorados e; **i**) os Guardas que realizam a segurança patrimonial da Praça estão trabalhando às escuras, sem o mínimo de iluminação, seja no interior do centro administrativo, seja nos espaços externos da praça desde o furto dos cabos e fios de alta tensão; **j**) e as crianças e jovens permanecem, não raras vezes, jogando futsal na quadra com suas “bexigas véias”²²⁴, pois, não há bolas no prédio administrativo para empréstimos.

Ainda no dia 20/02/2019, Márcio, coordenador do projeto TDC, o mesmo projeto divulgado no site oficial da PMC sem os devidos créditos aos idealizadores, como se fosse iniciativa do governo, publica, na sua página no *Facebook*, um vídeo apresentando alguns dos problemas infraestruturais da PJ [mais especificamente os problemas que impactam diretamente o campo de futebol e seu entorno], solicitando providências. A publicação foi realizada às 19h48, quando já estava anoitecendo, conforme segue:

Tá gente, a gente está aqui na Praça da Juventude. Nós temos o Projeto Time de Cristo, está ali os guris jogando ali. A gente está aqui ó sem luz, já faz tempo que está sem luz. Olha lá os cabos [apontando para os refletores no entorno do campo de futebol, no qual, os cabos estão arrebitados] sem luz na praça, as crianças do projeto brincando ali ó, daqui a pouco todo mundo têm que ir embora porque não tem luz. Olha lá ó, os refletores tudo pra baixo

²²⁴ Recordações de campo de janeiro, fevereiro e março de 2019.

[apontando para os refletores localizados em uma das linhas de fundo do campo de futebol] daqui a pouco a gente tem que ir embora. A gente não consegue usufruir do espaço porque não tem luz com escuridão, os guardas ficam no escuro de noite. Uma vergonha isso aqui! os fios tudo pra baixo. Eu queria ver com o seu prefeito ou o secretário de esporte, alguém que possa nos ajudar, que possa dar um jeito nisso aqui ó [apontando para os refletores] botar lâmpada pra nós pra que a gente possa pelo menos usufruir desse espaço aqui. A Praça da Juventude, na Pôr-do-Sol, no Guajuviras. Não é Centro de Canoas tá? Mas é aqui, a gente precisa também de área de lazer, o jovem precisa, porque é só isso que vai tirar eles das ruas, do mundo do crime. Então a gente tá aqui pelo nosso trabalho, o nosso projeto e aí a gente não consegue fazer por causa daí ó, escuridão total aí ó, não tinha nem água esses dias aí, tá? Seu prefeito, secretário, dá uma força pra nós aí. Valeu!”

O vídeo repercutiu significativamente. Com mais de 223 compartilhamentos com solicitações de ajuda e cobranças à PMC e vários comentários, destaque, aqui, o do Secretário Municipal de Esporte e Lazer, Roberto Tietz, publicado no dia 27/02, o qual argumenta que

as Praças da Juventude são divididas com a Cultura, e o pedido deve ser feito ao Coordenador do local, que não é da Smel, mesmo assim estou encaminhando também, mas a questão das lâmpadas é pelo final do contrato. Vou solicitar a visita do Diretor de esportes ainda esta semana.



Figura 140: Resposta do então Secretário Municipal de Esporte e Lazer ao vídeo publicado por Márcio na sua página do *Facebook*.

Certo dia²²⁵, ao chegar à praça, quando me deslocava do estacionamento até a quadra poliesportiva, ao passar ao lado da porta secundária de acesso ao Prédio Administrativo que é de vidro e enxerga-se o seu interior, visualizei o guarda que estava de serviço no dia, sentado em uma cadeira em frente à porta. Ao vê-lo, parei, cumprimentando-o, e ele respondeu ao cumprimento. Fiz sinal para que ele abrisse a porta. Ele levantou-se, destrancou as fechaduras localizadas embaixo e a que abre com chave mais acima. Já nos conhecíamos, e assim que ele abriu a porta, perguntei: “Como está? Continuam sem energia elétrica?” – “Continua tudo do mesmo jeito! Estou aqui no escuro. Aliás, como tu já sabe, a praça toda tá sem luz há mais de 30 dias”. “E a noite? Como estão fazendo?” – pergunto. “À noite, o pessoal [outros guardas] vem aqui, então fazemos uma ronda juntos e depois que o pessoal vai embora eu entro aqui para dentro, tranco tudo e aqui eu fico!” – respondeu o guarda. Permanecemos conversando, e o guarda prosseguiu expondo seu ponto de vista acerca do atual estado de conservação da praça: “Essa praça tá caindo os pedaços. Já não têm luz há mais de 30 dias. Tu viste lá os refletores? Estão todos estragados, com a fiação toda arrebitada. Os vestiários então? Tá um perigo! Tu já viste ali? Estão cheios de infiltrações, mofo, rachaduras. Qualquer dia aquilo vai cair! Vai ser uma tragédia se tiver uma criança, um guri por perto. Espero que não aconteça, mas pode acontecer, aí só farão alguma coisa depois que acontecer, como tudo no Brasil”, desabafou. E continuou: - “Ainda bem que hoje não está tão quente. Naqueles dias de muito calor que tivemos, foi bem difícil, era insuportável ficar aqui dentro. Estou trazendo água gelada de casa e deixando no cooler que o Subversio trouxe”.

O guarda, ainda que não vivencie diariamente o cotidiano da praça, está presente com regularidade, pois, atua como folguista, e expressa seu ponto de vista para a preservação e conservação do espaço público. Diz que não entende por que a PMC não faz na PJ como é em outros espaços da cidade, como o Capão do Corvo [Parque Municipal Getúlio Vargas, localizado no bairro Marechal Rondon] e o Eduardo Gomes [Parque Esportivo Eduardo Gomes, localizado no bairro Fátima] que é cercado e tem hora para abrir e fechar. O guarda justifica sua concordância com o cercamento e controle de horário para acesso e permanência nos espaços públicos porque, enfatiza, “está tudo preservado”, “tudo novo”, “não tem depredação”. Manifesta seu descontentamento com a estrutura física da PJ ao dizer que “a praça aqui não tem mais

²²⁵ Recordações de campo, dia 11/03/2019.

jeito”, e que tem a sensação “que já abandonaram de vez”. Coloca em dúvida a permanência de Alba na gestão do espaço público ao manifestar que “acho que a Alba não continua mais aqui”, e que a saída da gestora e o consequente “abandono de vez” por parte da PMC resultará, nas palavras dele “o que vai acontecer nessa praça é o tráfico [de drogas ilícitas] tomar conta”²²⁶.

No mesmo dia, na quadra poliesportiva, 14 jovens estavam jogando futsal. Ressalto isso porque era um fenômeno que não ocorria com frequência nas últimas semanas, exceto aos sábados e domingos. Entre esses 14 jovens havia aqueles que assistiam da arquibancada ou até mesmo no interior da quadra, sentados ou em pé na linha lateral ou linha de fundo, perto dos que estavam efetivamente jogando. Ingressei no interior da quadra, e um dos jovens que estava sentado na linha lateral perguntou-me: “E aí, vai jogar?” – Respondi: “Pode ser”. O jovem justificou a pergunta: “Estou te perguntando por que se tu quiseres jogar, podemos fazer ‘próximo’ e jogar no mesmo time”. – “Certo! Então eu jogo”, respondi. De imediato, o jovem gritou aos que estavam na quadra jogando: “Ei, ô pessoal, vai ter próximo! Vai ter próximo!” Alguns jovens que estavam em quadra jogando, alertaram os demais: “Escutaram? Vai ter próximo!” Outro complementou: “Tá, zerou, então! Até dois gols, depois vai entrar o próximo”.

Nessa dinâmica, percebe-se uma regulação da situação. Como anteriormente, não houve manifestações de interesse para jogar daqueles que assistiam da arquibancada ou do interior da quadra, àqueles que jogavam, até então, praticavam sem regulação de tempo ou número de gols marcados, ou seja, *a priori*, o jogo era “até cansar”²²⁷ ou até “perder a vontade”²²⁸, como ocorria com alguma frequência.

Assim como já era comum, passei a jogar com os jovens. Mesmo tendo convivido com o grupo, jogando futsal, por mais de três anos, algumas de suas práticas durante os jogos ainda me chamavam a atenção. Era comum vê-los descalços na quadra, sem camisa, alguns com cigarro na boca, usando bonés, outros de calça jeans.

As formas de auto-organização e uso de vestimentas dos jovens que escapavam às normas, regras e orientações de como jogar e vestir-se do sistema esportivo oficial pareciam a manifestação das diversas formas de compreender e vivenciar as práticas corporais.

²²⁶ Recordações de campo, 11/03/2019.

²²⁷ Recordações de campo, 2017, 2018, 2019.

²²⁸ Recordações de campo, 2017, 2018, 2019.

Fiz algo que até então não havia feito naquele tempo de convívio com os jovens na praça: jogar descalço na quadra poliesportiva. Esse fato instigava-me desde que passei a conviver com eles, ou seja, o dos jovens jogarem com tanta ‘naturalidade’, durante tanto tempo em uma quadra com piso de concreto. Assim, ao iniciar o meu primeiro jogo descalço, senti na planta dos pés e nas articulações dos joelhos a sensação desagradável de jogar nessa condição. Diante de tamanho desconforto, logo calcei os tênis e permaneci jogando. Com tamanha facilidade dos jovens em conduzir a bola, precisar passes, controlar a bola, driblar ou utilizar outros recursos como embaixadinhas, pedaladas, lençóis ou chapéu [quando o jogador tocando na bola com os pés, faz com que a mesma passe por cima da cabeça do adversário], procurei jogar o ‘mais simples’ possível [recebo a bola, logo, devolvo; evito tentativas de dribles e finalizo somente quando compreendo que a possibilidade de gol é significativa], até porque não disponho de habilidades e recursos técnicos suficientes para ousar como os jovens fazem com frequência. O time, no qual eu estava jogando, venceu o primeiro jogo por 2 x 1. No segundo jogo vencemos por 2 x 0. Os jogos, de modo geral, eram descontraídos, embora também ocorressem cobranças em determinadas situações. Algo que era significativamente reprovado e cobrado entre os jovens durante os jogos era a condução ou “carregar” a bola durante muito tempo, não passar ao companheiro de time, finalizar para o gol e o gol não ser concretizado. Cobranças como “passa a bola fominha”, “eu estava do teu lado” ou “tá jogando sozinho?” às vezes eram bastante acentuadas e geravam divergências. No mais, brincadeiras, piadas, jocosidades são fenômenos presentes ao longo dos jogos. Quando iniciamos o terceiro jogo [terceiro que eu estava jogando, pois, quando cheguei à praça os jovens já estavam na quadra jogando], alguns jovens do time derrotado no jogo anterior se dirigiram à arquibancada e ali permaneceram conversando e/ou assistindo, e outros foram embora. Dessa forma, fomos jogando até que alguém solicitasse ingresso na quadra como “próximo”. Como não houve seguintes manifestações, jogamos por, aproximadamente, mais de trinta minutos ininterruptamente. Em dado momento, informei aos jovens que eu precisava ir embora, devido a compromissos assumidos. Solicitei que um dos jovens ocupasse a posição de goleiro que eu exercia naquele jogo. Um dos jovens ocupou a minha posição. Ao me direcionar ao portão de acesso e saída da quadra, um dos jovens despediu-se de mim: “Até a próxima, valeu!” Outro jovem, de imediato, falou: “Valeu, tu és o cara! Aparece mais vezes para jogar!” Então respondo: “Valeu! Eu que

agradeço o espaço para jogar com vocês”. Entrei no meu veículo e fui embora [17h50]²²⁹.

Já no sábado, dia 16/03/2018, ao chegar à praça para acompanhar mais uma manhã de jogos de futebol vinculados ao projeto TDC, Alba e Subversio assistiam aos jogos e conversavam próximos ao campo. Cumprimentamo-nos, e Alba deu-me um forte abraço e com um largo sorriso disse: “Tenho novidades para te contar! São boas notícias”. “Lembras do Cassiá que era o Secretário de Cultura? Nós estivemos conversando”. A gestora disse que ele esteve na PJ, e ela lhe mostrou todos os problemas que estavam enfrentando, “sem energia elétrica”, “sem iluminação pública externa”, “a falta de manutenção”, “o mato que está tomando conta de tudo”, “a falta de materiais esportivos”. A gestora salientou que o ex-secretário de cultura “é muito bem articulado”, que “é um cara de comunidade”, e que após apresentar todos os problemas estruturais e de ausência de manutenção, o ex-secretário levou as demandas para conhecimento do filho do prefeito municipal que as levou ao Prefeito. Segundo Alba, o retorno que teve do ex-secretário era que o Prefeito desconhecia os problemas de estrutura física e ausência de manutenção da PJ, e que de imediato encaminhou providências. “Tem uma luz no fim do túnel”, enfatizou a gestora.

Cerca de uma hora depois, quando Márcio e eu conversávamos sentados na arquibancada enquanto os jogos de futebol aconteciam no campo, Alba sentou-se ao nosso lado e comentou com Márcio que já havia passado a informação para mim, de que havia “uma luz no fim do túnel”. Ela estava na expectativa de “que agora vão olhar para nós”, que a situação da praça chegou até “os ouvidos” do Prefeito, e que o vídeo publicado por Márcio teve muita repercussão. A gestora salientou que o ex-Secretário de Cultura entrevistou e a informação que chegou até ela pelo ex-secretário era de que, quando o Prefeito soube, imediatamente fez uma reunião com os servidores da SMCT querendo saber o que estava acontecendo, “cobrou providências imediatas” e encaminhou ações via Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (SMSU).

Continuamos conversando. Márcio, visivelmente incomodado com o cenário da praça, relatou uma entre as diversas manifestações de um dos secretários do governo após a publicação do vídeo em sua página no *Facebook*, o qual solicitou providências em relação aos problemas de estrutura física e manutenção no espaço público. Márcio salientou que entre tantas coisas que leu e ouviu, uma o “deixou bastante incomodado”,

²²⁹ Recordações de campo.

e foi quando o secretário, segundo ele, “teve a coragem de dizer que a praça está nessa situação porque as pessoas não cuidam”: “Ah, tem que cuidar da praça’, disse ele, como se a prefeitura não tivesse responsabilidade”. Márcio prosseguiu, destacando que a PJ já existia há quase cinco anos e questionou: “Quando a prefeitura veio aqui trocar uma luminária, trocar a fiação, cortar a grama?” Ressalvou que a PJ estava abandonada há muito tempo, “aí ele vem dizer que a culpa é nossa?”, enfatizou. Márcio apontou ainda que, do seu ponto de vista, por mais que houvesse cuidado por parte dos usuários do espaço público, se não houver manutenção a estrutura física vai se deteriorando, que “se não há corte de grama, o mato toma conta” e que providenciar a manutenção do espaço tem custo, e finalizou questionando: “Somos nós que temos que providenciar a solução da iluminação da praça? Complicado!”

Em algum momento, enquanto conversávamos, eu disse a Márcio que a PJ estava administrativamente vinculada à SMCT, em Canoas, por uma decisão, à época, do Prefeito, embora, majoritariamente, as atividades institucionais - ainda que previstas - e as práticas fossem esportivas. Comentei também que, em uma conversa com um dos agentes da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL), no ano de 2018, quando eu ainda estava Professor e Coordenador Adjunto do Curso de Educação Física da ULBRA, em uma reunião para tratar de possíveis parcerias para o desenvolvimento de ações na área do esporte, ao ser ventilada a possibilidade de estudantes de Educação Física atuarem na PJ, vinculados à SMEL, o agente dissera que um possível vínculo por intermédio da SMEL talvez não se consolidasse devido a PJ estar vinculada à SMCT, ou seja, que a pasta responsável pela praça deveria realizar todo e qualquer encaminhamento, pois, havia um acordo para que uma pasta não interferisse na outra, inclusive no que se referia aos serviços de manutenção, preservação, etc. que deviam ser encaminhados via SMCT²³⁰.

Acerca disso, Alba intervém e se recorda dos dois anos subsequentes à inauguração, em 2014, ao desabafar que a fala daquele agente era “uma falácia”, que na sua compreensão era para não assumir as responsabilidades. A gestora lembrou que, logo que a PJ foi inaugurada, “o pessoal do esporte vivia aqui”, “tinha projetos e estagiários de Educação Física”. Para a gestora, “o problema é que ninguém assume nada”.

²³⁰ Recordações de campo, 2018.

Quando os jogos de futebol do projeto estavam se encaminhando para o encerramento, Márcio disse que gravará mais um vídeo, mas agora com a presença de todas as crianças e jovens participantes que estão presentes, pois, para Márcio, “não tem outro jeito”, “tem que insistir”. “Só que agora é com as crianças junto”, “vão ter que resolver!”, e que não lhe restava alternativa, exceto “filmar”, “publicar e compartilhar” para obter “o maior alcance possível”. E Márcio me solicita: “Filma para nós, Cristiano?”²³¹.

Encerrados os jogos, antes da oração de agradecimento e a distribuição dos lanches que aconteciam em todos os encontros [fazem parte das atividades programadas no Projeto], Márcio chamou todas as crianças, jovens e demais colaboradores do projeto para gravar outro vídeo e novamente cobrar providências a fim de que o problema da iluminação e energia elétrica fosse resolvido. Com o título “Boa tarde, galera, quero pedir ajuda de novo, me ajude até chegar em alguém que possa me ajudar”, às 12h09, ainda quando todos nós estávamos presentes na Praça. O vídeo gravado com 52 segundos de duração foi publicado por Márcio, conforme descrição abaixo:

Estamos aqui na Praça da Juventude com o Projeto Time de Cristo, o pessoal tudo aí. E o que a gente vai pedir de novo, mais uma vez [aumenta seu tom de voz]: para que as autoridades, a secretaria, o Prefeito, dê uma olhadinha pra nós aqui na Praça da Juventude. Olha aí ooooo Cristiano [chama minha atenção que estou filmando] mostra lá as lâmpadas lá, ó [fala Márcio ao mesmo tempo em que aponta com seus braços e mãos para os refletores localizados no entorno do campo de futebol], a gente não tem iluminação aqui ó, a gente não tem água! Os guardas ficam de noite no escuro aqui! Então o que a gente quer pedir: que venham fazer a manutenção; que cortem a grama para nós; que larguem uma areia na cancha de areia aí. É só o que a gente quer é isso a manutenção da Praça. Não deixem atirada a Praça! O projeto está aí, ó, olha quantas crianças têm aqui, ó [expressa corporalmente com os braços e mãos apontando para as crianças e jovens que estão no seu entorno] querendo, só o espaço para a gente poder dar o treino pra eles, uma dignidade de poder trazer eles aqui e dar um treino de qualidade pra eles. Então seu Prefeito, Secretário de Esportes, não sei...da Cultura, do que for, venham aqui na Praça sábado às 9h da manhã e nos ajude nesse projeto, valeu! [Aplausos de todos os presentes] (Márcio, dia 16/03/2019).

²³¹ Recordações de campo, 16/03/2018.



Figura 141: Segunda publicação de Márcio na sua página do *Facebook*, solicitando providências ao poder público municipal para que haja atenção e celeridade para o restabelecimento da energia e iluminação na praça.

Com várias “curtidas”, mais de 18 comentários elogiosos ao projeto, entre outros solicitando ajuda de vereadores municipais, e 103 compartilhamentos, igual ao vídeo publicado no dia 20/02 houve muita repercussão nas redes sociais. Essa agência humana que recorreu à tecnologia para operar acerca das ausências do poder público no espaço público possibilita pensar conforme Ash Amin (2016), quando considera que o material e o sociocultural estão intimamente implicados em uma espécie de assembleia nunca redutível ao puramente ao humano ou ao não humano.

Nas palavras desse autor,

[...] tanto o social quanto o tecnológico são imaginados como híbridos de associações humanas e não humanas, com infra-estrutura conceituada como uma assembleia sociotécnica, e vida social urbana como nunca redutível ao puramente humano sozinho (AMIN, 2016, p. 137).

Nesse cenário de infraestrutura falha, refletir sobre ela como uma categoria antropológica (STAR, 1999; LARKIN, 2013; AMIN, 2016) coloca em relevo a agência do humano, que não só reconhece a vivacidade dos sistemas técnicos e estruturais, mas questiona o seu lugar de coadjuvante presente nas abordagens majoritárias sobre infraestrutura urbana.

7.5 “Isso aqui está um breu!”

A exígua iluminação, já mencionada na seção anterior, que se mantinha na PJ desde o ano de 2017, decorrente de refletores queimados e curtos circuitos que não foram reparados e/ou substituídos, findou completamente na madrugada do dia 22/01/2019, após o furto de fios e cabos de alta tensão que forneciam iluminação e energia elétrica ao espaço público. Desde então, a praça está às escuras. Não há qualquer iluminação nos espaços externos constituintes da praça [a iluminação já era precária no entorno do campo de futebol devido a refletores queimados e à retirada de outros refletores que foram levados para a quadra poliesportiva pelos jovens e o guarda, a fim de amenizar a ausência de iluminação naquele espaço, decorrente de um curto circuito]. Tampouco há iluminação e energia elétrica nas dependências do prédio administrativo, onde se localizam os sanitários, a biblioteca, a cozinha, entre outras salas multiuso, e o espaço onde ficam os guardas, especialmente os que se responsabilizam pela segurança noturna.

Desde o furto dos fios e cabos eu vinha acompanhando todas as solicitações e reivindicações para o restabelecimento da energia elétrica, tanto no prédio administrativo quanto na iluminação dos espaços externos, e também passei a ir com mais frequência à praça à noite. A praça que nos dois anos posteriores à sua inauguração era significativamente frequentada à noite, às vezes com práticas de futsal e futebol que adentravam na madrugada, já não era mais frequentada. Até então, devido às adaptações feitas pelos jovens, o guarda Subversio, entre outros frequentadores que transferiram refletores em funcionamento de um espaço ao outro entre outras improvisações elétricas, conseguiam enfrentar e manter alguns jogos com a escassa iluminação garantida. Contudo, com a ausência absoluta de iluminação, as práticas esportivas, entre outras atividades de lazer, inviabilizaram-se.

Em uma noite do mês de março, quando me dirigia à PJ, ao passar pelo Complexo Esportivo Pôr-do-Sol e pelas escolas municipais Paulo Freire e Anísio Espínola Teixeira, a escassez de iluminação pública no decorrer da rua e sua ausência absoluta quando se chegava ao entorno e interior da Praça provocaram-me significativo desassossego. A sensação imediata que tive foi a de abandono do poder público dessa localidade do bairro. Consequentemente, também me preocuparam as precárias e inseguras condições de trabalho dos guardas noturnos que atuavam na segurança

patrimonial da Praça, e das pessoas que necessitavam andar por aquelas ruas do bairro ao retornarem do trabalho e da escola, ou, simplesmente pelos seus direitos de ir e vir, passear, interagir no espaço público.



Figura 142: Rua Irmão Tiago, localizada no Loteamento Pôr-do-Sol às escuras devido a escassez de iluminação pública.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Ao chegar à PJ, fui até o prédio administrativo. Nada se enxergava no seu interior. Bati à porta. Dois guardas apareceram, e, visualizando-me do seu interior, cumprimentaram-me e abriram a porta. Já nos conhecíamos, e um deles, um tanto surpreso com minha presença, questionou: “O que faz aqui nesse horário?” – “Estou aqui para ver pessoalmente como é que está a noite aqui. Até então, eu só tinha relatos do Subversio, da Alba e de outro colega de vocês da guarda”, respondi. “Vou dar uma caminhada pela praça e registrar algumas fotografias dos espaços”, disse-lhes. Prontamente, eles se disponibilizaram a me acompanhar. Pegaram suas lanternas e fizemos uma caminhada noturna às escuras. Após alguns minutos de caminhada e observações, permanecemos conversando. Os guardas relataram as dificuldades e más condições de trabalho que enfrentavam desde o furto dos fios e cabos ainda no mês de janeiro:

Tu estás vendo né, estamos totalmente no escuro. É difícil. A gente nem está saindo para fazer ronda. Saímos agora com você. Não tem muito o que fazer. Estamos vulneráveis aqui. Nós fazemos uma ronda no início da noite e passamos o restante da madrugada escondidos aqui dentro. Geladeira não dá para usar. Estamos usando isopor ou cooler para manter refrigerado uma água, suco, um sanduiche (GUARDA 1, noite de março de 2019).

O outro guarda fez outros relatos:

Esses dias, uma mulher que mora lá [apontando em direção a uma residência localizada próximo à Praça] estava apanhando do marido. Aí, ela veio desesperada correndo para cá, aos gritos, pedindo ajuda. Imagina só, nós nessa escuridão, vem uma mulher correndo, gritando... até entendermos o que estava acontecendo ficamos tenso. Ela pediu proteção para nós, queria ficar aqui. Mas sem condições, de qualquer forma nem poderíamos mantê-la aqui e nessa escuridão então... na hora acionamos a Brigada [Brigada Militar] que em seguida veio e fizeram os encaminhamentos (GUARDA 2, noite de março de 2019).

Continuamos a conversa, e um dos guardas reavivou o acontecimento da noite de 21/01/2019 quando os fios e cabos foram furtados e o quanto isso afetou o seu colega que estava de serviço naquela noite:

Tu soubeste né? O colega que estava de serviço aquela noite não voltou mais. Ele ficou traumatizado com o que aconteceu. Ele estava sozinho de serviço, sem arma, não tinha o que fazer. Ainda mais aqui que é meio afastado de tudo. Por isso que agora estamos em dupla aqui. Ninguém mais quer vir para cá. Só assim para o pessoal [guardas] ficar (GUARDA 1, noite de março de 2019).

“Isso aqui está um breu!”, disse o guarda ao mesmo tempo em que esticava e movimentava os braços em direção de todo o espaço físico da Praça. “E é desde o início dessa rua que já há pouquíssima iluminação e aqui agora com essa situação na praça, pelo menos desse lado aqui está pior ainda”, complementou o guarda. Em algum momento, um senhor pedalando uma bicicleta passou pela Praça. Ao passar por nós, nos cumprimentou, “boa noite, gente”, e seguiu em direção à vila Nancy Pansera. Momentos depois, um dos guardas zoou com as condições do espaço e da sua própria condição de trabalho: “Se tu quiseres voltar na madrugada, tu verás o quão sinistro é (risos)”. Por volta das 22h, me despedi dos guardas e fui embora.



Figura 143: Imagem da Praça da Juventude registrada de janeiro a 07 de maio de 2019, período em que o espaço público permaneceu totalmente sem iluminação e energia elétrica [quadra poliesportiva].

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

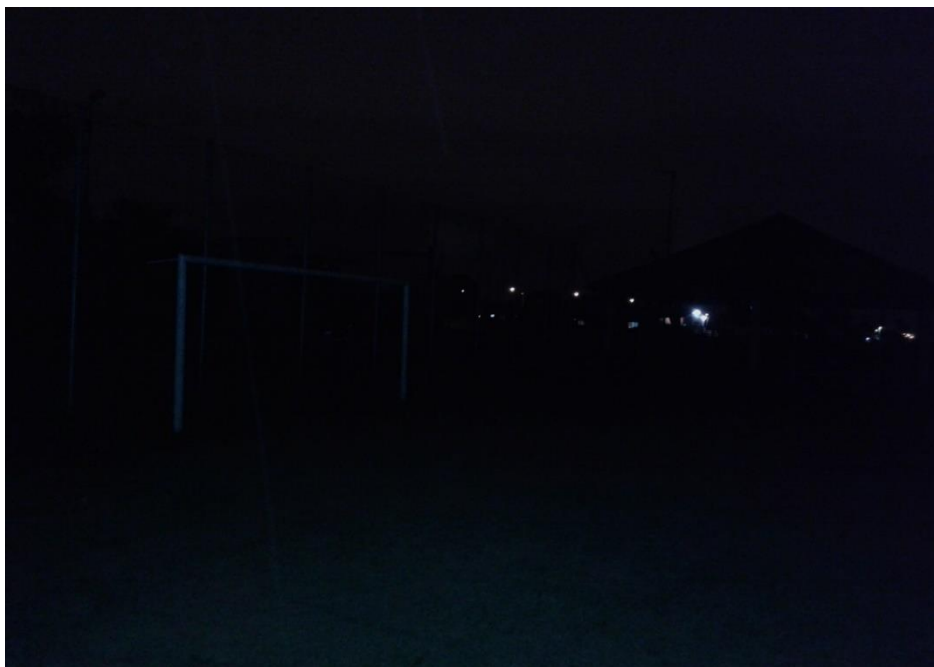


Figura 144: Imagem da Praça da Juventude registrada de janeiro a 07 de maio de 2019, período em que o espaço público permaneceu totalmente sem iluminação e energia elétrica [campo de futebol].

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 145: Imagem da Praça da Juventude registrada de janeiro a 07 de maio de 2019, período em que o espaço público permaneceu totalmente sem iluminação e energia elétrica [um dos refletores localizados no entorno do campo de futebol que já não funcionava desde o ano de 2017].

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 146: Imagem da Praça da Juventude registrada de janeiro a 07 de maio de 2019, período em que o espaço público permaneceu totalmente sem iluminação e energia elétrica [quiosque da praça].

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 147: Imagem da Praça da Juventude registrada de janeiro a 07 de maio de 2019, período em que o espaço público permaneceu totalmente sem iluminação e energia elétrica [pista de skate].

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 148: Imagem da PJ registrada de janeiro a 07 de maio de 2019, período em que o espaço público permaneceu totalmente sem iluminação e energia elétrica [parede do centro administrativo que contém o rosto de Nelson Mandela grafitado].

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 149: Imagem da PJ registrada de janeiro a 07 de maio de 2019, período em que o espaço público permaneceu totalmente sem iluminação e energia elétrica [corredor do prédio administrativo].

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 150: Imagem da PJ registrada de janeiro a 07 de maio de 2019, período em que o espaço público permaneceu totalmente sem iluminação e energia elétrica [sala utilizada para a alimentação dos guardas e da gestora/ao fundo está localizada a cozinha].

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Ao refletir sobre um triplo homicídio ocorrido na madrugada do dia 26/01/2019, em uma tradicional e frequentada via boêmia do bairro Cidade Baixa, na cidade do Porto Alegre/RS, o sociólogo Carlos Gadea (2019) sugere que a alternativa para a redução das relações de violência não pode se restringir a políticas de policiamento mais ostensivo e a ações de inteligência para a desmobilização de facções criminosas que têm se aproximado do bairro nos últimos anos. Para o sociólogo, a minoração dessa problemática passa por um espectro ainda mais amplo, ou seja, por intermédio de políticas de revitalização do espaço público, melhorias na iluminação, limpeza urbana, o que, na sua compreensão, favorece a produção de outras formas de sociabilidades.

De acordo com Gadea, esse acontecimento ocorreu em um contexto em que

houve uma deterioração do ambiente, inclusive, da parte urbanística. Isso vem acompanhado do deterioramento das relações sociais: lixo, sujeira, escuridão, pichações. É um lugar degradante do ponto de vista urbanístico. Há casos de cidades como Barcelona e Medellín que investiram em reformas urbanísticas e ganharam muito no combate à violência (GADEA, 2019)²³².

No dia 30/03/2019, às 17h12, Márcio voltou a manifestar-se em relação à ausência de iluminação na PJ. Com o texto, “ainda estamos sem luz na praça, vamos compartilhar até chegar em alguém que possa me ajudar”, o Evangelista voltou a publicar o mesmo vídeo gravado com a presença das crianças e jovens participantes do projeto TDC, publicado no sábado, dia 16/03/2019.

²³² Trecho da entrevista concedida ao jornal GAÚCHAZH de Porto Alegre, publicado no dia 28/01/2019 na matéria intitulada “**Tragédia anunciada**”: triplo homicídio retoma debate sobre solução para a João Alfredo. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/01/tragedia-anunciada-triplo-homicidio-retoma-debate-sobre-solucao-para-a-joao-alfredo-cjrgstiqk015701q9p0f3xt0l.html>. Acesso em: 29/01/2019.



Figura 151: Márcio replica a publicação na sua página do *Facebook*, e insiste na cobrança por providências do poder público municipal para o restabelecimento da energia elétrica e iluminação externa da PJ.

Fonte: Imagem extraída da publicação realizada por Márcio em sua página no *Facebook*.

Já nos dias 30/03 à tarde, 06/04 à tarde e 13/04/2019 manhã e tarde, a organização religiosa Força Jovem Universal (FJU) da Igreja Universal do Reino de Deus, organizou e realizou um torneio de futsal na quadra poliesportiva da PJ. Coloco em relevo esse evento, diante do impacto que a ausência de iluminação teve na programação prevista das partidas de futsal. Esse torneio contava com oito equipes formadas por jovens e adultos com idades entre 14 a 25 anos. A previsão era de oito jogos no dia 30/03, e as semifinais aconteceriam no dia 06/04, na quadra poliesportiva da PJ, e a final, na tarde do dia 13/04, em uma quadra localizada na avenida Principal ou avenida 17 de Abril do bairro Guajuviras. Porém, houve a necessidade do agendamento [o que não estava previsto] de jogos na manhã do dia 13/04, na quadra poliesportiva da Praça da Juventude, para que houvesse, conforme inicialmente previsto, a realização da final, à tarde, na quadra localizada na avenida Principal do bairro, pois, a falta de iluminação no interior da quadra havia inviabilizado a realização dos jogos previstos nas datas anteriores.

Em conversa com Rudinei, na tarde chuvosa do dia 06/04, na quadra da PJ, ele justificou a necessidade do reagendamento de alguns jogos para o sábado seguinte. Salientou que solicitaria à Alba o agendamento da quadra para o sábado seguinte pela manhã [dia 13/04] para o encerramento dos jogos, e que agendaria, para a tarde, “a final na quadra do São Jorge”, localizada na avenida 17 de Abril. Rudinei comentou que havia previsto oito jogos para o sábado anterior, contudo, foi possível a realização de somente seis jogos “porque escureceu”, “aí, tivemos que interromper”, e que no “dia de hoje”, além do problema da ausência de iluminação elétrica, a chuva que acabou o início dos jogos. “Tem time que não veio e aí perderam por W.O e outros atrasaram”. A conversa prosseguiu e perguntei a Rudinei quantos jogos estavam previstos para aquele dia. Rudinei respondeu que além dos dois jogos que não foram possíveis de jogar na semana anterior, havia mais seis jogos. Por fim, Rudinei complementou: “Vamos jogando hoje até quando der!”²³³.

E foi o que aconteceu. As partidas de futsal foram sendo jogadas até “quando deu!” Às 18h25 escureceu por completo, e como desde meados de 2017 não havia iluminação na quadra poliesportiva causada por um curto circuito, os jogos tiveram que ser suspensos. Próximo das 18h40, sob forte chuva todos deixaram a praça²³⁴. No dia 13/04 o torneio teve continuidade pela manhã na quadra poliesportiva da PJ e à tarde realizou-se a final na quadra do São Jorge, na avenida 17 de Abril.

²³³ Recordações de campo, dia 06/04/2019.

²³⁴ Recordações de campo, dia 06/04/2019.



Figura 152: partida do torneio de futebol organizado pela Igreja Universal do Reino de Deus por intermédio do Projeto FJU no dia 06/03/2019.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Já no sábado, dia 20/04/2019, ao longo da manhã de jogos de futebol do projeto TDC, entre outras atividades organizadas por Márcio e Jorge em alusão à Páscoa [já descrito e abordado em detalhes na seção 6.3 do capítulo 6], em algum momento, enquanto Wellington, Jessé, o Guarda Subversio e eu conversávamos e assistíamos aos jogos do projeto no campo, como nos últimos onze dias estive ausente da praça, perguntei se a energia elétrica e a iluminação externa já estavam restabelecidas: “E a iluminação da quadra e do campo já está funcionando?” De imediato, o jovem Jessé reclamou: “que luz? Não te ilude negão! Eles [a Prefeitura] não vão fazer nada! Olha quanto tempo só a quadra está sem luz. Temos é nós que fazer uma vaquinha, pegar R\$ 100,00 pila de cada um e resolver!” – respondeu o jovem visivelmente incomodado e descontente com a atual condição da praça que se estende há mais de dois anos, agravada em janeiro de 2019 com o furto dos fios e cabos de alta tensão. Em seguida, Alba que já se encontrava na praça aproximou-se de nós. Após conversas acerca de outros temas, comentei com ela: “Alba, estava conversando com os guris aqui sobre a iluminação da praça e eles disseram que não houve ainda providências por parte da

Prefeitura...”. Alba respondeu: “Pois é, disseram [agentes do governo municipal] que os serviços iniciariam na quarta-feira [17/04] e nada. A justificativa foi o feriado. Segundo eles, inicia na próxima segunda-feira [dia 22/04]. O orçamento que fizeram é para resolver o problema por completo, restabelecer toda a energia elétrica e iluminação da praça. Vamos aguardar”²³⁵.

Ash Amin (2016), em estudo de caso acerca das ocupações de terra e assentamentos informais na cidade de Belo Horizonte/MG, aponta que entre os elementos da nova abordagem de infraestrutura está a analítica da “cidade como uma máquina de provisionamento” e a agência do que o autor nomeia de “sociotécnicos” [agentes do governo] no processo de urbanização das cidades.

Nessa compreensão teórica,

[...] ao abordar a cidade como uma máquina de provisionamento, mostra como os sociotécnicos que regulam a distribuição de elementos básicos, como alimentos, água, eletricidade, saneamento, saúde, informação e conhecimento determinam centralmente o caráter de bem-estar urbano e sustentabilidade [...]. Normalmente, revela como algumas cidades são derrubadas por infraestruturas falhas, incompletas ou mal administradas, sempre remendadas por medidas improvisadas que mais taxam os pobres [...] e, inversamente, como outras cidades conseguem afastar as complicações imprevistas de sistemas complexos de provisionamento construindo em excesso de capacidade, quebra de circuitos e inteligência e folga dentro e através das redes de infra-estruturais da cidade (AMIN, 2016, p. 138).

Desse pensamento, reavendo o processo de urbanização do Loteamento Pôr-do-Sol já descrito no capítulo 4, e, especialmente, a PJ Nelson Mandela que está entre as ações urbanísticas da região, imbricado às exiguidades, interrupções e desinvestimentos do próprio governo e as práticas com as táticas e operações das pessoas que lá frequentam e trabalham, que atravessaram os capítulos 5 e 6, pode-se afirmar que a regulação, por parte do governo, dos investimentos, as manutenções e/ou reposições de atividades culturais e esportivas, recursos humanos, equipamentos, acessórios, materiais esportivos, limpeza, eletricidade e iluminação pública, determinam tanto o caráter de um “poder indicativo” (MARTUCCELLI, 2018), que revela uma infraestrutura falha, quanto inversamente, uma quebra desses circuitos de incompletude que afastam as consequências que podem afetar [ou afetam] as vivências a partir das “artes de fazer” com os acontecimentos através das associações humanas e não humanas de infraestrutura (DE CERTEAU, 2018; LATOUR, 2012, 2013). Por esse ângulo, afirma Amin (2016, p. 138), “as infraestruturas urbanas mostram-se sociais em todos os aspectos”.

²³⁵ Recordações de campo, sábado, dia 20/04/2019.

Nesse espaço projetado institucionalmente, há ainda outros desdobramentos possíveis das experiências, desafios e vivências alusivas aos serviços urbanos providos parcialmente ou não pelo governo? É o que se abordará nos capítulos a seguir.

CAPÍTULO 8

“VOLTAMOS COM TUDO!”: ESTABILIZANDO AS CONTROVÉRSIAS NA PRAÇA?

O que pode ser estudado é sempre uma relação ou um regresso infinito de relações. Nunca uma "coisa". (BATESON, 1978, p. 249).

Começo esse capítulo compartilhando com os leitores outras de minhas vivências no campo que marcaram significativamente o trajeto do presente estudo. São acontecimentos representativos e emblemáticos que parecem a síntese das evidências que atravessam esta tese. As observações e vivências “por dentro” dos acontecimentos que serão relatados nas linhas que seguem, datam, inicialmente, do dia 23 de março de 2019, quando eu ainda estava em minha casa tomando café e recebi uma mensagem de voz via *WhatsApp*, às 9h38, sábado, da gestora da PJ Alba Valéria, conforme segue:

Oi Cris, onde é que tu estás que não veio pra praça ainda? Está bombando aqui hoje, vai ter altos agitos. Vem pra cá rápido! (ALBA, mensagem de voz enviada para meu *WhatsApp*, dia 23/03/2019).

Após receber a mensagem, segui imediatamente para a PJ. Ao chegar, por volta das 10h10, surpreendi-me com a quantidade de pessoas presentes. Diferentemente do que acontecia aos sábados pela manhã, quando a concentração de pessoas estava no campo de futebol nas atividades do projeto TDC, não havia somente as crianças e jovens praticando futebol no campo sob a orientação de Jorge e Márcio. Naquela manhã, estavam presentes muitas outras pessoas no entorno do campo de futebol, da pista de skate, no entorno e no interior da quadra de voleibol de areia, na arquibancada do palco para shows e outros eventos artísticos/culturais, e em todos os demais espaços da PJ que possuíam grama, além dos jovens Wellington, Anderson, Andrey, Dhyonatan, Jessé, entre outros, jovens esses praticantes assíduos de futsal na quadra poliesportiva que raramente estavam presentes na PJ naquele horário e que naquele dia se encontravam conversando próximos à academia ao ar livre, localizada em frente ao campo de futebol. Havia também um grupo de pessoas com crachás que circulava por ali, conversando e observando toda a movimentação.

Significativa parcela dessas pessoas presentes era de funcionários da empresa MecaniCapina de Limpeza Urbana LTDA. Esses funcionários capinavam e cortavam a grama da pracinha, aparavam a grama da pista de caminhada e corrida, cortavam o mato

que tomava conta da quadra de voleibol de areia até então, pintavam os meios-fios e demais bordas de concreto da PJ com tinta branca, pintavam a arquibancada do palco de shows, varriam e recolhiam lixos espalhados pelos espaços da praça. Funcionários manuseando um caminhão coletor/compactador de lixo e uma máquina pá-carregadeira também davam suporte à limpeza e pintura em andamento na PJ. Veículos oficiais da PMC também se encontravam estacionados no entorno da praça ao mesmo tempo em que havia movimentação de outros veículos oficiais do governo municipal que chegavam e deixavam a PJ constantemente.

As pessoas que portavam crachás eram todos servidores da PMC - Assessores e Diretores da SMCT e Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (SMSU). Localizado estrategicamente próximo do pórtico da PJ, principal via de acesso daqueles que frequentavam ou chegavam no espaço público, e perto da principal via de passagem de veículos e transporte coletivo do Loteamento Pôr-do-Sol, encontrava-se posicionado um cavalete da PMC com o seguinte letreiro: “Serviço em Execução pela Subprefeitura NORDESTE - CANOAS: criar, construir e viver – Prefeitura Municipal²³⁶”.

²³⁶*Slogan da atual gestão municipal.*



Figura 153: Cavalete da PMC com o letreiro de publicidade da Subprefeitura NORDESTE.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Ao chegar comecei a fotografar as podas, cortes de grama, pinturas e limpeza geral que estavam ocorrendo. Alguns servidores do governo também fotografavam, considerando que para o “Estado teatro” (GEERTZ, 1991) é imperativo registrar todas as ações e transformá-las em cerimônias e eventos, garantindo a produção de discursos para dizer que algo está sendo feito e manifestar a grandeza do ente que as leva à prática, onde o simbólico se apresenta tão real quanto o prático, pois,

[...] as ideias não são algo de mental cuja observação seria impossível [...] significados veiculados através de símbolos, definindo estes como algo que significa [...] entre o simbólico e real, estético e prático [...] o real é tão imaginado quanto o imaginário. Corolário: a política é ação simbólica (GEERTZ, 1991, - Nota de Apresentação).



Figura 154: Funcionários da MecaniCapina fazendo a pintura dos meios-fios da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 155: Quadra de vôlei de areia após ter o mato retirado pelos funcionários da MecaniCapina.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 156: Funcionários da MecaniCapina cortando a grama do campo de futebol, do seu entorno e pintando os meios-fios da Praça da Juventude.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 157: Funcionários da MecaniCapina cortando a grama do campo de futebol e recolhendo o mato cortado na Praça da Juventude.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 158: Meios-fios pintados na Praça da Juventude.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Entre o quiosque e o campo de futebol, Alba conversava com dois servidores do governo, e quando me viu caminhando e registrando o mutirão de limpeza com meu telefone celular, chamou-me: “Cris, venha aqui!”. Fui até eles. Alba me deu um forte abraço. Sua aparência era o oposto daquela dos últimos três meses. Visivelmente contente, apresentou-me aos funcionários da PMC como “um grande amigo e ‘colaborador’ da praça”. E prosseguiu, falando diretamente comigo em tom de voz mais baixo sobre os serviços de limpeza que estavam ocorrendo: “viu só? Acho que agora as coisas vão melhorar! Por isso que te mandei a mensagem para vir para cá (sorrisos)”.

Continuei caminhando pela PJ e conversando com as pessoas. Zé, pai do jovem Buia, que semanas antes, bastante incomodado ao assistir as crianças e jovens jogando futsal na quadra com uma “bexiga véia”, perguntando-me se eu poderia providenciar uma bola e deixá-la na PJ à disposição de todos, manifestou sua alegria com o mutirão. Em algum momento enquanto bebíamos chimarrão ele comentou: “até que enfim a prefeitura olhou para a praça. Isso já tinha que ter sido feito há muito tempo. Mas agora é preciso manter no mínimo umas duas vezes por mês eles [funcionários da PMC] tem que estar aqui para limpar e cortar a grama”. Logo ao nosso lado, os jovens Wellington, Anderson, Andrey, Dhyonathan, Mikael, Jessé, entre outros, estavam conversando. Fui até o grupo e trocamos cumprimentos. Os jovens conversavam sobre futebol. Em algum

momento, um deles comentou que “agora sim vai dar um levante na praça!”. Um dos jovens disse que “é outro visual com a grama toda cortada e tudo pintado”, e outro complementou: “agora só falta a luz pra fechar todas”.

Desloquei-me até a beira do campo para assistir aos jogos do projeto TDC. Em seguida, o jogo em andamento foi interrompido por Márcio e todos que estavam jogando, ao invés de irem para a arquibancada, foram em direção ao quiosque, o que também aconteceu com as demais pessoas que estavam acomodadas na arquibancada. Márcio se deslocava junto com o grupo e ia falando em tom de voz alto sobre os motivos de sua solicitação para deixar o campo de futebol, pois foi preciso “parar o futebol no campo porque o pessoal da prefeitura pediu para poder cortar a grama e também capinar na volta”. Se houvesse tempo retornariam, mas por enquanto os jogos teriam continuidade na quadra²³⁷.



Figura 159: Crianças e jovens do projeto TDC deixando o campo após solicitação de Márcio para que os funcionários da PMC pudessem cortar a grama e fazer a limpeza do campo de futebol e seu entorno na Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Naquele momento, ao passar por mim, Márcio comentou que “agora sim a gurizada vai ter um espaço digno para jogar”, que só basta “eles [agentes do Estado] fazer o seu trabalho”, pois “não estamos pedindo nada demais, só a conservação do

²³⁷Recordações de campo, dia 23/03/2019.

campo e de tudo mais que tem aqui”. Em seguida, uma mulher que até então eu desconhecia, com um sorriso no rosto, aproximou-se de mim, cumprimentou-me e perguntou se eu era “da prefeitura”. Respondi que não, que era professor e amigo da gestora Alba e de Márcio. Disse a ela que frequentava a PJ há mais de três anos, acompanhando as atividades e os projetos que lá aconteciam. A senhora então manifestou seu contentamento porque “a prefeitura veio cuidar da praça” e ressaltou que “as crianças merecem ter um projeto como esse que acontece aqui[projeto TDC]”, que “o projeto não pode acabar” porque “o trabalho dos guris [Jorge e Márcio] é lindo” e estava trazendo seu filho [o jovem estava ao lado dela] para o projeto porque entendia “que é uma oportunidade muito boa dele estar participando de um projeto tão legal que ensina coisas boas”.

Momentos depois, fui até a quadra poliesportiva onde os jogos do projeto TDC prosseguiam. Os demais jovens presentes que não participavam daquele projeto especificamente, mas frequentavam a PJ e jogavam futsal no espaço, com frequência, também se encontravam no entorno da quadra: postados no portão de acesso à quadra; sentados na arquibancada; e em círculo, no palco para shows, “batendo bola”. Havia outro pequeno grupo trocando passes e praticando embaixadinhas com outra bola atrás da arquibancada. Alba estava nesse grupo, e, portando um caderno, tomava nota dos nomes dos jovens. Perguntei-lhe o motivo da lista com os nomes dos jovens no caderno. A gestora respondeu: “organizando um torneiozinho” para logo mais. Para tanto, estava fazendo um levantamento para saber quem ia jogar para fazer o chaveamento dos jogos. E então, se voltou para mim: “vou precisar da sua ajuda”. E destacou que “a gurizada do time do Praça [Praça F.C] estão todos aqui”, e só precisava “ver quem mais quer jogar para completar outros times²³⁸”.

Definitivamente, os ‘ares’ eram opostos aos dos últimos meses. Havia empolgação e euforia tanto por parte de Alba quanto de Márcio, Jorge, dos jovens e de alguns pais. A ideia do torneio, diante da significativa presença de crianças, jovens, outros moradores da região e agentes do Estado era representativa do sentimento geral. Alba, andava de um lado ao outro, perguntando aos jovens presentes se queriam participar do torneio que estava sendo organizado. Enquanto isso, os jogos na quadra e os “bate bolas” no seu entorno, e até mesmo no interior da quadra entre um intervalo e outro dos jogos do projeto TDC prosseguiam.

²³⁸Recordações de campo, dia 23/03/2019.



Figura 160: Os jovens Wellington, Andrey, Anderson e Buia “batendo uma bola” na quadra poliesportiva da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Alba continuou organizando o torneio. Momentos depois, pergunto se ela precisa de ajuda para finalizar a relação de jovens inscritos. Ela disse que “não, essa parte já está fechada”, e já havia “mais três times além do Praça A e o B”. Manifestava sua preocupação com o guarda Subversio “que não chega nunca”. O guarda, disse a gestora, está “o tempo todo me mandando mensagens e ligando dizendo que está chegando e não chega. Já disse para ele não demorar para a gente finalizar logo a organização do torneio, e que ainda há os fardamentos para separar e fornecer aos times, e isso é o Subversio que tem que ver e também orientar os guris do Praça”.

Cerca de 15 minutos depois, próximo das 11h50, Subversio chegou, vestindo bermuda, tênis, camisa do Grêmio²³⁹ e um boné. Cabe destacar que era comum vê-lo nas dependências da PJ vestido com seu uniforme de trabalho, salvo quando se deslocava com o Praça F.C para jogos em ginásios e campos da cidade. Naquele dia, Subversio estava de folga, contudo, deixou sua casa para finalizar a organização do torneio junto com Alba na PJ. De imediato, os jovens, visivelmente contentes, o cercaram e perguntaram ao guarda se “vai rolar um torneio pra nós?”, se “está tudo

²³⁹Clube de futebol profissional da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

certo?”, se “vai ter medalha?” e “com qual uniforme vamos jogar?” Subversio sinalizou que estava “tudo certo” e que organizaria com Alba os uniformes, veria “quantos times tem” e “as tabelas” para os jogos seriam organizadas. Em seguida, o jovem Dhyonathan me perguntou: “e aí, vai jogar?” Respondi que não e somente iria auxiliar a organização dos jogos. “É, tá certo. Hoje vai ser peleia!”, respondeu Dhyonathan, em evidente demonstração de que o nível técnico do futebol que eu jogava não era suficiente para enfrentar jogos mais sérios.

Subversio, após conversar com um jovem e outro, com Alba e pegar os uniformes no prédio administrativo, ingressou na quadra onde Márcio arbitrava e orientava os jogos do TDC. Ele trocou algumas palavras com Márcio e em seguida chamou os jovens que integravam o time do projeto Praça F.C. Eu estava próximo dos jovens e acompanhei as combinações iniciais: “seguinte gurizada... assim que terminar o projeto, vamos fazer primeiro um amistoso contra o TDC e depois o torneio. Vamos já separando os uniformes e fardando devagarinho”, orientou o guarda. Assim, enquanto os jogos do projeto TDC se encaminhavam para seu encerramento, Alba, Subversio e os jovens que jogavam pela equipe A do Praça F.C, foram ao vestiário para se fardar.

Os jogos do projeto TDC se encerraram. E como acontecia todos os sábados, Márcio, Jorge e outros colaboradores da Igreja organizaram o espaço para a distribuição dos lanches para as crianças e os jovens. Antes disso, todos se reuniram no centro da quadra, em círculo, para a oração em agradecimento a mais um dia de atividade esportiva e pelos alimentos. Diferente de outros dias, a oração foi conduzida pelo jovem Itamar. Em seguida, sob a condução de Márcio, as crianças e jovens deslocaram-se em direção a uma mesa improvisada para o lanche, composto de suco, bolachas e pão com doce cremoso de frutas. Encerradas todas as atividades do projeto TDC, deu-se início ao jogo amistoso entre a equipe A do Praça F.C e o TDC, formado por Márcio, os jovens Itamar, Mikael, Marcelo Celinho, entre outros jovens. Jorge fez a arbitragem.

O jogo iniciou. Em um cenário de significativa descontração, contudo, disputadíssimo, pois, ambas as equipes queriam vencer, e as cobranças por empenho, precisão das jogadas e efetividade nas finalizações eram frequentes. Subversio, à beira da quadra, orientava, gritava, incentivava, realizando substituições. Por sua vez, Alba, de fora da quadra, sentada na arquibancada, ao mesmo tempo em que atuava como “mesária”, anotando cada gol no seu caderno, também incentivava, batia palmas,

gritava, orientava. Transcorridos 20 minutos [tempo acordado de jogo], o placar encerrou-se em 7 x 4 para o TDC. Todos trocaram abraços e deixaram a quadra.



Figura 161: Jogo entre a Equipe “A” do Praça F.C x TDC.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 162: Outro registro do jogo entre a Equipe “A” do Praça F.C x TDC.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.

No íterim entre o término do amistoso e o início do torneio, Alba comunicou a todos os jovens que faria sorteio para definir as equipes que iniciariam jogando e as disputas subsequentes. Após anotar o nome das quatro equipes em uma folha do seu caderno, rasgou-a em quatro pedaços, com seus respectivos nomes, e os embrulhou. Todos foram chamados e eu fiz o sorteio. Definida a ordem e o tempo dos jogos, fui solicitado por Subversio para fazer a arbitragem. Como já ocorrera outras vezes, minha atuação como “árbitro” era simplesmente decorativa no tocante às regras do futsal de modo geral. Laterais eram frequentemente cobrados com a bola rolando; os espaços para as cobranças dos laterais não eram seguidos pelos adversários; o goleiro agarrava com as mãos bolas recuadas; após cada gol efetuado, a equipe que sofria o gol, não raras às vezes reiniciava o jogo sem sequer aguardar o reposicionamento de todos, ou seja, cada equipe no seu campo de defesa; as bolas que saíam pela linha de fundo, eram, com frequência, respostas com os pés pelos goleiros. Em relação à vestimenta, mesmo nos “torneios”, jovens jogavam usando boné, outros descalços, outros calçando tênis somente no pé dominante que chutava e o outro pé descalço. Vestimenta ‘padrão’ somente as camisetas dos uniformes para diferenciar as equipes. No entanto, eram severas as cobranças no que se referia a jogadas faltosas ou “maldosas”. No decorrer dos jogos, fui constantemente cobrado a coibir esses acontecimentos, às vezes até de maneira mais acentuada quando compreendiam que determinadas jogadas eram faltosas e/ou excessivamente agressivas fisicamente. Naqueles momentos eu não era o Cristiano ou o “Pixote”, mas o “juiz” que devia garantir a boa condução dos jogos. Às vezes, quando discordavam de algumas interpretações minhas, recorria ao Subversio. Por sua vez, Subversio se limitava a responder: “tem juiz! Foca no jogo!”²⁴⁰

Ao se confirmar que haveria entrega de medalhas à equipe campeã [pois, Alba encontrou as medalhas que havia guardado meses atrás], as disputas que já eram acirradas se acentuaram. Um dos jovens disse que “agora o bicho vai pegar de vez! (risos)”

Vários jogos ocorreram. Entre alegrias, descontrações, tensões, cobranças por desempenho, empenho e focos de conflitos, pois, era “peleia”²⁴¹ e valia medalha, o torneio encerrou-se às 16h20 com o Praça F.C, campeão após vencer a final por 11 x 8.

²⁴⁰Recordações de Campo.

²⁴¹Manifestação de Dhyonathan, entre outros jovens, para descrever o teor das disputas quando há torneios organizados na Praça da Juventude (Recordações de campo).

A pedido dos jovens das duas equipes finalistas, o jogo final teve duração de 40 minutos, organizado em dois tempos de 20 minutos. As medalhas foram entregues por Alba enquanto eu fazia os registros fotográficos. Aos gritos, pulos e danças os jovens da equipe A do Praça F.C comemoraram: “É campeão! É campeão!”²⁴².



Figura 163: Jogo entre a Equipe “B” do Praça F.C x Casinha.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 164: Jogo entre Amigos do Jackson x Amigos do Dudu.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.

²⁴²Recordações de campo.



Figura 165: Palavras de incentivo e oração da Equipe “B” do Praça F.C antes do início de um dos jogos.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Às 20h10, Alba publicou em sua página do *Facebook* a seguinte mensagem:

Hoje, na Praça, depois de uma limpeza externa, feita pela subprefeitura do Guaju, voltamos com tudo no futsal. Ao Márcio Mendes e Jorge João Vasconcellos da Rosa do TDC por fazer um amistoso com respeito e muita bola. Deram um show!! Obrigada a todos que contribuíram com esse dia maravilhoso [...] Time A e B, Amigos do Jackson e Amigos do Dudu²⁴³.

²⁴³Publicação realizada por Alba Valéria em sua página no *Facebook*, dia 23/03/2019, sábado, às 20h10.

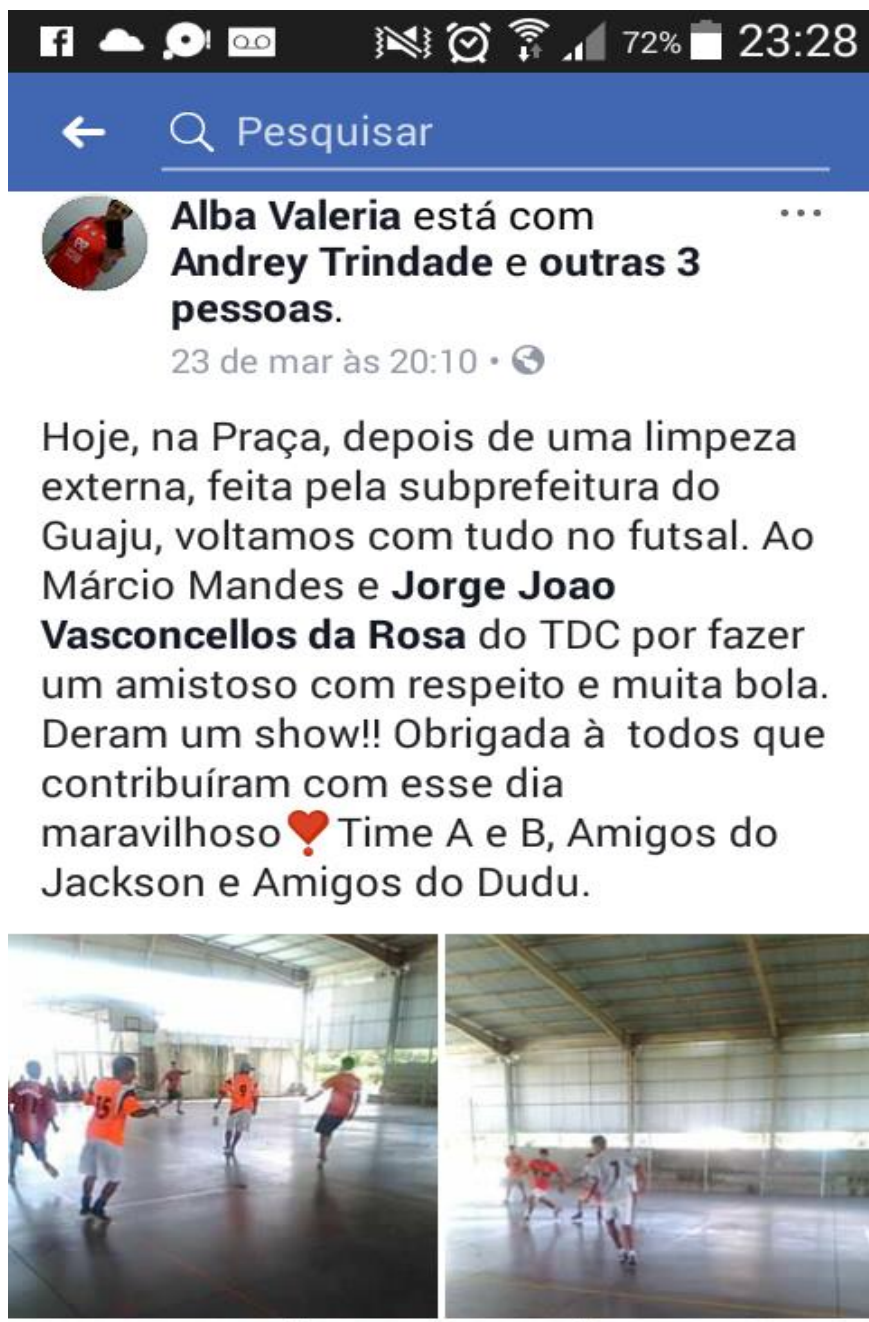


Figura 166: Imagem da publicação realizada por Alba Valéria em sua página no *Facebook*, dia 23/03/2019, sábado, às 20h10.

Na manhã do dia 06 de abril de 2019, ainda resultado da tamanha repercussão das reivindicações de Márcio publicadas em seu *Facebook*, comentada e compartilhada por dezenas de pessoas, quando cheguei à PJ para acompanhar mais uma manhã de jogos do Projeto TDC, enquanto aconteciam os jogos no campo de futebol, encontrava-se na arquibancada, conversando com Márcio, o Vereador Erick Douglas (PTB), mesmo partido do atual Prefeito Municipal e seu assessor Chico. A conversa entre o vereador e Márcio estava pautada nos problemas estruturais da PJ [corte de grama; ausência de

iluminação, etc.] e no apoio às atividades do projeto [possíveis doações para a realização de eventos; material esportivo; recurso humano para apoio em eventos do projeto, etc.]. No decorrer da conversa, o assessor anotou em uma planilha as reivindicações de Márcio. Por sua vez, o vereador faz um série de promessas a Márcio, em voz alta e em bom tom para que todas as demais pessoas que ali estavam presentes, sentadas próximo, ou em pé, ao campo pudessem ouvi-lo: “vou solicitar o corte da grama a cada 20 dias pelo menos”; “nos próximos dias, acredito que os refletores já serão colocados no campo”; “vou organizar uma oficina de lutas no dia do evento” [em alusão à atividade do projeto comemorativo à Páscoa que Márcio e Jorge estavam organizando para o próximo dia 20/04, sábado, no campo de futebol, após os jogos] entre outras, estavam presentes no discurso do vereador. A cada promessa, o parlamentar dizia que iria se reunir com o “Secretário responsável pela Praça” [no caso o secretário municipal de Cultura e Turismo (SMCT)] para dar celeridade às ações. Eu conversava, paralelamente, com Márcio, sentado na arquibancada, quando o assessor do vereador quis saber meu nome. De imediato, o vereador me acenou, num gesto de cumprimento. Acabei inserindo-me na conversa e perguntei se ele era vereador da base do governo. Ele responde que “sim”, e complementou: “vim aqui para ver a Praça e ver o que mais o Márcio precisa para o projeto”. Aproveitei a oportunidade para comentar com o vereador que as Praças da Juventude eram construídas somente nos municípios que tiveram seus projetos aprovados na esfera federal, e que após a construção, com dotação orçamentária da União, a responsabilidade pela sua manutenção e preservação era dos respectivos municípios contemplados. Disse-lhe ainda que, no caso de Canoas, por decisão da gestão anterior, a PJ, estava vinculada à SMCT, portanto, caberia à SMCT articular com outras secretarias municipais a garantia de envio de materiais esportivos, recursos humanos, reparos, consertos e manutenção do espaço físico, por se tratar de uma política pública intersetorial. O assessor do vereador interveio e comentou que na gestão passada trabalhou na Secretaria Municipal da Juventude (SMJ) [Coordenadoria da Juventude de Canoas, extinta na atual administração municipal] e que eram atuantes na PJ, “porque a praça estava vinculada a nós”, e assim que foi inaugurada a PJ teve também significativa intervenção da segurança [Secretaria Municipal de Segurança Pública e Cidadania (SMSPC)]. Sinalizei ao assessor que o Projeto Praça da Juventude era oriundo do extinto ME,

criado no governo Lula [Ministério esse extinto pelo atual Governo Federal²⁴⁴], e que em Canoas, após sua construção por decisão do governo municipal, ficou oficialmente vinculada à SMCT. O vereador atento à conversa, expressou-se meneando positivamente a cabeça, manifestando concordância com minha observação. O assessor, por sua vez, demonstrando surpresa com a informação, ficou em silêncio. Diante disso, comentei que essa dúvida, no que se referia às responsabilidades de cada secretaria municipal, se manifestava também entre os usuários da PJ. Todos tinham dúvidas em relação a qual setor cobrar providências, no caso específico da PJ, ao responsável de qual secretaria recorrer para levar suas demandas e cobranças de soluções.

Permanecemos todos, Márcio, o vereador, o assessor e eu conversando por mais alguns minutos. Em seguida, o vereador começou a despedir-se de todos que se encontravam sentados ou em pé no entorno. Mas antes de definitivamente deixar a praça, ele solicitou que eu registrasse uma foto com seu telefone celular. E pediu que na foto em que apareceriam as imagens de Márcio, do assessor e dele próprio, tivesse, ao fundo, a imagem das crianças que estavam jogando futebol. Registro realizado! Necessária a teatralização do Estado, para o qual, como já foi salientado, todas as ações e eventos devem ser registrados. Devolvi o celular ao vereador, ele despediu-se e deixou a PJ acompanhado de seu assessor.

No sábado seguinte, dia 13 de abril de 2019, a poucos metros da PJ, a qual enfrentava problemas de estrutura física, ausência de materiais esportivos e não garantia e execução dos projetos e ações prometidas pela PMC, já elencadas ao longo desta Tese, foi inaugurada a “Praça Pôr-do-Sol”, no evento “Prefeitura Tá na Área”²⁴⁵.

²⁴⁴Governo Jair Bolsonaro (PSL), empossado em 1º de janeiro de 2019.

²⁴⁵A atual gestão municipal de Canoas destaca em seu site oficial que “O Prefeitura Tá na Área” é uma ação promovida pelo Executivo Municipal que leva diversas secretarias aos bairros da cidade para atender as demandas dos moradores. O evento ocorre mensalmente em um dos quadrantes da cidade. Nos dias que antecedem o evento, os bairros passam por um mutirão de limpeza, pintura e roçadas. Equipes da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos realizam intervenções no entorno da área do evento para levar melhorias à região. Além disso, o Prefeitura Tá na Área oferece serviços em saúde como consultas, exames, orientações odontológicas e distribuição de medicamentos, orientações sobre programas sociais e habitacionais e corte de cabelo. Também são realizadas apresentações de cantores, bandas locais, brinquedos e atividades de recreação que movimentam a garotada”. Informação disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/prefeitura-ta-na-area/>. Acesso em: 19/05/2019.

Com a manchete “Prefeitura Tá na Área²⁴⁶: Guajuviras recebe mutirão de serviços e ganha nova praça”, a PMC exaltou o mutirão de serviços — orientações de saúde, consulta odontológica, corte de cabelo, atrações culturais, entre outros —, que “deixou legados para a comunidade do Guajuviras”²⁴⁷, conforme matéria na íntegra exposta a seguir, publicada no site oficial da PMC no dia 14 de abril:

O sábado de sol foi especial para os moradores do Guajuviras. Durante toda a manhã e parte da tarde, eles receberam o Prefeitura Tá na Área, iniciativa do município que leva uma caravana de serviços para a comunidade. Além de consultas, exames rápidos, dentistas, doação de roupas e orientação de saúde, o programa também levou atrações culturais ao local. A data também foi marcada pela inauguração da Praça Pôr do Sol, reivindicação antiga do bairro que agora se tornou realidade.

O Prefeitura Tá Na Área, ação promovida pela Secretaria Municipal das Relações Institucionais e Comunicação (SMRIC), também deixou legados para a comunidade do Guajuviras. Entre as ações desenvolvidas pela força-tarefa da prefeitura, estão mutirão de limpeza, pinturas, retiradas de entulho do passeio público, roçadas e podas de árvores. A inauguração da Praça Pôr do Sol, prometida há mais de 20 anos, se tornou realidade. O preito de Canoas, Luiz Carlos Busato, destacou o trabalho realizado pelo Executivo municipal, com apoio da Câmara de Vereadores, para a execução da obra. “A intenção do Município era entregar para a comunidade essa praça há mais de 20 anos. O terreno foi invadido, construíram casas, mas nada foi feito. Nós tiramos as famílias dessa moradia irregular, demos um lugar adequado para que eles morassem e, agora, entregamos este espaço para a comunidade. Isso só foi possível graças ao apoio da Câmara de Vereadores e todas as secretarias da prefeitura”, destacou Busato.

A vice-prefeita, Gisele Uequet, enfatizou que o local vai servir de ponto de socialização para os moradores do loteamento Pôr do Sol e redondezas. “Aqui, cidadão de várias faixas etárias poderão praticar esportes e confraternizar com a família e vizinhos. Vai ser um local para encontros e amizades”, disse. Também presente na cerimônia, o representante da Câmara de Vereadores e morador do bairro, vereador Aloísio Bamberg, lembrou que o atual prefeito, Luiz Carlos Busato, foi quem regularizou a área, há mais de 20 anos.

Quem passou pelo Prefeitura Tá Na Área pode aproveitar serviços como consultas médicas, acolhimento, procedimentos de enfermagem, orientações odontológicas, vacinas, teste de diabetes, verificação de pressão arterial, reiki, auriculoterapia, terapia comunitária integrativa, distribuição de medicamentos conforme prescrição médica e testes rápidos. Além dos atendimentos de saúde, a população teve acesso a atendimentos de Cadastro

²⁴⁶Em síntese, o “Prefeitura Tá na Área” consiste nas mesmas ações que foram criadas e desenvolvidas pela administração anterior do PT que se chamava “Prefeitura na Rua”, ou seja, as mesmas práticas com o nome alterado para desvincular da gestão anterior, à qual fez oposição e venceu no último pleito eleitoral.

²⁴⁷Frase extraída da matéria jornalística publicada no site oficial da Prefeitura Municipal de Canoas, no dia 14/04/2019.

Único e Bolsa Família. A Defesa Civil realizou uma feira de doações de roupas. Os moradores do bairro também puderam fazer corte de cabelo gratuito e receberam livros.

Assessoria de Comunicação – Matéria disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/prefeitura-ta-na-area-guajuviras-recebe-mutirao-de-servicos-e-ganha-nova-praca/>. Acesso em: 15/04/2019.



Figura 167: Foto extraída do site oficial da PMC. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/prefeitura-ta-na-area-guajuviras-recebe-mutirao-de-servicos-e-ganha-nova-praca/>. Acesso em: 15/04/2019.

Fonte: Acervo de Vinícius Thormann – PMC.



Figura 168: Foto extraída do site oficial da PMC. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/prefeitura-ta-na-area-guajuviras-recebe-mutirao-de-servicos-e-ganha-nova-praca/>. Acesso em: 15/04/2019.
Fonte: Acervo de Vinícius Thormann – PMC.



Figura 169: Foto extraída do site oficial da PMC. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/prefeitura-ta-na-area-guajuviras-recebe-mutirao-de-servicos-e-ganha-nova-praca/>. Acesso em: 15/04/2019.
Fonte: Acervo de Vinícius Thormann – PMC.



Figura 170: Foto extraída do site oficial da PMC. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/prefeitura-ta-na-area-guajuviras-recebe-mutirao-de-servicos-e-ganha-nova-praca/>. Acesso em: 15/04/2019.
Fonte: Acervo de Vinícius Thormann – PMC.



Figura 171: Foto extraída do site oficial da PMC. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/prefeitura-ta-na-area-guajuviras-recebe-mutirao-de-servicos-e-ganha-nova-praca/>. Acesso em: 15/04/2019.
Fonte: Acervo de Vinícius Thormann – PMC.



Figura 172: Foto extraída do site oficial da PMC. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/prefeitura-ta-na-area-guajuviras-recebe-mutirao-de-servicos-e-ganha-nova-praca/>. Acesso em: 15/04/2019.

Fonte: Acervo de Vinícius Thormann – PMC.

Dois dias antes da inauguração, quinta-feira, dia 11 de abril de 2019, entre uma conversa e outra durante a feitura de chinelos, tapetes, blusas, entre outros, no prédio administrativo da PJ, nas atividades do grupo das Mulheres do Crochê, Cládis teceu um comentário acerca do evento de inauguração da Praça Pôr-do-Sol que ocorreria [ocorreu] no sábado: “fazer o filho eles querem, mas sustentá-lo, não!” Mari que estava ao lado dela, complementou: “mas o que dá visibilidade é fazer o filho (risos)”²⁴⁸.

Também destaco o dia 10 de maio de 2019, sexta-feira, quando recebi de Alba a seguinte mensagem via *WhatsApp*, às 17h37:

Segunda-feira estaremos no Jornal do Almoço ao vivo. ACREDITEM!
(ALBA, mensagem de texto enviada para meu *WhatsApp*, dia 10/05/2019).

Na sequência, a mensagem prosseguiu com o seguinte texto:

A RBS TV vem fazer uma reportagem comigo na Praça e na comunidade. A partir das 9h. Estamos organizando um torneio [de futsal]. Tu tem como vir?
(ALBA, mensagem de texto enviada para meu *WhatsApp*, dia 10/05/2019).

De pronto, respondi positivamente e disse que solicitaria à diretora da escola onde leciono uma dispensa para garantir minha presença na praça na segunda-feira. Alba então respondeu:

²⁴⁸Recordações de campo, dia 11/04/2019.

Preciso de ti (ALBA, mensagem de texto enviada para meu *WhatsApp*, dia 10/05/2019).

Segunda-feira, 13 de maio, cheguei à PJ às 8h30. No interior do prédio administrativo estavam Alba e as mulheres do grupo de crochê organizando a sala para receber os repórteres da RBS TV. Na sala em frente, mestres e praticantes de capoeira do grupo Capoeira Angola Palmares do Sul iam chegando, aos poucos, acomodando seus berimbaus, pandeiros, atabaques. Na sala ao lado, o grupo TIA já ocupava sua sala, e ensaiavam algo para apresentar. Ao mesmo tempo, na quadra poliesportiva, alguns jovens que jogavam também vinculados ao Praça F.C e do TDC, o guarda Subversio e o evangelista Márcio já se encontravam presentes, conversavam e batiam bola enquanto aguardavam a chegada de outros jovens.

Alba estava ansiosa. Andava de um lado ao outro. Ao mesmo tempo em que ajudava a organizar os materiais de costura, enfeites da mesa e disposição pela extensão da sala dos tapetes, toalhas, calçados e demais materiais confeccionados pelo grupo de mulheres para expor na produção da matéria jornalística que se avizinhava, e orientava as demais pessoas que realizavam suas atividades nas salas multiuso do prédio administrativo quanto à organização interna. E também solicitou que eu permanecesse com Subversio e Márcio na quadra “para organizar o futebol”, “separar os uniformes para o jogo” e “montar os times”²⁴⁹.

Instantes depois, os repórteres da RBS TV chegaram à praça. A origem da presença da equipe de reportagem não era a visita à PJ. A equipe da emissora de TV, inicialmente, estaria presente no bairro Guajuviras apenas para gravar o quadro “Blitz Bairros”. O Blitz Bairros, veiculado dentro da programação do Jornal do Almoço (JA), objetivava ceder espaço para que os moradores da região metropolitana de Porto Alegre pudessem mostrar os problemas que enfrentavam, no tocante às questões de saneamento, estruturais e provimento de serviços por parte do poder público, para que a equipe jornalística “vá atrás das respostas” para resolução²⁵⁰. Porém, um dos moradores que contatou a emissora a fim de solicitar a presença dos jornalistas para tornar público os problemas do bairro, sugeriu que a reportagem fosse até a PJ para conhecer e veicular as ações e projetos que lá acontecem.

²⁴⁹Recordações de campo, dia 13/05/2019.

²⁵⁰Mais sobre o quadro Blitz Bairros, ver em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/edicoes/v/blitz-bairros-moradores-da-zona-sul-de-porto-alegre-reclamam-de-buracos-e-alagamentos/6861820/>. Acesso em: 20/05/2019.

Retomando a narrativa após a chegada da equipe jornalística à praça, a expectativa e ansiedade entre todos se ampliou. Os repórteres ingressaram no prédio administrativo acompanhados de Alba. A gestora os levou de sala em sala e relatou a funcionalidade de cada sala multiuso, e apresentou todas as pessoas presentes, comunicando o vínculo e a atividade que cada uma realizava no Complexo Esportivo e Cultural. Eu, que já havia retornado ao prédio administrativo, retornei à quadra para comunicar aos jovens, Márcio e Subversio que os repórteres já se encontravam na praça. Solicitei aos que ainda não haviam vestido o fardamento para o jogo que se dirigissem ao vestiário. Todos os jovens das equipes Praça F.C e TDC retornam à quadra fardados. Subversio chamou todos para uma breve reunião para combinações e orientações para a filmagem. O primeiro a falar fui eu. Disse aos jovens que faria a arbitragem do jogo e que o conduziria de acordo com as combinações feitas. Com as experiências anteriores de estar numa condição, em certa medida, decorativa ao arbitrar os jogos dos jovens, considerando que eles não pautavam seus jogos obedecendo a todas as regras do sistema esportivo oficial, disse-lhes que, como era de conhecimento de todos, a RBS TV faria uma reportagem sobre as atividades da PJ e uma das práticas era o futebol. Assim, para que não houvesse discussão e desacertos na hora da filmagem, solicitei que fizéssemos algumas combinações alusivas às regras e que eu conduziria o jogo de acordo com que fosse combinado entre nós. A primeira pergunta que fiz foi: “a bola recuada, o goleiro poderá intervir com as mãos, “sim ou não? A decisão é de vocês”. “Não, não pode”, se manifestou um dos jovens. “É isso aí, não pode. Na regra oficial não pode. Então não pode!”, salientou outro jovem. Então, fica acordado que seguiremos a orientação oficial. Consulto os jovens sobre a reposição do goleiro quando a bola sair pela linha de fundo. Pergunto se seguiremos o que está na regra oficial, ou seja, a reposição com as mãos ou não. Um dos jovens se posicionou: “vamos seguir a regra, é claro”. Outros manifestaram concordância, fazendo sinal de positivo com as mãos, outros com a cabeça. E concluí minha fala com os jovens pedindo-lhes que evitassem embates físicos mais fortes que pudessem colocar em risco a integridade física dos envolvidos.

Em seguida, Márcio pediu para falar. A fala foi mais direcionada à importância da presença da emissora de TV na PJ e os possíveis benefícios que a visibilidade do local poderia, na compreensão dele, gerar para o espaço público, o evangelista solicitou a preservação das relações de respeito entre todos durante o jogo, pois, “são todos parceiros e amigos de um mesmo grupo que frequentam e jogam na praça”. Por

fim, Subversio solicitou a palavra. Com veemência, o guarda destacou positivamente ambos os projetos de futebol que se consolidaram na PJ desde sua inauguração [Praça F.C e TDC], o sentimento de pertencimento ao espaço público, as amizades e o companheirismo entre todos, conforme segue:

Hoje é um dos dias mais importantes para nós. Hoje a praça e os projetos serão mostrados para muita gente. Vocês têm noção do que é uma filmagem sobre as coisas que acontecem aqui? É a imagem de vocês que vai ser divulgada, é o Praça [Praça F.C] e o TDC [Time de Cristo], os dois projetos mais antigos daqui. E não esqueçam que o TDC e o Praça são parceiros: alguns de vocês que já jogaram pelo Praça hoje estão no TDC e quem já jogou no TDC hoje está no Praça e tem até gente aqui que joga nos dois projetos. E o Cristiano tem razão! Não é hora de bate boca e discussão. Vamos jogar. Não esqueçam que vocês são a raiz da praça. Essa praça é a nossa casa! (SUBVERSIO, Recordações de campo, dia 13/05/2019)²⁵¹.

Em seguida, Alba solicitou que o jogo ainda não fosse iniciado, pois a equipe de reportagem, acompanhada por duas das mulheres do Grupo de Crochê, Carla e Mariangela, estavam percorrendo as ruas do Loteamento Pôr-do-Sol e da Vila Nancy Pansera, para registrar problemas de saneamento, entre outras questões que afetavam os habitantes da região.

Momentos depois, acompanhados de Carla e Mariangela, a repórter Giulia Perachi e as demais pessoas da equipe de reportagem retornaram à PJ. Eu que estava nas dependências do prédio administrativo, de imediato retornei à quadra poliesportiva e orientei a todos para se organizarem para iniciar o jogo. Com suas luzes, câmeras e microfone, a equipe de reportagem, acompanhada de Alba, adentraram na quadra. A repórter cumprimentou todos e solicitou que um dos jovens falasse sobre os projetos e significados do futebol para os praticantes. Prontamente, o jovem Lucas, vinculado ao projeto TDC, se colocou à disposição para falar à equipe de reportagem, embora a ideia inicial era que a fala fosse realizada por algum jovem vinculado ao projeto Praça F.C.

Às 12h15, a reportagem entrou ao vivo no JA. Iniciou com a reporter Giulia Perachi destacando que se encontrava em um ponto de encontro dos moradores do bairro Guajuviras, que era a PJ. Salientou que estava presente naquele espaço público porque soube, por meio de relatos de moradores, que aquele local “fica cheio no final de semana”, e que havia outro lugar, o “Complexo Cultural, onde acontecem várias atividades, várias oficinas [a reporter vai se deslocando ao interior do prédio administrativo] que fica aqui do ladinho da praça, ó”. Assim que entrou, à sua esquerda

²⁵¹No momento em que Subversio solicitou a palavra, fiz o registro de sua fala no gravador de voz de meu telefone celular. Alguns dias depois, solicitei a Subversio autorização para publicá-la na presente Tese de doutorado.

sinalizou a biblioteca, apontou para o “pessoal da parte do futebol” que se encontrava no interior daquela sala [o guarda Subversio e eu] e seguiu ao encontro de Alba que já a aguardava logo à frente. A reporter apresentou Alba como gestora da PJ e de imediato perguntou: “Alba, são muitas oficinas né, boa tarde!” – a partir disso, a reporter passou a percorrer e mostrar as salas do prédio administrativo, enquanto Alba ia relatando as atividades que aconteciam em cada sala. Destacou que entre jovens, senhoras e crianças, cerca de 150 pessoas participavam regularmente de atividades no complexo. Apresentou a “sala da capoeira” [o grupo naquele exato momento estava praticando capoeira]; na sala em frente, a reporter falou que era ocupada por “senhoras muito talentosas”, “as gurias do crochê”, apresentado pela reporter como um espaço onde “muitas senhoras da comunidade acabam saindo um pouco de casa e vindo um pouco pra cá”. Alba, então, relatou que há um grupo mais numeroso de mulheres do que as que estavam presentes no momento, participantes do grupo, que “vem fazer o crochê aqui e usam também o crochê como uma renda extra pra ajudar em casa. São donas de casa que estão aqui fazendo um crochê para atividade financeira e para o lazer”. A âncora do Jornal, Cristina Ranzolin, do estúdio mandou “um abraço carinhoso para elas”; as mulheres, com o olhar direcionado para a TV que estava ligada e sintonizada no jornal dentro da sala, retribuíram com abanos, sorrisos e envio de beijos. Tão logo, a reporter retornou a atenção para Alba, perguntou [afirmando] que o “projeto [Praça da Juventude] é muito importante, esse espaço, porque a gente sabe, porque tira as pessoas, tira o jovem da rua, dá muitas oportunidades para eles aqui dentro” – Alba corroborou a afirmação da reporter e relatou um dos propósitos do espaço público ao dizer: “é verdade! A gente tem um grupo grande. Infelizmente já perdemos alguns alunos na questão da violência, mas a maioria está aqui com a gente e fazendo atividades, eles estão se ocupando com alguma coisa, não estão na rua fazendo arte como a gente diz, né (um tímido riso), criança arteira. Então nós temos desde o pequeno até o adolescente e também adultos que trabalham. Os pais vêm nos ajudar no esporte, as mães estão aqui fazendo o crochê e a gente tem também o pessoal do teatro que faz atividades uma vez por mês, no último sábado de cada mês. A gente tem um espetáculo de rua, o pessoal do grupo TIA que faz e traz toda a comunidade” – a reporter interveio: “que bacana!” – em seguida, direcionou seu olhar para a câmera e finalizou a reportagem com as seguintes considerações: “muito obrigado por nos receber, pessoal! A gente vai mostrar tudo que

a gente encontrou aqui no Guajuviras durante essa semana e parabéns para essa iniciativa, né, Cris?”²⁵² (Recordações de campo, dia 13/05/2019).



Figura 173: Veículo em que chegou a equipe de reportagem da RBS TV estacionado em frente a Praça da Juventude para o início da produção da reportagem sobre o espaço público esportivo e cultural.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

²⁵²Com o título “Complexo cultural realiza oficinas educativas no bairro Guajuviras, em Canoas” A reportagem veiculada no Jornal do Almoço está disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7611281/>. Acesso em: 24/05/2019.



Figura 174: A repórter Giulia Perachi entrando ao vivo na programação do JA da RBS TV para apresentar a Praça da Juventude.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 175: O câmera da equipe de reportagem da RBS TV realizando a filmagem das práticas do grupo de capoeira em uma das salas do prédio administrativo da Praça da Juventude.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 176: Grupo de capoeira em ação enquanto a reportagem da RBS TV realiza a filmagem.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 177: Mulheres do grupo de Crochê atuando em outra das salas que ocupam no prédio administrativo da Praça da Juventude, enquanto a reportagem da RBS TV realizava os registros fotográficos e filmagem.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 178: Marcelo Militão do grupo TIA, manipulando um dos bonecos de seus espetáculos para registro da reportagem da RBS TV no corredor do prédio administrativo da Praça da Juventude.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 179: O guarda Subversio, o evangelista Márcio e parcela dos jovens juntos que jogam nos projetos Praça F.C e TDC na quadra poliesportiva da Praça da Juventude enquanto a equipe de reportagem da RBS TV realiza registros fotográficos e prepara o início da filmagem do jogo de futsal.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

A produção da matéria jornalística e veiculação no JA da RBS TV, aliadas às sucessivas solicitações da gestora Alba e as cobranças de Márcio à PMC, através de publicações de vídeos em sua página do *Facebook*, contando com a colaboração de tantas outras pessoas que compartilharam suas publicações, parece ter sido mais um ingrediente na ‘pressão’ exercida sobre a PMC para dar conta e cumprir com mais algumas ações no tocante à manutenção, limpeza e reparos estruturais na PJ.

No dia 17/05/2019, sexta-feira, ou seja, quatro dias após a presença da RBS TV nas vilas localizadas no entorno da PJ e na própria PJ, a PMC que, paulatinamente, já havia iniciado o restabelecimento da energia elétrica nas dependências do prédio administrativo no início do mês, iniciou o trabalho de restabelecimento de iluminação no interior da quadra poliesportiva. Esse trabalho, finalizado no dia 20/05, fez com que Alba e Subversio organizassem e mobilizassem os jovens, de um dia para o outro, para uma “resenha” comemorativa à “volta da luz na quadra”, na noite do dia 21/05. Os

contatos via mensagens de *WhatsApp* e de “boca em boca” nesse curto período de tempo foram suficientes para garantir a presença de mais de 60 jovens em jogos que iniciaram às 19h e se encerraram próximo das 22h30. Equipes foram organizadas pelos próprios jovens; chaveamentos e confrontos foram estabelecidos através de sorteio improvisado com os nomes das equipes escritos em papéis, por Alba, e sorteadas por mim; fardamentos e coletes foram disponibilizados às equipes por Alba e Subversio; a arbitragem foi realizada alternadamente por mim e outro morador da região que se disponibilizou a auxiliar; a súmula para anotações de gols, autores dos gols e resultado dos jogos foi realizada por Alba. Depois de mais de dois anos sem jogos ou “resenhas” noturnas, o dia 21/05 marcou o retorno das práticas de futsal à noite²⁵³.

As fotos, a seguir, são alguns dos registros da alegre e descontraída noite do dia 21/05/2019.

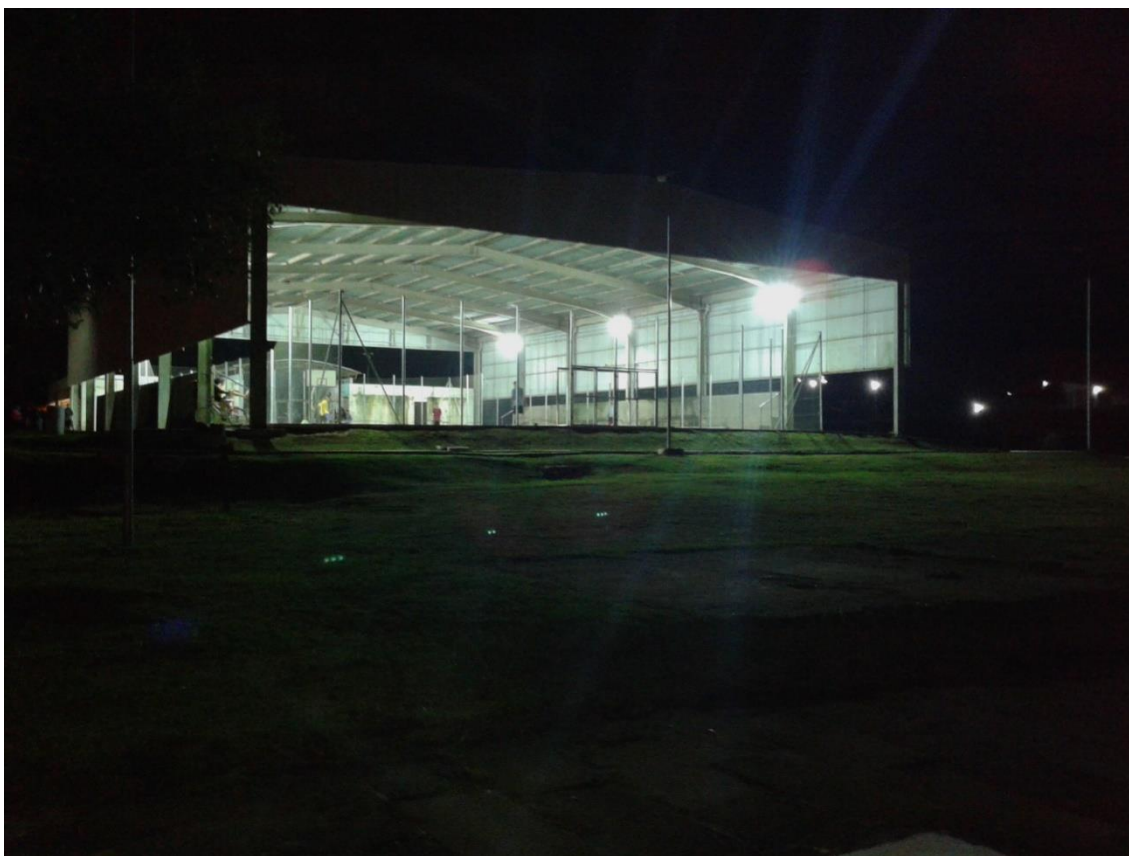


Figura 180: Registro da quadra poliesportiva totalmente iluminada na noite de 25/05/2019, após, aproximadamente, dois anos de ausência de iluminação provocada por um curto circuito.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

²⁵³Recordações de campo, dia 21/05/2019.



Figura 181: Registro da quadra poliesportiva totalmente iluminada na noite de 25/05/2019, após aproximadamente dois anos de ausência de iluminação provocada por um curto circuito. Ao fundo da imagem, alguns jovens que começam a chegar para os jogos de futsal agendados por Alba e Subversio.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 182: Fardamentos dispostos por Alba em uma mesa de plástico localizada entre a arquibancada e a quadra poliesportiva para serem entregues aos jovens participantes da “resenha” ou jogos de futsal.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 183: Alba organizando o sorteio para a definição dos confrontos e a “súmula” para o registro das informações dos jogos.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 184: Duas das equipes formadas pelos jovens fazendo as últimas “combinações” enquanto um dos jogos não inicia.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 185: Duas das equipes de jovens em ação na quadra poliesportiva da Praça da Juventude.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 186: Jovens expectadores e participantes na arquibancada da quadra e no seu entorno. A gestora Alba, sentada entre a arquibancada e a quadra, com as “súmulas” sobre a mesa e o guarda Subversio vestindo calção cor azul e camiseta número 5 conversando com um dos jovens frequentadores da praça.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 187: O guarda Subversio orientando os jovens que integram a equipe A do projeto Praça F.C antes do início de outro dos jogos.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 188: Jovens da equipe B do projeto Praça F.C conversando antes do início de um dos jogos.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 189: Jovens em ação em um dos jogos na quadra poliesportiva da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 190: Jovens em ação em um dos jogos na quadra poliesportiva da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 191: Jovens em ação em outro dos jogos na quadra poliesportiva da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

Antes de dar considerações finais a esse capítulo, compartilho a vivência de campo datada do dia 14/02/2020. A recordação que segue parece contribuir de modo significativo para a relação com os relatos anteriores acerca do questionamento deixado no título do presente capítulo:

Dia 14/02/2020, sexta-feira, chego a PJ próximo das 8h50. Bato à porta do acesso principal do prédio administrativo, o guarda que está de serviço abre. Alba que está entre o corredor e a porta de acesso à sala multiuso usada pelas mulheres do Grupo de Crochê, ao me ver, em tom de voz alto fala: “oi amado, que bom que veio! Se tivesse chegado mais cedo tinha tomado um café conosco”. Como acontece todas as sextas, as mulheres estão juntas, conversando, compartilhando um chimarrão e envolvidas com a feitura das peças com suas linhas, máquinas de costura, tecidos. Acesso a sala, cumprimento-as uma a uma, sento-me, me é oferecido um chimarrão e ali permaneço conversando com o grupo. Momentos depois, Alba convida-me para dar “uma volta na rua” pois vai apresentar-me e quer conversar com um grupo de artistas que estão na praça criando um cenário para a realização futura de uma peça de teatro. Ao sair acompanhado de Alba pelo acesso/saída secundária do prédio administrativo, vamos em direção a esse grupo que grafita uma tela. A gestora pergunta ao grupo se está tudo bem e se estão precisando de algo. Um dos artistas responde: “não Alba, tudo certo!”. O grupo chamado Skatá Teatro está presente na PJ confeccionando materiais para o cenário de seu próximo espetáculo. Assim como o grupo TIA, o Skatá por intermédio do Edital de Ocupação dos Espaços Públicos, tem na Casa de Artes Vila Mimosa, localizada no centro da cidade, seu espaço de ensaios e apresentações artísticas. Em uma breve conversa com os artistas, relatam que estão na PJ após contato e obtenção de autorização de Alba, pois, a Casa de Artes Vila Mimosa (espaço que ocupam), não dispõe de espaço suficiente para confeccionar e armazenar a tela e outros materiais que estão criando especificamente para seu próximo espetáculo. A ideia do grupo é deixar a tela que estão grafitando “estendida, secando” na PJ durante sábado e domingo para na segunda-feira levá-la para o espaço que estão ocupando. Em seguida, fomos em direção à quadra poliesportiva junto ao grupo de teatro que levou a tela de tecido para dar continuidade ao grafite e já estudar um lugar “mais adequado e seguro possível” para deixá-la estendida durante o fim de semana. Ao retornarmos para o interior do prédio administrativo, Alba leva-me em direção a um dos banheiros que está desativado: “venha comigo que eu quero te mostrar uma coisa”, diz a gestora. Ao ingressar no banheiro, surpreendo-me com o espaço totalmente modificado em relação à última vez que o adentrei. No lugar de canos quebrados, vasos sanitários interditados, pedaços de vidros, vassouras, pá e sacos para descartes de lixo que ali ficavam, há um espaço com prateleiras tomadas por tecidos cor branco, outros poucos tecidos de outras cores e rolos de lãs. O banheiro, pelas mãos das Mulheres do Crochê transformou-se em um estoque de tecidos e lãs, cuidadosamente dobrados e dispostos nas prateleiras e muito bem higienizados. “Agora esse é o nosso estoque”, diz Mariângela ao entrar no agora “estoque” para pegar uma peça. “O que achou? (risos)”, pergunta Mariângela ao direcionar seu olhar para mim. Por volta de 11h, chegam à praça agentes da SMCT. Ao ingressarem à cozinha onde permanecemos Alba e eu conversando e bebendo café, cumprimento-os e discretamente deixo a cozinha pois no meu entendimento por se tratar de uma conversa de trabalho entre os agentes do governo, não cabia a minha permanência. Assim que cruzei a porta da cozinha, Alba questiona: “Cris, onde tu vai? Fica aqui!”. Em seguida Alba indiretamente justifica aos agentes o motivo da sinalização da permanência de minha presença na cozinha: “Como vocês já conhecem o Cris, ele é meu parceiro aqui da praça”. A presença dos agentes da SMCT foi para coletar de Alba a assinatura com sua ciência de que as obras para consertos e reforma do forro do prédio que desde 2018 está caindo

e que ainda permanece sem solução e igualmente dos vestiários localizados atrás da quadra poliesportiva com suas infiltrações, mofos, vidros quebrados, vasos desativados, já estavam autorizadas pela gestão municipal. Alba pega o documento, e antes de assinar, direciona seu olhar para mim e fala: “só acredito vendo (risos)”. Entre as justificativas comentadas pelos agentes da SMCT para a demasiada demora nas obras, consistia na ausência de um fiscal de obra que a prefeitura até então não dispunha. Segundo o documento entregue e assinado pela gestora, as obras estão previstas para iniciar no dia 10/03. Momentos depois, fomos todos para a sala que é ocupada pelas mulheres do crochê, pois, as mulheres já haviam retornado para suas casas. O motivo do deslocamento da cozinha para a sala é devido a presença de Cassiá, que se avizinha, que é ex-secretário de cultura e atual Diretor no Gabinete do Prefeito que comunicou à gestora por telefone que estaria se deslocando para a praça para tratar de assuntos gerais referentes ao espaço público. Minutos depois, Cassiá chega acompanhado de outras duas pessoas. Todos acessam a sala, trocamos cumprimentos. As pessoas que estão com o Diretor são de uma ONG chamada “Barbeiros Solidários”. O motivo da presença dos representantes da ONG é solicitar a cedência do espaço da praça em algum sábado ou domingo para a realização de cortes de cabelo gratuitamente aos habitantes da região onde a praça está localizada. Os representantes da ONG deixaram a praça acordados com Alba e o Diretor que a ação de cortes de cabelo será em princípio realizada no último fim de semana do mês de março para que haja tempo hábil para a divulgação da ação para a “comunidade”. Ainda durante o momento que estávamos na sala do crochê, o guarda adentra a sala e comunica Alba que há uma mulher com uma criança no colo em frente à porta do acesso principal do prédio querendo falar com a “responsável” pela praça. Alba então, pede licença aos presentes na sala e se dirige à porta de acesso ao prédio para atendê-la. Eu que estou sentado próximo a porta de acesso à sala do crochê onde estamos reunidos tenho a visão do corredor e da porta principal de acesso ao prédio onde Alba conversa com a mulher. Mesmo um pouco distante vejo que a mulher em sua conversa com a gestora gesticula, coloca as mãos ora na cabeça, ora no rosto. Fico com a impressão de certa tensão, angústia, cansaço na sua aparência. Em seguida, a mulher despede-se de Alba e a gestora retorna à sala do crochê. No ínterim da saída de Alba para atender a mulher e seu retorno para a sala do crochê, a reunião se encerrou. O Diretor e os representantes da ONG despedem -se e vão embora. Em seguida, Alba relata-me o ocorrido na sua conversa com a mulher: “ela veio pedir ajuda com alimentação. Disse que ficou viúva há uma semana e está passando dificuldades”. E a gestora prossegue: “é, aqui é assim... muita gente vem aqui na praça pedir ajuda e a gente sempre se mobiliza e dá um jeito. Eu tinha algumas coisas e já dei para ela. Agora vou falar com as gurias (do crochê) e vamos ver o que conseguimos arrecadar para doar para ela” (Recordações de campo, 14/02/2020).



Figura 192: Banheiro desativado do prédio administrativo da Praça da Juventude transformado em estoque de tecidos e lã pelas Mulheres do Grupo de Crochê.
Fonte: ROSA, C. N., 2020.



Figura 193: Banheiro desativado do prédio administrativo da Praça da Juventude transformado em estoque de tecidos e lã pelas Mulheres do Grupo de Crochê.
Fonte: ROSA, C. N., 2020.



Figura 194: Forro da cozinha do prédio administrativo da Praça da Juventude que permanece quebrado e se mantém na iminência de despencar.

Fonte: ROSA, C. N., 2020.



Figura 195: Forro do corredor do prédio administrativo da Praça da Juventude que permanece quebrado e se mantém na iminência de despencar.

Fonte: ROSA, C. N., 2020.



Figura 196: Goleira da quadra poliesportiva da Praça da Juventude que permanece sem a reposição das tabelas de basquetebol.

Fonte: ROSA, C. N., 2020.



Figura 197: Mofos decorrentes de infiltrações que permanecem em uma das paredes do vestiário localizado atrás da quadra poliesportiva.

Fonte: ROSA, C. N., 2020.



Figura 198: Balanços da pracinha da Praça da Juventude que permanecem quebrados sem reposição.

Fonte: ROSA, C. N., 2020.

Para finalizar o presente capítulo, a sugestão é que essa certa emergência do governo nas ações de limpeza, manutenção e consertos na estrutura física da PJ até então ausentes, não se constituiu em práticas espontâneas ainda que estejam na esfera de suas responsabilidades institucionais. São resultado das constantes e insistentes solicitações da gestora, reivindicações e ‘pressões’ de parcela dos frequentadores e usuários e da consequente visibilidade dada pela mídia televisiva. Esses acontecimentos corroboram o estudo de Forell (2014) acerca do protagonismo da comunidade usuária do Parque Ararigóia, em Porto Alegre/RS, que evidencia o fenômeno de como a política pública pode estar sendo por intermédio das práticas dos usuários do espaço público, onde há o envolvimento destes no processo de consolidação da política pública. Em outras palavras, são expressões de arranjos, engajamentos e modos com que as pessoas se envolvem, os quais constituem possibilidades para o que pode ou deve ser feito.

Outra evidência que parece reiterar essa presença do Estado que fica no âmbito da promessa típica das práticas do “poder indicativo” (MARTUCCELLI, 2018) está presente no prolongamento da não solução de parcela dos problemas estruturais da PJ, como já sinalizado: o forro das dependências do prédio administrativo que se mantém na iminência de despencar; os vestiários que permanecem com mofos, infiltrações, vidros quebrados, pias e vasos desativados; a goleira da quadra poliesportiva que ainda se mantém sustentada pelos mesmos arames e fios colocados pelo guarda e os jovens, ainda em 2017, e as tabelas de basquetebol quebradas que ainda não foram repostas; a

permanência de bebedouros quebrados e desativados, pois, os consertos e reformas previstos e prometidos para iniciar no dia 10/03/2020, após o recebimento e assinatura da gestora do documento levado pelos agentes da SMCT para que houvesse a sua ciência da autorização pela PMC para a realização das ações²⁵⁴, não iniciaram na data prevista e qualquer “esperança”²⁵⁵ de início nos dias seguintes, ao menos momentaneamente, se prolongará por mais alguns meses, considerando o decreto do governo municipal determinando, entre outros estabelecimentos, o fechamento de praças e parques públicos para evitar o acesso e a aglomeração de usuários motivado pelas orientações do Decreto nº 70, de 19 de Março de 2020²⁵⁶, “se é que ainda vão fazer alguma coisa na praça”²⁵⁷, pois, aliado às medidas que têm restringindo tanto o direito de ir e vir quanto a realização de diversos serviços a fim de evitar a propagação do vírus em curso “ainda é ano de eleição e não tenho ideia do desfecho da praça, isso se a praça não for fechada de vez”²⁵⁸. Em suma, parece ser nas controvérsias da praça que se pode assistir a um cenário constituído de práticas mobilizadoras das expectativas e sentimentos humanos que ocorrem nessas associações mais distantes/longas (estatais) por meio das promessas, e as associações locais/curtas que dão conta de criar infraestruturas por intermédio de suas reivindicações, iniciativas, mobilizações comunitárias e práticas astuciosas na relação com esse poder que se instaura, teatraliza, porém, não dá garantias.

²⁵⁴ Recordações de Campo, 14/02/2020.

²⁵⁵ Manifestação da gestora Alba em conversa que tivemos por telefone no dia 13/04/2020.

²⁵⁶ Decreto que “Declara situação de emergência no Município de Canoas e estabelece medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo Coronavírus (COVID-19)”. Entre as diversas medidas destaco a XVIII que determina o “fechamento imediato de museus, bibliotecas, teatros e centros culturais públicos municipais, bem assim a suspensão de programas municipais que possam ensejar aglomerações de pessoas” e a XIX que versa sobre o “fechamento imediato de todos os equipamentos públicos de esporte, incluindo ginásios, campos de futebol, quadras esportivas e assemelhados, e a estação cidadania” presentes na “Seção IV Das medidas complementares à Administração Municipal” da “Subseção I Das disposições gerais”. O documento completo está disponível em: https://sistemas.canoas.rs.gov.br/domc/pesquisar?publication_date=19%2F03%2F2020&publication_final_date=19%2F04%2F2020&publication_type=43&title=DECRETO+N%C2%BA+70%2C+DE+19+DE+MAR%C3%87O+DE+2020.&content=. Acesso em: 15/04/2020.

²⁵⁷ Manifestação da gestora Alba em conversa que tivemos por telefone no dia 13/04/2020.

²⁵⁸ Manifestação da gestora Alba em conversa que tivemos por telefone no dia 13/04/2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU SERIAM ‘INICIAIS’?

O que procurei apresentar ao logo deste estudo são implicações de um primeiro investimento de pesquisa com a qual me ocupei sobre o tema das práticas das pessoas a partir da ideia de uma sociologia das associações. Até ingressar no curso de doutorado, esse tema esteve distante daqueles com os quais eu já havia me ocupado desde o curso de graduação, passando pela especialização e mestrado acadêmico. Devido a isso, não me permito dizer e não tenho a minúscula pretensão de considerar esse momento uma conclusão ou um fim. Passados quatro anos e quatro meses de estudos e pesquisa, fico mais à vontade em dizer, e é o que estou compreendendo, que esta é somente uma etapa de um longo percurso com tantos outros desdobramentos. Por este motivo, igualmente não sei se são ‘considerações finais’ ou ‘iniciais’. Os leitores que passaram pelos capítulos anteriores, acredito que puderam perceber que o modo de escrever, o exercício analítico, as interpretações, hipóteses e respostas foram sendo construídas a partir de minhas vivências e estranhamentos de perto e de dentro, com meus interlocutores no campo de estudos e, algumas vezes, seguindo-os pela cidade. E foi exatamente nessa experiência etnográfica de corpo e alma que passei a prestar atenção em como as práticas de alguns funcionários e dos usuários para além da esfera governamental fazem dessas pessoas as ‘infraestruturas vivas’ da Praça da Juventude (PJ). Desse ponto de vista, apenas deixo o convite para pensar a partir das considerações elencadas nas linhas a seguir e sobre outras possibilidades que possam emergir.

Assim, diante dos acontecimentos observados e vividos, meu olhar deslocou-se para as práticas das pessoas em ação, inclusive as minhas, em vários momentos de colaboração associados a essas pessoas e grupos de usuários, como registrados e narrados a partir da prática etnográfica (observação participante, anotações em diários de campo, consultas e arregimentação de documentos institucionais, conversas informais). Nesse cenário, busco colocar em relevo que, no presente estudo, atentar para as práticas das pessoas em situações concretas também englobou uma orientação metodológica de análise, na qual a premissa é que a vida cotidiana nas cidades está intimamente relacionada às infraestruturas. E justamente a partir dos desinvestimentos na estrutura física da PJ, aliados à ausência de recursos materiais e humanos para o cumprimento das ações prometidas pelo Estado para essa política pública é que pude

prestar atenção em uma economia específica de práticas colaborativas, voluntárias e improvisadas, constituídas nos interstícios de restrições e recursos limitados. Assim, tanto a dimensão metodológica quanto ao observado e vivenciado me fizeram dar centralidade à noção de infraestruturas vivas, a ponto de essa ideia ocupar lugar no título desta tese de doutoramento. Tal infraestrutura permanece invisível em sua maioria, exceto ao se repensar as questões de pertencimento e engajamento em termos de uma lógica de grupo ou práticas comunitárias. Essa ideia indica, portanto, a geração de ações concretas e contextos de colaboração social modulados entre pessoas e grupos diversos.

As práticas na PJ Nelson Mandela são, portanto, constituídas por um conjunto de associações heterogêneas. Há muito a dizer sobre essa política pública ao se considerar os seguintes elementos: inicialmente, a temática da violência que atravessa o bairro desde sua ocupação, no qual esse fenômeno conduz a uma visibilidade de promessa para o futuro a partir de um espaço que investe em projetos e programas sociais e em infraestrutura urbana, com a justificativa de contribuir para ampliação e exercício pleno da cidadania em locais considerados de extrema vulnerabilidade social. Esse espaço é operado por intermédio de estratégias discursivas desde suas projeções à consolidação e manutenção de suas ações construídas por meio de “histórias que formam uma rede discursiva e interagem entre si, formando novas frases, textos e, por fim, regimes de verdade” (DAMICO, 2011, p. 234).

O segundo movimento interpretativo foi observar, acompanhar e mapear as agências das pessoas e grupos que não estão na esfera governamental, ou seja, as práticas das pessoas para além da estrutura de um poder indicativo que não dá garantias acerca de suas promessas e responsabilidades institucionais. Tais agências se evidenciaram a partir das associações entre pessoas e grupos, manifestadas nas disposições dos mediadores em relação à garantia das condições mínimas para as práticas e iniciativas de ofertas e consolidação de projetos esportivos entre outras atividades culturais e de lazer nos espaços da PJ desvinculadas do Estado, considerando-se as necessidades e interesses de seus frequentadores, o que faz uma diferença considerável na continuidade de determinadas atividades e outros usos do espaço público, neste caso, a gestora Alba Valéria e o guarda Subversio que protagonizam práticas voluntárias para além de suas atribuições funcionais.

No caso de Alba, suas práticas que a posicionam no lugar de uma agente social relevante se manifestam na compra, com recursos pessoais, de equipamentos como fechaduras, chaves, vidros, torneiras para a feitura dos pequenos reparos no prédio administrativo, a realização dos serviços gerais de limpeza, às vezes auxiliada pelas mulheres do grupo de crochê, diante da ausência de um profissional de limpeza não fornecido pela PMC; a compra de pilhas para a lanterna dos guardas noturnos; sua ação de colaboradora do projeto de futsal/futebol Praça F.C., projeto mantido com a compra de uniformes, coletes e bolas com seus próprios recursos e também oriundos de doações de outros frequentadores da PJ; o deslocamento dos jovens para jogos de futsal/futebol em outros bairros da cidade que só é possível porque a gestora utiliza seu veículo particular, mantém os custos com a gasolina e o tempo que disponibiliza para a organização, realização e supervisão das “resenhas” e jogos tanto na PJ quanto fora da praça que, não raras vezes, extrapolam o horário de seu expediente funcional. Outra ação voluntária de Alba foi a retomada das aulas de dança, compulsoriamente interrompidas pela PMC devido a não garantia da presença de estagiários e profissionais para as aulas que passaram a ser ministradas pela própria gestora. Por fim, não se pode deixar de mencionar as atividades das mulheres do grupo do crochê, o qual teve seu início protagonizado por Alba e a moradora da comunidade, Margarete. As atividades do grupo são mantidas com recursos próprios de cada uma das mulheres integrantes, incluindo a gestora que ocupa o lugar de mais uma integrante do grupo.

O guarda Subversio é outro mediador em ação no espaço público. Sua disposição nas práticas dos pequenos reparos na estrutura física da PJ, como a realização de consertos e troca de fechaduras, vidros, luminárias e a improvisação nos deslocamentos dos refletores do campo para a quadra poliesportiva foram registradas ao longo deste estudo. Outra ação que cabe salientar foi sua iniciativa na criação do projeto Praça F.C destinado aos jovens frequentadores da praça. O projeto que é coordenado pelo guarda se mantém com seus recursos próprios, em regime de colaboração com a gestora Alba e de parcela dos próprios jovens. É Subversio que organiza e coordena as “resenhas” e jogos na PJ, e é protagonista na aquisição de coletes e uniformes de jogos com seus próprios recursos e também oriundos de doações. Semelhante ao que faz Alba, Subversio usa seus recursos financeiros para o deslocamento dos jovens em jogos em outros bairros da cidade e realiza a higienização dos coletes e uniformes.

Outra rede surge a partir da associação das organizações religiosas reguladoras do potencial preventivo e/ou de mudança, neste caso, dos religiosos Jorge e Márcio, com suas práticas voluntárias que têm garantido às crianças e jovens desde a inauguração da PJ atividades gratuitas de futebol, fornecimento de coletes para treinos e uniformes personalizados para jogos, medalhas, lanches, eventos festivos e, eventualmente, ações adicionais — corte de cabelo no âmbito do projeto TDC. Todas essas ações ocorrem em regime de colaboração com outras pessoas que, de um modo ou outro, se associam às ideias e ações práticas do projeto, por exemplo, os comerciantes locais que “patrocinam” parte dos uniformes personalizados em troca de ter suas marcas registradas nas camisetas; pais que fazem salgados, doando-os aos eventos festivos, além de ajudarem em sua organização; atletas e artistas locais que, voluntariamente, realizam oficinas esportivas e apresentam shows artísticos.

O quarto ponto são os jovens que auto-organizam suas práticas, que usam de ações táticas (deslocamento de refletores do campo para a quadra, amarração da goleira quebrada com arames e a prática de jogos mesmo com bolas em péssimo estado de conservação e/ou não destinadas à prática de futsal/futebol) para a garantia das condições ainda que mínimas para os jogos, e se envolvem nas iniciativas não estatais propostas por outras pessoas e/ou instituições, como os vínculos nos Projetos Praça F.C e TDC.

Outro ponto a ressaltar é que ainda que as ações de iniciativa não governamental e governamental operem, às vezes, com os mesmos consensos, compartilhando igualmente as ideias para justificar e legitimar suas práticas, o governo municipal se apresenta como um poder indicativo de um Estado teatro, que se manifesta nos recursos públicos que se apresentam de forma insuficiente, guardando certa teatralização política na sua implementação e inauguração, entretanto, não conservada na estrutura física do espaço público e exígua em materiais esportivos e recursos humanos, relacionados aos direitos dos praticantes às atividades culturais e às diversas manifestações de lazer esportivos e não esportivos. Em contrapartida, tanto o Grupo TIA quanto as pessoas vinculadas ao projeto TDC investem significativamente em suas ações com atividades majoritariamente voluntárias regulares, eventos e espetáculos destinados aos frequentadores e demais habitantes da região. Considerando-se o cenário de desinvestimentos que produz uma infraestrutura falha, isso acaba por transformar parcela de suas ações em ocasiões a partir de seus improvisos e adaptações, ou seja,

suas ações táticas e voluntárias dão garantias e viabilizam determinadas práticas no âmbito dessa rede heterogênea composta de elementos humanos e não humanos.

Ainda que, às vezes, assimetrias se manifestem, em que a estrutura física precária e a ausência de manutenção tenham fragilizado e, em algum momento, inviabilizado certas práticas dos usuários e trabalhadores, como o acontecimento da ausência de energia elétrica e iluminação externa, a goleira da quadra quebrada, a exiguidade de materiais esportivos — bolas de futebol/futsal; a ausência de recursos humanos — estagiários e professores para ministrar aulas e oficinas; o campo de futebol esburacado e tomado por poças d'água, o conjunto de práticas apresentadas ao longo do estudo não sucumbiram a tais desinvestimentos na PJ Nelson Mandela. Ao contrário, as práticas no contexto de certo declínio da estrutura física, descontinuidades de ações do governo e exiguidade de material esportivo, corroboram as “artes de fazer”, em outras palavras, em “uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar” (DE CERTEAU, 2014, p. 41), o que resultou em ações cidadãs que não estavam inseridas na esfera governamental.

Nesse sentido, a infraestrutura pode ser analisada de diversos modos, em que a escolha metodológica torna-se uma pergunta teórica: as infraestruturas são físicas? São sistemas tecnológicos? Ou são sociais? Ofereço a sugestão de um conjunto de práticas associadas que investem em sociabilidades conectadas e utilizadas para a ação social, econômica e política, composto de possibilidades de combinações e trocas que não permitem qualquer julgamento sobre sua eficácia ou impossibilidade, em que os sujeitos em ação, que conectam elementos heterogêneos visíveis pelas/nas controvérsias da PJ, evidenciam a emergência de uma infraestrutura viva, no qual as ações-redes manifestadas nas ‘associações curtas’ reverberam em: **a)** engajamento social, materializado nas ações dos evangelistas Jorge e Márcio, por meio do Projeto TDC destinado a crianças e jovens, mantido com recursos próprios dos evangelistas, aliado a ações colaborativas de pais, comerciantes, artistas locais, entre outros habitantes da região; das práticas da gestora Alba Valéria e do guarda Subversio, com suas ações voluntárias que transpõem suas atribuições funcionais; e **b)** apropriação do espaço público e participação popular, manifestados nas práticas das Mulheres do Crochê que fazem de uma das salas multiuso da PJ sua casa, seu refúgio, espaço de resgate e divã constituídos de relações de acolhimento, pertencimento e alternativa de

complementação da renda; dos jovens que auto-organizam suas práticas, e suas inserções nos projetos locais não governamentais (TDC e Praça F.C) ofertados.

Ademais, essas ações-redes são constituídas de ‘associações mais longas’. Tais associações reverberam nas ações estatais/governamentais protagonizadas, inicialmente, pelo Governo Federal, representado no próprio programa que viabilizou a construção da PJ com seus prédios constituídos de salas multiuso, quadra poliesportiva, campo de futebol, quadra de voleibol de areia, pista de skate, pracinha, quiosque, vestiários, palco para atividades artísticas e culturais; nas leis de incentivo (à cultura e ao esporte); nos editais públicos, nas práticas de secretários municipais e secretarias do governo, vereadores e assessores no tocante as suas relações com a PJ, seus usuários e demais pessoas que lá trabalham; a presença dos veículos de comunicação representados pela comunicação da PMC com seus registros, reportagens e publicações das suas ações no seu site oficial, e de veículos de ampla cobertura, como a RBS TV que se fez presente no bairro e na PJ, visando apresentar as problemáticas da periferia e suas estratégias para superá-las.

Os dois modos de associações evidenciados convidam a pensar sobre outras duas hipóteses: uma ‘cidadania pautada e orientada para a potência da vida’, constituída nas práticas do guarda Subversio, que é também idealizador do projeto de futebol e atua como técnico dos jovens; das práticas de Alba Valéria, que atua não somente como gestora, mas acumula as funções de professora, serviços gerais e organizadora de eventos a fim de manter o espaço público atrativo e rico em atividades para a comunidade local; das práticas de acolhimento, escuta, troca de receitas e confecção de materiais para ampliação da renda protagonizadas pelas Mulheres do Crochê; dos jovens que auto-organizam suas práticas e jogam com os acontecimentos para transformá-los em ocasiões diante do cenário de exiguidades e precariedades que vivenciam, além de fazer do projeto Praça F.C, com seus jogos, resenhas e torneios, seus ponto de referência para o encontro, fundado nos laços de família e do projeto TDC de iniciativa de Jorge e Márcio, mantido no âmbito de um conjunto de práticas voluntárias, de trocas e colaborativas. A segunda hipótese evidencia uma ‘cidadania orientada para a impotência da vida’, essa constituída nas associações longas que se expressa na política pública criada no âmbito do Governo Federal ao propor “educar, ressocializar e apoiar jovens em situação de vulnerabilidade social”, a partir da instituição de espaço destinado à “ressocialização de pessoas”, “prevenção à violência”

e “segurança pública”, endossado pelo Governo Municipal que aponta que “a Praça da Juventude é um espaço voltado à prevenção das violências contra jovens, oferecendo locais adequados para a prática do esporte e exercício do lazer e da cidadania, com oficinas e intervenções de fortalecimento do convívio comunitário”.

As políticas esportivas de lazer e culturais na PJ, simetricamente, emergem dessas associações e modos de cidadania, não sendo possível serem antecipadas sem estar vivenciando e experienciando a constituição dos arranjos possíveis no cotidiano.

REFERÊNCIAS

- AMIN, A. *Lively infrastructure*. Theory, Culture & Society, v. 31 (7/8), p. 137-161, 2016.
- BATESON, G. *Steps to an ecology of mind*. New York: Ballantine, 1978.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- BONALUME, C. R. **O esporte e o lazer na formulação de uma política pública intersectorial para a juventude: a experiência do PRONASCI**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRASIL. **Caderno de Legado Brasil, este é o país**. 2009a. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/rio2016/cadernoLegadosBrasil.pdf>. Acesso em: 10/03/2017.
- _____. **Caderno de Legado Social**. 2009b. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/rio2016/cadernoLegadosSocial.pdf>. Acesso em: 10/03/2017.
- _____. **Dossiê de Candidatura do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016**. V. 1 2009c. Disponível em: . Acesso em: 10/03/2017.
- _____. **Dossiê de Candidatura do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016**. V. 2 2009d. Disponível em: . Acesso em: 10/03/2017.
- CARRANO, P.C. R. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CASTRO, S. B. E. **Políticas públicas para o esporte e lazer e o ciclo orçamentário brasileiro (2004-2011): prioridades e distribuição de recursos durante os processos de elaboração e execução orçamentária**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- CUNHA, A. L. **“Histórias em múltiplos fios”**: o ensino de *manualidades* entre mulheres negras em Rio Grande (RS - Brasil) e Capitán Bermúdez (Sta. Fe – Argentina) (re)inventando pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.
- DALLARI, D. A. **Direitos humanos e cidadania**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2004.
- DAMICO, J. G. S. **Juventudes governadas: dispositivos de segurança e participação no Guajuviras (Canoas-RS) e em Grigny Centre (França)**. Tese (Doutorado em

Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

DAMO, A. S. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes.** Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, mai./ago., 2003.

_____. **Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França.** São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Anpocs, 2005.

DEMO, P. **Cidadania tutelada e cidadania assistida.** Campinas: Autores Associados, 1995.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

ELIAS, N. **O processo civilizador, volume 1: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, N. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. Volume 2.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992

ELIAS, N; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ESCOBAR, A. Bem-vindos à Cyberia: notas para uma antropologia da cibercultura. In: SEGATA, J.; RIFIOTIS, T. (Org.). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura.** Brasília: ABA Publicações, 2016. p. 21-66.

FERREIRA, F. C.; CASTELLANI FILHO, L. Escola e formação para a cidadania: qual o papel da Educação Física? **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 04, p. 135-154, out./dez., 2012.

FERREIRA, F. C. **Cidadania e Educação Física: matrizes históricas e políticas, contradições e perspectivas.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

FISCHER, M. **Futuros Antropológicos: redefinindo a cultura na era tecnológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FONSECA, C. **O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia “em casa”.** In: Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo (Patrice Schuch, Miriam Steffen e Roberta Peters, orgs.). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p. 205-227.

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso. Pesquisa Etnográfica e Educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 10, jan./abr. 1999.

_____. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2004.

FONSECA, C; MACHADO, H. **Ciência, identificação e tecnologias de governo** (Claudia Fonseca e Helena Machado, orgs.). Porto Alegre: UFRGS/CEGOV, 2015.

_____; SCALCO, L. “**A biografia dos documentos**: uma antropologia das tecnologias de identificação”. In: *Ciência, identificação e tecnologias de governo* (Claudia Fonseca e Helena Machado, orgs.). Porto Alegre: UFRGS/CEGOV, 2015, p. 20-37.

_____; et al. **Tecnologias de governo**: apreciação e releituras em antropologia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 22, n. 46, p. 9-34, jul./dez. 2016.

FOREL, L. **Participando na cidade**: um estudo etnográfico sobre a participação em Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Parque Ararigóia em Porto Alegre/RS. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 2008c.

GASTALDO, E. L. et al. Futebol, mídia e sociabilidade. Uma experiência etnográfica. **Cadernos IHU Idéias**, v. 3, n. 43, 2005.

_____. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. **Revista Esporte e Sociedade**, n. 3, jul./out. 2006. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/index.html?ed=3>>. Acesso em: 7 fev. 2012.

_____.et al. **Praça Pública**. (Obra de artes visuais/vídeo). São Leopoldo, 2008.

_____. As relações jocosas futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. **Mana**, v. 16, n. 2, p. 311-325, 2010.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1989.

_____. **Negara, o Estado teatro no século XIX**. Rio de Janeiro, DIFEL, 1991.

_____. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001.

GROPPO, L. A. A emergência da juventude e do lazer como categorias socioculturais da modernidade. **Licere**. Belo Horizonte, v. 5, n. 1, 1999.

_____. **Juventude:** ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. São Paulo: Difel, 2000.

GUEDES, S. L. Futebol e sentimento de nacionalidade. Futebol: mística, identidade e comércio. **IHU On-Line:** Revista do Instituto Humanistas Unisinos, v. 6, n. 184, p.18-19, jun. 2006.

HIRAI, M. “**O esporte e sua inserção no sistema de espaços livres paulistano.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

JARDIM, D. F. “**Os caminhos do cadastro e outros obstáculos da visibilização do imigrante no Brasil**”. In Ciência, identificação e tecnologias de governo (Claudia Fonseca e Helena Machado, orgs.). Porto Alegre: UFRGS/CEGOV, 2015, p. 76-95.

LARKIN, B. 2013. “*The Politics and Poetics of Infrastructure.*” Annual Review of Anthropology, 42: 327-43.

LATOURETTE, B. **Ciência em Ação:** como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Tradução de Ivone C. Benedetti; revisão de tradução de Jesus de Paula Assis. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Reagregando o social:** uma introdução a teoria do ator rede. São Paulo: Edusc, 2012.

_____. **Jamais fomos modernos:** ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2013.

LAZZARI, A. **A heterogeneidade de significados da prática futebolística num programa social esportivo:** possibilidades de articulações e de sustentação do programa. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. 134f.

LINHALES, M. A. **A trajetória política do esporte no Brasil:** interesses envolvidos, setores excluídos. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

LOPES, M. C. **Políticas de inclusão e governamentalidade.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 34, p. 153-170, 2009.

MACHADO DA SILVA, L. A. **Vida sob cerco:** violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2008.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço:** cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1998.

_____. “**De perto e de dentro:** notas para uma etnografia urbana”. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, n. 49. São Paulo: jun. 2002.

_____. Trajetos e trajetórias: uma perspectiva da antropologia urbana. **Sexta-feira**, São Paulo, n. 8, p. 30-43, 2005.

MALINOWSKI, B. K., **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 3. ed. São Paulo: Abril S.A Cultural e Industrial, 1978.

MARTUCCELLI, D. **Existen indivíduos em el Sur?** Editora: LOM EDICIONES, 2018.

MYSKIW, M. **Nas controvérsias da várzea. Trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre**. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MOG, W. **Entre o projetado e o apropriado**: mosaico de transformações urbanas. O caso Guajuviras em Canoas/RS. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

NASCIMENTO, L. C. Z. **Espaços e equipamentos urbanos para o lazer da juventude na cidade de Florianópolis-SC**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

NASCIMENTO, V. R; MORAIS, J. L. B. A cidadania e a constituição: uma necessária relação simbólica. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, a. 44, n. 175, p. 163-174, jul./set., 2007.

PACHECO, A. **É lazer, tudo bem, mas é sério**: o cotidiano de uma equipe master feminina de voleibol. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PACHECO, A. **Talento esportivo**: uma etnografia sobre as produções de talentos em práticas na Educação Física. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PAIS, J. M. Máscaras, jovens e “escolas diabo”. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 7-21, jan./abr. 2008.

PAZINATO DA CUNHA, E. **Do direito à segurança à segurança dos direitos**: uma análise sociopolítica e criminológica acerca dos sentidos da participação na gestão de políticas municipais de segurança na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2011.

REIS, N. S. **Políticas de esporte educacional nos governos Lula e Dilma: avanços, limites e anacronismos**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de

Pós-Graduação em Educação Física. Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

RECKZIEGEL, A. C. C. **Dança de rua: lazer e cultura jovem na Restinga**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

RIGO, L. C. **Memórias de um futebol de fronteira**. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

REGUILLO, R. **Las culturas juveniles: um campo de estúdio; breve agenda para la discusión**. Revista Brasileira de Educação, n. 23, mai./ago. 2003.

REZENDE, C. B. Identidade: o que é ser jovem? **Revista Tempo e Presença**, n. 240, p. 4-5, 1989.

RODRIGUES, E. H. C. **Construindo uma política pública de lazer: espaço ou programa – o que garante a animação**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ROSA, C. N.; GADEA, C.A. **Esportes, lazer e vigilância: entre discursos e segurança pública**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2016.

RIBEIRO, S. P. **“O lazer na política pública de esporte: uma análise do Programa Segundo Tempo**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

ROCHA, A. L.C; ECKERT, C. **Antropologia da e na cidade, interpretações sobre as formas de vida urbana**. Porto Alegre: Marcavizual, 2013.

ROTTA, A. M. S. **“Se essa praça, se essa praça fosse nossa”...: Espaços públicos e possibilidades para o lazer dos jovens de Caçador/SC**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SANT’ ANNA, D, B. **O prazer justificado: história e lazer**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

SANTOS, S. **“A intervenção no lazer na política de segurança pública: a construção de saberes de oficinairos no Programa FICA VIVO!**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SANTOS, S. A. **O Projeto Centro de Iniciação Desportiva e as políticas esportivas no Distrito Federal: uma análise à luz dos direitos de cidadania**. Dissertação

(Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SCHUCH, P. “**A legibilidade como gestão e inscrição política de populações: notas etnográficas sobre a política para pessoas em situação de rua no Brasil**”. In *Ciência, identificação e tecnologias de governo* (Claudia Fonseca e Helena Machado, orgs.). Porto Alegre: UFRGS/CEGOV, 2015.

SEGATA, J. **A doença socialista e o mosquito dos pobres**. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 17, n. 42, p. 372-389, ago/dez, 2016a. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/viewFile/69998/39458>. Acesso em: 07/04/2017.

_____. **Os mosquitos vilões e as casas de ponta de lápis**. Trabalho apresentado no Painel T073 – Relações humano-animal na antropologia, do VI Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia. Coimbra – Portugal, 2 a 4 de junho de 2016b.

_____. **O *Aedes Aegypti* e o digital**. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 23, n. 48, p. 19-48, maio/ago. 2017.

SILVA, C.A. Negações e silenciamentos no discurso acerca da juventude. **Cadernos IHU Ideias**, v. 4, n. 63, São Leopoldo, 2006.

SILVA, J. M. **1964 – Golpe midiático-civil-militar**. 1. ed. São Paulo: Editora Sulina, 2017.

SILVA, J. A. **Curso de direito constitucional positivo**. 23 ed. São Paulo: Malheiros, 2004.

SILVEIRA, R. **Vivendo ciências: as (co)existências de diferentes ontologies científicas da Educação Física**. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SIMONE, A. ***People as infrastructure*: intersecting fragments in Johannesburg**. *Public Culture*. 16(3), p. 407-429, 2004.

SOUZA, A. P. P. **Cultura esportiva: um possível legado dos jogos olímpicos e paralímpicos Rio 2016?** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

STAR, S. L. ***Ethnography of Infrastructure***. *American Behavioral Scientist*, Thousand Oaks, v. 43, n. 3, p. 377-391, 2010.

STIGGER, M. P. **Administração de parques públicos e democracia: um estudo de caso na área de políticas públicas para o lazer numa perspectiva democrática**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em

Educação Física. Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1992.

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida – Um estudo etnográfico**. Campinas: Autores Associados, 2002.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. **Violências e conflitualidades**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009.

THOMASSIM, L. E. C. **O “público-alvo” nos bastidores da política: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos**. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

VELHO, G. **Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea: culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

VEIRA, E. **Os direitos e a política social**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

VEIRA, E. **A ditadura militar 1964 – 1985: momentos da República brasileira**. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

VON SCHNITZLER, A. 2008. *Citizenship prepaid: water, calculability, and technopolitics in South Africa*. J. South.Afr. Stud. 34(4):899–917.

VON SCHNITZLER, Antina. 2013. *Traveling technologies: Infrastructure, ethical regimes, and the materiality of politics in South Africa*. Cultural Anthropology, Vol. 28, Issue 4, pp. 670–693.

WACQUANT, L. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2002

ZAMBELLI, T. **Significados da natação para praticantes máster de um clube da cidade de Porto Alegre – um estudo etnográfico**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

ANEXOS

FIGURAS



Figura 199: Rosto de Nelson Mandela sendo grafitado assim que a Praça da Juventude foi inaugurada em 2014.

Fonte: ROSA, C. N.,



2019.

Figura 200: Rosto de Nelson Mandela sendo grafitado assim que a Praça da Juventude foi inaugurada em 2014.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 201: Rosto de Nelson Mandela sendo grafitado assim que a Praça da Juventude foi inaugurada em 2014.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 202: Rosto de Nelson Mandela sendo grafitado assim que a Praça da Juventude foi inaugurada em 2014.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 203: A gestora Alba Valéria ao lado do rosto de Nelson Mandela assim que o grafite foi concluído em 2014.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 204: Contação de histórias na Praça da Juventude. Atividade organizada pelo Grupo TIA em 2017. Fonte: ROSA, C. N., 2019.



CADERNO DE SÁBADO
TEATRO IDEIA E AÇÃO

15 anos de Teatro Popular e Resistência

Pelo perigo que corremos, somos teatro. Pelo perigo que trazemos, somos teatro. Pela alegria em que vivemos, somos teatro. Pela tristeza, pela dor somos teatro. (Ray Lima)

MARCO SILVEIRA DOS SANTOS*

Em tempos difíceis para a cultura brasileira, quando um bilionário da Cultura e artistas são desvalorizados e apedrejados, é preciso reinventar tudo quando um grupo de jovens, artistas, poetas, músicos e pelo bom senso, completa sua década e inicia de afilhados interseccionais e um consistente trabalho contínuo. Entre bilionários do Grupo Teatro Ideia e Ação, mais conhecidos pelas lutas. TIA, nome esse que sempre se remete à imagem daquela parreira mais próxima que muitos vivem, quando necessário, descompromissado e papel de segunda mão na vida da gente, precipitando momentos bons, de alegria e afeto. É no bojo desta situação de alegria, afeto e resistência cultural que o Grupo TIA completa 15 anos e quer ganhar presença e o público.

Durante os meses de Junho e Julho, a tropa, cuja sede fica na periferia da cidade de Canoas, desenvolve uma série de atividades como apresentações, oficinas, exibição de documentários e bate-papo para todos os tipos de público. As ações ocorrem na Capelin, Porto Alegre, Lapa no São-Centro com milhares nas periferias, depois se espalham pelo Brasil nos seus repertórios.

Osmo se completaram setenta e seis, morreu que Mariana Alves e Marcelo Mendes haviam fundado o grupo TIA dentro da proposta de realizar "um teatro experimental, de intervenção social, onde se possa pesquisar e desenvolver formas de um teatro popular ao grupo. Uma das características do grupo é a horizontalidade, validando suas relações na rua e outros espaços de maior acesso ao público" (SANTOS, 2018, p. 106-107). Após oito anos, mantendo as estruturas de Mariana Ferreira e Marcelo Mendes no grupo, é perceptível que seguiu desmontando suas posições, com um trabalho direcionado ao teatro popular e a uma pedagogia crítica, sem perder a horizontalidade e a estrutura.



© Grupo Teatro Ideia e Ação e TIA. Armador uma década e mais de atividades interseccionais.

Produzindo trabalhos em diferentes linguagens teatrais que transitam com facilidade do cenário cênico ao dos muros, da ocupação de espaços, além de oficinas, da Performance e da Companhia, e embora o grupo tenha um leque de espetáculos que podem ser apresentados em qualquer espaço, ainda assim a rua é seu espaço de ocupação por excelência. "A TIA nasceu TIA desde seu surgimento, em 2003, tem a história de rua como referência maior em processos inventivos, é da rua que tem sua materialidade de relação e reflexão. Seus integrantes são articuladores da TITEH - Rede Brasileira de Teatro de Rua, uma rede que congrega um número expressivo de artistas de rua presentes em todos os estados do país. Também participam dos encontros e oficinas do Movimento Dança Popular Livre de Rua, movimento esse criado por Ray Lima e Daniel Santos, em 1999, na cidade de Jundiaí no SP.

Foi durante os encontros do Movimento Escamado que o Grupo TIA teve contato com a Companhia desmontada pelo poeta Ray Lima. Surgiu nos anos 1990, segundo o autor, a Companhia é "uma espécie de linguagem híbrida que mistura teatro e poesia, música e outras linguagens trazendo poesia e ritmo no espetáculo, mesmo quando trata sobre temas 'sérios' de nossas realidades" (LIMA, 2012, p. 10). Então, a partir de trocas e vivências com os escamados, o grupo TIA elabora o espetáculo "Poesia em Movimento - Uma Experimentação Compositiva". Os poemas utilizados nesta encenação são livres adaptações das obras de Ray Lima e Heráclito Bivotti.

Produzido para ser apresentado em ruas e vias de bairro periféricas, bem como em centros urbanos, o "Poesia em Movimento" é um trabalho poético e cênico em sua forma, desenvolvido por artistas e abertos aos alguns instrumentos musicais, adereços e um humor gigante. Fazem parte do elenco, além dos três integrantes já citados, também os convidados: Alice Ferraz, Renato Leandro e Roberto Reisinas. O roteiro se desdobra apresentando, acima que, conteúdos e síde de grupos, "transitam entre a realidade e o extraordinário, causando uma sensação de surpresa e quebra de rotina aos transeuntes, os quais, mesclados com a estagnação imposta pelo tempo cotidiano muitas vezes repetitivo e monótono". O grupo TIA acredita na vontade de conscientizar e refletir crítica por parte dos espectadores desse trabalho e na intervenção política no espaço público como forma de transgressão e ruptura.

Dentro repertório do grupo é a multiplicidade "As Galaxias do Vale do Taquari Corre Mundo na Estrela de União Douradas" que mostra as participações de um grupo de jovens de suas terras, que ao meio de um universo de paisagens passa por provas de sutileza e violência. A ideia inicial foi criar um espetáculo de teatro de bonecos/manequins que utilizasse em sua trama a história de elementos da cultura gaúcha e da cultura indígena. A estética, o roteiro e a musicalidade esperada pela tropa gaúcha foram as tradições do sangue indígena e a essência e os valores de origem das tradições nordestinas de bonecos de manequins. Embora a dramaturgia seja influenciada por sua estrutura de quadros, ritmos, ce-

nas e temas pensados de dramaturgia manequinária, ainda assim foi possível uma eficaz ocupação de ruas e espaços do Rio Grande do Sul, como o Itamaraty da Jureia, o Instituto Moreira, a escola bilotária, "Histórias de Cero sem Lota". O espetáculo mostra os sentimentos de três pessoas em suas histórias que precisam sobreviver em um mundo tão complexo. Na medida em que o espetáculo evolui, vão se desenvolvendo, nas relações entre os três, as mesmas dificuldades que o povo brasileiro passa na sua luta por um lugar ao sol. De forma lúdica e simples, os textos e o jogo tradicional de cinco pessoas em uma complexidade maior com o público, oferecendo, assim, o maior objetivo do grupo: a horizontalidade entre cênicos e espectadores. Para escrever, em tempo, acompanhando a programação. E que vai além mais 15 anos.

REFERÊNCIAS
BENJAMIN, Walter. "O Ajo da História". Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
LIMA, Ray. "Pela ordem do eu que pode ser, um desmontando da Companhia. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2012.
SANTOS, Marco Silveira dos. "Os Artistas de Rua em São Paulo que um Mestre da Cultura". Porto Alegre: UFRGS Editora, 2016.

NOTE DO GRUPO:
grupos norte-sul com

* Arte, direção, dramaturgia do Grupo Interseccionais (2013/2016).
Pedagogia popularizada e teatro em Ação. Criado pela TIA. Desenvolvido em teatro em Ação. Brasília: Expressão.

teatro do grupo é a manutenção de um repertório e o grupo TIA mantém a sua. Nesta mostra de 15 anos promovida pelo São-Centro, além dos trabalhos já citados, há também, o espetáculo de teatro infantil, "Judeu 200", que se utiliza de uma série de elementos cênicos e musicais ao vivo para mostrar a transformação do judaísmo. Interpretado com a atuação, João Jão, em um cenário de defesa do meio ambiente, teatro destaca da programação é a criação do documentário "Periferia em Movimento" que mostra as histórias do grupo com o espetáculo "Poesia em Movimento". nos territórios periféricos, onde é possível criar a consciência crítica sobre cultura que o grupo tem. Como não são de "teatro a história a encenação". (BENJAMIN, 2015, p. 11) no documentário cada minuto, cada poesia, cada movimento revela uma ideia de arte contra hegemonia.

Quando se escreve sobre a história do Grupo TIA é importante não esquecer o contexto do cêno que o grupo se desenvolve com afeto, em espaços e arte da pedagogia, presente em qualquer espaço que precisamos. Interseccionais, um dos trabalhos mais longos nesta década e mais é "Histórias de Cero sem Lota". O espetáculo mostra os sentimentos de três pessoas em suas histórias que precisam sobreviver em um mundo tão complexo. Na medida em que o espetáculo evolui, vão se desenvolvendo, nas relações entre os três, as mesmas dificuldades que o povo brasileiro passa na sua luta por um lugar ao sol. De forma lúdica e simples, os textos e o jogo tradicional de cinco pessoas em uma complexidade maior com o público, oferecendo, assim, o maior objetivo do grupo: a horizontalidade entre cênicos e espectadores. Para escrever, em tempo, acompanhando a programação. E que vai além mais 15 anos.

Figura 205: Reportagem extraída do Jornal Diário de Canoas sobre os 15 anos do Grupo TIA.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 206: Mariana Abreu, Marcelo Militão, Mario Ferrolho Abreu, Sofia (filha de Mariane e Marcelo), a gestora Alba, o artista e empreendedor cultural pernambucano Ghustavo Távora e eu na Praça da Juventude após uma atividade realizada em parceria entre o grupo e o artista Gustavo.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 207: Banner do grupo de capoeira Angola fixado na parede de uma das salas do prédio administrativo da Praça da Juventude onde realizam suas oficinas aos sábados pela manhã.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 208: Fios e refletores da quadra poliesportiva danificados pelo curto circuito em 2017 resultando na ausência de iluminação na quadra que perdurou até maio de 2019.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 209: Jovens jogando futebol no campo da Praça da Juventude durante um dia de forte chuva.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 210: Márcio conduzindo as atividades de futebol do projeto TDC na quadra poliesportiva devido à chuva que impossibilitou as práticas no campo de futebol.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 211: As crianças do projeto TDC jogando futsal na quadra poliesportiva devido à chuva que impossibilitou as práticas no campo de futebol.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.

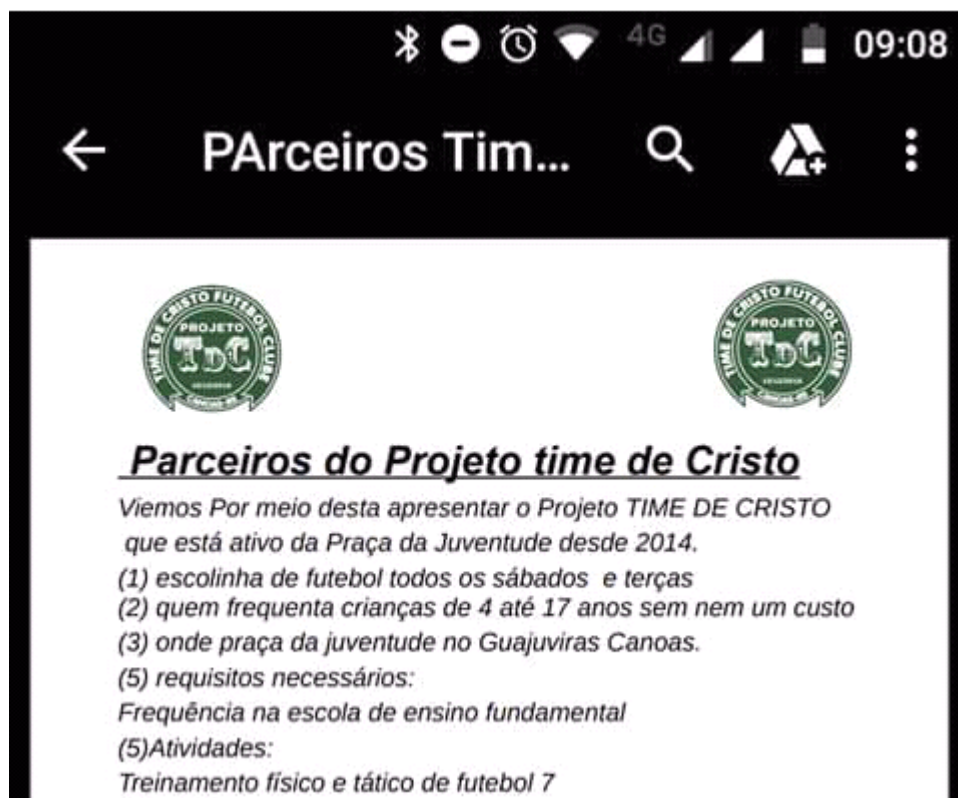
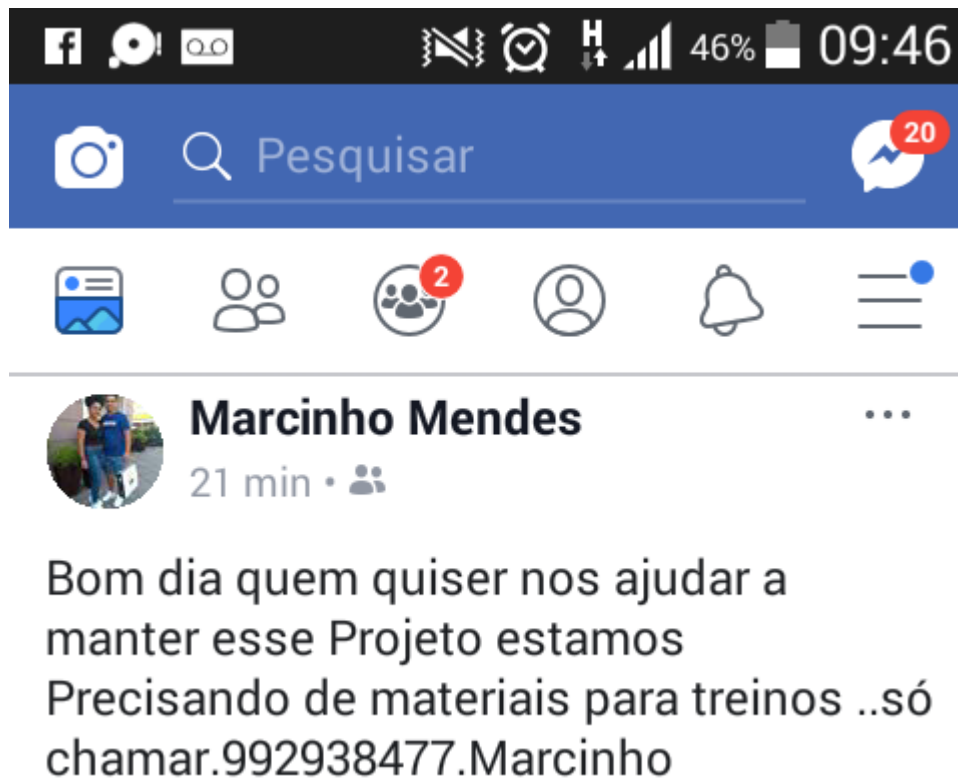


Figura 212: Panfleto de divulgação das atividades do projeto TDC publicado por Márcio na sua página do *Facebook* solicitando doações para a manutenção do projeto.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 213: Publicação realizada pelo jovem Itamar em sua página no *Facebook* após um jogo dos jovens do projeto TDC em uma quadra de futebol sete na cidade de Canoas/RS.

Fonte:

ROSA,

C.

N.,









 24% 11:36












Marcinho Mendes


18 de out às 12:08 • 

Bom dia pessoal estou Precisando de bolas para dar treino para essa galerinha aí quem quiser me ajudar me avise q busco .. Projeto social time de Cristo




 68 11 comentários • 27 compartilhamentos

Figura 214: Publicação realizada por Márcio na sua página do *Facebook*, no dia 18/10/2019, solicitando doações de bolas para o Projeto TDC. A foto publicada pelo evangelista foi tirada após o encerramento de uma das atividades de futebol no campo da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 215: Algumas das peças confeccionadas pelas mulheres do grupo do crochê no seu “ateliê” no prédio administrativo da Praça da Juventude.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Subversio adicionou 11
novas fotos.

4 h • 

Nesta quinta feira as 19 : 35 horas foi mais uma vez de futebool na praça da juventude com 5 equipes da comunidade jogamos todos contra todos onde teve muito respeito e oque valeu foi a participação de todos muito obrigado onde saimos muito cansados
Alba Valeria , Subversio



Figura 216: Publicação realizada pelo guarda Subversio na sua página do *Facebook* após jogos de futsal na quadra poliesportiva da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 217: Publicação realizada pelo jovem Kauê Ribeiro que atua como goleiro no projeto Praça F.C em sua página no *Facebook*.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 218: O guarda Subversio e parcela dos jovens praticantes de futsal na quadra poliesportiva da Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 219: Alguns dos jovens frequentadores e praticantes de futsal/futebol na Praça da Juventude e eu após um jogo na quadra poliesportiva.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 220: Distintivo do projeto Praça F.C criado pela gestora Alba e o guarda Subversio.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 221: Uniforme personalizado do projeto Praça F.C confeccionado em uma loja de artigos esportivos na cidade de Canoas/RS com recursos meus e entregues de presente a Alba e aos jovens na Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 222: Uniforme personalizado do projeto Praça F.C confeccionado em uma loja de artigos esportivos na cidade de Canoas/RS com recursos meus e entregues de presente a Alba e aos jovens na Praça da Juventude.

Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 223: Os jovens Jessé, Luís, Dhyonathan, Wellington, Kauê e Igor vestidos com o uniforme personalizado do projeto Praça F.C e entregues por mim de presente a Alba e aos jovens na Praça da Juventude.
Fonte: ROSA, C. N., 2019.



Figura 224: Publicação realizada pelo jovem Andrey Trindade em sua página no *Facebook* expressando seu sentimento em relação ao grupo de amigos e ao espaço público.

Fonte: ROSA, C, N. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO À GESTORA DA PRAÇA DA JUVENTUDE NELSON MANDELA/GUAJUVIRAS PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA

Eu, Cristiano Neves da Rosa, estudante do curso de Pós-graduação Stricto Sensu, nível Doutorado em *Ciências do Movimento Humano* do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCMH/UFRGS), venho por meio deste solicitar autorização para realizar pesquisa acadêmica nas dependências deste Centro de Convivência. A pesquisa será por mim desenvolvida, sob a orientação do Professor Doutor Marco Paulo Stigger.

Essa pesquisa tem por objetivo “investigar as práticas, formas de apropriação e as relações que as pessoas estabelecem com o espaço público de lazer, de modo especial, a Praça da Juventude – Complexo Esportivo e Cultural Nelson Mandela, localizada no bairro Guajuviras”.

Para o desenvolvimento da investigação, serão realizadas observações das práticas corporais e atividades culturais orientadas e dirigidas pelos agentes vinculados à administração pública municipal de Canoas/RS, bem como, análise de documentos institucionais com registros acerca das diretrizes e objetivos das ações ofertadas nas dependências do Centro de Convivência da Praça da Juventude Nelson Mandela. Neste sentido, solicito autorização para consultar os referidos documentos deste Espaço Público de Esporte, Lazer e Cultural, como parte integrante do procedimento metodológico previsto para o desenvolvimento do estudo. As informações obtidas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos.

É importante que você tenha o conhecimento de que a pesquisa não comprometerá a Praça da Juventude Nelson Mandela, espaço público objeto do estudo e nem você, porém, esperamos que o estudo ofereça ganhos para a administração pública municipal de Canoas/RS, e, mais especificamente a este espaço público, relativos ao avanço do conhecimento sobre o tema pesquisado.

Antes de concordar em autorizar o acompanhamento das atividades dirigidas e acesso aos documentos institucionais referentes às diretrizes e objetivos dos projetos desenvolvidos nas dependências da Praça da Juventude Nelson Mandela, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas nesse documento. O pesquisador deverá esclarecer todas as suas dúvidas antes de iniciar a

pesquisa. Mesmo que já tenha dado a sua autorização, você tem o direito de desistir de participar do estudo a qualquer momento. Dessa forma, você poderá solicitar a não permanência do acompanhamento das atividades dirigidas e das informações até então obtidas através da consulta dos documentos institucionais.

Vale ressaltar que sua colaboração e participação nessa pesquisa é gratuita e não acarretará nenhum ônus para você. Caso os seus direitos sejam violados em algum momento, ou você sinta que isso está acontecendo, favor, remeter-se:

- ao Professor Dr. Marco Paulo Stigger, orientador da pesquisa (*e-mail*: stigger.mp@gmail.com);
- a Direção da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS (ESEFD/UFRGS), professor Dr. Ricardo Demétrio de Souza Petersen (51-33085804- FACED; *e-mail*: petersen@esef.ufrgs.br);
- ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da UFRGS (51- 3308 5830; *e-mail*: ppgcmh@ufrgs.br).

Ciente e de acordo com o que foi exposto anteriormente, eu _____
_____, estou de acordo em participar dessa pesquisa, assinando esse termo de consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Data: ___/___/___

Assinatura: _____

*O documento original encontra-se assinado.

APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA PARA PESQUISA ACADÊMICA (destinada às Mulheres do Grupo de Crochê)

Eu, Cristiano Neves da Rosa, estudante do curso de Pós-graduação Stricto Sensu, nível Doutorado em *Ciências do Movimento Humano* do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCMH/UFRGS), venho por meio deste solicitar autorização para realizar entrevista para pesquisa acadêmica. A pesquisa será por mim desenvolvida, sob a orientação do Professor Doutor Marco Paulo Stigger.

Essa pesquisa tem por objetivo “investigar as práticas, formas de apropriação e as relações que as pessoas estabelecem com o espaço público de lazer, de modo especial, a Praça da Juventude – Complexo Esportivo e Cultural Nelson Mandela, localizada no bairro Guajuviras”.

Para o desenvolvimento da pesquisa, serão realizadas observações das práticas corporais esportivas, atividades culturais e de lazer orientadas e dirigidas pelos agentes vinculados à administração pública municipal de Canoas/RS, bem como das demais práticas e usos das pessoas que frequentam esse espaço público. Nesse sentido, convido você a participar da pesquisa e solicito autorização para uma entrevista individual, como parte integrante do procedimento metodológico previsto para o desenvolvimento do estudo. As informações obtidas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos.

É importante que você tenha o conhecimento de que a pesquisa não comprometerá a Praça da Juventude Nelson Mandela, espaço público objeto do estudo e nem você, porém, esperamos que o estudo ofereça ganhos para a população de Canoas/RS, e, mais especificamente às pessoas habitantes do bairro Guajuviras e a este espaço público, relativos ao avanço do conhecimento sobre o tema pesquisado.

Antes de concordar em conceder a entrevista, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas nesse documento. O pesquisador deverá esclarecer todas as suas dúvidas antes de iniciar a pesquisa. Mesmo que já tenha dado a sua autorização, você tem o direito de desistir de participar do estudo a qualquer momento. No tocante, a **garantia de esclarecimento** e de **privacidade e liberdade de recusa**, as pessoas entrevistadas serão esclarecidas sobre a pesquisa a qualquer momento que solicitarem. Você é livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e o seu nome não será utilizado sem a sua permissão

Vale ressaltar que sua colaboração e participação nessa pesquisa é voluntária e gratuita e não acarretará nenhum ônus para você. A entrevista será gravada. Caso os seus direitos sejam violados em algum momento, ou você sinta que isso está acontecendo, favor, remeter-se:

- ao Professor Dr. Marco Paulo Stigger, orientador da pesquisa (*e-mail*: stigger.mp@gmail.com);
- a Direção da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS (ESEFD/UFRGS), professor Dr. Ricardo Demétrio de Souza Petersen (51-33085804- FACED; *e-mail*: petersen@esef.ufrgs.br);
- ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da UFRGS (51- 3308 5830; *e-mail*: ppgcmh@ufrgs.br).

Ciente e de acordo com o que foi exposto anteriormente, eu _____, tendo recebido todos os esclarecimentos supracitados, estou de acordo em participar dessa pesquisa, bem como autorizo a divulgação e publicação em periódicos, revistas, bem como a apresentação em congressos e qualquer outro evento de caráter científico, assinando esse termo de consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Canoas, ___/___/___

Assinatura do Pesquisado: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

*Os documentos originais encontram-se assinados.

APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA PARA PESQUISA ACADÊMICA (destinada aos coordenadores do Projeto Time de Cristo - TDC)

Eu, Cristiano Neves da Rosa, estudante do curso de Pós-graduação Stricto Sensu, nível Doutorado em *Ciências do Movimento Humano* do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCMH/UFRGS), venho por meio deste solicitar autorização para realizar entrevista para pesquisa acadêmica. A pesquisa será por mim desenvolvida, sob a orientação do Professor Doutor Marco Paulo Stigger.

Essa pesquisa tem por objetivo “investigar as práticas, formas de apropriação e as relações que as pessoas estabelecem com o espaço público de lazer, de modo especial, a Praça da Juventude – Complexo Esportivo e Cultural Nelson Mandela, localizada no bairro Guajuviras”.

Para o desenvolvimento da pesquisa, serão realizadas observações das práticas corporais e atividades culturais orientadas e dirigidas pelos agentes vinculados à administração pública municipal de Canoas/RS, bem como das demais práticas e usos das pessoas que frequentam esse espaço público. Nesse sentido, convido você a participar da pesquisa e solicito autorização para uma entrevista individual, como parte integrante do procedimento metodológico previsto para o desenvolvimento do estudo. As informações obtidas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos.

É importante que você tenha o conhecimento de que a pesquisa não comprometerá a Praça da Juventude Nelson Mandela, espaço público objeto do estudo e nem você, porém, esperamos que o estudo ofereça ganhos para a população de Canoas/RS, e, mais especificamente às pessoas habitantes do bairro Guajuviras e a este espaço público, relativos ao avanço do conhecimento sobre o tema pesquisado.

Antes de concordar em conceder a entrevista, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas nesse documento. O pesquisador deverá esclarecer todas as suas dúvidas antes de iniciar a pesquisa. Mesmo que já tenha dado a sua autorização, você tem o direito de desistir de participar do estudo a qualquer momento. No tocante, a **garantia de esclarecimento** e de **privacidade e liberdade de recusa**, as pessoas entrevistadas serão esclarecidas sobre a pesquisa a qualquer momento que solicitarem. Você é livre para retirar seu consentimento ou interromper a

participação a qualquer momento. Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e o seu nome não será utilizado sem a sua permissão

Vale ressaltar que sua colaboração e participação nessa pesquisa é voluntária e gratuita e não acarretará nenhum ônus para você. Caso os seus direitos sejam violados em algum momento, ou você sinta que isso está acontecendo, favor, remeter-se:

- ao Professor Dr. Marco Paulo Stigger, orientador da pesquisa (*e-mail*: stigger.mp@gmail.com);
- a Direção da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS (ESEFD/UFRGS), professor Dr. Ricardo Demétrio de Souza Petersen (51-33085804- FACED; *e-mail*: petersen@esef.ufrgs.br);
- ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da UFRGS (51- 3308 5830; *e-mail*: ppgcmh@ufrgs.br).

Ciente e de acordo com o que foi exposto anteriormente, eu **Márcio da Rosa Mendes**, tendo recebido todos os esclarecimentos supracitados, estou de acordo em participar dessa pesquisa, bem como autorizo a divulgação e publicação em periódicos, revistas, bem como a apresentação em congressos e qualquer outro evento de caráter científico, assinando esse termo de consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Canoas, ___/___/___

Assinatura do Pesquisado: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

*Os documentos originais encontram-se assinados.

APÊNDICE D – AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA PARA PESQUISA ACADÊMICA (destinada aos artistas do grupo Teatro, Ideia e Ação - TIA)

Eu, Cristiano Neves da Rosa, estudante do curso de Pós-graduação Stricto Sensu, nível Doutorado em *Ciências do Movimento Humano* do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCMH/UFRGS), venho por meio deste solicitar autorização para realizar entrevista para pesquisa acadêmica. A pesquisa será por mim desenvolvida, sob a orientação do Professor Doutor Marco Paulo Stigger.

Essa pesquisa tem por objetivo “investigar as práticas, formas de apropriação e as relações que as pessoas estabelecem com o espaço público de lazer, de modo especial, a Praça da Juventude – Complexo Esportivo e Cultural Nelson Mandela, localizada no bairro Guajuviras”.

Para o desenvolvimento da pesquisa, serão realizadas observações das práticas corporais e atividades culturais orientadas e dirigidas pelos agentes vinculados à administração pública municipal de Canoas/RS, bem como das demais práticas e usos das pessoas que frequentam esse espaço público. Nesse sentido, convido você a participar da pesquisa e solicito autorização para uma entrevista individual, como parte integrante do procedimento metodológico previsto para o desenvolvimento do estudo. As informações obtidas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos.

É importante que você tenha o conhecimento de que a pesquisa não comprometerá a Praça da Juventude Nelson Mandela, espaço público objeto do estudo e nem você, porém, esperamos que o estudo ofereça ganhos para a população de Canoas/RS, e, mais especificamente às pessoas habitantes do bairro Guajuviras e a este espaço público, relativos ao avanço do conhecimento sobre o tema pesquisado.

Antes de concordar em conceder a entrevista, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas nesse documento. O pesquisador deverá esclarecer todas as suas dúvidas antes de iniciar a pesquisa. Mesmo que já tenha dado a sua autorização, você tem o direito de desistir de participar do estudo a qualquer momento. No tocante, a **garantia de esclarecimento** e de **privacidade e liberdade de recusa**, as pessoas entrevistadas serão esclarecidas sobre a pesquisa a qualquer momento que solicitarem. Você é livre para retirar seu consentimento ou interromper a

participação a qualquer momento. Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e o seu nome não será utilizado sem a sua permissão

Vale ressaltar que sua colaboração e participação nessa pesquisa é voluntária e gratuita e não acarretará nenhum ônus para você. Caso os seus direitos sejam violados em algum momento, ou você sinta que isso está acontecendo, favor, remeter-se:

- ao Professor Dr. Marco Paulo Stigger, orientador da pesquisa (*e-mail*: stigger.mp@gmail.com);
- a Direção da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS (ESEFD/UFRGS), professor Dr. Ricardo Demétrio de Souza Petersen (51-33085804- FACED; *e-mail*: petersen@esef.ufrgs.br);
- ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da UFRGS (51- 3308 5830; *e-mail*: ppgcmh@ufrgs.br).

Ciente e de acordo com o que foi exposto anteriormente, eu **Marcelo De Souza Militão**, tendo recebido todos os esclarecimentos supracitados, estou de acordo em participar dessa pesquisa, bem como autorizo a divulgação e publicação em periódicos, revistas, bem como a apresentação em congressos e qualquer outro evento de caráter científico, assinando esse termo de consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Canoas, ___/___/___

Assinatura do Pesquisado: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

*Os documentos originais encontram-se assinados.

APÊNDICE E – AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA PARA PESQUISA ACADÊMICA (destinada aos jovens praticantes de futsal/futebol da Praça da Juventude)

Eu, Cristiano Neves da Rosa, estudante do curso de Pós-graduação Stricto Sensu, nível Doutorado em *Ciências do Movimento Humano* do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCMH/UFRGS), venho por meio deste solicitar autorização para realizar entrevista para pesquisa acadêmica. A pesquisa será por mim desenvolvida, sob a orientação do Professor Doutor Marco Paulo Stigger.

Essa pesquisa tem por objetivo “investigar as práticas, formas de apropriação e as relações que as pessoas estabelecem com o espaço público de lazer, de modo especial, a Praça da Juventude – Complexo Esportivo e Cultural Nelson Mandela, localizada no bairro Guajuviras”.

Para o desenvolvimento da pesquisa, serão realizadas observações das práticas corporais e atividades culturais orientadas e dirigidas pelos agentes vinculados à administração pública municipal de Canoas/RS, bem como das demais práticas e usos das pessoas que frequentam esse espaço público. Nesse sentido, convido você a participar da pesquisa e solicito autorização para uma entrevista individual, como parte integrante do procedimento metodológico previsto para o desenvolvimento do estudo. As informações obtidas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos.

É importante que você tenha o conhecimento de que a pesquisa não comprometerá a Praça da Juventude Nelson Mandela, espaço público objeto do estudo e nem você, porém, esperamos que o estudo ofereça ganhos para a população de Canoas/RS, e, mais especificamente às pessoas habitantes do bairro Guajuviras e a este espaço público, relativos ao avanço do conhecimento sobre o tema pesquisado.

Antes de concordar em conceder a entrevista, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas nesse documento. O pesquisador deverá esclarecer todas as suas dúvidas antes de iniciar a pesquisa. Mesmo que já tenha dado a sua autorização, você tem o direito de desistir de participar do estudo a qualquer momento. No tocante, a **garantia de esclarecimento** e de **privacidade e liberdade de recusa**, as pessoas entrevistadas serão esclarecidas sobre a pesquisa a qualquer momento que solicitarem. Você é livre para retirar seu consentimento ou interromper a

participação a qualquer momento. Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e o seu nome não será utilizado sem a sua permissão

Vale ressaltar que sua colaboração e participação nessa pesquisa é voluntária e gratuita e não acarretará nenhum ônus para você. Caso os seus direitos sejam violados em algum momento, ou você sinta que isso está acontecendo, favor, remeter-se:

- ao Professor Dr. Marco Paulo Stigger, orientador da pesquisa (*e-mail*: stigger.mp@gmail.com);
- a Direção da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS (ESEFD/UFRGS), professor Dr. Ricardo Demétrio de Souza Petersen (51-33085804- FACED; *e-mail*: petersen@esef.ufrgs.br);
- ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da UFRGS (51- 3308 5830; *e-mail*: ppgcmh@ufrgs.br).

Ciente e de acordo com o que foi exposto anteriormente, eu _____, tendo recebido todos os esclarecimentos supracitados, estou de acordo em participar dessa pesquisa, bem como autorizo a divulgação e publicação em periódicos, revistas, bem como a apresentação em congressos e qualquer outro evento de caráter científico, assinando esse termo de consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Canoas, ___/___/___

Assinatura do Pesquisado: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

*Os documentos originais encontram-se assinados.

APÊNDICE F – ROTEIRO PARA GRUPO DE DISCUSSÃO COM OS JOVENS – PRAÇA DA JUVENTUDE

Nº de encontros: 05 encontros

Duração: 01:30 hs

Material: gravador, lanches.

Composição: 10 a 13 componentes

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: deve ser entregue no dia da confirmação da presença para ser levado aos pais para assinarem e devolverem no primeiro dia.

Confirmação: Pegar telefones/contatos de Whats App, ligar ou enviar mensagem e confirmar um dia antes.

Perguntas que podem ajudar a falar mais:

Poderias explicar melhor isto que você falou por último?

Tu poderias dar um exemplo do que acabas de dizer?

Poderia explicar melhor?

Podes dizer algo a mais?

Por favor, tente explicar melhor seu ponto de vista?

Esquema para iniciar o grupo de discussão:

- Boas vindas;
- Revisão geral do tema a ser tratado;
- Apresentar as normas básicas;
- A primeira pergunta.

Encontro 1 – primeira semana

Boa tarde, gostaria de dar as boas-vindas a nossa reunião grupal. Agradecemos especialmente o tempo que vocês dedicam para unirem-se a esta conversa sobre temas que acreditamos sejam importantes e significativos na vida de vocês.

Eu gostaria de primeiro fazer uma breve apresentação, de mim e meu professor, Marco Paulo Stigger e explicar o que nos motiva a querer saber quais são as ideias de

vocês sobre uma série de assuntos que são importantes de saber o que vocês julgam como importantes e o que vocês pensam que é importante de nós conhecermos.

Meu nome é Cristiano, sou Professor de uma escola municipal em Alvorada e Professor da ULBRA. Também têm o professor Marco Paulo Stigger que é professor da UFRGS. Apesar de minha vinculação com a ULBRA e com a Prefeitura de Alvorada e estar reunido com vocês aqui na sala do Prédio Administrativo da Praça, autorizado pela Professora Alba, minha pesquisa aqui é independente e está ligada ao meu doutorado onde o professor Stigger é meu orientador. O que significa que não estou a serviço de ninguém, nem da ULBRA, nem da Prefeitura de Alvorada, nem do prefeito de Canoas, por exemplo. E por isso, como já conversei com a Professora Alba, garanto que os nomes e as identidades de vocês serão mantidos completamente sob sigilo, o que garante a vocês total liberdade para dizerem o que pensam.

Vocês foram selecionados porque tem certos pontos em comum que nos interessam especialmente. Todos vocês moram nesta parte da cidade, estão frequentemente aqui na Praça da Juventude jogando futsal e futebol, participam do mesmo grupo. Nos interessa saber o que vocês pensam precisamente porque acreditamos que as ideias de vocês são diferentes das ideias das pessoas que criaram, por exemplo, uma Praça como essa da Juventude, e também que as ideias de vocês são representativas das ideias de muitas outras pessoas.

Antes de começar, permitam-me que comentemos algumas orientações gerais. Peço que fale um de cada vez, estou gravando a reunião porque não quero esquecer nenhum comentário, e se várias pessoas estão falando ao mesmo tempo não se ouvirá nada da gravação e perderemos parte de nossa conversa. De início eu chamarei vocês pelos nomes que estarão nos crachás. Podem ficar tranquilos que tudo que disserem será absolutamente confidencial. Quero insistir que estamos igualmente interessados (eu e meu professor, o Stigger) em comentários negativos como positivos, pois, seja qual for o tipo de comentário são significativamente úteis.

Esta reunião durará aproximadamente uma hora e meia, mas sem um final definido antes. Haverá um intervalo com refrigerantes e as vezes com alguma coisa para comer. Se precisarem sair antes do final o façam em silêncio.

Vou pedir que vocês se apresentem falando a idade, o lugar onde moram e o que fazem na Praça e fora dela.

Vamos falar sobre o que muitos de vocês disseram sobre a Praça nas várias vezes que estivemos juntos, jogamos juntos, como cada um resolveu participar do Praça F.C, que é o projeto que vocês participam junto com a Professora Alba e o Guarda Subversio e o que é positivo e negativo das coisas aqui da Praça.

- a) dinâmica de grupo 20 min
- b) relembando as regras 5 min
- c) Tópico principal: Apresentação e Praça - 30 min.

Opção de questão: O que vem à cabeça de vocês quando se fala em Praça da Juventude?

O que vocês acham que as pessoas que criaram a Praça intencionaram?

O que vocês acham quando as pessoas dizem que o bairro é violento?

- d) Intervalo 15 min
- e) Avaliação do tópico e combinações para o próximo encontro
- f) Aspectos que poderão ser trabalhados: violência urbana, vulnerabilidade, drogas, futuro, etc.

Encontro 2 – segunda semana

A partir de hoje, nós vamos conversar de maneira informal de um grupo de assuntos que nos parecem importantes e significativos para vocês, que podem ser ampliados caso vocês queiram e que também foram discutidos alguns destes assuntos com grupo de jovens do mesmo bairro há 8 anos atrás. Não há respostas corretas ou erradas, simplesmente pontos de vistas que podem ser muito diferentes entre si. Por favor, nós queremos que vocês se sintam completamente livres para comentar seus pontos de vistas.

Vamos mostrar através de cartazes as palavras, a partir desse encontro trataremos de algumas delas por encontro.

As palavras escolhidas

2º encontro	3º encontro	4º encontro	5º encontro
Futebol	Bairro	Violência	Estado/prefeitura
Amigos	Resenha	Polícia	Política
Infraestrutura da Praça	Família		Eleições
Material esportivo			